






ATAS
31º COLÓQUIO DA LUSOFONIA
12-15 ABRIL 2019 BELMONTE, PORTUGAL



Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2019
ISBN 978-989-8607-14-0
ISBN 978-989-8607-14-0



9 789898 607140

USE O PAINEL DE NAVEGAÇÃO PARA ATALHO DE CADA PARTICIPANTE

Atualizado em 30/06/2021

ÍNDICE GERAL

1.1. HISTORIAL

1.2. TEMAS

1.3. COMISSÕES

1.4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO

1.5. BIODADOS DOS PATRONOS

1.6. HOTEL

1.7. HORÁRIO

1.8. LISTA DE PARTICIPANTES

1.9 ROTA CULTURAL

1.10. DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA AICL

1.11. BIODADOS DOS PARTICIPANTES

USE O PAINEL DE NAVEGAÇÃO PARA ATALHO DE CADA PARTICIPANTE

HISTORIAL DA AICL, A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (APÓS 30 COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

1.1. HISTORIAL

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito do nosso primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Tínhamos gerido o seu projeto ALFE desde 1997 e quisemos torná-lo universal. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Gostaria de parafrasear Martin Luther King, 28 agosto 1963, “*I had a dream...*” para explicar como nascidos em 2001 já realizámos trinta Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a divulgação da açorianidade literária) numa demonstração de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de **uma ideia abstrata e utópica, a união pela**

mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse, partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Desde a primeira edição abolimos os axiónimos, ou títulos apensos aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos...

A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio na esplanada de uma praia...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio.

Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e **visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.** Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças.

Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e a Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a prometida adesão da Academia Angolana a este projeto.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de quase duas décadas realizamos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança (como base entre 2003 e 2010), Brasil (Floripa 2010), Macau (2011), Ourense (Galiza 2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017 e 2018), e nos Açores na

Ribeira Grande (2006-2007), Lagoa em São Miguel 2008-2012), Vila do Porto (Santa Maria 2011 e 2017), Maia (S Miguel 2013), Moinhos de Porto Formoso (São Miguel 2014), Santa Cruz da Graciosa (2015), Lomba da Maia (S Miguel, Açores 2016), Madalena do Pico 2018.

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos, além de dois livros de autor, das quatro (4) antologias que já publicamos, dois (2) livros de Dom Ximenes Belo dedicados aos Missionários Açorianos em Timor, a história infantojuvenil trilingue *O menino e o crocodilo* de Ramos-Horta entre várias outras obras que editamos.

SOMOS uma enorme tertúlia reforçando a lusofonia e a açorianidade.

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. Provámos a vitalidade da sociedade civil quando congregámos vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos.

Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Solução - síntese:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;

8. O desejo de superação;

9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!”

A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje.

Vamos agir!

Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se: Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas.

O Porto foi a cidade escolhida, perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e nos outros onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes.

Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor **David Crystal** escrevia-nos dizendo:

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal.

A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

*“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português, e todas as principais línguas: espanhol, chinês, russo, árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”*

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002.... Patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar estes eventos sem subsidi dependências e os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências.

Os Colóquios inovaram, na sua primeira edição, e introduziram o hábito de entregar as Atas em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio [2003] afirmou-se:

“só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala.

Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua

falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real.

Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização.

Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam português? “

No 3º Colóquio [2004], cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se que o Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar para uma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Alertávamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperar pelo Estado ou Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos.

Assim como criamos estes Colóquios, também cada um pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno. Nesse ano, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste “*O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade*”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa “*tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas*” e é tanto mais plausível porque “*o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli*”, afirma Hull. “*A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa*”.

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Tivemos a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, e a exposição de fotografia do Presidente Xanana Gusmão (Rostos da Lusofonia). Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca (Tétum) e vários dialetos. A organização do Colóquio entende que “*foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor*”, e daí a

relevância da presença do Bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos. Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor.

“O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem o que enriquece tanto o português como o Tétum”.

Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas). Debateu-se uma Galiza que luta pela sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, apontaram-se soluções, sendo exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar.

Em 2007, buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de

tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões. Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes... O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, Galiza, Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa a Malaca. São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer país lusófono.

Em 2008 foi atribuído o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateu-se, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990. Inaugurámos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor Adriano Moreira deslocou-se propositadamente para dar “**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia**”. Na sequência da vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores) onde se homenagearam Dias de Melo e Daniel de Sá. Prosseguimos, incansáveis, a campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Desde então, esta é regra inelutável da AICL sobre a Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais em Portugal e no Brasil, a AICL converteu e uniformizou, para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911, incluindo títulos de obras. A caótica ortografia anterior a 1911 foi mantida sempre que possível.

Em 2009 nos 11º e 12º colóquios definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA (Bragança) e do MUSEU DA AÇORIANIDADE (Lagoa), que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. O projeto de Bragança viria a desenvolver-se sem a nossa paternidade após 2016, e reavivamos esse projeto em Belmonte 2017 para ser integrado no Museu dos Descobrimentos com apoio da Câmara local. Em 2009 convidámos o escritor **Cristóvão de Aguiar** para a primeira **Homenagem Contra O Esquecimento**, que incluía ainda Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro. Um **protocolo** foi estabelecido em 2009 com a **Universidade do Minho** para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.

Em janeiro de 2010 lançámos os **Cadernos de Estudos Açorianos** (em formato pdf no nosso portal <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html> que trimestralmente publicámos, estando disponíveis mais de três dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos (um dia) levar em linha - online - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Nesse ano, o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a **AÇORIANÓPOLIS**, a décima ilha açoriana, Florianópolis no Estado de Santa Catarina para um memorável evento.

Em 2010, Bragança, no 14º colóquio, tivemos poemas de **Vasco Pereira da Costa**, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Em 2011, no 15º colóquio, uma numerosa comitiva deslocou-se a **Macau** com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos. Ali se lançou o livro *Crónica Açores* vol. 2 de Chrys Chrystello.

No 16º colóquio, fomos pela primeira vez a **Santa Maria**, Ilha-Mãe homenagear **Daniel de Sá**. Em Vila do Porto, além se apresentar a Antologia bilingue de autores açorianos, aprovou-se uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a **Galiza - representada pela AGLP** - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão *a posteriori* do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa, reunimos 9 autores na **HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO**: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, no 18º colóquio, levamos os Colóquios a Ourense na **Galiza**, parcela esquecida da Lusofonia, berço da língua de todos nós. Ali houve uma cerimónia especial da (AGLP) Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público. Nesse ano difundimos o **MANIFESTO AICL 2012**, a língua como motor económico (<http://coluquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifeto2012aicl.pdf>) contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, a **Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos** e a **Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos (em 2 volumes)**, da Calendário de Letras e autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando **40 anos de vida literária de Chrys Chrystello** num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil (volumes 1 a 5)**.

Na Maia (2013) no 19º colóquio, surgiram vários novos projetos, a **Antologia 9 Ilhas 9 escritoras**, o **projeto de musicar poemas**, e **novo Prémio Literário AICL Açorianidade**. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP além do convidado de honra Dom Ximenes Belo.

Em Seia (2013) no 20º colóquio, criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI). Iremos continuar com o projeto de **musicar poemas de autores açorianos**, como a **Ana Paula Andrade** demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão pop, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia no Plano Nacional (já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

2014, o 21º colóquio teve a particularidade de obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data por excesso de oradores para o idílico local – a Praia dos Moinhos de Porto Formoso. Lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (Poesia). Lançamos neste 21º Colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida) bem como a **Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”** incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

Em 2014, no 22º colóquio em Seia, tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos da população – **José Carlos Teixeira do Canadá**, especialista em Geografia Humana e o prof. **José António Salcedo**, especialista mundial em ótica e laser. Trouxemos um grupo de 20 **dançarinos de Timor** (Timor Furak e Le-Ziaval) que ao longo de três sessões nos encantaram, numa aproximação entre culturas lusófonas distantes.

23º colóquio no Fundão 2015: Anunciou-se a preparação do volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

24º Graciosa 2015, aceite a proposta do associado José Soares de admitir **Dom Carlos Filipe Ximenes Belo como Sócio Honorário** e tentar obter apoios para a publicação de um livro já completado por Dom Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente. Aceite a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

25º Montalegre abril 2016. Foi anunciada a presença no 26º colóquio do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta. Nesse colóquio lançaremos o CD de autores açorianos musicados. Em 2018 no Pico iremos fazer um concerto especial com as partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

26º colóquio Lomba da Maia 2016: PROJETOS SAÍDOS DESTE COLÓQUIO

A possibilidade de se editar em Portugal o livro infantojuvenil do presidente Ramos-Horta, aceitar **Ramos-Horta como sócio honorário da AICL e patrono. Nomear Urbano Bettencourt como autor escolhido para a Homenagem contra o Esquecimento 2017 em Belmonte e Vila do Porto.**

27º colóquio Belmonte 2017: Aceitar a proposta da EMPDS e da Câmara Municipal de sediar os próximos colóquios de forma definitiva em Belmonte. Aceitar a proposta de revitalizar o nosso projeto de 2009 do **Museu da Lusofonia** e construir nos próximos dois anos o primeiro módulo dedicado ao período de início da língua galaico-portuguesa até Carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de poder ser incluído no **Museu dos Descobrimentos**. Foi já criada uma equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado pelas professoras Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim. A preparação de imagens e textos deverá estar pronta no prazo de um ano a fim de a entregarmos à EMPDS para encomendar a transposição para elementos interativos. Posteriormente trataremos do segundo módulo, com a inclusão de línguas nativas da era dos Descobrimentos (tupi, guarani, etc.) e evolução até aos nossos dias.

28º colóquio da lusofonia Vila do Porto 2017.

Foram firmados novos protocolos com o Município de Belmonte e Hotel Belmonte Sinai a vigorar – pelo menos – durante quatro anos, em que a nossa base será em Belmonte e nela se realizará um colóquio anual. Foi renovado o protocolo com o IECCPMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes). Face ao protocolo firmado nesta edição dos colóquios com a autarquia de Belmonte tivemos de mudar a nossa programação futura (mais quatro anos seguidos em Belmonte, até 2021, uma vez ao ano, e os restantes obviamente nas ilhas dos Açores). O autor açoriano homenageado em 2018 será a compositora e maestrina Ana Paula Andrade. No Pico durante 4 dias apresentaremos com a Ana Paula Andrade e Raul Leal Gaião a obra musical do Padre picoense Áureo da Costa Nunes e faremos uma Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart na Candelária com Raul Gaião e Dom Carlos Ximenes Belo. Igualmente iremos introduzir uma temática arqueológica e apresentar novo documentário de Timor-Leste e convidaremos a Mirateca ARTS a colaborar.

Projetos a apoiar e desenvolver nos próximos 2 a 3 anos:

- Editar o 2º livro da série *Missionários açorianos em Timor* de Dom Carlos F Ximenes Belo
- Iniciar o projeto de poemas dedicados aos Açores a fotografias do Porto pela Fátima Salcedo
- Trabalhar na preparação do 2º CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade e divulgar o 1º CD
- Prosseguir na antologia dos açorianos traduzidos em várias línguas que a Helena Chrystello começou em 2015
- Apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras, a edição do Dicionário de Crioulo Macaense de Raul Leal Gaião e a futura edição crítica das obras anglófonas dedicadas aos Açores na segunda metade do séc. XIX, a produzir por Rolf Kemmler. Por sugestão do nosso patrono e presidente da Assembleia-Geral, em 2018 iremos experimentar o modelo de **20 minutos para todas as sessões**.

29º colóquio da lusofonia Belmonte março 2018,

a EMPDS vai diligenciar para musealizar e converterem conteúdo digital o primeiro módulo do Museu da Lusofonia proposto para ser incluído no Museu dos Descobrimentos já no 31º colóquio abril 2019 (Dos primeiros documentos em galaico-português à Carta de Pero Vaz de Caminha) o ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada) através do seu Vice-Presidente (João Paulo Constância) vai assinar um protocolo com a AICL para a colaboração ativa em vários projetos dos Colóquios
a AICL vai lançar, em moldes ainda por determinar, o segundo volume de Dom Ximenes Belo missionários Açorianos em Timor
a AICL vai convidar a MiratecArts para colaborar numa sessão especial do 30º colóquio na Madalena do Pico em outubro 2018

30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico out 2018. Conclusões

- 1. Congratulamo-nos pelo acordo com a Câmara de Ponta Delgada para ali realizarmos o 34º colóquio de 1 a 5 outº 2020 EDUCAÇÃO: uma ciência transversal que todos os governos deviam privilegiar, com os Convidados de honra **Alexandre Quintanilha** Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência; **José António Salcedo** cientista e ainda o escritor **Richard Zimler** como escritor convidado.
2. Congratulamo-nos com os reforços dos laços com a autarquia de Belmonte que vai instalar o nosso núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos com abertura prevista para abril 2019
3. Congratulamo-nos com o resultado das diligencias da AICL que irão permitir a geminação entre a Madalena do Pico e Belmonte, e conta-se com a presença lá do Sr. Presidente da Câmara,

4. Depois de propormos à C M Madalena o regresso dos Colóquios a esta vila ficou o mesmo mutuamente acordado para 23 a 27 de setº de 2021
 5. Congratulamo-nos, que graças à ação da AICL, Ponta Delgada possa vir a ser incluída na Rede das Judiarias e que o acordo seja já celebrado no próximo colóquio em abril 2019
 6. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, vamos estudar a possibilidade de levar um grupo restrito (10-12) de autores açorianos a Bruxelas para numa sessão de 1 a 2 dias, divulgar a literatura de matriz açoriana e alguma da sua obra (livros ou excertos já traduzidos noutras línguas)
 7. Proposta da AICL de acolher como sócio Sérgio Rezendes e promovermos a sua deslocação a escolas secundárias para promover o conhecimento da História dos Açores
 8. Vamos prosseguir com o projeto de finalizar o projeto do busto de Dom Carlos Ximenes Belo com um custo entre os 6 e os 8 mil euros cujo molde inicial foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart (ver em <http://coloquios.lusofonias.net/XXX/ximenes%20um%20busto.mp4>). Pensamos que uma autarquia ou outra entidade que financie esta obra possa ficar com ela para expor em local apropriado.
 9. Damos publicamente um voto de congratulação á MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades diversificadas
 10. Os autores homenageados pela AICL em 2019 e 2020 serão, respetivamente, EDUÍNO DE JESUS e ONÉSIMO T ALMEIDA
- Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia.
- Leia o sempre atual MANIFESTO (2012) contra a crise: a língua como motor económico <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf>

1.2. TEMAS ¹

TEMA 1 AUTORES LOCAIS E TEMAS

- 1.1. HOMENAGEM a (Pedro Álvares) Cabral. Belmonte e o Brasil.
- 1.2. Autores locais e nativos de Belmonte que se distinguiram em qualquer ramo do saber
- 1.3. Belmonte: o concelho, sua história, etnografia, geografia, tradições e cultura.
- 1.4. Judeus em Belmonte e no mundo
- 1.5. Outros temas locais

TEMA 2 CELEBRAR 20 ANOS DO REFERENDO (da independência) DE TIMOR

TEMA 3 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1. Língua Portuguesa no mundo. Lusofonia e diásporas
- 3.2. Língua Portuguesa: Língua de Identidade e Criação.
- 3.3. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 3.4. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
- 3.5 Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.

¹ [NB: Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais desde 1911, a AICL converteu e uniformizou todos os escritos posteriores a 1911 para o AO 1990]

3.6 Política da Língua

3.7. Lusofonia na arte e noutras ciências

3.8 Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia

3.9 Outros temas lusófonos, outras ciências do saber lusófono.

TEMA 4 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

4.1 **autor homenageado 2019 EDUÍNO DE JESUS**

4.2. Arquipélago da Escrita - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos

4.3. Açorianos em Macau e em Timor – Cardeal Costa Nunes, D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado,

4.4. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, – por exemplo: ·

Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores, or Western Islands, London;

Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, London;

Henriques, Borges de F. (1867) A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard;

Orrico, Maria" Terra de Lídia";

Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha";

Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim";

Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, Vol. I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI; ·

Updike, John. "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp 11-37

TEMA 5 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)

5.1. Tradução de Literatura lusófona

5.2, tradução de e para português

1.3. COMISSÕES

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção e da Comissão Executiva Colóquios

VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTO DA DIREÇÃO, Pedro Paulo Câmara, APRODAZ

VOGAIS:

EMPDS (Joaquim Feliciano da Costa, Susana Miranda e Elisabete Manteigueiro)

Câmara Municipal (Presidente António Dias da Rocha)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, Açores

ADJUNTOS:

Pedro Paulo Câmara, escritor, APRODAZ

Tiago Anacleto-Matias, Parlamento Europeu

Rolf Kemmler (Academia das Ciências de Lisboa e UTAD)

Carolina Cordeiro, escritora

VOGAIS:

EMPDS (Joaquim Feliciano da Costa, Susana Miranda e Elisabete Manteigueiro) e
Câmara Municipal (Presidente António Dias da Rocha)

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE

– TRIÉNIO 2017- 2020

Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal

Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil

Professor Doutor Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, UTAD, Vila Real, Portugal

Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal

Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politécnico Setúbal, Portugal

Professor Doutor Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade os Açores (Jubilado)

Professora Doutora Maria Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Instº Politécnico do Porto, Portugal

Doutor Miguel Real, Investigador, Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade de Lisboa, Diretor da Revista do CLEPUL

Chrys Chrystello, MA, Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL,

Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL, Coordenadora Dept.º EBI 2,3 Maia, Açores

1.4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO

1.4.1. INSTRUÇÕES - SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO

■ A sinopse da comunicação será enviada por correio eletrónico dentro dos prazos fixados. Não deve exceder 300 palavras e nela deve constar SEMPRE, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere. Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas Atas/Anais. Tem de ser escrita exclusivamente em português e deve ser acompanhada de notas biográficas (biodados) até 300 palavras. Não queremos um currículo académico, mas uma resenha da atividade do autor. Reservamo-nos o direito de as amputar (sempre que necessário) se exceder as 300 palavras.

Muito importante: Deve enviar o TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (FICHA DE INSCRIÇÃO), para ser incluído no CD-DVD de Atas do Colóquio. O não-envio dos trabalhos finais, dentro das datas estipuladas, permite à Comissão Organizadora excluir o orador e pode implicar a não-publicação do seu trabalho final no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.

■ **Cada orador dispõe de exatamente de 20 minutos** para a apresentação. Visa-se permitir debate no fim da sessão e o orador será atempadamente avisado pelo Moderador, se dispõe ainda de 10 ou de 5 minutos antes de lhe ser mostrado o sinal de que acabou o tempo.

MODERAÇÃO. São funções do Moderador: (1) a apresentação dos participantes na sessão; (2) o controlo do tempo das apresentações; (3) a dinamização da discussão dos trabalhos. Concorde-se ou não com a sua condução de trabalhos, o Presidente da Mesa (Moderador) é soberano no rigoroso respeito

pela duração das sessões. O Moderador deve focar a atuação para que as questões postas no debate sejam tão breves quanto possível, a fim de haver tempo para um efetivo debate e evitar que as perguntas do público se transformem em apresentações.

COMITÉ CIENTÍFICO:

Escreva de modo a persuadir OS MEMBROS DO COMITÉ de que as suas ideias merecem aprovação. Simultaneamente deve convencer um perito com cultura científica que não seja necessariamente um especialista na área de candidatura. O objetivo da sua candidatura é convencer os avaliadores de que as ideias propostas são suficientemente importantes e relevantes para que sejam apresentadas. Pode, se for o caso, salientar a relevância do plano de trabalho proposto face a interesses nacionais e ou internacionais específicos.

Critérios formais: qualidade, cientificidade, rigor, originalidade e estado da arte. O estado da arte corresponde à situação atual, na perspetiva científica, na área de investigação em que o candidato pretende desenvolver o trabalho. Esta informação pretende situar o impacto científico que o trabalho proposto pelo candidato pode ter e a originalidade do seu contributo

Critérios informais de apreciação pelo comité científico:

- Tratamento de tema e subtema interessante e atraente para uma audiência genérica e para os sócios da AICL em geral
- Ter cabimento dentro dos temas e subtemas propostos para cada colóquio...
- Estar conforme aos objetivos dos colóquios e prencuniar mais-valias para uma audiência genérica e latitude até 2 ou 3 temas especializados

1.4.2. INSTRUÇÕES SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO 2

1. Formato: Microsoft Word 2007-2016

2. Tipo de letra (Font): TIMES NEW ROMAN 12 (espaçamento 1,5)

3.1. Número de páginas do trabalho a ler: 5 páginas (A4 Times New Roman 12 espaçamento 1,5) para não exceder os 20 minutos.

3.2. Trabalho final não pode exceder 15 páginas, em média 12 pp. A4 Times New Roman 12 espaço 1,5) incl. notas e gráficos.

4. Título: negrito.

5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado.

6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.

7 Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.

8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.

9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: **em itálico**, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de página(s): i.e. como Sager afirma (1998:70-71) Arial tamanho 8 (espaçamento 1).

10. Referências Bibliográficas - sempre no final do artigo.

10.1. Livro: Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language, Amsterdam: John Benjamin's.

10.2. Artigo sobre livros: Bessé, Bruno. (1997) 'Terminological Definitions.' In Sue Wright & Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology Management. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Co.

10.3. Artigos de jornal/revista: Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique et technique" in Meta vol. 36-1, 128-134.

10.4. Internet: Pym, A (1999) 'Training Translators and European Unification' in 'Translation Theory.' Disponível em..... _/_/_

Notas: SEMPRE RODAPÉ.

Gráficos e tabelas: numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título e número no texto.

1.4.3. NORMAS COMPLETAS

1.5. BIODADOS DOS PATRONOS DA AICL



Largo S. Sebastião 6250-023 Belmonte
geral@belmontesinaihotel.com
www.belmontesinaihotel.com



1.6. Hotel

2. ver quartos <http://belmontesinaihotel.com/galeria/>

3. MARCAÇÕES APENAS PARA AICL@LUSOFONIAS.NET

4. » **Quarto single: 35,00€ quarto-noite -» Quarto duplo: 50,00€ quarto-noite -»**

5. Pequeno-almoço buffet incluído.»

6. **Refeições: 12,50€ pessoa** - serviço de buffet com bebidas incluídas (águas e sumos em jarra e vinho nossa sugestão).

7. **Bebidas de cápsula e digestivos não estão incluídos.**

8. ACOMODAÇÃO EM DETALHE: total 27 quartos

9. 2 Suítes Familiares, 1 Quarto adaptado para pessoas com mobilidade condicionada, 20 Quartos "twin", 7 Quartos com cama de casal

10. Ar Condicionado, Fechadura Eletrónica de Segurança, Mesa de Trabalho com Telefone.

11. Localizado em Belmonte, no seio de uma das mais emblemáticas comunidades judaicas da Península Ibérica, o Belmonte Sinai vem complementar a oferta turística direcionada para o turismo religioso judaico em Portugal.

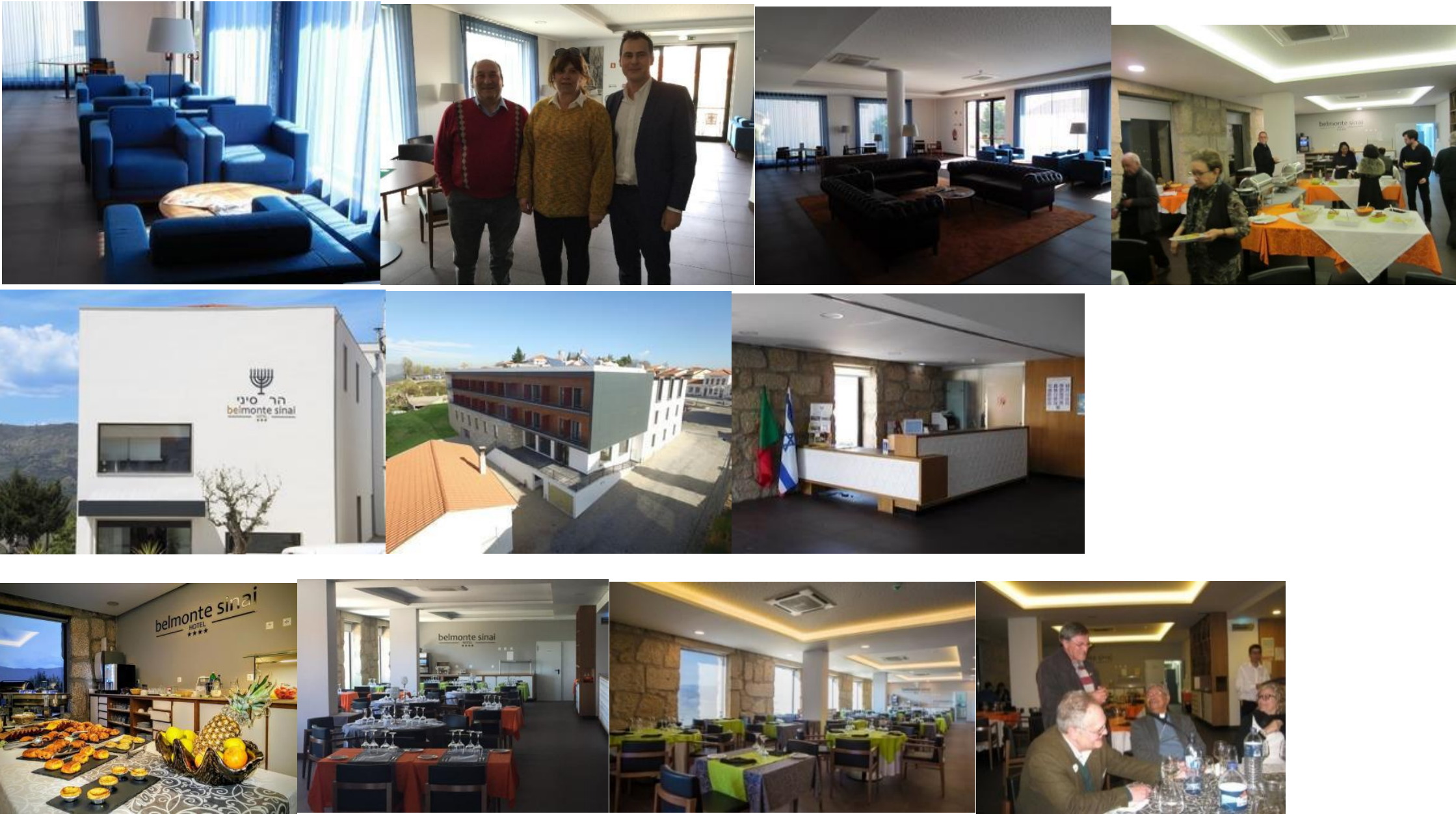
12. Além da proximidade com inúmeros atrativos turísticos da aldeia histórica, o Belmonte Sinai assume-se como o primeiro hotel e restaurante kosher do país, certificado de acordo com a lei judaica.

13. Além do espaço gastronómico, a unidade dispõe de 24 quartos standard, 2 suítes e 1 quarto adaptado para pessoas com mobilidade reduzida.

14. Todos os quartos estão equipados com ar condicionado, fechadura eletrónica de segurança, televisão com canais por cabo, mesa de trabalho com telefone, internet grátis e casa de banho equipada com chuveiro e secador de cabelo.

15. Todos os quartos têm a possibilidade de colocação de cama extra.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019





15.5. HORÁRIO

1.8.1. LISTA DE PARTICIPANTES

1.8.2. LISTA DE ORADORES:

1.9. ROTA CULTURAL

1.10. **DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA AICL**

Antes de mais reiteramos o nosso caloroso reconhecimento ao Presidente da autarquia, Dr **António Pinto Dias Rocha** e ao Eng.º **Joaquim Feliciano da Costa**, Presidente da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento de Belmonte, pela visão demonstrada ao firmarem um convénio estabelecendo Belmonte como capital da Lusofonia até 2021, e a criação de um módulo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos.

Agradecemos aos nossos convidados de honra Bonifácio Belo, Segundo-Secretário da Embaixada em Lisboa da República Democrática de Timor-Leste, ao nosso patrono e sócio-honorário, o Prémios Nobel da Paz 1996, **Dom Carlos F Ximenes Belo**, ao escritor **Luís Cardoso de Noronha (Takas)**, ao Dr **José Bárbara Branco**, ao editor **Rui Brito da Fonseca**, ao professor **Barbedo de Magalhães**, à pintora **Nhu Lien Tchum**, aos músicos timorenses **Piki Pereira e Mintó Deus**, ao mestre **Eduíno de Jesus**, decano dos escritores açorianos e autor homenageado pela AICL em 2019, aos autores Alberto Martinho, Antonieta Garcia, António Bento, David Canelo, Anna Kalewska da Universidade de Varsóvia e Helena Anacleto-Matias que falarão, num amplo painel, sobre a herança judaica e a todos os restantes oradores, convidados, aos nossos associados e demais participantes nesta 31ª edição dos colóquios.

Este ano temos um novo motivo de orgulho que é a presença de uma delegação, ao mais nível, da autarquia de Ponta Delgada que vem celebrar um protocolo, fruto de diligências iniciadas no seio destes colóquios em 2018, permitindo a geminação do Museu Judaico de Belmonte e Sinagoga de Ponta Delgada. É chefiada pelo Presidente da Câmara de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, o seu chefe de gabinete e escritor José Andrade, o historiador José de Mello da sinagoga açoriana, além do historiador Sérgio Rezendes que falará da Capitania-Donataria de Gonçalo Velho Cabral, tio de Pedro

Álvares Cabral. Com eles veio a maestrina Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada e a violinista Carolina Constância. Obrigado pela vossa presença.

Agradecemos ainda ao incansável pessoal de apoio aos colóquios complementando a incansável ação do Eng.º Joaquim Feliciano da Costa, a Susana Miranda, a Elisabete Manteigueiro, o técnico Marco Santos Silva, bem como a colaboração local da Academia Sénior de Belmonte, a Academia de Música e o grupo Coro Animato.

Os Colóquios da Lusofonia iniciados em 2001, pugnam por concretizar utopias num esforço coletivo, em torno de uma ideia abstrata, a união pela mesma Língua. Partindo dela construímos pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou residência. No final do século passado quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia, das mais abrangentes possíveis, e que visa incluir todos os que trabalham com a Língua.

Depois de José Augusto Seabra, nosso primeiro patrono, Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) tornaram-se patronos em 2007, e a eles publicamente agradeço pelo incentivo e projeção dados aos colóquios. Depois, elegemos como Patrona a Academia Galega da Língua Portuguesa e em 2015 e 2016, acrescentamos os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996, Dom Carlos Ximenes Belo e José Ramos Horta, a que se juntou Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e que nos brinda hoje com a sua primeira presença.

Idealizamos o espaço dos Colóquios da Lusofonia como palco privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos. É esta a Lusofonia que defendemos. A partir de 2005, agregamos académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da divulgação da identidade, escrita, lendas e tradições açorianas não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Eslovénia, Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, França, Itália, e ali fizemos traduções de autores açorianos. Somos uma tertúlia lusófona reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade. A Lusofonia é uma capela sistina inacabada; é comer vatapá e goiabada, um pastel de bacalhau ou cachupa, regados com a timorense tuaka ao ritmo do samba ou marrabenta; voltar a Goa com Paulo Varela Gomes, andar descalço no Bilene com as Vozes anoitecidas de Mia Couto, rever os musseques da Luuanda com Luandino Vieira, curtir a morabeza cabo-verdiana ao som De boca a barlavento de Corsino Fontes, ouvir patuá no Teatro D. Pedro IV na obra de Henrique de Senna-Fernandes, e na poesia de Camilo Pessanha; saborear a bebinca timorense em plena Areia Branca ao som das palavras de Francisco Borja da Costa e Fernando Sylvan, atravessar a açoriana Atlântida com mil e um autores telúricos, reencontrar em Salvador da Bahia a ginga africana, os sabores do mufete de especiarias da Amazónia, aprender candomblé e venerar Iemanjá, visitar as igrejas e casas coloridas de Ouro Preto, Olinda, Mariana, Paraty, Diamantina, e sentir algo que não se explica em Malaca, nos burghers do Sri Lanka, em Korlai ou no bairro dos Tugus em Jacarta. É esta a nossa lusofonia.

Em 2017 trouxemos a Belmonte uma vintena de autores açorianos. Em 2018 revisitamos Timor que os portugueses apoiaram na luta pela independência e que foi a minha primeira pátria de adoção, antes de me tornar australiano. Lembramos então Bobonaro, na montanha, junto à fronteira indonésia onde fui colocado em setº 1973. Este ano celebraremos os 20 anos após o referendo que deu a independência a Timor com a presença dos dois Prémio Nobel da Paz 1996, os lusofalantes Mons. Ximenes Belo e Ramos Horta, com o mais aclamado escritor timorense contemporâneo, Luís Cardoso de Noronha, com a pintora Lotus de Jade Tchum mulher do meu ex-comandante do Esquadrão de Cavalaria 5 de Bobonaro (então major Falcão, hoje coronel). Igualmente trazemos o Dr José Bárbara Branco, reputado médico ortopedista que esteve em Bobonaro antes de mim e que juntamente com outro timorense por adoção, Rui Brito da Fonseca, nos vão falar do património arquitetónico de origem portuguesa que também faz parte do ADN timorense.

Teremos o professor Barbedo de Magalhães, que, durante muitos anos foi a face visível em Portugal da luta contra a ocupação indonésia de Timor e, nos falará desses dias da resistência, ouviremos ainda a cantora timorense Piki Pereira (uma das poucas vozes femininas durante os 24 anos de ocupação indonésia) acompanhada de Mintó Deus, mas a homenagem maior em 2019 vai para o decano dos autores açorianos, o grande mestre Eduíno de Jesus, cuja poesia ímpar merecia maior relevo e reconhecimento por parte de Portugal.

Teremos dias intensos nesta bela Belmonte, que recebeu foral de Dom Sancho I em 1199 e onde nasceu Pedro Álvares Cabral em 1467. É legatária da herança judaica sefardita que permeia o sangue de muitos portugueses, através dos descendentes de judeus que aqui mantiveram uma comunidade criptojudáica que na década de 1970 estabeleceu contacto com Israel e oficializou a sua religião e cuja sinagoga foi inaugurada em 1996.

Forçados a abjurar o judaísmo, perseguidos como cristãos-novos à força, impossibilitados de regressar ao judaísmo oficial e incapazes de criar uma igreja, tornámo-nos um povo com identidade múltipla e miscigenada, mas difusa e sempre dominada por uma angustiante duplicidade, que nos tem impelido, ora para a exagerada euforia otimista, ora para o recorrente pessimismo de não termos assumido essa identidade, assente em inequívocas raízes de pertença, interiorizadas em todas as suas dimensões.² Foi este o mais perene dos muitos crimes da Inquisição, que os dois séculos posteriores à tricentenária história da intolerância não conseguiram reconciliar no ser português que somos hoje.

Na verdade, com a expulsão dos judeus por D. Manuel I perdemos a identidade no início do séc. XVI e nunca mais a recuperámos. Apesar da propalada presença semítica no ser português, ainda não somos capazes de assumir, no século XXI, a dimensão judaica da nossa identidade. (...)

Este ano iremos visitar o Museu dos Descobrimentos onde brevemente teremos a nossa ala museológica da lusofonia, dedicada ao período do nascimento da língua até 1500 e à Carta de Pero Vaz de Caminha. Iremos conhecer a medieval aldeia histórica de Sortelha, cuja reconstrução e recuperação patrimonial ocorreu há cerca de vinte anos e revisitaremos esse monumento que tanto me assombra desde os anos de 1960, Centum Cellas, local mágico à entrada de Belmonte, cuja origem e utilização romanas são ainda foco de discussão, e que, pessoalmente, considero o mais belo monumento lírico da herança romana em Portugal. Além das sessões científicas habituais com 40 oradores, teremos muita música, pintura, e apresentações de 5 livros. Belmonte é a nossa sede até 2021 e este é o menu dos próximos dias em que será a capital da lusofonia. E termino anunciando que irei doar a minha biblioteca pessoal a Belmonte e o colega Rolf Kemmler comprometeu-se a arranjar mais duas doações semelhantes, como prova da nossa eterna gratidão a Belmonte, ao Presidente da autarquia, Dr **António Pinto Dias Rocha** e ao Eng.º **Joaquim Feliciano da Costa**, Presidente da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento de Belmonte.

BIODADOS, SINOPSES E TRABALHOS FINAIS DE ORADORES, CONVIDADOS, PRESENCIAIS E ASSOCIADOS NAS PÁGINAS SEGUINTE

1. ACADEMIA SÉNIOR DE BELMONTE - [OUÇA AQUI](#)

Criada em outubro de 2016, a Associação de Solidariedade Social do concelho de Belmonte (SOLIS) dinamiza este projeto que tem como principal objetivo "proporcionar um conjunto de atividades que promovam o envelhecimento ativo e o combate à solidão" em todo o concelho.

² Martins, Jorge (2015) *Breve História dos Judeus em Portugal*. Lisboa: Vega.



JÁ ATUARAM EM 2017 NO 27º E NO 29º EM 2018

2. AGENOR FRANCISCO DE CARVALHO, UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Agenor Francisco de Carvalho é natural do Rio de Janeiro.

Graduado em Pedagogia (1994), e Letras – Língua Portuguesa / Literatura (2006); Mestre em Educação (2008);

Doutorando em Educação (Universidade de Aveiro - PT).

Colaborador Residente do Laboratório de Investigação em Educação em Português (LEIP – UA).

Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil).

Membro do editorial da Revista Topus.

Foi professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Rondônia e do Instituto Euvaldo Lodi.

Militar da reserva.



Títulos e homenagens:

Comendador da Ordem Mérito Marechal Rondon (2002) – Governo de Rondônia;

Medalhas: Forte do Príncipe da Beira (2001)

- Polícia Militar de Rondônia, Dom Pedro II (2005)

– Corpo de Bombeiro Militar de Rondônia, Grande Oriente de Rondônia (2012),

Ordem de Malta (2014),

Ordem dos Cavaleiros Templários (2014),

Servidor da Pátria e da Humanidade – Grau 33 - Grande Oriente do Brasil (2017).

Trabalhos mais recentes:

Didática no Brasil: planejamento de ensino e avaliação escolar (2017);

Vidas Secas - Empoderamento Feminino em Sinhá Vitória (2016);

Possibilidades de leitura e escrita a partir da música (2016);

Uma releitura de O Pagador de Promessas (2016);

Espaço biográfico em O Perseguido ou conto enigmático (2016);

Submissão e opressão feminina em Cadeira de Balanços de Osman Lins (2016); Trajetória do empoderamento político da mulher brasileira (2016);

Dimensão política do direito à educação (2016); e

Transição do espaço em Guernica e Vidas Secas (2015).

Recentes participações e apresentações de estudos em Jornadas, Encontros e Congressos:

Jornada Internacional de Estudos sobre o espaço Literário (2015) Brasília, DF;

XX. Cole - UNICAMP (2016), SP;

II GEPALE – UNICAMP (2016), SP;

II Jornada Brasileira de Educação e Linguagem (2016), MS;

II Congresso Internacional da ABHR (2016), UFSC, SC;

IV Jornada Internacional de estudo do Espaço Literário (2016), Viseu, PT; e Congresso da AIL (2017), Instituto Politécnico de Macau, China.

TEMA 3.5. Formação de professores de LP para acolhimento de estudantes imigrantes e refugiados venezuelanos, Agenor Francisco de Carvalho – Universidade de Aveiro - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Doutoramento em Educação – LEIP/CIDTFF e DEP/UA, agenorcarvalho@ua.pt, Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro – PT, LEIP/CIDTFF e DEP/UA, mariahelena@ua.pt, Maria do Socorro Pessoa, Universidade Federal de Rondônia, LEIP/CIDTFF e DEP/UA, mspessoa@ua.pt

Esta comunicação intenciona apresentar o projeto de investigação de doutoramento em curso, na Universidade de Aveiro, sob orientação da Prof.ª Doutora Maria Helena Ançã e coorientação da Prof.ª Doutora Maria do Socorro Pessoa. A investigação tem por objetivo fulcral estabelecer o desenho curricular de um Curso de Letras/Língua Portuguesa para Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista, capital do Estado de Roraima, na qualidade de Português como Língua de Acolhimento (PLA) de estudantes imigrantes e refugiados venezuelanos e ainda identificar as políticas educacionais adotadas pelo Estado brasileiro no acolhimento de estudantes imigrantes/refugiados venezuelanos nas regiões atingidas pelo fluxo migratório.

De acordo com dados da ONU, 2,3 milhões de venezuelanos deixaram o país em dois anos; e somente para o Brasil, em 18 meses, 128 mil imigrantes venezuelanos cruzaram a fronteira, cujos filhos, em idade escolar, deveriam ser acolhidos no sistema educacional. As licenciaturas buscam atender às diretrizes da política nacional de educação, entretanto, há uma distorção entre o que está previsto e aquilo que é realizado.

Na academia, os estudantes recebem o suporte teórico, mas nas escolas deparam-se com situações desafiadoras. A investigação terá uma abordagem qualitativa e tomará por base o estudo de caso: o curso de Letras, escolas públicas das séries finais do ensino médio e gestores escolares. Assim, será possível estabelecer as políticas linguístico-didáticas que possibilitarão o ensino do PLA na formação de professores.

O objeto de discussão será o desenho do marco teórico-metodológico resultante das investigações iniciais do projeto.

Palavras-chave: Políticas Linguístico-didáticas, Português como Língua de Acolhimento, estudantes imigrantes/refugiados venezuelanos em Roraima, Interculturalidade, formação de professores.

A formação de professores de Língua Portuguesa para o acolhimento de estudantes imigrantes/refugiados venezuelanos tem-se mostrado um dos grandes desafios da educação brasileira, na contemporaneidade. O país, recentemente, havia sido o destino de milhares de imigrantes haitianos; agora depara-se com o movimento de venezuelanos a fugir da crise instalada naquele país. Esta comunicação tem por base a investigação em repositórios, de artigos dos últimos quinze anos e livros básicos que mais se aproximam do tema. Através da revisão sistematizada para este texto foram analisadas contribuições textuais em Língua Inglesa, Espanhola e Língua Portuguesa e apresentados alguns resultados.

Fez-se necessária uma breve abordagem sobre os fluxos emigratórios do Haiti e da Venezuela, para fins de contextualização. Foram observadas as tendências atuais de acolhimento de imigrantes/refugiados nos Estados Unidos e União Europeia, analisando-se também, a legislação brasileira pertinente. Da mesma forma, buscou-se, identificar e analisar os conceitos de: língua de acolhimento, língua materna, estatuto linguístico, competência plurilíngue, pluricultural, multicultural, intercultural, que se mais se relacionam com o objeto da investigação.

Com a entrada, em massa, de haitianos, no Brasil, no começo do ano de 2010, o governo brasileiro identificou o distanciamento entre a legislação existente e a realidade, razão pela qual, foi feita a alteração do Estatuto dos Estrangeiros, aprovado no ano de 2017 (Brasil, 2017). Somente entre os anos

de 2010 e 2016, 73 mil haitianos pediram refúgio no Brasil, em decorrência da situação crítica no Haiti, após o terremoto de 2010. No entanto, as questões econômicas ou ambientais, não se enquadram ao direito ao refúgio. Refugiados são pessoas que sofrem algum tipo de perseguição individual motivada por posicionamento político, raça ou nacionalidade, ou ainda que fogem de situação generalizada de violação dos direitos humanos. Dessa forma, os haitianos não poderiam ser acolhidos pelo estatuto de Refugiados, cuja Lei 9474/1997 definiu os mecanismos para a sua implantação. A solução dada foi a concessão do título de ajuda humanitária. O Estado brasileiro ainda estava a atender ao fluxo imigratório de haitianos quando começou a receber cidadãos venezuelanos, em fuga da crise política e econômica, que se agravava naquele país vizinho.

A crise política e econômica na Venezuela tem sua origem no fato da sua economia assentar-se num único produto – o petróleo. A convergência da acentuada queda dos preços do petróleo no mercado internacional, de problemas de gestão e da forte drenagem de receitas para a manutenção dos programas governamentais, comprometeram, gravemente, a capacidade de investimento na ampliação e na modernização das atividades de extração, refino e comercialização de petróleo e derivados, base da economia venezuelana. A inibição das receitas de exportação se soma ao encarecimento das importações propiciadas pela depreciação cambial e pelo rígido controle sobre o comércio de divisas, alimentando o *déficit* comercial, observado desde 2013. O desabastecimento interno e o processo inflacionário, representam a faceta mais visível do desequilíbrio econômico.

Segundo Wilson Cano:

Um país como a Venezuela, de frágeis bases agrícolas e industriais e cuja economia está centrada na produção de petróleo, ao abrir sua economia e desregulamentá-la, tem poucas chances de “competir eficientemente” no mercado mundial dos países desenvolvidos, salvo em petróleo, o que evidencia a imprescindível necessidade de diversificar internamente sua economia, ampliar seu mercado interno via distribuição de renda e emprego e ampliar seu grau de integração econômica com os países subdesenvolvidos. (2002: 115)

Tal crise se arrasta desde o ano de 2002, quando o preço do petróleo sofreu uma queda vertiginosa. Durante o governo de Hugo Chávez, diante da crise econômica, o Congresso Nacional foi dissolvido e implantado um projeto de assistência à população. Tal projeto, em razão da própria crise econômica, traduziu-se no fracasso. Com a morte de Chávez e assunção do poder por Nicolas Maduro, a situação do país é agravada com a deterioração das instituições venezuelanas, em razão até mesmo de decisões políticas equivocadas, dentre as quais o fechamento da fronteira com a Colômbia.

De acordo com dados da ACNUR/ONU até o final do ano de 2018, uma leva de mais de 2,3 milhões de cidadãos venezuelanos atravessaram a fronteira da Colômbia, Peru, Bolívia e Brasil. Estima-se que ao final de 2019 esses números poderão chegar a 5,3 milhões. Esses cidadãos venezuelanos emigraram em busca de refúgio; deixaram o seu país por uma questão de sobrevivência. São grupos familiares que abandonaram seus pertences e, miseravelmente, aventuraram-se num novo país. Essas famílias trazem filhos, geralmente em idade escolar. Como resultado, os países que receberam esses imigrantes passam a ter dificuldades em efetivar as políticas de acolhimento.

No caso específico do Brasil, o número de cidadãos estrangeiros que ingressaram no país, na condição de imigrantes, somou em torno de 700 mil. No período de 2016 e 2018, cerca de 128 mil cidadãos venezuelanos imigraram para o Brasil. Esse grupo ingressa no país na condição de residente provisório e, em sua maioria tem ficado no Estado de Roraima, a aguardar as ações públicas. Como resultado, o Estado de Roraima experimentou, nesses últimos meses, o caos entre o que está estabelecido na legislação que norteia o acolhimento e aquilo que o Estado brasileiro efetivamente consegue fazer.

O Brasil é signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, desde 1948, e, sua legislação para acolhimento de imigrantes e refugiados segue os mesmos princípios. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pelas Nações Unidas (UN) em 1948, estabelece no artigo 14:

Toda pessoa tem o direito de buscar e usufruir, em outros países, asilo por perseguição. 2. Este direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos fins e princípios das Nações Unidas. (tradução nossa). (4: 1948).

A Constituição Brasileira acolhe e reconhece o estrangeiro como sujeito de direitos e o equipara aos cidadãos brasileiros. Pois, em seu artigo 5º prevê: *“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)”* (CF/1988).

O Estatuto dos Estrangeiros no Brasil (Brasil, 1980), estabeleceu um conjunto de normas para o acolhimento de estrangeiros e criou o Conselho Nacional de Imigração, vigente até o ano de 2017, pois o que se usava era anterior à Constituição Federal de 1988; fora aprovado durante o mandato do último presidente do governo militar e possuía um viés focado na política de segurança nacional, mantendo longe do território brasileiro aqueles que por ventura pudessem causar alguma desordem (Oliveira, 2017).

A imigração, até a década de 1980, não representava um movimento significativo. Entretanto, a partir de então, tal situação tem sido agravada e, especificamente nos últimos dez anos, não apenas o Brasil, mas em algumas regiões do mundo tem sido experimentado um aumento considerável no fluxo migratório. Seja causado por catástrofes da natureza, sejam em decorrência de crises políticas ou econômicas, ou até mesmo em razão de conflitos. Por essa razão, países atingidos por tal fenômeno atualizaram suas legislações para que atendessem tais imigrantes. A legislação brasileira, de início, seguiu os modelos das políticas de acolhimento dos Estados Unidos da América e da União Europeia.

Nos Estados Unidos, até a década de 1950, a imigração de mexicanos era até incentivada, para compor a mão de obra local, porém, em razão da crise econômica dos anos 1950, milhares de mexicanos, tanto legais quanto ilegais, foram presos e deportados. A partir de 1965, os Estados Unidos lançam um novo programa *Immigrant Act*, de forma a estabelecer exigências para ingresso no território americano, dentre os quais: habilidades técnicas para ocupar postos de trabalho na economia americana; reunificação familiar; concessão de visto de residência para refugiados (Silva, 2011). Em 1990, em razão do aumento dos debates sobre imigração ilegal, os Estados Unidos lançam um novo *Immigrant Act*, voltado para aumentar o número de vistos legais no país, porém tal questão, até o momento, tem sido central no palco de discussões.

Para Jonathon Moses:

Se as razões humanitárias não são em si suficientes para dar resposta às desigualdades do sistema existente, a ameaça real dessas desigualdades (sob a forma de aumento do fluxo de refugiados e imigrantes) deveria induzir os residentes do mundo desenvolvido a levar a sério estes problemas.

Por qualquer motivo - humanitário, moral ou egoísta - algo precisa ser feito. (tradução nossa). (2008: 34)

O fenômeno das migrações, tão antigos quanto à própria história da humanidade, tem se traduzido nas oportunidades de interação, integração, interculturalização e sobretudo de contatos de diferentes línguas. Há um estreito contato daqueles que trazem suas bagagens culturais com aqueles que os acolhem, respeitando-se as características peculiares de cada país de origem, mas, também, daqueles que impõem a cultura local, exigindo-se a apropriação da língua, de modo a produzir tensões entre os contatos da Língua Materna e a Língua Estrangeira. Essa tensão é potencializada quando produzida na escola, justamente por ser a escola uma instituição normativa, cujo modelo de expressão escrita tende a ser homogêneo (Madeira & Crispim, 2009).

Os países que compõem a União Europeia, ao longo de suas histórias, frequentemente são atingidos por fenômenos migratórios. Seja em decorrência da sua própria formação territorial, seja pelo contingente de imigrantes das ex-colônias. A legislação vem sendo atualizada para acolher aqueles que estão em situação de risco ou desfavorecimento econômico em seus países de origens. Para Beatriz García & María Fernández *“Na Europa, o conceito de*

educação inclusiva se desenvolve de acordo com as leis internacionais de educação. Esse conceito concentra seus esforços na não-exclusão educacional de pessoas desfavorecidas cultural e economicamente.” (tradução nossa). (2016: 383).

O caso de Portugal é emblemático, pois, de acordo com Ana Baganha “*O fim do império colonial português provocou o retorno a Portugal de aproximadamente 500 mil nacionais, dos quais se estima que 59% tinham nascido na metrópole*” (2005: 31). O restante deste contingente humano era composto de africanos. Logo, Portugal, ainda em 1975, com o Decreto-Lei nº 308-A, cria uma comunidade de imigrantes por não reconhecer a nacionalidade portuguesa dos estrangeiros de ancestralidade africana. Tal medida fez crescer ainda mais esse número, em consequência dos pedidos de reagrupamento familiar. (Baganha, 2005).

Portugal, ao ingressar no bloco econômico da Comunidade Europeia, adere ao acordo de Schengen³ e, em razão dos critérios de segurança interna, obrigou-se a uma adoção de uma nova política para imigração. Foi estabelecida a imigração zero, ou seja: os imigrantes, notadamente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), somente ingressariam no país na condição de integrá-los nas comunidades já existentes. Dessa forma, a restrição levaria a impedir a presença e permanência de ilegais no território português.

Embora o Estado português tenha tentado impedir a presença de imigrantes ilegais no país, com a entrada no Bloco Econômico Comum Europeu, viu um crescimento considerável, notadamente de imigrantes do Leste europeu. Em 2003, o Acordo Luso-Brasileiro possibilitou a regularização de mais de 80 000 imigrantes em situação ilegal. Em 2003, apenas 37% dos imigrantes era proveniente de países lusófonos, comprovando-se dessa forma que o país, definitivamente, estava inserido no sistema migratório europeu (Baganha, 2005; Leite, 2010).

Imigrantes de países lusófonos, do Leste Europeu, Índia, China e dos Países Árabes, trazem culturas que apresentam peculiaridades, sutilezas e identidades próprias. Acrescido a tudo isso está a língua de origem. A língua materna dos imigrantes representa, para os países que os acolhem, uma dupla faceta: pode significar um problema, ou pode representar um desafio. As escolas, ao receberem os imigrantes, se não estiverem preparadas, poderão redundar num processo de acolhimento fracassado. Mas, se a escola partir da visão de integração, de acolhimento, poderá resultar em sucesso (Amado, 2013; Ançã, 2003; Grosso, 2010). Dadas as demandas existentes dos imigrantes em Portugal, na contemporaneidade, observa-se a existência de uma política sólida de acolhimento. Tal política perpassa por uma teia de áreas afins, dentre as quais a Educação, razão pela qual observa-se a produção de considerável material de experiências de acolhimento de imigrantes em Portugal.

Ana Madeira considera que:

O fenómeno de contacto de línguas é tão universal e tão velho como os movimentos dos grupos humanos que tiveram lugar ao longo da história. No entanto, quando esse fenómeno se verifica no interior de uma sala de aula, quase invariavelmente, suscita preocupações e perplexidades nos professores que têm de lhe fazer face. (2010: 45)

Para Ana Madeira & Maria Crispim, o contato entre as diferentes línguas suscita uma série de preocupações, notadamente por ser uma experiência nova para o professor. Por ser algo que, embora esteja previsto nas legislações e normativas educacionais, não faz parte da rotina do professor, justamente pelo fato da escola ser uma entidade formal, que está constituída para um público uniforme e, quando surgem alguns desvios das normas estabelecidas, os professores não se sentem preparados para lidar com tal situação; “*a presença de eventuais desvios, cuja origem se pensa estar na influência das*

³ O Acordo de Schengen trata-se de uma convenção de abertura das fronteiras e livre circulação entre os países signatários. Tal acordo foi assinado em 1985 e atualmente conta com 30 países participantes.

línguas materna sobre a língua da escolaridade, deixa os professores desarmados diante do fenómeno, por não conhecerem suficientemente as referidas línguas maternas” (Madeira & Crispim, 2010: 45).

Este contato de língua, portanto, remete, dessa forma, para a necessidade dos professores estarem aptos a desenvolver um novo olhar sobre o imigrante refugiado, estar atento as especificidades e peculiaridades de cada um. É necessário que atente para as faixas etárias, pois, uma criança estrangeira não possui as estruturas cognitivas que as tornem aptas a refletir e recepcionar a metalinguagem de um ensino explícito da gramática, idêntico ao que ocorre com as crianças de língua materna, pois para estes, trata-se do ensino de uma língua estrangeira. No entanto, se o ensino for para adultos e alfabetizados, *“com o treino de reflexão metalinguística, o ensino da gramática explícita pode auxiliar a estabilizar a aquisição das estruturas”* (Madeira & Crispim, 2010: 59).

O conceito de língua materna é definido como a *“língua da primeira socialização, que tem geralmente a família como principal transmissor”* (Grosso, 2010: 63).

Enquanto a língua estrangeira, Maria Grosso considera que:

... é definida como a ‘língua não nativa do sujeito por ele aprendida com maior ou menor grau de eficiência’. A língua estrangeira não é a língua da primeira socialização, é uma outra língua com a mundividência de uma outra sociedade. É a língua e a cultura do outro (2010: 64).

Já a segunda língua, ainda em Grosso (2010), é plurissignificativa, definida como a *“língua da escolarização”*, a língua oficial do país de acolhimento. E é essa língua que irá garantir o ingresso no mercado de trabalho e ter respeito enquanto cidadão.

Para Cristina Flores

“Já a língua do país de acolhimento tem um estatuto bem diferente: é a língua de socialização, dos amigos, da escola, das interações diárias fora de casa. Geralmente, é considerada, pelos próprios, a sua língua dominante” (2013: 2).

Alisha Heinemann, alerta, entretanto, que: as salas de aulas são espaços de contatos linguísticos e culturais, mas também de confrontos entre as diferenças, no qual o poder deve ser negociado; é uma *“zona de contato”* na qual pode-se perceber os discursos nacionalistas, as relações de *“altamente assimétricas, como o colonialismo, a escravidão ou seus resultados”* (2017: 182). Se as salas de aulas forem entendidas como *“zona de contato”*, espaço destinado à estratégia do Estado em integrar o refugiado imigrante, devem, também, ser transformadas em áreas de encontro, de negociação, de diálogo entre os códigos e valores culturais do país que acolhe (Heinemann, 2017). Somados a isso, para proporcionar a autonomia linguística do imigrante/refugiado está um outro elemento: o tempo.

Para Clara Sansó, José Navarro & Ángel Huguet:

... diferentes análises confirmam que, apesar da rápida aquisição da fluência em conversação, leva mais de cinco anos para equalizar o conhecimento linguístico a seus contemporâneos nativos, embora o conhecimento linguístico dos imigrantes seja significativamente menor do que o de seus pares nativos. Evidente quando o tempo de permanência na sociedade de acolhimento diminui (tradução nossa). (2015: 412)

O acolhimento do estudante imigrante/refugiado é uma questão muito mais complexa, pois em nada adianta a existência de uma política por parte do Estado, se não houver uma atitude do professor em acolher. Essa atitude deve decorrer de uma formação com pressupostos teóricos e práticos sólidos, voltados para a interculturalidade, e integração do imigrante/refugiado. O sucesso do estudante imigrante/refugiado decorre do domínio e autonomia linguística na língua do país de acolhida. A esse esforço observa-se que, mesmo previsto em pressupostos legais, a língua do país de acolhimento acaba sendo ensinada, não como língua de acolhida e sim como mais uma língua estrangeira.

Felix Etxeberria & Kristina Elosegı consideram que:

Em outras palavras, estamos auxiliando um corpo discente imigrante para que não facilitemos a integração escolar e social, levando-os ao fracasso escolar e à ignorância da língua anfitriã, por um lado, e por outro lado ao rompimento com seus sinais de identidade, perda de prestígio ou abandono em relação à língua e cultura familiar. Nós não os ensinamos corretamente, nem os ajudamos a se desenvolverem. Nós nem sequer alcançamos a mera assimilação. A resposta que lhes damos se move entre a assimilação e a marginalização. (tradução nossa). (2009: 38)

Uma sociedade democrática, cujo princípio basilar está na igualdade, deve estar em condições de acolher aos imigrantes refugiados. A escola é exatamente esse lugar, e, por ser um espaço de representação da sociedade, pode receber, com equidade, os estudantes imigrantes, diferente do mercado de trabalho, cujas relações próprias de competitividade e produtividade impedem o acolhimento adequado (Etxeberria, Herriko & Elosegı, 2009: 39). Entretanto, todos os esforços para acolher o estudante imigrante/refugiado devem ser repensados, pois os níveis de competência linguística dos estudantes imigrantes têm sido abaixo dos estudantes autóctones. Félix Etxeberria, José Garmendia, Hilário Murua & Elisabete Arrieta afirmam que:

Infelizmente, os resultados acadêmicos obtidos pelos estudantes imigrantes nas diferentes avaliações realizadas nos campos educacionais que examinamos indicam que estamos longe do que seria desejável em termos de equidade se compararmos os níveis do corpo discente nativo e do corpo discente e os estudantes imigrantes. (tradução nossa). (2018: 95)

O acolhimento ao estudante imigrante/refugiado deve se pautar pelo respeito ao seu estatuto linguístico próprio, pois o imigrante pode ser designado como um aluno que, pelo fato de não possuir competência linguística na língua de acolhida, possa ser considerado como não-falante. Entretanto, grande parte dos imigrantes/refugiados possuem contato com numerosas línguas por virem de países multilíngues, podendo ser considerado como uma pessoa de identidade pluricultural e plurilíngue.

O ponto fulcral para que ocorra a integração do imigrante/refugiado é justamente a língua, pois ela será a chave que resultará no seu êxito ou fracasso diante da nova sociedade que o acolhe, desde que a língua de origem seja utilizada como base para essa integração (González & Correa, 2014; Oliveira, 2010). O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEC) diferencia os conceitos de multilinguismo e de plurilinguismo: considera que o plurilinguismo “*está ligado ao ensino de línguas estrangeiras (...) não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também a estreita relação entre língua e cultura*” (2001: 23).

O multilinguismo, por sua vez, refere-se “*basicamente à oferta de diferentes línguas estrangeiras para a aprendizagem e ao processo de motivação dos alunos para a aprendizagem de diferentes línguas*” (Jacinto & Menezes, 2013: 2).

O Conselho da Europa no Quadro Europeu Comum considera que:

A competência plurilíngue e pluricultural promovem também a tomada de consciência linguística e comunicativa, ou seja, ativa as estratégias metacognitivas que permitem aos atores sociais tornarem-se mais conscientes e dominarem as suas formas ‘espontâneas’ de lidar com as tarefas, em particular, a sua dimensão linguística. (2001: 189)

O princípio da igualdade está consagrado no artigo 5º da Constituição Federal, sendo a Educação referendada nesse preceito. Entretanto, quando tal princípio, é confrontado com a realidade do acolhimento dos imigrantes e refugiados, percebe-se a distorção entre o ideal e o real. Isso faz com que a comunidade acadêmica lance um novo olhar sobre a formação de professores, “*... esta tomada de consciência capaz de abrir os olhos ao Outro, é quase impossível que as diversas culturas presentes em um mesmo contexto, (a sala de aula) sejam reconhecidas e tornem-se facilitadoras das vidas de seus membros.*” (Pessoa, 2009: 162-163).

Para enfrentar os desafios da educação na contemporaneidade, algumas alterações vêm sendo feitas na legislação brasileira. Uma delas está justamente na formação de professores, quando foram definidos os parâmetros curriculares nacionais para a formação em nível superior nos cursos de licenciatura, formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciaturas e ainda para a formação continuada de professores. Foi ampliada a carga horária, dando-se um enfoque nas disciplinas de práticas e estágios supervisionados. Tal medida está alinhada com a Base Nacional Curricular Comum e o Novo Ensino Médio, voltadas para reduzir os índices negativos da educação brasileira.

Este estudo, ao intencionar realizar uma revisão sistematizada dos temas inerentes à formação de professores de Língua Portuguesa para o acolhimento de estudantes imigrantes/refugiados venezuelanos, percorreu e selecionou, em repositórios, artigos dos últimos quinze anos, que se aproximassem desses conceitos nas Línguas: Inglesa, Espanhola e Portuguesa, além de edições básicas pertinentes ao tema. Assim, observou-se que o tema está na agenda da comunidade internacional, notadamente nos Estados Unidos da América e na União Europeia.

Tais regiões já possuem alguns avanços, porém, persiste o desafio em acolher imigrantes/refugiados sem ferir as culturas, os estatutos linguísticos e os traços identitários que os definem como únicos. Percebeu-se que, as políticas brasileiras de acolhimento de imigrantes/refugiados estão em consonância com os instrumentos e organismos internacionais. Porém, o crescimento do movimento imigratório e de pedidos de refúgio no Brasil vem aumentando consideravelmente nos últimos anos.

A educação brasileira baseia-se numa educação monolíngue e esquece das diversas línguas que coexistem com a Língua Portuguesa. O próprio Estado brasileiro está diante de um desafio imenso por não conseguir resolver as demandas decorrentes da imigração. Entretanto, é justamente no sistema educacional que os problemas estão sendo sentidos. Os professores ressentem-se de instrumentos didáticos que lhes permitam acolher, de fato, os estudantes imigrantes/refugiados venezuelanos, pois não foram preparados para atender à essa demanda. A formação de professores carece de um desenho curricular que permita: trabalhar o acolhimento, com base nas competências plurilíngue e pluricultural. Competências a serem abordadas de maneira transversal, dentro dos grandes temas próprios da habilitação do professor.

Referências Bibliográficas

- Amado, Rosane (2013), "O ensino do Português como língua de acolhimento para refugiados". Revista SIPLE. Ano 4, 2(7). Brasília, DF.
- Ançã, Maria Helena (2003), "Português: língua de acolhimento: entre contornos e aproximações". Comunicação ao Congresso Internacional Sobre História e Situação da Educação em África E Timor. Universidade Nova de Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas.
- Baganha, Maria (2005), "Política de imigração: a regulação dos fluxos". Revista Crítica de Ciências Sociais. 73. Acesso em 27/12/2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/952>
- Brasil (2017), "LEI Nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017. Lei de migração". Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>
- _____. (2015), "Resolução CNE/CP nº 02, de 01 de julho de 2015 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada". Ministério da Educação. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br/legislacoes/resolucao-cnecp-no-02-de-01-de-julho-de-2015-diretrizes-curriculares-nacionais-para-o-ensino-superior>
- _____. (1996), "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96". Brasília, DF. Acessado em 03/01/2019, Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>
- _____. (1988), "Constituição da República Federativa do Brasil". Brasília, DF. Acesso em 10/01/2019. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>
- _____. (1980), "Estatuto dos Estrangeiros – Lei 6815/1980". Acesso em 17/01/2019. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508142/000986045.pdf?sequence=>. In 10/01/2019.
- _____. (1997), "LEI Nº 9.474, DE 22 DE JULHO DE 1997". Acesso em 25/01/2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm
- Cano, Wilson (2002), "Venezuela: limites para uma nova política econômica". Revista Economia e Sociedade, 11(1), 95-127. Acesso em 10/12/2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643089/10641>
- Conselho da Europa (2001), "Quadro Europeu Comum De Referência Para As Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação". ASA edições: Lisboa. Disponível em from: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro_europeu_comum_referencia.pdf

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- Etxeberria, Félix; Garmendia, José. Murua, Hilário. & Arrieta, Elisabete. (2018), "Acogida del alumnado inmigrante llegado em la escuela inclusiva. El caso de Cataluña, País Vasco y Francia". RES, Revista de Edcuación Social. 27(Julio-Diciembre de 2018). Accedido en 28/12/2018Disponible en: <http://www.eduso.net/res/27/articulo/acogida-del-alumnado-inmigrante-recien-llegado-en-la-escuela-inclusiva-el-caso-de-cataluna-pais-vasco-y-francia..>
- Etxeberria, Félix & Elozegi, Kristina. (2009), "Alumnado inmigrante: entre la asimilacion y la marginacion". En: Segundas Lenguas e Inmigración en red. 3pp. 21-41. Accedido en 26/11/2018. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4060271>
- Flores, Cristina (2013), "Português Língua Não Materna. Discutindo conceitos de uma perspectiva linguística". Repositório da Universidade do Minho. Lisboa: Lidel, p. 35-46.
- García, Beatriz & Fernández, María (2016), "This Inclusive Education in Europe". Universal Journal of Educational Research 4 (2). Acesso em 18/12/2018. DOI: 10.13189/ujer.2016.040210. Retrieved from: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1089705.pdf>
- González, María & Correia, Marisol (2014), "Enseñanza de segundas lenguas a alumnado inmigrante: evaluación de las estrategias y aprendizajes conseguidos". Revistas y Congressos de la UAM – Revista Tendências Pedagógicas, 24. Acesso em 28/01/2029. Disponible en: <https://repositorio.uam.es/handle/10486/663143>
- Grosso, María. (2010). Língua de acolhimento, língua de integração. Revista: Horizontes de Linguística Aplicada, 9 (2), 61-77.
- Heinemann, Alisha (2017), "The Making of 'Good Citizens': German Courses for Migrants and Refugees". Studies in the Education of Adults, v. 49(2). pp 177-195. Retrieved from: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1186599>
- Jacinto, L & Menezes, J. M. (2013). Plurilinguismo, Multilinguismo E Bilinguismo: Reflexões Sobre A Realidade Linguística Moçambicana. Revista PerCursos Linguísticos. 3(7). Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/4589>
- Leite, Rodrigo (2010), "Os paradoxos do tratamento da imigração ilegal na União Europeia Frente à diretiva de retorno". Revista Espaço Acadêmico. 108(9). Acessado em 16/01/2019. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9664/5594>
- Madeira, Ana & Crispim, Maria, (2010), "Contributo da investigação linguística para o ensino do português, língua não materna". In Maria Helena Ançã (org.) Educação em português e migrações. Lisboa: Lidel, pp. 45-61
- Moses, Jonathon (2006), "International Migration: Globalization's Last Frontier". Nova Iorque: Palgrave USA. Accessed in 01/26/19. Retrieved from: <https://epdf.tips/international-migration-globalizations-last-frontier.html>
- Oliveira, Ana (2010), "Processamento da Informação num contexto migratório e de integração". In Maria Helena Ançã (org.) Educação em português e migrações. Lisboa: Lidel, pp. 11-41
- Oliveira, Antônio (2017), "Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças". In Revista brasileira de estudos da população. Vol.34 (1). São Paulo Jan./Apr. 2017. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100171
- Pessoa, Maria (2009), "Educação em Português e Migrações – o caso da Rondônia". In: Educação em português e Migrações. In Maria Helena Ança (Org.) Lidel – Edições Técnicas, Lisboa.
- Sansó, Clara; Navarro, José & Huguet, Ángel (2015), "La evolución del conocimiento lingüístico del alumnado inmigrante en Cataluña - El papel de la lengua familiar". In: Electronic Journal of Research in Educational Psychology, 13 (2), 409-430. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5224616>
- Silva, Jarochinski (2013), "A história das políticas migratórias dos Estados Unidos". Revista Textos e Debates. 20. Boa Vista, p. 7-21. Jan/jun. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/viewFile/1328/989> in 1671272018.
- UN, United Nations (1948), "Universal Declaration of Human Rights". Retrieved from: <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/index.html>



powerpoint
agenor.pdf

[VER POWERPOINT ppt](#)

**É SÓCIO AICL
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

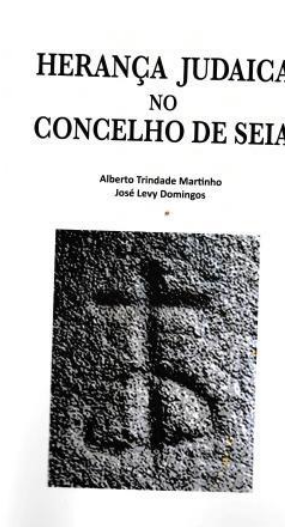
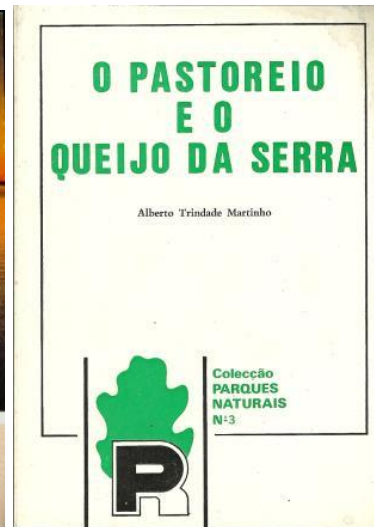
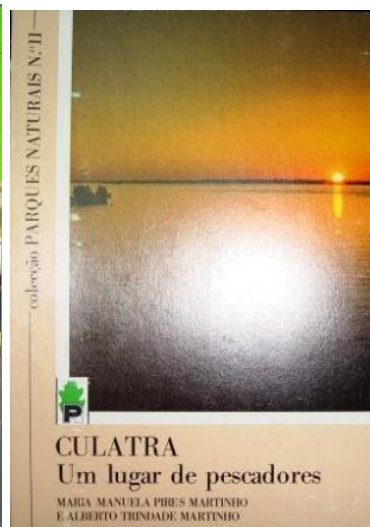
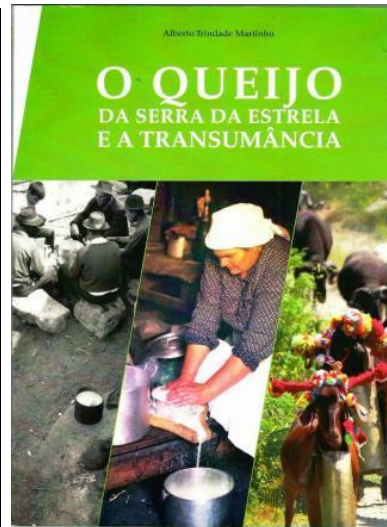
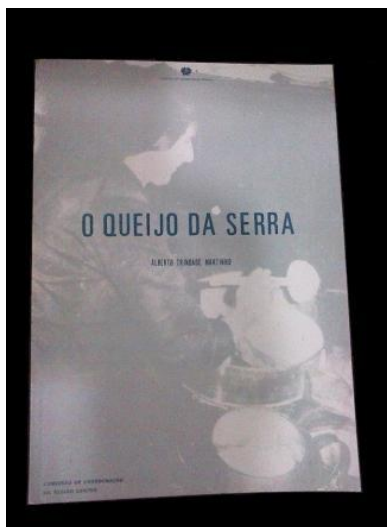
3. ALBERTO TRINDADE MARTINHO, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS



22º SEIA 2014



22º Seia 2014



Alberto Trindade Martinho nasceu na aldeia do Sabugueiro, a perto de 1100 metros de altitude.

É licenciado e mestrado em Sociologia e concluiu o doutoramento em Antropologia Social e Cultural.

Professor e Investigador é referência nacional sobre o estudo da pastorícia na Serra da Estrela, zona essa que foi demarcada com recurso a estudos dos anos 70, de sua obra.

Tem dedicado a sua vida ao estudo da transumância de rebanhos e à promoção do Queijo da Serra da Estrela e dos produtos endógenos da região.

Foi com recurso aos seus estudos e publicações, feitos nos anos 70, que se demarcou a região da Serra da Estrela a 16 concelhos, bem como da sua responsabilidade, a coorganização dos primeiros concursos de queijo da serra na região que dariam origem às afamadas Feiras do Queijo que existem hoje em dia.

Para além de professor na Universidade Católica em Viseu e no Instituto Politécnico da Guarda, tem, ao longo dos últimos 40 anos, construído projetos turísticos e de alojamento de referência na região da Serra da Estrela onde estabeleceu como prioridade o saber fazer da tradição familiar local.

Na ligação que se segue, em entrevista recomendamos a leitura <http://www.mundoportugues.pt/article/view/64379>

BIBLIOGRAFIA RESUMIDA:

Sabugueiro, uma aldeia da Serra da Estrela, 1972, Universidade Técnica de Lisboa, ISCSPU

As voltas que o fio dá: um caso de luta dos trabalhadores nos têxteis, Guarda, Ed do Autor, 1977. - 153 p.

O pastoreio e o queijo da serra, 1978, Parque Natural da Serra da Estrela

O queijo da Serra: subsídios para a demarcação da região, Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1980, 235 p.

O pastoreio e o queijo da Serra, 2ª ed., Parques Naturais, 3, Lisboa, Parque Nacional da Serra da Estrela, 1981. - 125 p.

Les enfants d'immigrés portugais "Cá e Lá", Série migrações. Sociologia, Porto, Centro de Estudos da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1986. - 533 p.

Culatra: um lugar de pescadores, Parques naturais, 11, Lisboa, Serviço nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1982, 160 p.

Alcofra e a sua gente: estudo monográfico, Alcofra, Junta de Freguesia, Casa do Povo, 1999. - 146 p

TEMA 1.4. JUDAÍSMO

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

TOMOU PARTE EM 2014 NO 22º COLÓQUIO DE SEIA E PARTICIPA PELA SEGUNDA VEZ. FOI COORGANIZADOR DO 22º COLÓQUIO E MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA E CIENTÍFICA. ATRAVÉS DA SUA QUINTA DE CRESTELO (SEDE DO 20º E 22º COLÓQUIO) É PARCEIRO INSTITUCIONAL DA AICL

4. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA



24º Graciosa 2015



28º VILA DO PORTO 2017



12º BRAGANÇA 2009



29º BELMONTE 2018



30º MADALENA DO PICO



14º Bragança 2010



21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

ALEXANDRE BANHOS CAMPO nasceu na cidade da Crunha no ano 54.

É licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid.

É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.

Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega

Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa.

É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego).

Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC.

Nos anos 2000 a 2005 fez parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso, trabalha nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

TEMA 3.2. A GALIZA E O ACHAMENTO DO BRASIL TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

O Brasil sempre esteve lá, mesmo antes do da Beira (da Galiza) Pedro Alvarez Cabral, pôr pé na Terra de Santa Cruz.

Com Alvares Cabral chegaram ao Brasil a gaita-de-foles, o instrumento mais popular do novo território, junto ao Entrudo, aos que a monarquia pouco a pouco acabaria por banir; e a língua nascida na Galiza e que adotara no século XIV o nome do reino feliz e não submetido. A Galiza no Brasil segue a ser a Galiza cujo cerne é Braga, e que se confunde com a terra dos bons portugueses de Eça de Queirós, pois por todo o lado assim é esclarecido no Brasil. O Brasil foi sempre o adiantado mor de Portugal, ele marcou as linhas da ação e da importância de cada um dos períodos económicos portugueses. O Brasil hoje é um adiantado do mundo todo. De como se jogar esse adiantamento... (como vou esclarecer), vai...

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, PORTO FORMOSO 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, VILA DO PORTO 2017, BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018

5. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AUTORA HOMENAGEADA 2018

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professoras Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).

Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora (Conservatório Nacional) tendo concluído o 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DÓM de Mozar

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2005 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada. Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC. Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019



30º MADALENA DO PICO 2018



15º colóquio IPM (MACAU) 2011



17º lagoa 2012



24º Graciosa 2015



18º Galiza 2012



12º BRAGANÇA 2009 23º FUNDÃO 2015



12º BRAGANÇA 2009



14º Bragança 2010



16º STA Mª 2011



25º MONTALEGRE 2016

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010.

Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos seleccionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que foram apresentados em DVD no 28º colóquio em Vila do Porto.

As obras do Padre Áureo foram tocadas na Maia em 2013 e na Madalena do Pico em 2018. Posteriormente editar-se-á segundo CD.

HOMENAGEM 2018 (necessita ligação internet)

VERSÃO COMPLETA https://www.youtube.com/watch?v=yXVg2Fonugk&index=58&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s -

VERSÃO CURTA <https://youtu.be/K-j5LNGU920>

RESUMO, EXCERTOS DE GRAVAÇÕES NALGUNS COLÓQUIOS - OUVIR AQUI

[FLORIPA BRASIL 2010 https://youtu.be/SRbPimP04dU?](https://youtu.be/SRbPimP04dU?)

[RECITAL MACAU 2011 \(https://youtu.be/dlCyM1iwz8E\)](https://youtu.be/dlCyM1iwz8E)

[HINO MACAU 2011](https://youtu.be/)

[RIBEIRA GRANDE 2011 apresentação ChrónicaAcores https://youtu.be/wNQ_84RCITk](https://youtu.be/wNQ_84RCITk)

[SANTA MARIA 2011 https://youtu.be/Yr_0bKgl_SE](https://youtu.be/Yr_0bKgl_SE)

[LAGOA 2012 https://youtu.be/rnf_0f6lqls](https://youtu.be/rnf_0f6lqls)

[MAIA 2013 https://youtu.be/xrMBoMcG8CE](https://youtu.be/xrMBoMcG8CE)

[SEIA 2013 https://youtu.be/czQi8lmp7wo](https://youtu.be/czQi8lmp7wo)

[FUNDÃO 2015 https://youtu.be/MbPCx7BA0os](https://youtu.be/MbPCx7BA0os)

[GRACIOSA 2015 https://youtu.be/3TQgUAVRpQs](https://youtu.be/3TQgUAVRpQs)

[GRACIOSA 2015 com Francisco Lobão https://youtu.be/Ya0tNVaBqRU](https://youtu.be/Ya0tNVaBqRU)

[MONTALEGRE 2016 https://youtu.be/H5_m0TfB_M](https://youtu.be/H5_m0TfB_M)

[LOMBA DA MAIA 2016 https://youtu.be/53RWfHwbwX8](https://youtu.be/53RWfHwbwX8)

[BELMONTE 2017 https://youtu.be/WAAbuxdcQIA](https://youtu.be/WAAbuxdcQIA)

[MADALENA DO PICO https://youtu.be/fYZEFaxghdk?list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a](https://youtu.be/fYZEFaxghdk?list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a)

LINKS PARA TODAS AS GRAVAÇÕES QUE A AICL FEZ

31º BELMONTE 2019

https://youtu.be/Ks3RxHk4j_Y

https://youtu.be/11fASjTx5_4

<https://youtu.be/6R5l2Vl1Nzo>

<https://youtu.be/27lJtksAO4Q>

https://youtu.be/A6339IeHn_E

<https://youtu.be/QxKQIRuXghs>

<https://youtu.be/7wXNqFWVGQA> Ana Paula 6 ilhas de bruma com Joana Carvalho ABR 13 2019 18

30º MADALENA DO PICO 2018

https://www.youtube.com/watch?v=fYZEFaxghdk&t=20s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=8

29º BELMONTE 2018

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2447-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-2.html> /https://www.youtube.com/watch?v=ZsPqnW4Onlo&index=52&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2448-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-3.html>

https://www.youtube.com/watch?v=4S9MAqyAjCg&index=53&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2449-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-4.html>

https://www.youtube.com/watch?v=Ro13UEmnoCM&index=54&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

(https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=Ro13UEmnoCM)

Quando o Silêncio me Abraça <https://www.youtube.com/watch?v=Za8LJ5fsDOg&feature=youtu.be>

28° VILA DO PORTO 2017

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2424-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-recitais-28-31-out-2018.html> / <https://www.youtube.com/watch?v=ejmr79lpwVU>

no ASAS DO ATLÂNTICO https://www.youtube.com/watch?v=gi9AwkXjzCl&t=0s&index=55&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

27° BELMONTE 2017

https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=10

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2383-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-3-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2382-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-2-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2381-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-1-belmonte-2017.html>

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=9

https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&index=4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2379-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-2-belmonte-2017.html>

https://www.youtube.com/watch?v=hQz60NLXjK4&index=7&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2380-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-3-belmonte-2017.html>

https://www.youtube.com/watch?v=rFKauX1UCPw&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2384-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-belmonte-1-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2385-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-de-belmonte-2-belmonte-2017.html>

26° LOMBA DA MAIA 2016

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2257-ana-paula-andrade-abertura-29set16.html> / <https://www.youtube.com/watch?v=53RWfHwbwX8>

25° MONTALEGRE 2016

https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&index=14&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2223-25%C2%BA-col%C3%B3quio-montalegre-2016-a-p-andrade-recital-em-vilar-perdizes.html>

https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&t=1s&index=42&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

24° GRACIOSA 2015

<https://youtu.be/3TQgUAVRpQs>

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&index=19&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=JHUOEPKJEvl&t=3s&index=36&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=49s&index=37&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=gxCD2G2-7ZU&t=15s&index=38&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=9rmtHM-lmLE&t=8s&index=39&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=u34j-G-B8UI&t=0s&index=40&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

23° FUNDÃO 2015-1

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1943-2015-04-07-09-21-36.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1942-2015-04-07-09-06-15.html>

https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM_IsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

https://www.youtube.com/watch?v=aDITGat5AOM&index=21&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1944-2015-04-07-09-28-21.html>

https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&index=22&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

20° SEIA 2013

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1351-20%C2%BA-2013-seia-7-m%C3%BAAsica-ilhas-de-bruma.html>

<https://studio.youtube.com/#/video/rX46kTudgRQ/analytics>

<https://studio.youtube.com/#/video/d-aWci0FKN0/analytics>

<https://studio.youtube.com/#/video/DhLaweHFxX0/analytics>

<https://studio.youtube.com/#/video/H1sKSQ-vK2U/analytics>

https://www.youtube.com/watch?v=H1sKSQ-vK2U&t=1s&index=16&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=rX46kTudgRQ&t=0s&index=15&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&t=0s&index=17&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=DhLaweHFxX0&t=0s&index=18&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

19° MAIA 2013

https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

https://www.youtube.com/watch?v=xrMBoMcG8CE&index=8&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=2s

https://www.youtube.com/watch?v=FjsW_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

<https://www.youtube.com/watch?v=uPqTGWGFD7o>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1348-19%C2%BA-2013-maia-9-1-m%C3%BAAsica-ilhas-de-bruma.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1347-19%C2%BA-2013-maia-9-2-m%C3%BAAsica-menina-dos-olhos-verdes.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1483-20%C2%BA-2013-seia-8-m%C3%BAAsica-recitais-todos.html>

https://www.youtube.com/watch?v=flhODrQYThQ&t=0s&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

17° LAGOA 2012

https://studio.youtube.com/#/video/rmf_0f6lqls/edit

https://www.youtube.com/watch?v=JVz1sesWYhs&index=28&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s

16° VIA DO PORTO 2011

<https://youtu.be/ejmr79lpwVU>

https://www.youtube.com/watch?v=Yr_0bKgl_SE&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=46

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1598-16%C2%BA-sta-maria-2011-ana-paula-andrade-ilhas-de-bruma.html>

15° MACAU 2011

https://www.youtube.com/watch?v=dICyM1iwz8E&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1349-15%C2%BA-2011-macau-8-2-m%C3%BAAsica-chamarita.html>

https://www.youtube.com/watch?v=FP-S25f6gwl&index=27&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s

13° FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL 2010

https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI

PARTICIPA NOS RECITAIS

- É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.

DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018

6. ANNA KALEWSKA, INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBERO-AMERICANOS, UNIV. DE VARSÓVIA, POLÓNIA

ANNA KALEWSKA é **Professora Catedrática** no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, Polónia (Uniwersytet Warszawski); Foi professora extraordinária (dr. hab., prof. U. V.), segundo o estatuto da carreira docente polaco nos anos 2012 - 2018.

Em 1.10.2018 recebeu a contratação permanente na Universidade de Varsóvia, na qualidade da professora auxiliar adjunta (dr. hab.)



26º LOMBA DA MAIA 2016

26º LOMBA DA MAIA 2016

É investigadora quer no âmbito da cultura lusófona, da literatura e do teatro de expressão portuguesas, quer no âmbito da literatura comparada. Investigador Correspondente do CHAM, Centro de História d'aquém E d'além-mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa,

Participou em colóquios e congressos nacionais e internacionais.

Publicou dois livros, *Camões, czyli tryumf epiki* (Camões, ou o triunfo da épica), 1999, e *Baltasar Dias e as metamorfoses do discurso dramatúrgico em Portugal e nas Ilhas de S. Tomé e Príncipe. Ensaio histórico-literário e antropológico*, 2005, ambos na Editora da Universidade de Varsóvia.

Traduziu, entre outros, *As Naus* de António Lobo Antunes, Editora WAB, Varsóvia 2002.

Estudou em Portugal com bolsas do Instituto Camões e da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.

Em 28.09 – 2.10.2016 participou no 26º Colóquio da Lusofonia, em Lomba da Maia, Açores, na qualidade de oradora.

É sócio da Associação dos Lusitanistas Polacos (ALP), Associação Internacional de Lusitanistas (A.I.L.), membro da CompaRes – Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos, do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias sediadas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, do CHAM (Centro de História de Aquém e Além Mar da Universidade Nova de Lisboa) e do NETCCON (Rio de Janeiro).

Lecionou em várias universidades portuguesas (Universidade Nova de Lisboa, Universidade do Algarve, Universidade de Évora, UTAD) ao abrigo do Programa LLP Erasmus.

Publicou cerca de duas centenas de artigos e trabalhos de investigação e de inspiração literárias, em polaco, em inglês e em português, em revistas polacas, portuguesas (*Diacrítica*, Braga; *Revista de Letras*, UTAD) e brasileiras (*Projeções*, *Polonicus* em Curitiba) e na Revista da A. I. L. VEREDAS.

Recentemente, fez parte da redação científica de um volume bilíngue (português e polaco) intitulado *Diálogos no Feminino / Dialogi kobiece*, Varsóvia – Lisboa 2017: http://www.lusosofia.net/textos/20170513-beata_cieszynska_fabio_mario_da_silva_anna_kalewska_maria_lucia_dal_farra_gabriel_borowski_dialogos_no_feminino.pdf.

Vive em Varsóvia. Dedica-se à horticultura, nas horas livres. Viaja, mesmo com os ventos contrários e intempéries. Gosta de ensinar e traduzir.

Bibliografia

1. A ironia dramática e a (des)construção do mito de Don Juan no «Don Giovanni ou O dissoluto absolvido» (2005) de José Saramago. ITINERARIOS. REVISTA DE ESTUDIOS LINGUISTICOS, LITERARIOS, HISTORICOS Y ANTROPOLOGICOS Tom 16 r. 2012, str. 119-138 (Artykuł)
2. A literatura polaca traduzida em Portugal REVISTA DE LETRAS Tom 10 n° 2 r. 2011, str. 165-182 (Artykuł)
3. A Loja do Ourives de Andrzej Jawień (Karol Wojtyła) – o drama filosófico sobre o amor humano na tradução e realidade cultural portuguesas ACTA PHILOLOGICA Tom 39 r. 2011, str. 294-301 (Artykuł)
4. Camões, Pessoa, Saramago i inni. O literaturze portugalskiej w Polsce po 1989 r. REVISTA DE ESTUDIOS HISPANICOS Tom 16 r. 2010, str. 81-89 (Artykuł)
5. Czy Mariana Alcoforado napisała listy portugalskie? Mił portugalskiej zakonnicy w powieści okresu oświecenia LAMUS - POSMO KULTURALNO-ARTYSTYCZNE Nr 1/5 [21] r. 2010, str. 22-25 (Artykuł)
6. Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy STUDIA IBERYSTYCZNE Tom 9 r. 2010, str. 201-219 (Artykuł)
7. Baltasar Dias – o dramaturgo quinhentista português revisitado e o Teatro do seu nome como espaços culturais polivalentes ACTA PHILOLOGICA Nr 35 r. 2009, str. 184-195 (Artykuł)
8. O Brasil entre a experiência da realidade e a imaginação humanística PROJEÇÕES. REVISTA DE ESTUDOS POLONO-BRASILEIROS Nr 19 r. 2009, str. 19-40 (Artykuł)
9. A cultura jesuítica do Barroco em Portugal e na Polónia representada pelos padres Antonio Vieira e Piotr Skarga Revista de Letras Nr 7 r. 2008, str. 265-281 (Artykuł)
10. Brazylia między doświadczeniem rzeczywistości a humanistyczną wyobraźnią. 'História da Província de Santa Cruz' (1576) Pêro de Magalhães de Gândavo jako pierwsza panorama Ziemi sw. Krzyża w renesansowym źródle portugalskim AMERYKA ŁACIŃSKA Nr 61-62 r. 2008, str. 5-17 (Artykuł)
11. Bruno Shulz e Fernando Pessoa ou os dois discípulos de Fausto: O pacto «meio-texto, meio-imagens» contra as sensações da realidade DIACRÍTICA. REVISTA DE CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS Tom 21 Nr 3 r. 2007, str. 267-286 (Artykuł)
12. Entre o texto e a palavra em cena: nos confins do discurso dramatúrgico lusófono ACTA PHILOLOGICA Nr 33 r. 2007, str. 12-20 (Artykuł)
13. O tchiloli santomense – o "chamado de deuses" luso-africano – nas pinceladas teatrais e literárias ITINERARIOS. REVISTA DE ESTUDIOS LINGUISTICOS, LITERARIOS, HISTORICOS Y ANTROPOLOGICOS Nr 5 r. 2007, str. 35-54 (Artykuł)
14. Os autos indianistas de José de Anchieta e a iniciação do teatro luso-brasileiro ITINERARIOS. REVISTA DE ESTUDIOS LINGUISTICOS, LITERARIOS, HISTORICOS Y ANTROPOLOGICOS Nr 6 r. 2007, str. 175-193

(Artykuł)

15. Przesłanie TWÓRCZOŚĆ Nr 8 (741) r. 2007, str. 128-130 (Artykuł)
16. Głos poetów polskiego pochodzenia w poezji brazylijskiej. AMERYKA ŁACIŃSKA Nr 47 r. 2005, str. 45-59 (Artykuł)
17. O tchiloli - uma metamorfose do discurso dramaturgico lusófono. Algumas propostas de abordagem ACTA PHILOLOGICA Nr 31 r. 2005, str. 195-203 (Artykuł)
18. Od (eks)-obcego w wieży Babel do emigranta-współbrata – droga bohatera lirycznego Tomasza Łychowskiego AMERYKA ŁACIŃSKA Nr 45-46 r. 2004, str. 45-50 (Artykuł)
19. Był tłumacz POLITYKA Nr 42 r. 2002, str. 96-96 (Inne)(Autor oryginału)
20. Czesław Miłosz (1911-2004) O Poeta do êxtase e transitoriedade na tradução luso-brasileira. VEREDAS REVISTA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS Tom 5 r. 2002, str. 7-23 (Artykuł)
21. Eduardo Lourenco: "księga niepokoju" - tekst samobójca" LITERATURA NA ŚWIECIE Nr 10-12 r. 2002, str. 64-79 (Artykuł) (Tłumacz)
22. Fernando Pessoa: List do Ophelii LITERATURA NA ŚWIECIE Nr 10-12 r. 2002, str. 10-12 / 5-7 (Artykuł) (Tłumacz)
23. Fernando Pessoa: Uwagi do estetyki niearystotelesowskiej LITERATURA NA ŚWIECIE Tom 4 Nr 10-12 r. 2002, str. 43-51 (Artykuł) (Tłumacz)
24. As modalizações antiépicas na narrativa portuguesa contemporânea: Jose Saramago, Antonio Lobo Antunes e Mário Cláudio. VEREDAS REVISTA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS Tom 3/II r. 2000, str. 371-387 (Artykuł) (Autor oryginału)
25. Discursos lusófonos sobre a literatura comparada. ACTA PHILOLOGICA Tom 27 r. 2000, str. 133-143 (Artykuł) (Autor oryginału)

Tema 1.4. Judeus em Belmonte e no mundo. Jan Karski contra o Holocausto. (História do herói polaco que tentou travar massacre de judeus na Europa) Anna Kalewska, Instituto de Estudos Ibéricos e Iberoamericanos da Universidade de Varsóvia, Polónia

Jan Karski (Łódź, Polónia, 24.06.1914 – Washington, E.U.A., 13.07.2000), foi mensageiro do movimento da resistência polaca antinazi e emissário das autoridades do estado polaco no tempo da 2ª guerra mundial, testemunha de Holocausto e defensor dos judeus. Por seu trabalho Karski foi premiado com as mais altas condecorações polacas e americanas: Ordem polaca da Águia Branca e com a Medalha Americana da Liberdade. Karski redigiu um relatório sobre a situação trágica que os judeus viviam no gueto de Varsóvia e morriam nos campos de concentração alemães nazi na Polónia (cf. *Courier from Poland: The Story of a Secret State, 1944*; Yannick Haenel, Han Karski, *O herói que tentou travar o Holocausto, 2009*). O relatório de Karski foi entregue ao Primeiro-ministro britânico e ao Presidente norte-americano.

Em Washington, no gabinete oval de Franklin D. Roosevelt (em julho de 1943) Karski tentou abordar a questão dos judeus de todos os guetos e campos de concentração na Europa. O Presidente dos E. U. A. mostrou o *low profile*. Jan Karski pediu que se agisse para impedir o extermínio dos judeus na Europa. Porque ninguém acreditou em Jan Karski?

Segundo o seu depoimento, «Mesmo que três milhões de judeus polacos tivessem sido exterminados, agora iriam desconfiar dos polacos. E, assim, a Polónia tornou-se o sobrenome do aniquilamento, porque foi nela que teve lugar o extermínio dos judeus da Europa. Ao escolherem esse local para o extermínio, os nazis exterminaram também a Polónia» (Karski ap. Haenel, 2009: 131). Tese contrária, da alegada cumplicidade dos polacos em massacre de judeus em Jedwabne (10.07. 1941) foi defendida por Tomasz Gross nos *Vizinhos. A História do massacre dos judeus de Jedwabne, na Polónia* (2010). Deus terá mesmo morrido em Auschwitz? A revisitação da história de Jan Karski é necessária *hic et nunc*, para que nunca caísse o mando do esquecimento sobre Jan Karski, um dos muitos Justos entre as Nações do Mundo de origem polaca.

Leitura recomendada: Jacek Lachendro, Robert Kuwałek, Marek Bem et al., *Polónia. Campos de extermínio alemães (Auschwitz, Belzec, Sobibor, Treblinka, Majdanek, Kulmhof am Ner)*, trad. Monika Harasiuk, Parma Press, Marki [Polónia] 2011.

Vocês são uma nação de mais de mil anos de história. As fronteiras do seu Estado foram eliminadas dos mapas por mais de um século – e somente há cem anos essas fronteiras lhes foram restituídas. Em 1920, na batalha chamada milagre do Vístula, a Polónia deteve o exército soviético que buscava conquistar a Europa. Dezanove anos depois, em 1939, vocês novamente foram atacados – dessa vez do oeste, pela Alemanha nazista, e do leste pela União Soviética. **Sob uma dúplice ocupação, a nação polaca vivenciou uma indescritível geena: o crime de Katyń, o Holocausto, o Gueto de Varsóvia e o Levante do Gueto, a destruição da bela capital e o extermínio de quase um quinto da sua população. A florescente coletividade judaica – a mais numerosa na Europa – foi reduzida quase a zero em consequência dos sistemáticos assassinatos dos cidadãos judeus da Polónia, e a brutal ocupação consumiu inúmeras vítimas. (Discurso do presidente Donald J. Trump junto ao monumento do levante de Varsóvia (...), 6.07.2017, ap. Polonicus, 2017: 17, sublinhado nosso, A.K.).**

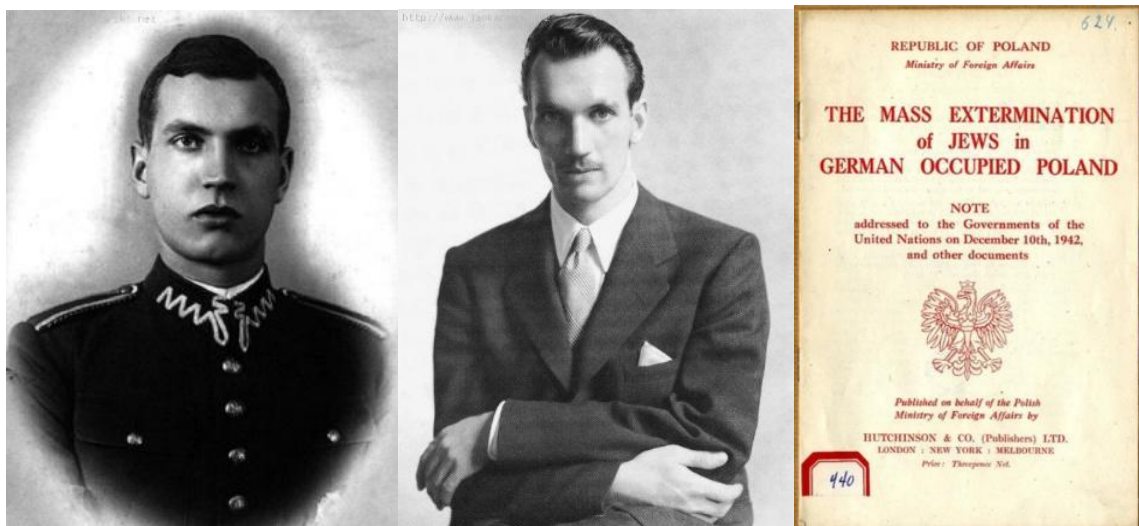
1. O mensageiro do Holocausto: a vida, a missão, o destino

Jan Karski (Łódź, Polónia, 24.06.1914 – Washington, E.U.A., 13.07.2000), o nome adotado por Jan Romuald Kozielski, pseudónimo Witold, foi jurista, diplomata e historiador polaco, mensageiro do movimento da resistência antinazi e emissário das autoridades do Estado polaco no tempo da II guerra mundial, testemunha de Holocausto e grande defensor dos judeus. Por seu trabalho Karski foi premiado com as mais altas condecorações americanas e polacas: a Medalha Americana da Liberdade e a Ordem de Águia Branca. Em 1982, foi-lhe outorgada a medalha Justo entre as Nações do Mundo.

ILUSTRAÇÃO 1 - CADETE JAN KOZIELEWSKI (KARSKI), 1936, JAN KARSKI EDUCATIONAL FOUNDATION

ILUSTRAÇÃO 2 - JAN KARSKI, 1944 JAN KARSKI EDUCATIONAL FOUNDATION

ILUSTRAÇÃO 3 - JAN KARSKI, THE MASS EXTERMINATION OF JEWS IN GERMAN OCCUPIED POLAND, BROCHURA PUBLICADA EM 1942 TENDO COMO BASE OS RELATÓRIOS DO AUTOR WIKIMEDIA COMMONS



Jan Karski redigiu um relatório sobre a situação trágica que os judeus viviam no gueto de Varsóvia e morriam nos campos de concentração alemães nazi na Polónia (cf. *The Story of a Secret State*, 1944; Yannick Haenel, Han Karski, *O herói que tentou travar o Holocausto*, 2009). Em 1939, aquando da invasão da Polónia por parte do exército alemão, Jan Karski, então tenente do exército, foi detido e colocado num comboio-prisão. Conseguiu, porém, escapar e juntou-se aos grupos de resistência polaca. Compreendeu, que fazia parte daquilo a que chamou «um código de uma selvajaria incrível», ao qual se tinham conformado os guardas dos campos de extermínio construídos no território da Polónia no tempo da segunda guerra mundial, porque «o mal não precisa de um motivo» (Haenel, 2010: 39). A partir de 1940, Jan Karski atuou como mensageiro do movimento de resistência e viajou entre a Polónia, Inglaterra e França, transportando informações para o governo da Polónia em exílio. Novamente detido, interrogado pelos nazistas e torturado em julho de 1940 na prisão eslovaca de Prešov, Jan Karski tentou o suicídio⁴, numa tentativa desesperada de proteger o resto dos membros da resistência e não revelar qualquer informação. Em Londres, Karski encontrou-se com líderes judeus e ofereceu-se para voltar à Polónia ocupada, de forma a testemunhar na primeira pessoa a situação no gueto de Varsóvia.

O mérito principal de Karski consistiu em redigir um relatório que mais tarde entregou ao primeiro-ministro britânico e ao presidente norte-americano – descreveu a situação catastrófica que se vivia no gueto de Varsóvia⁵, nos campos de extermínio, no dia-a-dia polaco aquando da segunda guerra mundial: falou de pessoas a morrerem nas ruas em fuzilamentos e execuções públicas, das atrocidades de pessoas levadas a câmaras de gás, das crianças demasiado fracas para se moverem mortas pelos alemães nazi e pediu que se agisse rapidamente de forma a impedir o Holocausto ou o extermínio de judeus na Europa.

O relatório de Karski foi entregue ao Primeiro ministro britânico e ao Presidente norte-americano. Em Washington, no gabinete oval de Franklin D. Roosevelt (em julho de 1943) Karski tentou abordar a questão dos judeus de todos os guetos e campos de concentração na Europa. O então presidente dos E. U. A. mostrou o *low profile*, enquanto que os britânicos adotaram uma política cautelosa, com laivos antissemitas.

Bem nos lembra Yannick Haenel, apoiando-se em certos elementos da vida de Jan Karski, devidos à leitura da obra de E. Thomas Wood e Stanislas M. Jandowski: *Karski, How one man tried to stop the Holocaust* (1994), sendo as frases e as reflexões atribuídas ao herói polaco da autoria do romancista francês:

*Alguns colaboradores de Churchill recebavam que Hitler expulsasse os judeus, pois teria sido necessário abrir-lhes a Palestina e os ingleses opunham-se. **Nos corredores do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Londres, reinava esse antissemitismo tecnocrata em que as leis contra a imigração nunca passam de uma versão mais conveniente das leis antijudaicas.** Quanto ao Departamento de Estado americano, recusava a própria ideia de refugiados judeus e durante muito tempo a sua política consistiu em colocar obstáculos a possíveis salvamentos: só foram adotadas medidas*

4 [Jan Karski] «Tem dores por todo o corpo, o sofrimento é atroz, não sobreviverá a outra sessão. Então, decide suicidar-se. Com a lâmina de barbear, entalha o pulso esquerdo, mas não alcança a veia. Recomeça, enterra mais a lâmina. O sangue jorra como de uma fonte. Depois, corta o outro pulso. Está estendido, braços ao longo do corpo, o sangue forma um charco. (...). Tem uma náusea, vomita e perde a consciência. Acorda no hospital eslovaco de Prešov» (Haenel, 2010: 65).

5 «Em toda a parte impera a fome, os gemidos das crianças, o fedor dos cadáveres. Em toda a parte, olhares esfomeados. Um grupo de homens de roupa rasgada, escoltados por polícias, marcha a passo cadenciado, como robôs. Um velho, apoiado contra o muro, treme de alto a baixo. (...) Cadáveres estão estendidos, nus, na rua. Por que estão nus? pergunta Karski. O seu guia [o líder do Bund ou do partido esquerdista agindo na Polónia e na Europa de Leste em 1897-1948] explica-lhe que, quando um judeu morre, a família recupera as suas roupas e atira o corpo para a rua. É preciso pagar para que ele seja enterrado e ali ninguém pode pagar.» (2010, 83 a 84).

quando a atitude do governo de Roosevelt esteve prestes a provocar um escândalo, mas **os procedimentos administrativos revelaram-se tão retorcidos, que só entraram em território americano cerca de dez por cento do número de refugiados que teriam podido ser acolhidos.**

Só comecei a estudar estas questões mais tarde, quando me tornei professor de Relações Internacionais na Universidade Georgetown e, depois, em Columbia. E, nos anos sessenta, os meus alunos começaram a escrever **teses sobre a relação entre os americanos e a solução final** – aquilo a que um historiador chamou «**abandono dos judeus pela América**».

Hoje, sabemos que a inércia burocrática não era a única em causa e que existiu uma verdadeira vontade de **não** intervir em favor dos judeus da Europa. Por muito incrível que hoje possa parecer, **funcionários do Departamento de Estado interrompiam a chegada de notícias do extermínio e proibiam a sua divulgação.** (...). ~

E mais tarde, quando já não era possível permanecer passivo, **foi o Congresso que começou a barrar o caminho à própria ideia de salvação dos judeus.** (...) Quanto ao próprio **Roosevelt**, não era indiferente à «questão judaica», como se dizia na época, pelo contrário, **não queria que o vissem como um amigo daquilo a que chamava o «lóbi judeu», pois nessa época as suas hipóteses de ser reeleito encontraram-se iam reduzidas.** (...). Felizmente **para os ingleses, e para os americanos, Hitler não expulsou os judeus da Europa, exterminou-os.** (Yannick, 2010: 11 a 113, sublinhado nosso, A.K.).

Estávamos em setembro de 1943. Jan Karski queria retomar o seu lugar no movimento da resistência antinazi, mas o governo polaco (clandestino) em Londres opunha-se: segundo o primeiro-ministro do governo polaco clandestino Stanisław Mikołajczyk (1901–1966), a Gestapo procurava-o, as rádios nazis denunciavam-no, nomeadamente como “um agente bolchevique ao serviço da judiaria americana” (Yannick, 2010: 113). O General Władysław Sikorski (1881, Tuszów Narodowy – 1943, Gibraltar), o Chefe das forças armadas da Polónia no exílio tinha a visão de um verdadeiro Estado polaco, com um ramo administrativo, um ramo armado (o *Armia Krajowa*, i.e., o Exército Nacional), um ramo parlamentar e um ramo jurídico. O herói polaco deplorava os sofrimentos de judeus e os sacrifícios dos polacos, sabia coisas de mais e receava que fosse capturado outra vez pelos nazis. Além disso, não compreendia a que ponto a resistência polaca e também a própria Polónia o tinham abandonado.

Seria perigoso, pois, que Jan Karski divulgasse as informações desesperantes em Varsóvia a ponto que os chefes da nossa resistência percebessem a sua situação de *double twist* ou da contorção dupla entre a Alemanha nazi e a Rússia soviética? Ou mesmo a tríplice contorção, inclusive os conluios dos E.U.A. e da Inglaterra? Karski pensou que o governo polaco no exílio em Inglaterra queria ainda aproveitar-se dele, permitindo que o mensageiro secreto da verdade sobre o Holocausto continuasse ainda a agir. Na sua opinião, porém, e na do povo polaco, a Polónia foi abandonada pela Europa, pela história, pela memória do tempo do Holocausto, da segunda guerra mundial, da cortina de ferro.

Entretanto, um filme pró-soviético de Michael Curtiz (*pró-Staline propaganda made in Hollywood*), *Missão em Moscovo* (*Mission to Moscow*, 1943), acabava de ter um grande sucesso, mas os estúdios de Hollywood, a imprensa e a rádio não mostravam mais interesse pela Polónia e pelo Holocausto do que o governo americano.

A mensagem de Jan Karski passou a ser conhecida tão-somente depois da entrevista que lhe fez o realizador Claude Lanzman para o seu filme sobre o Holocausto, o *Shoah* (1985). São muito comoventes as cenas, em que Jarski, chorando, conta sobre o extermínio dos judeus na Polónia, autêntico na sua dor e desespero de não poder agir mais.

Em 2010, Lanzman fez o documentário *Rapport Karski*, um filme em que incluiu os fragmentos de entrevistas com Jan Karski relacionadas com as atividades do Estado polaco clandestino empreendidas no tempo da segunda guerra mundial para salvar os judeus do Holocausto.

O «caso Karski» foi divulgado no Mundo. O herói polaco tornou-se pessoa pública nos Estados Unidos da América, sendo pouco conhecido na Polónia, menos reconhecido ainda pelas comunidades polacas americanas. Postumamente, Karski foi reconhecido como um dos maiores agentes do movimento clandestino polaco de resistência, de parceria com outro mensageiro das verdades incómodas, Jan Nowak-Jeziorański (1914, Berlim – 2005, Varsóvia), também um *courier from Warsaw*, político, jornalista e ativista polaco, diretor da secção polaca de *Radio Free Europe*, emissário do governo clandestino da Polónia em Londres.

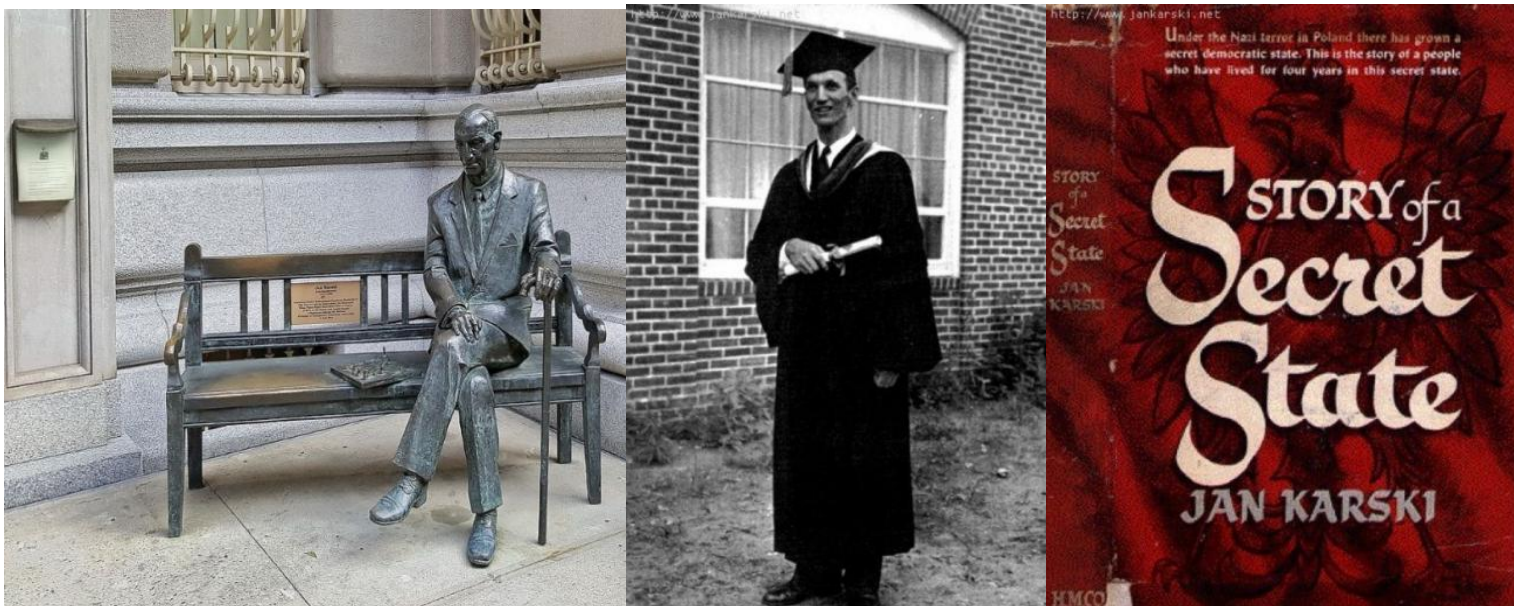
Em Dezembro de 1981 (data da Lei Marcial na Polónia), perante o Congresso dos Estados Unidos da América, Jan Karski pela primeira vez contou a sua biografia de um *courier* (mensageiro) do Estado Polaco Clandestino, da testemunha ocular do Holocausto, de um homem que entrava no gueto de Varsóvia e, na farda de um polícia SS, também nos campos de extermínio construídos por alemães nazi em vários lugares da Polónia. Muito anos antes, ainda no tempo da segunda guerra mundial, Karski pediu aos aliados para que travassem a matança de quase seis milhões de cidadãos europeus, uma metade deles sendo judeus, outra metade polacos e representantes de outras nações. Tudo em vão. E porquê?

Jan Karski pediu que se agisse para impedir o extermínio dos judeus na Europa. Porque ninguém acreditou em Jan Karski? Segundo o seu depoimento, «Mesmo que três milhões de judeus polacos tivessem sido exterminados, agora iriam desconfiar dos polacos. E, assim, a Polónia tornou-se o sobrenome do aniquilamento, porque foi nela que teve lugar o extermínio dos judeus da Europa. Ao escolherem esse local para o extermínio, os nazis exterminaram também a Polónia» (Karski ap. Haenel, 2009: 131). Tese contrária, da alegada cumplicidade dos polacos em massacre de judeus em Jedwabne (10.07. 1941) foi defendida por Tomasz Gross nos *Vizinhos. A História do massacre dos judeus de Jedwabne, na Polónia* (2010). Entretanto, as autoridades nazis descobriram a sua verdadeira identidade e por motivos de segurança Jan Karski não pôde regressar à Polónia. Jan Karski passou a viver nos Estados Unidos. Doutorou-se na Universidade de Georgetown e tornou-se professor, lecionando durante mais de quarenta anos, tanto nas universidades norte-americanas como para a CIA e o Pentágono.

ILUSTRAÇÃO 4 - MONUMENTO A JAN KARSKI EM NOVA IORQUE (KARSKI BENCH, NY), IN JAN KARSKI CORNER, WIKIMEDIA COMMONS

ILUSTRAÇÃO 5, JAN KARSKI 1953 PH.D., GEORGETOWN UNIVERSITY, JAN KARSKI EDUCATIONAL FUND

ILUSTRAÇÃO 6 - CAPA DA PRIMEIRA OBRA DE JAN KARSKI, STORY OF A SECRET STATE, 1944, JAN KARSKI EDUCATIONAL FOUNDATION



Jan Karski dedicado absolutamente à visão americana do mundo pós-segunda guerra mundial. Levou para o Ocidente muita informação tanto sobre o Holocausto como sobre o funcionamento do Estado clandestino polaco, o movimento de resistência antinazi e sobre a política internacional em relação ao Leste europeu, tratando destas questões já no seu primeiro livro *Story of a Secret State* (Karski, 1944), escrito no Verão de 1944, isto é, antes ainda da insurreição de Varsóvia. A obra atrás mencionada continha alguns capítulos dedicados à questão judaica; as obras que futuramente escreveria aprofundaram este assunto⁶.

Karski faleceu em Washington, nos Estados Unidos da América em julho de 2000, aos oitenta e seis anos. Foi galardoado com a mais alta distinção dos Estados Unidos. A sua posição nos E.U. A. pode ser comparada à de Tadeusz Kościuszko (1746 - 1817), um dos obreiros da independência americana, Kazimierz Pułaski (1745 - 1779), chamado «o pai de cavalaria americana», outro herói da guerra de independência, o santo padre Jan Paweł II (1920 - 2005)⁷, Lech Walesa (n. em 29.09.1943), primeiro presidente da Polónia democrática (1990 - 1995)⁸.

⁶ Maiores obras da autoria de Jan Karski (na ordem cronológica): "Polish Death Camp." *Collier's*, 14 October 1944, pp. 18 - 19, 60 - 61; *Courier from Poland: The Story of a Secret State*, Nova Iorque 1944 (edição polaca: *Tajne państwo: opowieść o polskim Podziemiu*, Warszawa 1999); *Wielkie mocarstwa wobec Polski: 1919-1945 od Wersalu do Jatty*, Varsóvia 1992; *Tajna dyplomacja Churchilla i Roosevelta w sprawie Polski: 1940-1945. Polska powinna stać się pomostem między narodami Europy Zachodniej i jej wschodnimi sąsiadami*, Łódź 1997.

⁷ «Para os polacos, a eleição do papa João Paulo II não foi apenas um conforto na desgraça e uma grande honra nacional; foi também a brecha final no muro atrás do qual eram mantidos desde 1945. A visita do pontífice à sua terra natal, em junho de 1979, reafirmou a crença dos polacos nos seus valores espirituais e culturais, e foi o catalisador de um processo que só terminaria em 1989.» (Zamoyski, 2010: 341) cf. também Zatyka (2015) e Kalewska (2016).

⁸ «Alegramo-nos igualmente porque se encontrou hoje conosco o ex-presidente Lech Walesa – conhecido líder do Solidariedade». Discurso do Presidente Donald J. Trump junto ao monumento do levante de Varsóvia, na Praça Krasieński, em Varsóvia, no dia 6 de julho de 2017, ap. Polonicus (2017: 18).

Paradoxalmente, o nome de Karski virou à toa aquando de um lapso do ex-presidente Obama na cerimónia da entrega das medalhas de liberdade referindo os alegados Polish *death camps* (campos de morte polacos) no início de 2012. É evocado no tempo quando, segundo as palavras do presidente Donald J. Trump (sentindo-se realmente orgulhoso pelo facto de os nossos compatriotas o terem apoiado nas eleições de 2016), «**A América adora a Polónia, a América ama os polacos**», porque «**os americanos de origem polaca enriqueceram muito os Estados Unidos**» (ap. *Polonicus*, 2017: 17, sublinhado nosso, A.K.).

Os campos de extermínio eram alemães nazi, os polacos morriam neles juntamente com os judeus, condenados à morte pela política da Alemanha nazi. O presente artigo inscreve-se nesta voz, ainda suave, mas palpável na política mundial, dando a conhecer ao público lusofalante a vida, o ofício e o destino de Jan Karski, o herói que, segundo Yannick Haenel, tentou travar o Holocausto, mas não foi ouvido pelos grandes deste mundo. Só em 1982 a Jan Karski foi-lhe outorgada a medalha “Justo entre as Nações do Mundo”, quando, juntamente com a esposa Pola Nireńska (uma dançarina polaca de origem judia, cujos pais tinham morrido no Holocausto) prestou visita a Israel e plantou a sua árvore simbólica no instituto Yad Vashem. Karski foi grande entusiasta do estado israelita; entre as razões do Holocausto mencionava o facto de os judeus não terem possuído no tempo devido o seu próprio estado. Jan Karski é muito bem conhecido nos Estados Unidos da América, nos meios das comunidades polacas como também nos meios judaicos. Na Polónia, tem o seu monumento: um monumento-banquinho em Łódź.

Sendo anticomunista, foi relativamente pouco conhecido até ao ano de 1989. Mereceu a atenção de alguns historiadores, jornalistas e escritores. Na Polónia, mais conhecido era Marek Edelman (1919 - 2009), o heroico judeu polaco, médico cardiologista de profissão, um dos líderes da insurreição no gueto de Varsóvia em 1943, um ativista social e uma inquestionada autoridade moral, galardoado também com a Ordem polaca de Águia Branca. Mais conhecida ainda foi a senhora Irena Sendler (1910 – 2008), «a mãe das crianças do Holocausto», “descoberta” pelos americanos em virtude da sua missão parecida com a de Jan Karski: a de salvar os judeus, em especial as crianças judias⁹.

Deus terá mesmo morrido em Auschwitz? A revisitação da história de Jan Karski é necessária *hic et nunc*, para que nunca caísse o mando do esquecimento sobre Jan Karski, um dos muitos Justos entre as Nações do Mundo de origem polaca. A segunda guerra mundial resultou na morte de mais de seis milhões de cidadãos polacos, dos quais cerca de metade eram judeus polacos. Muitos deles sobreviveram graças à ajuda dos polacos. Atualmente, o título de «Justo entre as Nações do Mundo», outorgado àqueles que arriscaram conscientemente as suas vidas para salvar os judeus, foi dado a mais de seis mil cidadãos polacos – o maior número entre todas as nações do mundo. Um deles foi Jan Karski.

ILUSTRAÇÃO 7, BANQUINHO DE JAN KARSKI EM ŁÓDŹ, POLÓNIA, 2014, WIKIMEDIA COMMONS

ILUSTRAÇÃO 8 JAN KARSKI IN YAD VASHEM, 1982 THE WORLD HOLOCAUST REMEMBRANCE CENTRE

⁹ Irena Sendler (em polaco: Irena Stanisława Sendlerowa, nascida Krzyżanowska), também conhecida como "O Anjo do Gueto de Varsóvia," foi uma ativista dos direitos humanos durante a segunda guerra mundial, contribuindo para salvar mais de 2.500 vidas ao conseguir que várias famílias escondessem filhos de judeus no seio do seu lar e ao levar alimentos, roupas e medicamentos às pessoas barricadas no gueto de Varsóvia, com risco da própria vida. Em 1939, Irena era assistente social no Departamento de Bem-Estar Social de Varsóvia, trabalhava com enfermeiras e organizava espaços de refeição comunitários da cidade com o objetivo de responder às necessidades das pessoas que mais necessitavam. Quando Irena caminhava pelas ruas do gueto, levava uma braçadeira com a estrela de David, como sinal de solidariedade e para não chamar a atenção sobre si própria. Irena vivia os tempos da guerra pensando nos tempos de paz e por isso não fica satisfeita só por manter com vida as crianças. Irena já suportou a tortura e negou-se a trair seus colaboradores ou as crianças ocultas. Quebraram-lhe os ossos dos pés e das pernas, mas não conseguiram quebrar a sua determinação. Foi condenada à morte. Após sua morte Irena Sendler foi apresentada como candidata para o prémio Nobel da Paz pelo governo polaco. Em 2008, a CBS produziu o filme *The Courageous Heart of Irena Sendler* que mostra os fatos mais importantes da luta de Irena. A intérprete de Sendler, Anna Paquin, foi indicada ao Globo de Ouro de 2010.



2. Quem é o culpado pelo Holocausto ou as (des)razões de Jan Karski

Quem é o culpado pelo Holocausto? Segundo Jan Karski, havia implicações na diplomacia mundial que nos permitem culpar os E.U.A. e os aliados pela indiferença, antissemitismo e atitude ora de negligência, ora de cumplicidade com a Alemanha nazi. Eis um punho de recordações de Karski da visita ao então presidente norte-americano (no início de Verão de 1943):

Frente a mim e ao embaixador, esparramado na sua poltrona, Roosevelt parecia tão entorpecido como em lalta. Mas os que parecem ter um ar adormecido são precisamente os que procuram adormecer-nos. Deste modo, ele não falou muito durante o encontro e os seus ajudantes-de-campo também não diziam nada. De vez em quando, voltava-se para a mulher de blusa branca e não hesitava em olhar para as suas pernas. Eu falava profusamente, procurava descrever o que vira no campo de Izbica Lubelska. A mulher tomava apontamentos, mas Roosevelt não dizia nada. Abrira o casaco e enterrava-se confortavelmente na poltrona.

*Julgo que digeriria; eu dizia comigo: Franklin Delano Roosevelt é um homem que digere – **está a digerir o extermínio dos judeus na Europa**. E depois, quando repeti à sua frente a mensagem dos dois homens do gueto de Varsóvia, quando lhe transmiti os pedidos deles relativamente aos bombardeamentos das cidades alemãs, Roosevelt começou a abrir lentamente a boca. Pensei: a reação vai ser terrível – mas não, ele não disse nada. A sua boca contorceu-se ligeiramente, esmagava o seu bocejo.*

***Quanto mais eu explicava as expetativas dos judeus do gueto de Varsóvia, e, conseqüentemente, de todos os guetos da Europa e de todos os judeus que estavam a ser exterminados, mais ele abafava os seus bocejos.** Cada vez que le abria a boca, preparava-me para ouvir algo; finalmente, eu e o embaixador íamos ouvir o ponto de vista dos Estados Unidos sobre a salvação dos judeus na Europa – mas não, era apenas outro bocejo. Embaraçado, enquanto continuava a falar, comecei a fixar a terrina. Perguntava-me o que ela conteria. Por fim, passado um momento, Roosevelt tomou a palavra e disse: «I understand» (Compreendo). Repetiu essas palavras duas várias vezes. (...).*

Ainda o ouço dizer-me, com a boca de lado: «Compreendo».** Talvez o que ele reprimisse ao falar não fosse um bocejo, mas a própria palavra, pois, precisamente, ele não queria compreender. Quanto mais dizia «Compreendo», mais expressava a vontade oposta. Apesar de tudo, sentia nele uma curiosidade, aquela curiosidade enfadada que se tem por um forasteiro de que se despreza. No fim de contas, eu e o embaixador **éramos apenas

simples polacos, ou seja, habitantes de um país que não existia verdadeiramente, que não tinha nenhum peso nas relações de força visando regular o conflito mundial.

Nessa época, eu não sabia nada dos acordos secretos de Teerão, por meio dos quais, cerca do final de 1943, os ingleses e os americanos tinham cedido a Estaline tudo o que ele desejava quanto à Europa Central e Oriental. A guerra ainda não acabara e a Polónia já forma vendida a Estaline.

Em Varsóvia, os meus amigos resistiam para nada: **Estaline previra aniquilar a Polónia, como Hitler o previra antes dele.** Nessas condições, os polacos nunca pensavam de empecilhos, tanto mais que as relações diplomáticas entre soviéticos e polacos estavam rompidas. No fundo nesse dia, eu e o embaixador só incomodávamos Roosevelt, que nos recebera para salvar as aparências. Via o momento em que ele ia perguntar-me como era possível que polacos católicos – contudo, reputados como antisemitas, se obstinassem tanto a querer salvar judeus. Mas ele não disse nada; em vez disso, olhou as pernas da mulher de blusa branca. (...).

Nessa época, ignorava que a melhor maneira de calar alguém é deixá-lo falar. E foi precisamente o que aconteceu: nesse dia, deixaram-me falar, como dezenas de outras vezes, e falei durante anos, **escrevi um livro**¹⁰ e deixaram-me escrever, e, quando o publiquei, desenvencilharam-se para que o livro fosse um sucesso, para que centenas de milhares de americanos e americanas o comprassem, e sempre que o meu editor me telefonava para me dizer: «Chegámos aos sessenta mil! Ao cento e trinta mil! Ultrapassámos os duzentos mil!», eu pensava: sessenta mil bocejos, cento e trinta mil bocejos, duzentos mil bocejos. Assim, passada uma hora, só tinha uma ideia na cabeça: ir-me embora. Face a Roosevelt, no seu gabinete da Casa Branca, fazia a mim mesmo a mesma pergunta que no gabinete da Gestapo, quando era torturado pelos SS: como sair daqui?

Enfrentara a violência nazi, suportara a violência dos soviéticos e eis que, de modo inesperado, travava conhecimento com a insidiosa violência americana. Uma violência aveludada, feita de canapés, terrinas, bocejos. Uma violência que exclui por surdez, pela organização de uma surdez que impede qualquer confronto. (...) **E quando a bomba atómica destruiu Hiroxima e Nagasáqui no Verão de 1945, compreendi finalmente o que se passava naquele gabinete oval, onde tanto se compreendia os outros.**

Terão cera nos ouvidos? perguntei ao embaixador a sair da Casa Branca. Pensei que Roosevelt e os seus colaboradores tinham tapado voluntariamente os ouvidos, como os companheiros de Ulisses quando se cruzavam com o canto das sereias. Pensei que não queriam ouvir para se preservarem do mal. Nessa noite, tive a intuição de que, ao desviarmo-nos do mal e ao recusarmo-nos a compreender que ele existe, começamos a fazer parte dele. (...). **Pois os homens agem apenas em função do seu interesse e, precisamente, ninguém tinha interesse em salvar os judeus da Europa, de modo que ninguém os salvou. Pior: o consenso anglo-americano mascarava um interesse contra os judeus.** Só compreendi isto muito mais tarde, pois as verdades vergonhosas chegam sempre ao retardador. **Nem os ingleses nem os americanos queriam ser ir em auxílio dos judeus da Europa, porque temiam ser obrigados a acolhê-los.** (ap. Haenel, 2010: 107 a 11, sublinhado nosso, A.K.).

Franklin D. Roosevelt queria saber se era mesmo verdade que os alemães confiscaram muitos cavalos na Polónia, presumindo que a Polónia, sendo um país rural, não sobreviveria sem a força dos músculos caválinos ... E, na sua bondade, ofereceu-se para enviar alguns quadrúpedes para a Polónia, assim que a guerra terminasse. Jan Karski aceitou a «ajuda» sem hesitar ... Por outro lado, Roosevelt sabia relativamente muito sobre o Holocausto; as primeiras notícias sobre o Holocausto foram transmitidas em 1942 à diáspora suíça pelo judeu Gerhart Riegner, um homem de negócios que através dos seus

¹⁰ O livro publicado por Jan Karski (1944) foi intitulado *Courier From Poland. The Story of a Secret State*, traduzido para francês em 1948 (*Histoire d'un État secret*), e reeditado posteriormente, em 2004, com o título *Mon Témoignage devant le monde* (ed. Pont de Mire, col. «Histoire»).

contactos tinha acesso aos funcionários mais altos do regime do III Reich, sabendo deles dos planos da «definitiva solução da questão judaica» (ap. Żbikowski, 2012: 34). A carta de Riegner ao presidente norte-americano não acarretou nenhuma acção concreta, caindo irresponsada nas malhas e manobras da diplomacia dos E.U.A. Sorte igual sofreu o relatório de Karski. O Ocidente não acreditou no Holocausto. Os britânicos sabiam do massacre dos judeus na Polónia, mas não mexeram uma palha temendo as retaliações alemães nos bombardeamentos de Inglaterra e as represálias políticas. Quem é, então, o culpado do maior crime contra a humanidade que aconteceu no território da Polónia no tempo da segunda guerra mundial? Durante a segunda guerra mundial, a Polónia tornou-se o palco da maior carnificina que jamais ocorreu na história da Europa: com a agressão da Alemanha à Polónia, em 1 de setembro de 1939 e a invasão das tropas soviéticas (segundo o tratado de Ribbentrop-Molotov), estava elaborado o plano da destruição do nosso país.

O Holocausto foi planeado, institucionalmente organizado, preparado e sistematicamente levado a cabo pela Alemanha nazista, antes de tudo na Polónia, que gozava da maior concentração de judeus na Europa e da segunda maior do mundo, depois dos Estados Unidos. Em 1939 os nazistas começaram a criar no território polaco ocupado as grandes concentrações de judeus nos guetos urbanos (o maior em Varsóvia, com quatrocentos mil pessoas), e, logo depois, estabelecer os primeiros campos nazistas de concentração; primeiro Stuthoff, e em 1940 começou a funcionar uma verdadeira «fábrica da morte» em Auschwitz – uma verdadeira fábrica de morte com câmaras de gás e crematórios, onde se matavam até vinte mil pessoas diariamente, usando Zyklon-B e monóxido de carbono. «Em maio de 1940, o gueto de Łódź foi selado, e o mesmo aconteceu em Varsóvia e noutras cidades.» (Zamoyski, 2010: 295). Naquele tempo, Jan Karski e alguns dos polacos já tentaram fazer o alarme sobre o que estava a acontecer, passando informações precisas sobre o Holocausto para os aliados. Infelizmente, sem resultado. Havia voluntários polacos que entravam nos campos de concentração alemães nazi para descrever a realidade, mas naquele tempo ninguém ouvia. Mais até – alguns governos europeus colaboraram tranquilamente com o III Reich de Adolf Hitler...

Em 1941 foi emitido um decreto sobre a aplicação da pena de morte àqueles que ajudavam aos judeus sobreviver, por exemplo escondendo-os nas suas casas. Em nenhum outro país ocupado pelos nazistas estava em vigor uma lei tão rigorosa como na Polónia. Logo depois, em 1942, apareceu o plano para a «solução final da questão judaica» - extermínio em massa dos judeus de toda a Europa nos campos de concentração. Ao mesmo tempo o Dr. Josef Mengele começou os seus experimentos médicos criminosos no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, e os alemães nazistas começaram a liquidar os guetos e a deportar os seus habitantes aos campos de concentração. «A partir de 1942, as pessoas encurraladas nestes guetos começaram a ser deportadas para campos instalados em Treblinka, Majdanek, Sobibór, Bełżec, Auschwitz-Birkenau, para serem exterminados» (2010: 45)¹¹. Os nazis alemães consideraram a parta da população da Europa que estava sob a sua ocupação como de raça inferior.

Em resultado, os polacos e os eslavos de leste foram destinados a extinção sucessiva para que as terras povoavam fossem entregues aos alemães. Os judeus e os ciganos, por sua vez, foram condenados ao extermínio. No território da Polónia, sob ocupação alemã, dentro das fronteiras de antes da guerra, os nazis construíram seis centros (campos) de extermínio em massa, onde os judeus, os polacos e representantes de outros povos da Europa de Leste foram assassinados em câmara de gás logo após a sua chegada. Entre os campos de extermínio mencionados, o maior era Auschwitz, para onde nos anos 1940 – 1945 os nazis alemães levaram 1,1 milhão de judeus, 140 - 150 mil polacos, 23 mil ciganos, 15 mil prisioneiros de guerra soviéticos e 25 mil

¹¹ Cf. Lachendro (2011).

prisioneiros de outras nações. No dia 24 de julho de 1944, no campo de concentração de Auschwitz-birkenau, num só dia foram mortos cerca de quarenta mil seres humanos. Foi um recorde na história da indústria nazista de morte. Ao todo, nos campos de concentração alemães nazi instaurados no território da Polónia «foram assinados 2.7 milhões de cidadãos polacos de origem judaica» (2010: 45).

Os alemães nazistas começaram, então, a liquidar os guetos e deportar os seus habitantes aos campos de concentração.

A revolta armada no gueto de Varsóvia começou em 19 abril de 1943 e foi um gesto de desespero contra a sua liquidação; durou até 8 de maio de 1943¹². Um ano depois de o *Brigadeführer* SS Jurgen Strrop lançar a operação de chacina dos últimos sobreviventes do gueto em Varsóvia, no dia 11 de abril de 1943, «a rádio alemã anunciou a descoberta de valas comuns na floresta de Katyń, perto de Soleńsk, contendo os cadáveres de 4231 oficiais polacos, todos eles com as mãos atadas atrás das costas e uma bala na cabeça» (Zamoyski, 2010: 300). Os oficiais polacos tinham sido mortos pelo NKVD na Primavera de 1940, mas os russos acucaram os alemães do massacre.

Depois de apagar brutalmente a insurreição no gueto de Varsóvia, os nazistas proclamaram oficialmente o *Terceiro Reich* «limpo de judeus». Mas os judeus não eram as únicas vítimas da guerra e da barbaridade nazista, especialmente no território polaco.

Em 1 de Agosto de 1944 o exército subterrâneo lançou uma insurreição («um levante») de Varsóvia traçando, em breve, a história da insurreição de Varsóvia (e a história da Avenida Jerozolimskie, quando os polacos, sob o fogo de metralhadoras, traziam sacos de areia para defender a sua estreita passagem através da Avenida, fazendo trincheiras e erguendo barricadas) o presidente Donald J. Trump lembrou ajuizadamente: «No verão de 1944 os exércitos nazista e soviético estavam se preparando para travar em Varsóvia uma luta terrível e sangrenta. Nesse inferno na terra que lhes foi preparado, os polacos assumiram a defesa da sua Pátria» (ap. Polonicus, 2017: 21).

Intensos combates da insurreição varsoviense duraram dois meses, até 2 de outubro de 1944, resultando na matança de quase duzentos mil habitantes de Varsóvia. A capital polaca ficou quase completamente arrasada. Cada ano, em 1 de agosto, a cidade para na Hora Zero – às 17 h. Para preservar a memória de todas as vítimas: as da insurreição no gueto (1943) e as da insurreição de Varsóvia (1944), aquando da ocupação nazi e na iminência da ocupação soviética.

Pena que na historiografia mundial as duas insurreições, como no seu tempo apontou Jan Karski, fossem confundidas ou mesmo o segundo fosse ofuscado em virtude do primeiro. Reitera, agora, a pergunta sobre o culpado do Holocausto, a que os polacos reagem muitas vezes emocionalmente, face às revelações de Jan Tomasz Gross¹³. Compartilhamos a opinião da jovem estudiosa polaca quanto à divisão – às vezes pouco clara – entre os «perpetradores e agressores» e «vítimas», tão claro e visível durante e logo depois da guerra, cedendo presentemente às discussões já não tão unilaterais:

No nosso olhar, a maneira como a segunda guerra mundial e o discurso do Holocausto estão sendo ultimamente apresentados parece absurda, concentrando-se nos poucos casos de colaboradores polacos e omitindo a generalizada fraternidade dos polacos e judeus na luta e a ajuda dos polacos aos judeus durante o Holocausto, confirmada por pesquisas detalhadas. As narrativas históricas comprovadas estão dolorosamente colidindo com os pontos de vista dos que frequentemente nem passaram pela ocupação alemã, mas acham que possuem o direito de colocar a culpa naqueles que em razão dela passaram pelo maior sofrimento... (...)

12 cf. Levante do gueto de Varsóvia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Levante_do_Gueto_de_Vars%C3%B3via?veaction=edit§ion=2, acesso em 4.03.2019.

13 Em 10 de julho de 1941, quanto à população judaica de Jedwabne, Polónia, contando c. de 1500 habitantes, «Apesar de a ordem ter sido dada pelos alemães, foram os selvagens polacos que se encarregaram de a executar e fizeram-no das maneiras mais horrorosas: após vários suplícios e torturas, queimaram todos os judeus num celeiro. (...) Todavia, a 10 de julho, a participação direta dos alemães limitou-se, sobretudo, a tirar fotografias e (...), a filmar os acontecimentos» (Gross, 2010: 22 e 63).

A Polónia perdeu na guerra quase 40% dos seus cidadãos, entre eles judeus. O destino dos judeus polacos durante o Holocausto não foi algo único ou separável do destino da etnia polaca em geral. Mas agora fala-se antes de tudo sobre o antissemitismo na Polónia durante a guerra ou a indiferença dos polacos em relação aos judeus fechados nos guetos ou nos campos de concentração.

Infelizmente, não mostrando os fatos acima expostos, por exemplo as punições com a morte aplicadas àquele que aparentemente não sabiam mostrar essa indiferença, assim como a todos os membros das suas famílias ...

Ou a indiferença cruel dos aliados frente aos relatórios sobre o Holocausto providenciados pelos polacos nos primeiros anos da segunda guerra.

*Sim, com certeza houve aqueles polacos que foram pagos pelos judeus pela ajuda (os szmalcownicy). Houve outros que chantageavam e ameaçavam denunciá-los. **Pessoas sem honra e sem vergonha.** E os historiadores têm que se deparar com isso. E se depararam. Assim deveria ser. Porque em cada grupo de pessoas há pessoas diferentes decentes e indecentes.*

Nunca somos todos santos. Mas é difícil dizer, preservando a verdade histórica, que foram, na sua maioria, os polacos que ajudaram no Holocausto ou que os campos de concentração eram «campos polacos», como se ouve hoje pelo mundo. Os polacos, na sua esmagadora maioria, nunca se renderam durante a guerra, nunca colaboraram com os nazis, construindo o maior movimento de resistência aos ocupantes, jamais visto no mundo na forma de todo o estado polaco subterrâneo e arriscando a vida dos seus familiares para salvar as vidas dos judeus, apesar de conhecerem bem demais as consequências das suas ações – são eles os mais numerosos entre os «Justos do Mundo». (...).

*Mas as tensões continuam voltando e reaparecendo, causando uma grande indignação na Polónia com a política histórica consciente, **que quer livrar da responsabilidade pelo Holocausto os seus autores**, criando uma imagem antissemita dos polacos e repercutindo no mundo dos meios de comunicação de massa, com o aparecimento de expressões como «campo de concentração polacos».*

A ignorância histórica prejudica tanto a verdade como a sagrada memória das vítimas, tanto judeus como polacos, conduzindo à relativização do crime hediondo da guerra e do Holocausto, inextricavelmente entrelaçados (Siuda-Ambroziak, 2017: 113 a 114, sublinhado nosso, A. K.).

Falando do Holocausto e da matança dos judeus em Jedwabne, facto esse que gerou mais controvérsia na Polónia natal de Jan Tomasz Gross, por expor a violência polaca contra os judeus no pós-guerra, citaremos a opinião do autor dos Vizinhos quanto ao culpado do Holocausto: **«a tragédia dos judeus em Jedwabne não passa de um episódio na guerra mortal a que Hitler condenou os judeus de todo o mundo. Por conseguinte, num sentido superior, histórico e metafísico, é a ele que se deve atribuir a responsabilidade por este crime»** (Gross, 2010: 63, sublinhado nosso, AK).

3. **A vida depois de Auschwitz será mesmo possível?**

Durante a segunda guerra mundial, a Polónia perdeu a maioria do seu património cultural, pois muitos museus, bibliotecas, palácios e igrejas foram destruídos. Mas as perdas reais foram muito maiores e de consequências muito duradouras. Morreram quase seis milhões de cidadãos polacos, uma proporção de um para cinco. No caso das elites, a proporção foi muito maior: quase um em cada três sacerdotes católicos e médicos, mais de um em cada dois advogados.

Mais de meio milhão de polacos ficaram estropiados para toda a vida, um milhão de crianças ficaram órfãs. Os sobreviventes padeciam de uma aguda subnutrição e a tuberculose e outras doenças faziam devastações epidémicas. Meio milhão de polacos, incluindo uma levada percentagem dos intelectuais, a maioria das lideranças civil e muitos dos melhores escritores e artistas, estavam dispersos pelo mundo e nunca regressariam.

No total, a Polónia do pós-guerra tinha 30% menos habitantes do que a Polónia em 1939. Mas estes números dão apenas uma pálida imagem do verdadeiro prejuízo causado à sociedade polaca: a segunda guerra mundial não se limitou a destruir pessoas, edifícios e obras de arte; destruiu uma

comunidade racial e multicultural «frágil mas funcional» (Zamoyski, 2010: 314) que, antes de 1939, tinha a população judaica muito numerosa, indo até 10 % da sociedade, i.e., de cerca de três mil e quinhentos habitantes da Polónia antes da segunda guerra mundial eram judeus, sendo esta a maior cotação na Europa. Sempre segundo Adam Zamoyski:

Antes de 1939 também existiam tenções reprimidas entre os polacos étnicos e as várias minorias, e até entre algumas das minorias, mas a violência fora notavelmente diminuta e limitara-se aos grupos marginais que existem em qualquer sociedade.

A tolerância, ainda que por vezes relutante, era a norma.

Era inevitável que estas tenções viessem ao de cima com o advento da guerra, e que não fosse apenas a minoria alemã a declarar-se abertamente pela Alemanha contra a Polónia e contra os seus vizinhos polacos.

No sudeste da Polónia, os nacionalistas ucranianos acolheram alemães e soviéticos de braços abertos, e a norte, muitos lituanos, bielorrussos e judeus comunistas receberam os invasores soviéticos como libertadores. (..)

A Alemanha nazi e a Rússia soviética estavam decididas a destruir a sociedade polaca.

Por conseguinte, importavam para o território polaco, que era multiétnico e socialmente diverso, os métodos de manipulação racial, social e política que tinham desenvolvido nos seus próprios países.

Foram estes métodos que lançaram as realidades da guerra na Polónia ocupada num círculo infernal muito mais terrível do que em qualquer outro país.

A prioridade primeira dos alemães foi decapitar a sociedade polaca através da eliminação da liderança política, espiritual e social.

A segunda foi dividi-la nos seus componentes raciais. Todos os cidadãos polacos de origem alemã foram classificados como alemães e receberam os privilégios inerentes.

Os cidadãos polacos com nomes «alemães» e com aspeto de alemães foram encorajados a declararem-se Volksdeutsche e a reclamar os mesmos privilégios.

Os judeus foram segregados e destinados ao extermínio, os nacionalistas ucranianos e bielorrussos foram convidados a apresentarem-se e definirem-se contra os seus vizinhos polacos. (Zamoyski, 2010: 314, o sublinhado nosso, A.K.).

ILUSTRAÇÃO 9 JAN KARSKI'S STATUE AT GEORGETOWN UNIVERSITY (COURTESY JANE ROBBINS), JAN KARSKI EDUCATIONAL FOUNDATION

ILUSTRAÇÃO 10 ÁRVORE DE JAN KARSKI IN YAD VASHEM INSTITUTE WIKIMEDIA COMMONS



Em setembro de 1944, depois de a região da Polónia ter sido ocupada pelos soviéticos, foi implementada uma gigantesca operação de remoção de todos os polacos e judeus dos territórios a leste da nova fronteira polaca. Quase toda a população de Lvov foi movida para as ruínas da antiga cidade alemã de Breslau (Wrocław).

Foram assim deportados quase 780 000 polacos e judeus, em viagens que por vezes implicavam semanas em vagões de mercadorias, num processo de transferência obrigatória que envolvia brutalidades, violações, pilhagens, terminando com a hostilidade das comunidades anfitriãs e num efeito profundamente traumático em todas as vítimas: polacos, judeus, representantes de minorias étnicas (como, por exemplo, os lemkos, um pequeno povo ruteno que habitava nos Cárpatos Orientais).

Em 25 de Novembro de 1944, Himmler ordenou explodir as câmaras de gás e os crematórios de Auschwitz-Birkenau e apagar os vestígios do assassinato em massa. Em 18 de Janeiro de 1945 as tropas SS alemãs começaram a evacuar o campo – sessenta e seis mil prisioneiros foram levados para o Ocidente na marcha da morte, que matou mais de quinze mil seres humanos. Em 26 de Janeiro de 1945 as tropas soviéticas, agora aliadas das polacas, libertaram o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, onde havia ainda sete mil esqueletos-prisioneiros. Em 30 de Abril de 1945 Adolf Hitler cometeu suicídio no seu *Bunker* em Berlim. Acabou a segunda guerra mundial.

Depois de 1945, o nosso país ficou atrás da «cortina de ferro», traído pelos aliados, que a deixaram à mercê de Estaline, depois de se ter aproveitado dos cientistas polacos quebrando o famoso código de Enigma e dos milhares dos soldados polacos lutando no ocidente, entre eles, os famosos pilotos polacos que defenderam Londres dos bombardeamentos dos nazistas. As tropas polacas, incluídas no exército aliado, nem foram convidadas para comemorar o final da segunda guerra mundial.

A «democracia popular», proclamada pela ex-União Soviética, foi vista pela maioria esmagadora da população como uma outra ocupação. «É uma triste ironia o facto de a Polónia, apesar de integrar a aliança vitoriosa, ter sido a grande perdedora na segunda guerra mundial. Perdeu a independência e quase metade do seu território – em defesa do qual fora declarada a guerra.» (Zamoyski, 2010: 313). Cerca de trezentos mil judeus polacos sobreviveram

à guerra, e o seu regresso a casa, dos campos de concentração, dos esconderijos¹⁴ ou da deportação na União Soviética foi igualmente traumático. Depois de os judeus serem deportados para os campos de extermínio alemães nazi na Polónia, as suas casas haviam sido geralmente ocupadas pelos elementos mais pobres – ou mesmo criminosos – das comunidades, e o seu reaparecimento foi motivo de ressentimento e or vezes de violência. Os judeus na Polónia no pós-1945, «encontraram o mesmo medo e desconfiança sentido por todos os grupos de deslocados, e **no seu caso o ressentimento estava fortemente eivado de um antissemitismo** como o que prevalecia nas cidades de província como Kielce» (2010: 318, sublinhado nosso, AK).

A pior contaminação de todas, a ético-moral-religiosa aconteceu no território da Polónia na época, em Deus teria desaparecido ou mesmo morrido em Auschwitz. Alguns casos do antissemitismo violento, tanto no tempo da segunda guerra mundial¹⁵ como na época do regime soviético¹⁶, levaram muitos dos judeus da Polónia a optar pela emigração, especialmente em 1968, quando Władysław Gomułka (1905 - 1982), o primeiro secretário do unido partido operário polaco (PZPR) nos anos de 1956 - 1970, apelou a uma purga do partido para que fossem extirpados os «revisonistas, lacaios do imperialismo, sionistas e reacionários» (2010: 334).

Fazia-se grande alarido do facto de nos primeiros anos do pós-guerra na Polónia alguns dos melhores cargos partidários terem cabido a pessoas de origem judaica, apontando-se também para as origens judaicas de alguns líderes estudantis e altos funcionários do partido; alguns deles foram demitidos por alegado sionismo.

Desde os inícios de 1968, a Polónia estava em bulício¹⁷.

Entre os antissofistas mais acérrimos encontravam-se homens como Edward Gierek (1913 - 2001), Primeiro-secretário do Comité Central do PZPR em 1970 – 1980, então secretário do comité silesiano do partido e muitos homens sedentos de poder.

A um nível mais baixo, muitos operários e camponeses polacos aproveitaram, descontentes, para exprimir o seu ódio a todos os tipos de intelectuais chamando-lhes «vampiros judeus», uma associação bizarra que reaparecia mais do que uma vez no futuro; centenas de funcionários de partido e outras pessoas que ocupavam cargos importantes foram despedidos por «sionismo» (*ibidem*).

Gomułka já não controlava a situação, mas agarrava-se à esperança de que a caça às bruxas desviasse as atenções do descontentamento com a sua liderança. Decidiu conceder vistos de saída aos «sionistas» que desejassem emigrar e nos meses seguintes cerca de quinze mil judeus polacos aproveitaram a oferta, incluindo duas centenas de ex-funcionários do ministério do Interior e dos serviços secretos.

14 cf. *Ida, um filme...* (2013 – 2014), DVD. Polónia, 1962. Anna é uma bonita judia jovem que ficou órfã em criança e que se prepara para entrar no convento onde vive desde que foi salva pelas freiras polacas, descobrindo que o seu verdadeiro nome é Ida. Esta revelação leva-a a dar início a uma jornada para desvendar as suas raízes e confrontar a verdade sobre a sua família com a realidade da Polónia no pós-segunda guerra mundial. Ida terá de escolher entre a sua identidade biológica e a religião católica que a salvou do massacre provocado pela ocupação nazi na Polónia. A protagonista, ajudada pela tia Wanda, escolhe o amor, a verdade (também sobre os esconderijos dos seus consanguinários em casas polacas) e a liberdade.

15 cf. Gross (2010).

16 Em 1946, «começaram a circular boatos de que os judeus andavam a raptar crianças polacas» (Zamoyski, 2010: 318).

17 Em janeiro de 1968, subiu ao palco de um dos teatros de Varsóvia a peça *Dziady* (*Avoengos*) do poeta romântico polaco Adam Mickiewicz, com possível interpretação antirrusa e a óbvia interpretação antissoviética. Os estudantes aplaudiram as referências antirussas do enredo. As autoridades tomaram a medida absurda de proibir a representação. As manifestações que se seguiram na Universidade de Varsóvia foram dispersas, em março de 1968, com brutalidade pela milícia; mais de mil estudantes foram presos e vários milhares expulsos. Os protestos estudantis estenderam-se a outras partes da Polónia e a outras organizações; ouviram-se exigências de instauração da democracia e da liberdade de imprensa. O governo comunista culpou os «agentes sionistas» a mando da Alemanha (Zamoyski, 2010: 333 – 334).

A mulher de Gomułka, Zofia Gomułkowa (1902 - 1986) que era judia, não emigrou, nem o fizeram alguns judeus bem colocados que conseguiram furtar-se ao ataque. Entretanto, Gomułka garantia-se com a participação de vinte e seis mil soldados polacos na invasão soviética da ex-Checoslováquia, em agosto de 1968, mas isto não contribuiu nada para aumentar a sua popularidade junto do partido e do governo comunista na Polónia. Havia, pois, sinais de protesto.

Em dezembro de 1970, tendo Gomułka sofrido um ataque cardíaco, a chefia do partido operário unido foi confiada a Edward Gierek, que tinha planos ambiciosos para um «salto em frente económico» a concretizar através de empréstimos contraídos no Ocidente. Gierek conseguiu impressionar os trabalhadores com a sua aparente boa vontade, concretizando as suas promessas económicas através de empréstimos enormes contraídos no Ocidente. Foi a época áurea do socialismo na Polónia, com as prateleiras cheias e algumas liberdades civis concedidas, inclusive os passaportes e certas quotas-partes em dólares americanos para as viagens ao estrangeiro.

Naquele tempo, em 1974, pela primeira vez depois da segunda guerra mundial, Jan Karski viajou para a Polónia onde permaneceu por alguns seis meses. Encontrou-se, entre outros, com Józef Cyrankiewicz (1911 – 1989), o ex-primeiro-ministro da Polónia (em 1947-1952 e 1954 – 1970), ex-prisioneiro do *KL Ausc Auschwitz*. Membro do partido socialista aquando da segunda guerra mundial, amigo de Karski que o ajudou a deixar a prisão na Eslováquia.

Nas suas repetidas visitas à Polónia, Karski tomou conhecimento e tornou-se amigo de Józef Oleksy (1946 - 2015), ativista social-democrata e ministro de Assuntos Interiores no pós-1989, que se lhe parecia com Cyrankiewicz, quanto à qualidade de carácter e à simpatia humana. Karski foi um homem elegante, um tanto excêntrico, relativamente rico, bem-educado, sociável, amador do *drink* Manhattan, um homem modesto e não necessariamente mimado por todos os regimes, facto esse a que se deve o relativo esquecimento da sua vida, ações e obra (Żbikowski, 2012: 35).

O espírito do desanuviamento político da «época de Gierek» favoreceu o seu esquema pago com a maximização da extração de matéria-prima básica da Polónia (o carvão) e o dinheiro começou a afluir dos bancos ocidentais, mais do que dispostos a emprestar. Companhias como Fiat e a Coca-Cola assinaram contratos para produzir na Polónia.

Não tardou, porém, que começassem a surgir fissuras na estrutura económica inventada por Gierek: a carestia dos produtos comestíveis, a escassez de bens essenciais, as greves que rebentaram em 1976 em Varsóvia, Radom e no resto do país.

Os soviéticos requeriam um tributo tangível, sob a forma de uma série de emendas à constituição polaca. A Polónia comprometer-se-ia constitucionalmente com o socialismo, com o «papel de liderança» do partido operário unido (PZPR) e com a «aliança fraterna» com a ex-União Soviética.

Convenientemente para Moscovo, o general Wojciech Jaruzelski anunciou a Lei Marcial às seis da manhã do dia 13 de dezembro de 1981 (2019: 346.)

O debate público sobre a segunda guerra mundial e o Holocausto recomeçou a partir de 1989, na Polónia democrática e independente. Nestes últimos anos temos vivido o «tempo de retorno», um *boom* da memória do passado doloroso, contorcido e incerto, com as novas iniciativas e manifestações de interesse histórico incluindo a criação de novos museus nacionais que descrevem a história da guerra, os levantamentos heroicos, a experiência da

ocupação: por exemplo, o Museu dos Judeus Polacos POLIN¹⁸ e o Museu da Insurreição de Varsóvia¹⁹. Era de acrescentar que numa praça junto do Museu dos Judeus Polacos encontram-se seis banquinhos-monumentos a Jan Karski²⁰.

Outra manifestação de ajuste de contas com as tragédias e traumas do passado é o florescimento de investigação científica levada a cabo pelo ŻIH (Instituto Judaico de História), IPN (Instituto de Memória Nacional) e outras instituições, assim como a popularidade das reconstruções dos acontecimentos históricos.

Hoje, o peso da história judaico-polaca e polaca-judia é evidente no espaço público, onde foi erguida uma série de monumentos comemorativos às vítimas da segunda guerra mundial; as vítimas do Holocausto e os heróis de guerra que não foram reconhecidos pelo regime comunista apontam para os desafios geopolíticos, sociais e outros muito semelhantes aos que a Polónia enfrentou nos últimos quatro ou cinco séculos, naqueles tempos longínquos quando a *Res Publica* polaca era um país tolerante, hospitaleiro e acolhedor de judeus, tártaros e povos seus vizinhos.

As manifestações da cultura judaica na Polónia contemporânea incluem festivais da música e uma variedade de produções artísticas: filmes²¹, peças de teatro, exposições, congressos, etc.

As Universidades polacas lidam também com esta demanda, abrindo programas e cursos dedicados à história dos judeus na Polónia. Jan Karski mereceu vários **monumentos - banquinho na Polónia, em Łódź**²² alguns livros comemorativos²³; o ano de 2014 (centenário de nascimento de herói polaco) foi homenageado com uma exposição no Parlamento Europeu em Bruxelas. Nunca foi apreciado segundo a sua média pelos seus atos e falas. Teria chegado agora o tempo de homenagem ao mensageiro polaco da verdade sobre o Holocausto?

Deixamos, assim, aberta a pergunta se vale a pena fazer divisões entre os judeus e os polacos, as vítimas da segunda guerra mundial, a guerra que resultou na morte de seis milhões de cidadãos polacos, muitos dos quais eram judeus. Somente aos olhos de Hitler, os judeus constituíam uma «categoria especial» de vítimas e pensar deste modo equivaleria a aceitar a lógica dos assassinos nazistas.

18 POLIN – O Museu da História dos Judeus Polacos (*Museum of the History of Polish Jews*) foi criado em 2005, eis o site em inglês: <https://www.polin.pl/en>, acesso em 4.03.2019.

19 Site oficial do Museu da Insurreição de Varsóvia (*Warsaw Rising Museum*) a funcionar desde 31.07.2004, i.e., desde o sexagésimo aniversário da insurreição: <http://www.1944.pl>, acesso: 3.03.2019 (há áudio guias em português, pala os lusofalantes). Aos visitantes, apresenta-se-lhes o filme, promovido pelo Museu de Insurreição de Varsóvia em 11.01.2012: *City of Ruins: Destroyed Warsaw – Poland in 1945*: <https://www.youtube.com/watch?v=Vx3aGiurRbQ>, acesso em 3.03.2019. A conceção do Museu é interativa; logo à entrada pode ouvir-se os sons ritmados, é como se ali estivessem ainda a bater os corações daqueles que lutaram contra a ocupação alemã nazi na Polónia, ao compasso dos sons de bombardeamentos e rajadas de metralhadora. A ideia é a de trazer o visitante para dentro da realidade do ato máximo e final da resistência polaca antinazi, inclusive de sentir uma certa claustrofobia ao atravessar uma reprodução dos esgotos, forma de locomoção clandestina pela cidade que os revolucionários utilizaram na época da Insurreição de Varsóvia. As lutas foram travadas também no campus da Universidade de Varsóvia, a nossa Alma Mater, onde o grupo militar Krybar defendia com a participação de professores, estudantes e escoteiros, cada um dos edifícios universitários.

20 Banquinhos de Jan Karski (6) em Varsóvia, junto do Museu dos Judeus Polacos POLIN: https://pl.wikipedia.org/wiki/%C5%81aweczka_Jana_Karskiego_w_Warszawie, consultado em 4.03.2019.

21 Recomendamos *Os Invencíveis (The Unconquered)*, o filme de animação gráfica (um documentário em inglês, legendado em português) produzido pelo Instituto da Memória Nacional (IPN) da Polónia, em que se mencionam «os polacos que salvaram judeus mesmo sob o risco da pena de morte»: <https://www.youtube.com/watch?v=TtAPf634sF4>, acesso: 3.03.2019.

22 As fotos disponíveis em:

https://www.google.com/search?q=laweczka+Karskiego+w+Lodzi&client=firefox-b-d&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=iE9sp8YS1AX3_M%252CAAAAAAAAAAABAM%252C_&usq=K_i6l4l_PbqGECemFR-3GyZ_vi5iw%3D&sa=X&ved=2ahUKewjR-viQ8uXgAhXMCuwKHUfpB0EQuqIbMA4t6BAgGEAY&biw=994&bih=658#imgdii=3BGeCXxLusaFIM:&imgrc=XPehFzDWzxlDJM: consultado em 3.03.2019

23 Por ex.: E. Thomas Wood e S. M. Jankowski (1994), *Karski: How One Man Tried to Stop the Holocaust*, New York; Henry R. Lew (2012), *Lion Hearts*, Melbourne. A historiografia polaca sobre Jan Karski consta também de alguns itens, cf. Żbikowski (2012).

Acreditamos, pois, na comunidade e na sociedade civil sem distinção de credos, nacionalidades e identidades culturais, defendendo que a vida humana tem sempre o mesmo valor, independentemente do país, religião, género, raça ou nível de educação.

Nenhuma vítima do nazismo, sendo judeu, polaco, russo, deficiente ou LGBT mereceu morrer naquela carnificina e jamais pode jogar um papel secundário ou escamoteado na história da Humanidade.

Enquanto sociedade, temos pela nossa frente na Polónia as mesmas influências e ameaças globalizantes à identidade e à coesão que qualquer outra comunidade, desde as mais desenvolvidas e sofisticadas até «aos povos mais recentemente descobertos na Amazónia» (Zamoyski, 2010: 374), desejando, *bona fide* (de boa-fé!), inscrever a dolorosa história de um herói que se tornou um porta-voz de protesto contra o Holocausto no benemérito na consciência de Lusofalantes na Europa e no Mundo.

ILUSTRAÇÃO 11 JAN KARSKI IN HIS ROOM AT THE MUSEUM OF THE CITY OF ŁÓDŹ, 1999, POLÓNIA JAN KARSKI EDUCATIONAL FOUNDATION

ILUSTRAÇÃO 12 BANQUINHO DE JAN KARSKI NA UNIVERSIDADE DE TELAVIVE, WIKIMEDIA COMMONS



Referências bibliográficas:

Audio Interview with Jan Karski, audio and excerpts of Jan Karski's s book: <http://remember.org/karski/kaudio>, consultado em 4.03.2019.

Banquinhos de Jan Karski em Łódź, descerrados em 2014 (o ano de Jan Karski, em centenário de nascimento): https://www.google.com/search?q=laweczka+Karskiego+w+Lodzi&client=firefox-b-d&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=iE9sp8YS1AX3_M%252CAAAAAAAAAAABAM%252C_&usg=K_i6I4I_PbaqGECemFR-3GyZ_viiw%3D&sa=X&ved=2ahUKewjR-viQ8uXgAhXMCuwKHU-fpB0EQuqIBMAt6BAGeAY&biw=994&bih=658#imgdii=3BGeCXxLusaFIM:&imgsrc=XPEhFzDWzxDJM:, consultado em 4.03.2019.

Claude Lanzman Shoah Collection, Interview with Jan Karski, October 1978: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn1003915>, consultado em 4.03.2019.

City of Ruins: Destroyed Warsaw - Poland in 1945, documentário (filme) promovido pelo Museu de Insurreição de Varsóvia (Warsaw Rising Museum) em 11.01.2012: <https://www.youtube.com/watch?v=Vx3aGiurRbQ>, consultado em 3.03.2019.

Davies, Norman (1982). *God's Playground. A History of Poland*, New York: Columbia University Press.

Gabinete interativo de Jan Karski em Ruda Śląska [Polónia], aberto em 10.11.2011: <https://dzieje.pl/aktualnosci/w-rudzie-slaskiej-otwarto-gabinet-jana-karskiego>, consultado em 4.03.2019.

Gross, Jan Tomasz (2010), *Vizinhos. A história do massacre dos judeus de Jedwabne, na Polónia*. Colares: Pedra da Lua.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

Haenel, Yannick (2010), Jan Karski. O herói que tentou travar o Holocausto. Lisboa: Teorema.

Ida, um filme de Paweł Pawlikowski, DVD (2013-2014). Polónia – Dinamarca (Phoenix Film Poland, 2013 e Portugal, Midas Filmes, 2014), Opus Film - Phoenix Film em associação com Portobello Pictures, argumento Paweł Pawlikowski e Rebecca Lenkiewicz, polaco legendado em português, distribuição Midas Filmes.

Jan Karski Educational Foundation (Fundacja Edukacyjna Jana Karskiego): <https://www.jankarski.net/en>, consultado em 4.03.2019.

Jan Karski: The International Wallenberg Foundation, Wallenberg Legacy, University of Michigan, Sept. 25, 1991, updated May 13, 2014: <http://wallenberg.umich.edu/medal-recipient/1991-jan-karski/>, consultado em 4.03.2019.

Kalewska, Anna (2016), "Edith Stein – a missão de Verdade entre religião, filosofia e o tempo da História," in: Fábio Mário da Silva e Beata Cieszynska (orgs.), A Missão e o Messianismo nos Contextos Ibéricos e Eslavos, CLEPUL: Lisboa 2016, 77-97 (e-book), Página consultada a 27 de fevereiro de 2019, https://issuu.com/clepul/docs/a_miss_o_e_o_messianismo.

Karski, Jan (1944), The Story of a Secret State. New York: Emery Reeves.

Lachendro, Jacek e Kuwałek, Rebert et al. (2011), Polónia. Campos de extermínio alemães (Auschwitz, Belzec, Sobibor, Treblinka, Majdanek, Kulmhof am Ner). Marki: Parma Press [Polónia].

Levante no gueto de Varsóvia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Levante_do_Gueto_de_Vars%C3%B3via?veaction=edit§ion=2, consultado em 4.03.2019.

Ławeczka Jana Karskiego w Warszawie (6); O banquinho de Jan Karski em Varsóvia (6): https://pl.wikipedia.org/wiki/%C5%81aweczka_Jana_Karskiego_w_Warszawie, consultado em 4.03.2019.

Mucznik, Esther (2012), Portugueses no Holocausto. Histórias das vítimas dos campos de concentração, dos cônsules que salvaram vidas e dos resistentes que lutaram contra o nazismo. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Muzeum Powstania Warszawskiego (Museu da Insurreição de Varsóvia), site oficial do Museu: <http://www.1944.pl/>, consultado em 4.03.2019.

POLIN – Museum of the History of Polish Jews: <https://www.polin.pl/en>, consultado em 4.03.2019.

Polonicus. Revista de reflexão Brasil - Polónia (2017), VIII-2, "Discurso do presidente Donald J. Trump junto ao monumento do levante de Varsóvia, na Praça Krasieński, em Varsóvia, no dia 6 de julho de 2017", julho - dezembro, pp. 17 – 33.

Siuda-Ambroziak, Renata (2018), "Quem é culpado pelo Holocausto?" Polonicus. Revista de reflexão Brasil – Polónia, IX - 1, 108 - 114.

The Jan Karski Institute for Tolerance and Dialogue, a non-profit organization, State of Maryland, USA, unveiled in 2002: <http://jankarskiinstituteus.org/history.htm>, consultado em 4.03.2019.

The Righteous Among the Nations, Yad Vasehem – The World Holocaust Remembrance Center (Jan Karski condecorated, 1982): <http://db.yadvashem.org/righteous/righteousName.html?language=en&itemId=4043972>, consultado em 4.03.2019.

The Unconquered (Os Invencíveis). Documentário (filme de animação gráfica) produzido pelo Instituto da Memória Nacional (IPN), 17.09.2017: <https://www.youtube.com/watch?v=TtAPf634sF4>, consultado em 3.03.2019.

Warsaw Rising Museum (Museu de Insurreição de Varsóvia): <https://www.1944.pl/en/article/the-warsaw-rising-museum,4516.html>, consultado em 3.03.2019.

Wood, Thomas E. e Jandowski, Stansilas M. (1994), Karski, How One Man Tried to Stop the Holocaust. New York: John Wiley & Sons.

Zamoyski, Adam (2010), História da Polónia, Lisboa: Edições 70.

Zatyka, Marcin (2015), João Paulo II e a integração polaca na Europa Unida, Lisboa: Editorial Franciscana.

Żbikowski, Andrzej; Smoleński, Paweł [entrevista ao Prof. Andrzej Żbikowski por Paweł Smoleński] (2012) "Jan Karski. Kogo odznaczył Obama." ["Jan Karski. Quem foi condecorado por Obama."] Gazeta Wyborcza. Magazyn, 2-3 junho 2012, 34-35.



powerpoint anna
Kalewska.pdf

[Ver aqui PowerPoint](#)

É SÓCIA AICL.

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 26º LOMBA DA MAIA 2016

7. ANTONIETA GARCIA, CONVIDADA EMPDS



Maria Antonieta Garcia nasceu em 1945, no Fundão.

É licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa

É Mestre em Literatura e Cultura Portuguesas pela Universidade Nova de Lisboa.

É doutorada em Sociologia da Cultura pela mesma universidade.

Foi professora na Universidade da Beira Interior e hoje está aposentada.

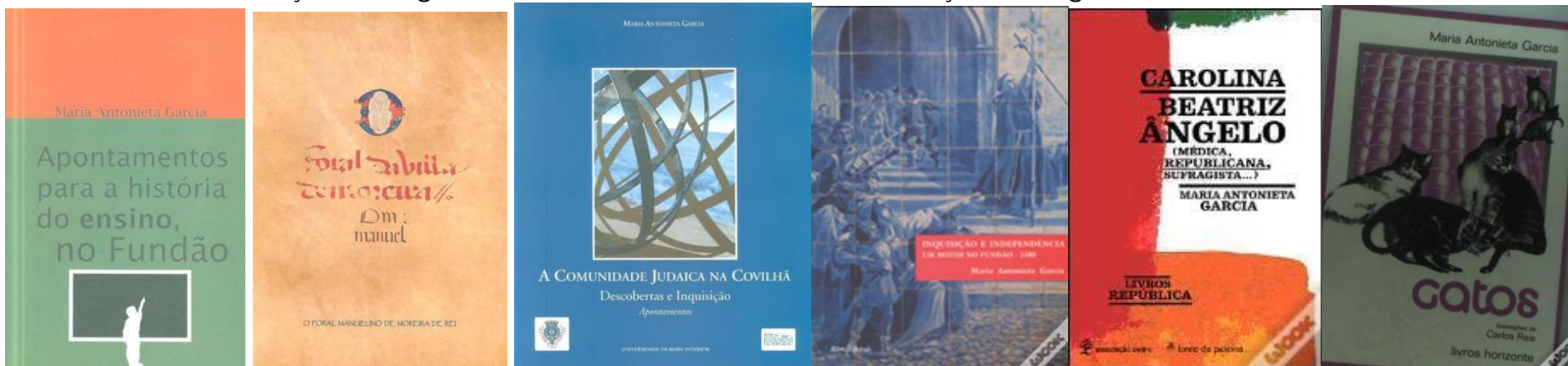
É membro do Instituto Mediterrânico, da Associação Portuguesa de Estudos do Século XVIII, da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos e do Centro de Estudos Judaicos da Universidade da Beira Interior.

Colaborou ainda em diversas obras de carácter cultural, nomeadamente no que se refere à cultura judaica, literário e pedagógico-didático.

Tem desenvolvido as suas investigações no âmbito do Judaísmo e das Identidades.

Atualmente tem uma coluna no jornal do Fundão intitulada “E Assim Se Fazem as Coisas”.

É membro da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos e da Associação Portuguesa de Estudos do séc. XVIII, assim como do Instituto Mediterrâneo.



ALGUMA BIBLIOGRAFIA:

Os Gatos (1982)

Poesia Popular (Recolha de Poesia Popular na Beira Baixa) (1982)

Velhas Lendas (1990)

Os judeus de Belmonte Os caminhos da memória, Instituto de sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993

Denúncias em Nome da Fé: Perseguição aos judeus no Distrito da Guarda de 1607 a 1625: Caderno de Culpas do Bispado da Guarda, do seu Distrito e das Visitações (1996)

Guia Turístico do Concelho da Guarda (1999)

Guarda: História e Cultura Judaica: Museu: Catálogo (1999)

Judaísmo no feminino, tradição popular e ortodoxia em Belmonte, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, 1999 - Belmonte (Castelo Branco, Portugal) - 320 pp.

Fios – Para um Roteiro Judaico da Covilhã (2001)

Revista... à Beira / Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras; dir. Maria Antonieta Garcia. - Nº 0 (dez. 2001) -. - Covilhã: Universidade da Beira Interior - Departamento de Letras, 2001-. - 21 cm. - Periodicidade irregular

Lendas da Beira / - Coimbra; Castelo Branco: Alma Azul, 2003. - 136, [8] p.: il.; 24 cm. - ISBN 972-8580-47-9

Festividades da Páscoa Beirã /. - Coimbra; Castelo Branco: Alma Azul, 2003. - 99, [4] p.: il.; 24 cm. - ISBN 972-8580-50-9

Inquisição e independência: um motim no Fundão - 1580 /; fot. Pedro Delgado. - Coimbra; Castelo Branco: Alma Azul, 2006. - 227, [4] p., [16 p. il.]: il.; 25 cm. - Bibliografia, p. 173-179. - ISBN 972-8989-19-9

Carolina Beatriz Ângelo: Guarda(dora) da liberdade (2009) 1ª ed. - [Lisboa]: Fonte da Palavra: Associação Cedro, 2011. - 147, [3] p.: 17 cm. - (Livros república). - ISBN 978-989-667-045-0

Encomendação das almas no concelho da Guarda: a singularidade de uma tradição secular / coord. Alexandra Isidro; textos Maria Antonieta Garcia, Manuel Geada Pinto; fot. Arménio Bernardo. - Guarda: Núcleo de Animação Cultural da Câmara Municipal da Guarda, 2010. - [40] p.: il.; 30 cm. - ISBN 978-989-8216-25-0

Euforia breve: memórias da Primeira República na Guarda / coord., textos António de Almeida Santos... [et al.]. - Guarda: Câmara Municipal da Guarda, 2011. - 499, [2] p. a 2 cols: il.; 31 cm. - Bibliografia, p. 488-499. - ISBN 978-989-8216-41-0

Foral Manuelino de Moreira de Rei; coord. Carla Alexandra Santos. - Trancoso: Município de Trancoso; Moreira de Rei: Junta de Freguesia de Moreira de Rei, D.L. 2012. - 88 p.: il.; 24 cm. - Ed. comemorativa do V Centenário. - Bibliografia, p. 87. - ISBN 978-972-98779-5-7

A comunidade judaica na Covilhã: Descobertas e Inquisição: apontamentos - 1ª ed. - Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. - 235 p.: il.; 26 cm. - Bibliografia, p. 221-226. - ISBN 978-989-654-110-1

Apontamentos para a história do ensino, no Fundão . - Câmara Municipal do Fundão, 2015. - 307 p.: il.; 23 cm. - ISBN 978-972-8959-33-3

TEMA 1.4. TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

8. ANTÓNIO BENTO, UBI, CONVIDADO EMPDS

António José Ferreira Bento é professor na Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal) onde dirigiu o curso de Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais e o curso de Mestrado em Ciência Política.

Atualmente é o diretor da Biblioteca da UBI.

Integra como investigador o *Instituto de Filosofia Prática* (IFP).

É investigador no Projeto «Religión y Sociedad Civil» do *Instituto Cultura y Sociedad* da Universidad de Navarra.

É membro da «Rede Internacional de Estudos Schmittianos» (RIES). É revisor científico da revista *History of European Ideas*.

É membro do comité científico das Edizione il Foglio. Biblioteca di Scienze Politiche e Sociali.

Atualmente coordena o *Grupo de Trabalho de Retórica* da Sociedade Portuguesa da Comunicação (Sopcom).

A sua investigação centra-se nas áreas da Filosofia Política, Teoria Política e Estudos Judaicos.



abento@ubi.pt antobento@sapo.pt

As suas mais recentes publicações são as seguintes:

Belmonte. *Inquisição. Criptojudáismo. Marranismo* (org.), Editora LabCom.IFP, Coleção Ta Pragmata, Livros de Filosofia Prática, Covilhã, 2018;

«Machiavelli's Treatment of Congiure and the Modern Oath», in *Le Sacré et la parole. Le serment au Moyen Âge*, Aurell, Martin, Aurell, Jaume, Herrero, Montserrat (editors), Classiques Garnier, Paris, 2018;

«From the Late Medieval Church as a Mystical Body to the Early Modern State as a Mystical Person: Ernst Kantorowicz and Carl Schmitt», in *Medieval and Early Modern Political Theology: Theory and Practice*, Georg Olms Verlag, Hildesheim-Zürich-New York, 2017.

Alguma bibliografia

Bento, António and Rosa, José Maria Silva (2013) *Revisiting Spinoza's Theological-Political Treatise*, Georg Olms Verlag, Hildesheim. Zürich – New York.

Bento, António (2012) *Razão de Estado e Democracia*. Edições Almedina, Lisboa.

Bento, António (2012) *Maquiavel e o Maquiavelismo*. Edições Almedina, Lisboa.

Bento, António & Romão, Rui Bertrand (2008) *Guerra, Filosofia, Política*. Covilhã, UBI, 246 pp.

Artigos

(2015) *Português, eleitor, conservador*. in *Jornal Observador*, 2/10/2015.

(2011) «Sobre a correcta ortografia do nome Espinosa». [URL]

(2007) «Hannah Arendt – Teórica da Política». in *Jornal Público*, 31 de janeiro.

Capítulos de livros

(2015) - «Ernst H. Kantorowicz and Gabriel Naudé: from “Mysteries of State” to “Coups d’État”». in *Rewriting the Middle Ages, III: Political Theory and Practice* (Ed. Julia Pavón Benito), Brepols Publishers, Turnhout, Belgium, pp. 13-25.

(2015) «Leo Strauss: Filosofia Política e Arte de Escrever». in *Teorias Políticas Contemporâneas*, coordenação e organização de José Gomes André, José Manuel Santos e Bruno Peixe Dias, e Editora Documenta, Lisboa, pp. 421- 444.

(2015) «“Conjuras” e “golpes de Estado”: de Nicolau Maquiavel a Gabriel Naudé». in *Reflexões sobre Maquiavel. 500 Anos de O Príncipe*, Helton Adverse (Org.), Edições Loyola, São Paulo, pp. 35-85.

(2015) «A Economia Política da Privacidade no 1984 de George Orwell». in *Público e Privado nas Comunicações Móveis*, José Ricardo Carvalheiro (Org.), Ed. Minerva, Coimbra, pp. 46-76.

(2015) «A Voz de Salazar», in *Retórica e Política* (Paulo Serra, org.), Livros Labcom, Covilhã, 2015, pp. 65-88. in <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/129>.

(2015) «O Namoro do Saber ou o Resgate pela Citação». in *A Construção da Ciência. Da Lógica da Investigação à Medição do Impacto*, UBI, Covilhã, pp. 137-167.

(2013) «O príncipe, o conselho de Estado e o conselheiro na tratadística política do barroco». in *Da Autonomia do Político. Entre a Idade Média e a Modernidade* (org. José Rosa), Edições Documenta, Lisboa, pp. 311-323. [URL]

(2013) «Bartleby e a Responsabilidade». in *Melville e a filosofia: a vontade, as palavras e a acção* (org. Vanessa Brito), Instituto de Filosofia da Linguagem, FCSH-UNL, (no prelo).

- (2012) «Aproximaciones a la Biopolítica: Giorgio Agamben y Roberto Esposito». in Life and the Sacred (ed. by Rafael Alvira and Carmelo Vigna), OLMS Verlag, Hildesheim, Zurich, New York, pp. 205-223.
- (2012) «O Sionismo como Problema Teológico-Político em Leo Strauss». in The Religion and the Political (ed. by Montserrat Herrero), OLMS Verlag, Hildesheim, Zurich, New York, pp. 225-248.
- (2012) «Maquiavelismo e anti-maquiavelismo na razão de Estado da Contra-Reforma». (org. e introdução de António Bento), Editora Almedina, Lisboa, pp. 23-61.
- (2012) «Máximas de Estado, Segredos de Estado, Golpes de Estado e Razão de Estado em Gabriel Naudé». in Razão de Estado e Democracia (org., intro e tradução dos capítulos italianos, espanhóis e francês de António Bento), Editora Almedina, Lisboa, pp. 109-148.
- (2008) «A Língua da "Correcção Política"». in Retórica e Mediatização: Da Escrita à Internet (Paulo Serra e Ivone Ferreira, orgs.), LabCom, Covilhã.
- (2008) «Guerra, Sobrevivência e Direito Natural em Flávio Josefo e Thomas Hobbes». in «Guerra, Filosofia e Política», Universidade da Beira Interior, Covilhã, pp. 57-84. («War, Survival and Natural Law in Flavius Josephus & Thomas Hobbes»), in «War, Philosophy and Politics», Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008, pp. 57- 84.).
- (2007) «Estado de direito liberal e opinião pública». in «Espaços Públicos, Poder e Comunicação», Edmundo Balsemão Pires (org.), Edições Afrontamento, Porto, 2007, pp. 47-63. («Rule of Law and Public Opinion»), in «Public Spaces, Power and Communication», Edmundo Balsemão Pires (ed.), Edições Afrontamento, Porto, pp. 47-63.).

TEMA 1.4. «Dom Luís da Cunha e o conceito iluminista de tolerância» TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

Dom Luís Da Cunha, grande figura política portuguesa do século XVIII e embaixador do Reino de Portugal na Haia, Paris e Londres, é ainda hoje tido por quase todos os estudiosos como um exemplo político da tolerância cristã para com os judeus.

Através de uma leitura cuidada das suas principais obras, esta comunicação procura mostrar o conceito efetivo de tolerância do diplomata português destruindo assim alguns mitos criados por aquela historiografia portuguesa que no século passado tratou do problema dos "cristãos-novos" na sociedade portuguesa»

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

9. ANTÓNIO BARBEDO DE MAGALHÃES, CONVIDADO AICL



ANTÓNIO PINTO BARBEDO DE MAGALHÃES

Lutou pela democracia em Portugal e pela autodeterminação dos povos das colónias.

Foi um dos 101 subscritores do «Testemunho de Alguns Católicos», manifesto publicado em novembro de 1965 em que eram denunciadas as faltas de liberdades democráticas no país e a política colonial do Estado Novo, propondo, em alternativa, a democratização e a preparação dos povos das colónias para a sua autodeterminação.

Eng.º Mecº, FEUP, 1968, 17 valores. Doutorou-se na Universidade de Gand (Gent), na Bélgica, em 1973.

É autor de cinco patentes de invenção na área das tecnologias da fundição.

Em 2004 lançou os projetos liderados por estudantes e realizados por equipas multidisciplinares de estudantes de diferentes cursos e idades.

Foi o primeiro proponente e o primeiro diretor (2009-2012) do Programa Doutoral em Segurança e Saúde Ocupacionais, em que participam 13 das 14 faculdades da UP.

Foi um dos proponentes e organizadores dos Debates na FEUP sobre Novos Paradigmas, que tiveram início em 2010, de que resultou a criação, em 2015, da Rede para o Desenvolvimento de Novos Paradigmas da Educação, de que é o Presidente.

Mobilizado para Timor em novembro de 1974, participou na Reestruturação (descolonização) do Ensino em Timor.

Em 1981, perante o risco da questão de Timor-Leste desaparecer da agenda da ONU, desenvolveu intensa atividade junto de todos os grupos parlamentares que levou à criação, pela AR, da 1ª Comissão Eventual de Timor, cuja ação política foi fundamental para que a questão se mantivesse viva na ONU em 1982 e até ao referendo de autodeterminação.

Organizador principal de muitas conferências e seminários sobre Timor-Leste em Portugal e no estrangeiro.

Autor de sete livros e centenas de documentos sobre Timor.

Porto, 27 de fevereiro de 2019

Mais biodados:

É Professor Emérito da Universidade do Porto, por decisão unânime do Senado de 22 de janeiro de 2014 - Professor Catedrático da FEUP jubilado

Nasceu em fevereiro de 1943 na cidade da Horta, Faial, Açores, para onde seu pai, Manuel Barbedo de Magalhães, foi mobilizado em 1941, como oficial de Engenharia, antes de ser transferido para a ilha Terceira, onde trabalhou, com gosto e afinco, como democrata que era, na construção da Base Aérea das Lajes que tão útil foi aos Aliados na guerra contra a Alemanha nazi.

Tendo nascido neste quadro, o autor lutou pela democracia, sendo um dos 101 subscritores do «Testemunho de Alguns Católicos», manifesto publicado em 1965 contra a guerra colonial e a falta de liberdades democráticas em Portugal.

Formou-se em Engenharia Mecânica na FEUP, em 1968, com 17 valores, apesar de ter trabalhado durante parte do curso, nomeadamente numa empresa metalomecânica.

Foi imediatamente convidado para lecionar na Faculdade de Engenharia onde foi docente do Departamento de Engenharia Mecânica de 1968 até fazer 70 anos, em 2013, altura em que, por limitação legal de idade, se jubilou.

Doutorou-se na Universidade de Gand, na Bélgica, em 1973, em Ciências Aplicadas, na área da Metalurgia, com a Máxima Distinção.

Iniciou o seu serviço militar em janeiro de 1974 e foi mobilizado para Timor em outubro desse ano.

Estando já doutorado, coordenou o trabalho de uma equipa luso-timorense que elaborou um projeto para a reestruturação do ensino em Timor, com vista a uma eventual independência a médio prazo.

Foi membro da CDPM (Comissão para os Direitos do Povo Maubere), da APJTL (Associação Paz e Justiça para Timor-Leste) e da Comissão Organizadora das Jornadas de Timor da Universidade do Porto, tendo organizado numerosas conferências em Portugal, Alemanha, Austrália, Estados Unidos, Canadá, Brasil e outros países.

É autor de cinco patentes de invenção de processos tecnológicos na área da fundição.



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005

Em 2004 propôs uma componente pedagógica inovadora na FEUP, os projetos PESC (Projetar, Empreender e Saber Concretizar), depois estendidos a toda a UP com a designação de Projetos Lidera, com o objetivo de facilitar e promover o desenvolvimento das capacidades transversais de trabalho em equipa multidisciplinar, de liderança e de empreendedorismo dos alunos.

Presidente do IASI - International Institute for Asian Studies and Interchange desde 24 de outubro de 2001.

Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto, de 1989 a 1998.

Coordenador da Comissão Executiva da Reestruturação do Ensino em Timor, de maio a agosto de 1975.

Coordenador da Comissão para a Reestruturação do Ensino em Timor, de janeiro a maio de 1975.

Professor Convidado da disciplina de “Geografia Económica e Política da Ásia Contemporânea” do **Curso de Pós-Graduação em Estudos Orientais Gerais da Universidade Católica Portuguesa** (Lisboa) 2002-2003.

Professor Convidado do **European Master Degree in Human Rights, na Universidade de Coimbra** desde a sua criação, em 1999, até 2004.

Conferencista Convidado do **Curso de Mestrado em Relações Interculturais da Universidade Aberta** em 1998/99, em 1999/2000 e em 2000/2001.

Professor de “História Contemporânea de Timor-Leste e da Indonésia” no **Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra**, em 1999/2000 e em 2000/2001. Em agosto de 2000 lecionou sobre História de Timor Leste e da Indonésia no **Curso de Treino Diplomático** promovido conjuntamente pelo CNRT e a UNTAET, em Dili, Timor-Leste.

Investigador responsável do projeto de investigação sobre “**O Processo de Transição em Timor-Leste: 1998-2005**”.

Coordenou o projeto de livro sobre a influência do contexto internacional na história de Timor-Leste e da Indonésia.

Autor de sete livros sobre a Indonésia e Timor-Leste.

Lecionou nos cursos de licenciatura em Relações Internacionais da Universidade de Coimbra e de licenciatura em História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Foi docente convidado, em sucessivos anos, no **European Master Degree in Human Rights and Democracy** da Universidade de Coimbra e no Curso de Mestrado em Relações Interculturais da Universidade Aberta. Foi professor do Curso de Pós-Graduação em Estudos Orientais da Universidade Católica, em Lisboa.

Organizou vários cursos livres sobre Timor-Leste e a Indonésia e fez numerosas comunicações sobre esses temas.

É autor de sete livros sobre Timor, o último dos quais, editado pela Afrontamento em 2007, tem 3 volumes (1000 páginas) e cerca de mais 10 000 páginas em documentos anexos, sobre a história política de Timor desde 1942 até 2007 (ISBN: 978-972-36-0935-6). Escreveu numerosos artigos, relatórios e brochuras sobre Timor Leste e a Indonésia.

Pelo seu trabalho em prol da causa de Timor-Leste, foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique (Grande Oficial), em 10 de junho de 2000, pelo Presidente da República Jorge Sampaio e com a Ordem de Timor, em 20 de maio de 2012, pelo Presidente da República Democrática de Timor-Leste Taur Matan Ruak.

Trabalhos e iniciativas relacionados com Timor-Leste de 1975 a 2000:

1975 – Coordenou a Reestruturação do Ensino em Timor. De janeiro a maio de 1975 foi o Coordenador da Comissão para a Reestruturação do Ensino em Timor, constituída por dois timorenses e dois portugueses e mais um representante de cada força política timorense, que elaborou um projeto para a reformulação do ensino em Timor, tendo em vista a descolonização e autodeterminação do território. Este projeto foi aprovado pelo Governador de Timor, em maio de 1975, depois de ouvidas as forças políticas timorenses e a Comissão de Descolonização.

A seguir à aprovação do projeto, coordenou a Comissão Executiva da Reestruturação do Ensino em Timor, com uma participação rapidamente crescente de timorenses.

A preparação de professores para o novo modelo educativo começou em 4 de agosto de 1975, na Escola Salesiana de Fatumaca, com cursos de reciclagem para capatazes agrícolas, carpinteiros e serralheiros. Eles iam receber treino pedagógico para se tornarem professores das disciplinas práticas e profissionalizantes ou para integrar equipas itinerantes que deviam ajudar as escolas a lançar a prática agrícola e outros programas educativos de natureza prática. Estava marcado para 11 de agosto de 1975, um dia depois da tomada de posse da primeira administração regional eleita democraticamente, o início, em Dili, dos Cursos de Reciclagem de Agentes do Ensino Primário e do Ciclo Preparatório. Estes cursos representavam a grande arrancada da reestruturação do ensino em Timor, que suscitou tanto entusiasmo que levou quatrocentos e sessenta professores e monitores a se inscreverem.

Infelizmente, na noite de 10 para 11 de agosto de 1975, teve lugar um golpe da UDT contra a administração portuguesa, com a tomada de assalto do aeroporto, da emissora de rádio e outros pontos nevrálgicos e com alguns mortos. Deixou de haver condições de segurança e os cursos não puderam ter lugar.

Na brochura que Barbedo de Magalhães escreveu, em sucessivas edições, a última das quais em 2004, se descreve o projeto, a sua construção e abrupto cancelamento na hora em que ia começar a sua concretização (in BARBEDO DE MAGALHÃES, **A descolonização do ensino em Timor**. Testemunho de uma tentativa de descolonização do ensino em Timor, de acordo com um projeto elaborado em 1975, por uma comissão mista luso-timorense e cuja concretização foi abruptamente interrompida pela instabilidade política entretanto gerada.)

1981-1982 – Desenvolveu intenso trabalho junto de todos os grupos parlamentares para acordar Portugal para o risco iminente do desaparecimento da questão de Timor da agenda da ONU.

Quando, em julho de 1981, ao fim de seis anos de divergências, Barbedo de Magalhães conseguiu, finalmente, o acordo do Representante da FRETILIN em Portugal, para trabalhar numa base diferente da que esta força política sempre tinha exigido, isto é, reconhecimento de que Portugal era, ainda, Potência Administrante do Território Não-Autónomo de Timor, em vez do reconhecimento da declaração unilateral da independência pela FRETILIN feita em 28 de novembro de 1975, reconhecimento da FRETILIN como um dos legítimos representantes do Povo Timorense, em vez do reconhecimento da FRETILIN como o único legítimo representante do Povo Maubere, manifestou a sua disposição de dar tudo por tudo para que a autodeterminação fosse possível.

Em 1979 tinham caído todas as Bases da Resistência, destruídas pelas forças ocupantes indonésias e desde essa altura não havia notícias da Resistência no território. A situação era de tal maneira desesperada que a liderança da FRETILIN aceitou cooperar num trabalho de solidariedade baseado no oposto do que durante seis anos tinha insistentemente exigido e, com ela, a generalidade da solidariedade portuguesa e internacional.

Aliás as próprias Nações Unidas, nessa altura, o que procuravam, nas colónias dos países ocidentais, era encontrar movimentos de libertação que identificasse como legítimos para lhes entregar o poder. Sentia-se já, no ar, e sobretudo a partir de outubro de 1981, que o Governo Português estava a começar a preparar a opinião pública portuguesa para uma previsível derrota na votação sobre Timor prevista para o outono de 1982 na Assembleia Geral das Nações Unidas, que abriria o caminho ao desaparecimento, da agenda da ONU, da questão do genocídio timorense, da anexação pela Indonésia e da autodeterminação do Território.

Obtido o acordo do representante máximo da FRETILIN em Portugal, Barbedo de Magalhães começou, logo, em agosto, a entabular contactos com o Parlamento Europeu, aproveitando umas férias que fez na Bélgica e Holanda. Regressado a Portugal, logo que a Assembleia da República reabriu as suas atividades, Barbedo de Magalhães começou a contactar os diversos grupos parlamentares para tentar que fizessem alguma coisa que impedisse a continuação da inoperância dos sucessivos governos de Portugal e impedisse a derrota nas Nações Unidas.

Ao fim de oito meses de contactos com deputados de todas as bancadas, foi, finalmente, possível realizar, em 8 de maio de 1982, uma **Mesa Redonda sobre Timor Leste, uma Responsabilidade a Assumir** na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi a primeira reunião de deputados de todos os partidos com assento parlamentar (nessa altura eram nove, e nenhum faltou) para tratar da questão de Timor-Leste. Graças ao esforço conjugado de Barbedo de Magalhães com o Deputado Manuel Tilman, timorense, membro da Assembleia da República pela ASDI, e de outros deputados dos mais diversos quadrantes políticos, foi possível criar, em 1982, a primeira Comissão Eventual da Assembleia da República para Acompanhamento da Situação de Timor.

Foi extremamente importante o trabalho desta Comissão, primeiro na denúncia do genocídio em curso em Timor, e, depois, na constatação de que os sucessivos Governos, ao contrário do que o Primeiro-ministro da altura dizia, nada tinham feito na ONU para a defesa dos direitos dos timorenses.

Foi graças a esse trabalho e a essa denúncia que o Governo se viu obrigado, no verão de 1982, a enviar emissários a mais de quarenta países a pedir apoio para uma proposta de resolução a apresentar na Assembleia-Geral da ONU. Pela primeira vez, o texto votado pela Assembleia-Geral das Nações Unidas em 3 de novembro de 1982, foi subscrito, também, por Portugal, e, embora por uma margem de apenas quatro votos, foi aprovado (Resolução 37/30).

O resultado deixou a Indonésia e seus parceiros tão desapontados com este desfecho que nunca mais quiseram que fosse votada qualquer resolução sobre Timor.

Foi no quadro dessa fundamental resolução de 1982 que, em maio de 1999, os governos de Portugal e da Indonésia assinaram, em Nova Iorque, o acordo que abriu espaço ao referendo de autodeterminação realizado em Timor-Leste em 30 de agosto de 1999, sob os auspícios da ONU e que conduziu à independência de Timor-Leste. (Ver: António Barbedo de Magalhães – **Portugal e Timor-Leste, os anos críticos de 1960 a 1999**, in Povos e Culturas, nº 19, 2015, Timor-Leste e Portugal: Cinco Centúrias de Relacionamento; ISSN 0873-5921)

1983-1999 – Foi um dos fundadores, animadores e dirigentes a Associação Paz e Justiça para Timor-Leste, para informar cristãos e a hierarquia das igrejas Católica e Protestantes sobre o drama do Povo Timorense. Entre 1983 e 1999 editou e divulgou numerosos boletins da Associação Paz e Justiça para Timor-Leste. Além disso foi o autor de diversos artigos na Voz Portucalense, o semanário da diocese do Porto.

1989-1998 – Foi o principal organizador, no quadro das Jornadas de Timor da UP, de iniciativas para mobilizar meios académicos e políticos, nacionais e internacionais, para a solidariedade com o Povo de Timor.

No quadro das Jornadas de Timor da Universidade do Porto, a cuja Comissão Organizadora, criada em 1989, pertenceu, com o Reitor Professor Alberto Amaral e com o Pró-Reitor Nuno Grande organizou sucessivas Jornadas.

Algumas destas Jornadas duraram vários dias, outras estenderam-se ao longo de meses e, as 7^{as} e últimas jornadas duraram mais de dois anos, com numerosas conferências, debates, e outras iniciativas, muitas das quais no estrangeiro:

1989.09 – 1^{as} Jornadas – ‘História e Cultura dos Timorenses’ - com o objetivo de pôr timorenses da FRETILIN e da UDT a dialogar uns com os outros.

1990.04 a 1990.05 – 2^{as} Jornadas – ‘Timor-Leste Terra de Esperança’ - numa fase de dificuldades na frente diplomática da Resistência, para ajudar a ultrapassá-las.

1991.05 – 3^{as} Jornadas – ‘Timor-Leste, Portugal e a Comunidade Internacional’ – nas vésperas da visita do Papa a Portugal, para acordar o Vaticano para o drama timorense.

1992.03 – Participou e obteve o apoio da UP à Missão Paz, organizada pelo Dr. Rui Marques, que levou, em março de 1992, cerca de uma centena de jovens de 24 países, a bordo do Lusitânia Expresso, até às águas de Timor.

1992.04 – 4^{as} Jornadas – ‘Timor-Leste: Preparar o Futuro’, para dar força e esperança à solidariedade, depois do Massacre de Santa Cruz.

1993.07.22 a 29 – 5^{as} Jornadas - ‘Timor-Leste e a Indonésia: Caminhos para a Liberdade, a Autodeterminação e a Democracia’. Realizadas alguns meses depois da prisão de Xanana Gusmão, estas jornadas visaram, mais uma vez, dar força à solidariedade e à Resistência Timorense e dar força também ao movimento pró-democracia na Indonésia.

Pela primeira vez vieram a Portugal, de forma mais ou menos clandestina (Portugal não tinha relações diplomáticas com a Indonésia desde finais de 1975) para participar nestas jornadas, alguns democratas indonésios.

Participaram também dois filipinos que, nos anos seguintes organizaram importantíssimas conferências de solidariedade nas Filipinas e noutros países do Sudeste Asiático que tiveram um impacto mediático enorme, em grande parte por terem sido reprimidas por pressão do Governo Indonésio do General Suharto sobre os governos dos países onde estas iniciativas tiveram lugar.

1994.09.30 a 1994.10.02 – Conferência de Iserlohn, Alemanha, para dar força à solidariedade alemã, que estava moribunda, sete meses antes de uma visita do ditador indonésio à Alemanha programada para melhorar a imagem do Presidente Suharto na Europa.

Quando a visita teve lugar, em abril de 1995, a solidariedade alemã e internacional conseguiram transformá-la num pesadelo e uma humilhação para o General Suharto, Presidente da Indonésia, pelas visitas e espetáculos cancelados e pelas manifestações de rua a exigir a libertação de Timor e o fim da ditadura.

1994.10.04 a 1995.03.26 – 6^{as} Jornadas – Timor-Leste, uma Responsabilidade Internacional. Na linha da Conferência de Iserlohn, o objetivo foi dar força à solidariedade internacional.

De junho de 1995 a agosto de 1997 – 7^{as} Jornadas – ‘Libertar Timor-Leste e Apoiar a Democratização da Indonésia, duas Responsabilidades Internacionais’. Estas sétimas e últimas Jornadas de Timor da UP foram constituídas, sobretudo, por iniciativas internacionais, nomeadamente na Austrália e nos Estados Unidos, para mudar a opinião pública dos principais países apoiantes da ocupação indonésia. Nestas se inclui uma grande conferência que teve lugar na University of Technology de Sydney de 21 a 27 de junho de 1996, com cerca de trezentos participantes, muitos dos quais vindos da Indonésia e alguns até de Timor ocupado. Proporcionou a realização da maior reunião de movimentos pró-democracia indonésios até então realizada. Destas Jornadas fez parte a organização de conferências em 15 universidades americanas e canadianas sobre Timor-Leste e a Indonésia, com a participação de representantes Timorenses, pró-democratas Indonésios e, também, de uma importante delegação indonésia enviada pelo Governo do General Suharto.

As conferências tiveram lugar, nomeadamente, em Nova Iorque, Washington, Cambridge (Harvard U.), Providence (Brown U.), Baltimore (John Hopkins U.), Berkeley, S. Francisco e Vancouver. Participaram também representantes de sete universidades portuguesas. Este conjunto de iniciativas incluiu também contactos com congressistas americanos e, em 25 de fevereiro de 1997, a primeira audição do Caucus de Direitos Humanos do Congresso Americano sobre Timor-Leste onde testemunharam, entre outros, o Dr. Ramos Horta (Prémio Nobel da Paz de 1996) e o Professor indonésio George Aditjondro.

De 1998 a 2000 apoiou e foi coorganizador informal de importantes reuniões que puseram em contacto líderes da Resistência Timorense com gerais e outras personalidades indonésias altamente influentes.

Para isso procurou e obteve o apoio e colaboração do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI) de Lisboa e do seu Presidente, Álvaro de Vasconcelos, que assumiu, formalmente, a liderança na organização de três importantíssimas reuniões.

Com a colaboração do Representante da Resistência Timorense (CNRT) em Portugal, Dr. Roque Rodrigues, do democrata indonésio Soei Liong Liem e de Barbedo de Magalhães o IEEI conseguiu organizar, com o correspondente instituto holandês e a colaboração do Instituto de Estudos Estratégicos de Jacarta, Indonésia, um Seminário sobre **The Relations Between the European Union and Indonesia in the Context of the Asian Crises**. Neste Seminário, que teve lugar em 26 e 27 de outubro de 1998 no Clingendael, em Haia, na Holanda participaram vários timorenses, alguns dos quais membros do CNRT (Conselho Nacional da Resistência Timorense), nomeadamente o Dr. Roque Rodrigues e proeminentes intelectuais e militares indonésios entre os quais o General Susilo Bambang Yudhoyono. Falar com este importantíssimo e promissor general indonésio era um dos principais objetivos desta iniciativa.

O diálogo entre líderes da Resistência e este general e outras personalidades indonésias teve lugar e foi muito construtivo, apesar dum desagradável e perturbador incidente ocorrido no fim da 1^a reunião.

Seis anos mais tarde, em 2004, o General Susilo Bambang Yudhoyono foi eleito Presidente da Indonésia (tendo sido reeleito, terminou o seu 2^o mandato em 2014). Também participaram nesta reuniões especialistas e membros de outros institutos europeus de estudos estratégicos. Este Seminário abriu caminho a um frutuoso diálogo direto entre líderes timorenses e importantíssimas figuras indonésias, como era desejo da Resistência Timorense e, também de alguns destacados líderes indonésios.

O CNRT, representado por Roque Rodrigues, Soei Liong Liem e Barbedo de Magalhães também participaram informalmente na organização de um segundo Seminário sobre **The European Union and the Political Transition in Indonesia**, realizado em 29 e 30 de março de 1999, em Londres, na Chatham House (Royal Institute of International Affairs). Neste Seminário participaram numerosos especialistas em estudos estratégicos e relações internacionais, incluindo o Diretor do IEEI, Álvaro de Vasconcelos e três conselheiros do Presidente Habibie, vários professores universitários e investigadores da Indonésia, e de outros países, um marechal e dois generais indonésios, entre os quais o General Kiki Syahnakri. Este, viria a ser, meses mais tarde, o último comandante militar indonésio em Timor-Leste e o primeiro a reconhecer a necessidade da entrada de forças internacionais no território para restabelecer a paz e a segurança. Foi graças ao General Kiki Syahnakri que as forças da INTERFET puderam desembarcar em Timor-Leste em 20 de setembro de 1999 sem incidentes e pôr fim à destruição quase total do território que as forças ocupantes estavam a fazer, nesse setembro negro de assassinatos, incêndios de casas e instalações e deportações em massa.

Neste Seminário participaram, ainda, personalidades europeias e americanas e o Prémio Nobel da Paz timorense, Dr. José Ramos Horta, que teve numerosos encontros e diálogos com o General Kiki Syahnakri e com outros generais e personalidades indonésios.

Participaram também outros líderes timorenses, como Armindo Maia, Lucas da Costa e Constâncio Pinto, cujas conversas com os generais e outros líderes indonésios por certo terão influenciado o curso da história.

Do mesmo modo, Barbedo de Magalhães foi também um coorganizador informal da conferência sobre **The European Union, East Timor and Indonesia: Shaping a New Future**, realizado em Bogor, Indonésia, de 2 a 4 de maio de 2000, que contou com a participação de personalidades do maior relevo da política indonésia e timorense e importantes figuras da UNTAET (United Nations Transitory Administration in East Timor). Nesta conferência Barbedo de Magalhães foi, juntamente com o Professor Peter Carey, do Trinity College, Oxford University, crítico comentador da sessão sobre **Building the State and a democratic political system in East Timor**.

Esta conferência terminou com um jantar no Palácio Presidencial (Residência de verão) de Bogor, presidido pelo Presidente da República da Indonésia Abdurrahman Wahid (Gus Dur). Para grande surpresa sua (e de todos os convivas) no fim do jantar Barbedo de Magalhães foi chamado à mesa de honra porque o Presidente Wahid queria falar com o seu amigo do Porto, que conheceu em Ithaca, E.U.A., na Cornell University, no verão de 1992, e que o convidara, nessa altura, a vir a Portugal em 1993 para participar nas 5^{as} Jornadas de Timor da Universidade do Porto. O Presidente Indonésio, que estava quase completamente cego e por isso não viu o subscritor quando entrou na sala, não esquecera as duas conversas que, em privado, tivera com Barbedo de Magalhães, e nas quais fora claro um consenso quanto à necessidade da Indonésia se libertar do problema de Timor mediante um referendo sob os auspícios das Nações Unidas.

Porto, 15 de fevereiro de 2016

TEMA 2 - Celebrar 20 Anos Do Referendo (da independência) de Timor - O longo processo de autodeterminação do Povo de Timor-Leste e o papel da Solidariedade Portuguesa:

Cinco pouco conhecidas estratégias e ações desenvolvidas pela solidariedade portuguesa liderada por A. Barbedo em diversos contextos: CDPM-Porto, Paz e Justiça para Timor-Leste e COJTUP, António Barbedo de Magalhães

Nesta comunicação são apresentadas intervenções estratégicas da solidariedade portuguesa para vencer bloqueios que lhe restringiam, às vezes de forma radical, a sua eficácia e para desenvolver o impacto dos movimentos internacionais de solidariedade. São apresentadas cinco iniciativas que, pelo seu maior envolvimento direto, Barbedo de Magalhães melhor conhece.

São eles:

- 1.- O trabalho desenvolvido, na Assembleia da República, por António Barbedo de Magalhães, em representação da CDPM-Porto, de setembro de 1981 a maio de 1982, para que Portugal não esquecesse as suas responsabilidades como Potência Administrante;
- 2.- O apoio ao revigoreamento dos movimentos indonésios Pró-Democracia e da cooperação entre os povos de Portugal, Indonésia e Timor-Leste.
- 3.- O reavivar da solidariedade alemã, 8 meses antes da visita do Presidente Suharto à Alemanha.
- 4.- O empoderamento da solidariedade internacional, especialmente na Austrália, em maio e junho de 1995, e mais tarde, a seguir à atribuição do Prémio Nobel da Paz ao Bispo Ximenes Belo e ao Dr. Ramos Horta, nos Estados Unidos e no Canadá, em 1997 (7^{as} Jornadas de Timor da UP).
5. A colaboração na organização de duas muito importantes conferências, uma em Haia, na Holanda e outra em Londres, destinadas a pôr em contacto direto dirigentes da Resistência Timorense e muito importantes figuras indonésias, incluindo generais das forças armadas indonésias.

1. O trabalho desenvolvido, na Assembleia da República, por António Barbedo de Magalhães, em representação da CDPM-Porto, de setembro de 1981 a maio de 1982, para que Portugal não esquecesse as suas responsabilidades como Potência Administrante

Em 1975, enquanto as autoridades portuguesas trabalhavam para criar condições para um processo democrático de autodeterminação do território de Timor sob sua Administração, as principais potências anglófonas e os seus serviços secretos procuravam criar instabilidade para justificar uma invasão feita no interesse do Ocidente, com forças indonésias, tendo como objetivo principal a integração do território na Indonésia.

Essa integração era o objetivo principal de um acordo secreto, estabelecido, em 1963, entre os governos da Austrália, dos Estados Unidos da América, do Reino Unido e da Nova Zelândia, que permaneceu secreto até 2007, quando o investigador português Moisés Silva Fernandes deu a conhecer os resultados das suas investigações feitas no Arquivo Nacional da Austrália e no “*Foreign Office*” britânico²⁴.

Para provocar a instabilidade que o Ocidente desejava, foi utilizada a UDT que, na noite de 10 para 11 de agosto desencadeou um golpe para forçar o governo do território a prender os principais líderes da FRETILIN. Como o Governo de Timor Português não aceitou ceder a essa exigência nem conseguiu que se chegasse a um acordo entre as duas principais forças políticas timorenses, em 20 de agosto teve início uma curta guerra civil entre a UDT e a FRETILIN, durante a qual as forças da UDT foram fugindo para a fronteira com a Indonésia, à qual pediram refúgio. As autoridades indonésias, no entanto, só lho facultaram na condição de previamente assinarem um pedido de integração na Indonésia.

A partir daí, o Governo Indonésio ficou com um pretexto para invadir e anexar o território, ‘a pedido dos timorenses’, e as potências anglófonas com um pretexto para silenciar o problema e apoiar política e diplomaticamente a invasão e a anexação, e mesmo para fornecer armas (sobretudo aviões para a luta antiguerrilha) à Indonésia. Neste clima de instabilidade e com uma enorme exiguidade de forças, as autoridades portuguesas abandonaram a ilha principal (Timor) e instalaram-se, temporariamente, na pequena ilha de Ataúro (que também fazia parte do território de Timor sob administração portuguesa). Na sequência de insistentes pedidos da FRETILIN para que as autoridades portuguesas regressassem à ilha principal e continuassem o processo de descolonização, a que estas nunca responderam por não terem forças para resistir a quaisquer manobras desestabilizadoras de terceiros, não poderem contar com o mínimo apoio australiano, nem sequer para obter gásóleo para a única fragata portuguesa que, entretanto, foi enviada de Lisboa para o território.

Ciente de que a Indonésia e os seus aliados preparavam uma invasão, e numa tentativa de despertar a comunidade internacional para o que se preparava, a FRETILIN declarou, unilateralmente, a Independência, em 28 de novembro de 1975. A partir dessa data a FRETILIN passou a exigir que Portugal reconhecesse a RDTL – República Democrática de Timor-Leste, o que Portugal felizmente não fez.

Desde o início Barbedo de Magalhães sempre manifestou a sua total discordância relativamente a essa exigência da FRETILIN, apesar de considerar que, do ponto de vista do direito internacional, a declaração unilateral de independência era legítima, pois satisfazia todas as exigências prevista na lei internacional. Mas Barbedo tinha plena consciência de que, se Portugal reconhecesse a RDTL deixaria, automaticamente, de poder assumir as suas responsabilidades de Potência Administrante; o território e o Povo de Timor-Leste deixariam de ter quem os representasse nas Nações Unidas e, daí até ao desaparecimento completo da questão no plano internacional ia apenas um passo. Por isso é que, quando nos finais de 1975 se criou a Associação de

²⁴ Nessa altura Moisés Fernandes teve a gentileza de fornecer pessoalmente essas informações a António Barbedo de Magalhães, que estava a terminar o seu livro em 3 volumes, «Timor-Leste, Interesses Internacionais e atores locais», onde a colocou. Quase simultaneamente a Agência Noticiosa Lusa publicou, às 12:19 do dia 16 de novembro de 2007, uma notícia a dizer isso e que, nessa altura “Estava escrito em Washington que Portugal era o peão a cair”, em nome dos interesses das potências ocidentais no sudeste asiático.

Amizade Portugal/Timor-Leste (AAPT), Barbedo recusou, sempre, os convites para ser membro da mesma e foi claríssimo, com todos, FRETILIN e membros da Associação, dos motivos pelos quais o recusava. Aliás avisou sempre, uns e outros, dos riscos de perder o único grande aliado que o Povo de Timor-Leste poderia ter, formalmente, na ONU, que era Portugal como Potência Administrante como tal reconhecida pela ONU.

O objetivo das iniciativas na Assembleia da República em 1981/1982 foi lembrar, ao Parlamento, as responsabilidades de Portugal como Potência Administrante de Timor Português e convencer o Governo da necessidade urgente de agir para impedir que a questão da autodeterminação do território desaparecesse da agenda das Nações Unidas.

Desde o início (dezembro de 1975), Barbedo também sempre discordou da exigência da FRETILIN de ser considerada como a única legítima representante do Povo de Timor-Leste, apesar das Nações Unidas desejarem sempre encontrar um único legítimo representante, para facilitar os processos de autodeterminação. Barbedo considerava que, para os timorenses atingirem os seus objetivos, era crucial conquistar o apoio dos povos dos mais importantes países democráticos, o que não conseguiriam (a não ser marginalmente) se insistissem em ser considerados como os únicos legítimos representantes do Povo de Timor-Leste. Desde a invasão de Timor-Leste, em dezembro de 1975, os sucessivos governos portugueses foram muito pressionados, e de forma crescente, pelos seus aliados ocidentais, para deixar cair, da agenda da ONU, a questão da ocupação e da autodeterminação. Se Portugal deixasse que isso acontecesse, as críticas internacionais relacionadas com esta matéria crucial cessariam e as relações económicas e políticas dos países ocidentais com o regime do General Suharto deixariam de ter esse estorvo a perturbá-las.

Sabia-se que, em 1979, as últimas bases da Resistência Timorense tinham caído em mãos indonésias. Já se tinham passado dois anos sem quaisquer notícias da Resistência nas montanhas. Barbedo sentia que, neste contexto, a pressão das potências ocidentais (os mais importantes 'aliados' e 'amigos' de Portugal) estava a crescer ainda mais, porque estas potências consideravam que era chegado o tempo de dar um golpe de misericórdia para fazer desaparecer a incómoda questão de Timor-Leste da Agenda da Assembleia Geral das Nações Unidas. Face ao risco iminente de isto poder acontecer, em junho de 1981, (a seguir a uma sessão do '*Permanent People's Tribunal*' - um tribunal internacional de opinião - que teve lugar em Lisboa para apreciar a questão da invasão e ocupação de Timor-Leste face ao direito internacional, em que se tornou evidente que a situação no território era desesperada), Barbedo insistiu, mais uma vez, junto de Abílio Araújo, o Representante da FRETILIN em Portugal, para a imperiosa necessidade desta mudar a sua estratégia. Com efeito, sem isso, como poderia a solidariedade (da CDPM Porto) desenvolver um grande trabalho político e diplomático de mobilização para que Portugal assumisse efetiva e eficazmente as suas responsabilidades de Potência Administrante de Timor Português, se, ao mesmo tempo a FRETILIN continuasse a exigir ao Governo Português que reconhecesse a independência.

De facto, como poderia Portugal assumir o seu papel de Potência Administrante de um território que considerasse já independente?

Felizmente, em julho de 1981, Abílio Araújo concordou com a estratégia de António Barbedo de Magalhães, a quem informou que, na próxima reunião de líderes da FRETILIN, que teria lugar pouco depois (agosto/setembro de 1981) em Maputo, Moçambique, levantaria essa questão. Em setembro de 1981, regressado da importante reunião de líderes da FRETILIN no exterior (fora de Timor-Leste), Abílio de Araújo informou Barbedo de que a FRETILIN tinha decidido respeitar as pré-condições necessárias para viabilizar a estratégia que visava convencer o Parlamento Português, e através deste, o Governo Português, a assumir efetivamente as suas responsabilidades de Potência Administrante e dar o seu acordo à estratégia que, em julho de 1981, Barbedo de Magalhães lhe tinha apresentado. Este acordo abriu, finalmente, as portas ao começo da concretização de um amplo trabalho político e diplomático junto de todos os partidos representados na Assembleia da República, sem uma única exceção. Este apoio e participação de todos os partidos com assento parlamentar, permitiu, finalmente, abrir caminho à concretização de uma verdadeira política nacional respeitadora da dignidade e dos direitos

dos timorenses e, simultaneamente, respeitadora dos deveres e obrigações de Portugal, como Potência Administrante e igualmente respeitadora da sua própria Dignidade e do Sentido da sua História.

Mesmo antes de Abílio Araújo regressar de Moçambique e informar António Barbedo da reação das restantes líderes da FRETILIN, já em agosto de 1981, durante as férias que este fez na Bélgica e na Holanda, Barbedo fez contactos com parlamentares belgas e europeus ou os seus secretariados em Bruxelas. Ficou, assim, a saber que em 23 de maio de 1980 o Parlamento Europeu tinha aprovado uma proposta da eurodeputada socialista Ien van den Heuvel de uma Resolução que propunha que se criasse uma comissão internacional para investigar as violações dos Direitos Humanos em Timor-Leste desde a invasão. Quando soube disso, Barbedo decidiu visitar a deputada Ien van den Heuvel na sua casa de férias, numa pequena aldeia na Holanda. Encontrou-a extremamente triste porque nenhum jornal ou partido político português tinha tido a menor reação a esta aprovação. Mesmo o Partido Socialista Português tinha manifestado o mínimo interesse nesta iniciativa ou sequer divulgado a informação. Mais de um ano passado sobre a data da aprovação, ainda ninguém sabia (ou queria saber) que a resolução tinha sido aprovada, o que, naturalmente, lhe destruiu quase completamente o impacto e as eventuais consequências que poderia ter tido para a defesa dos Direitos Humanos do Povo de Timor-Leste e para o reforço da capacidade política de ação da Potência Administrante.

A deputada holandesa ficou feliz quando Barbedo lhe disse que a Resolução que tinha proposto e conseguido fazer aprovar no Parlamento Europeu iria ser utilizada por ele como pretexto para dar início a uma campanha a que queria dar início no parlamento português, em setembro desse ano de 1981. Iria mostrar a resolução a deputados de todos os partidos com assento parlamentar e iria dizer-lhes que, se o Parlamento Europeu tinha conseguido aprovar uma resolução tão importante e contrária ao silenciamento que os grandes interesses europeus desejavam, isso significava que esses interesses não eram uma barreira impossível de vencer, como muitos deputados e partidos políticos portugueses pensavam e diziam, e que mesmo na União Europeia era possível lutar, solidariamente, pela defesa dos direitos do Povo de Timor-Leste. Ultrapassar este preconceito era crucial para mudar a mente dos deputados e fazê-los acreditar que talvez ainda conseguissem fazer alguma coisa para criar condições para o Povo de Timor-Leste alcançar a sua autodeterminação e para convencer o Governo Português de que ainda poderia levar até ao fim as suas obrigações de Potência Administrante.

Uma vez aprovada a nova estratégia da FRETILIN, que foi transmitida a Barbedo em setembro de 1981, aquando do regresso a Portugal de Abílio Araújo, acompanhado por outros dirigentes da FRETILIN, António Barbedo de Magalhães envolveu-se completamente neste trabalho político junto da Assembleia da República. Entretanto, em outubro de 1981, alguns dos mais importantes jornais e canais de televisão portugueses começaram a preparar a opinião pública portuguesa para a prevista (e, por alguns, desejada) derrota de uma qualquer resolução favorável à autodeterminação de Timor a ser votada no outono de 1982 na Assembleia Geral das Nações Unidas, como vinha acontecendo todos os anos desde a invasão, com um número de votos a favor cada vez mais reduzido. De facto, na RTP passaram dois documentários, feitos em parte com filmes indonésios, em que se mostravam soldados indonésios a construir, estradas e a apoiar lavradores timorenses nos seus trabalhos agrícolas. A reportagem dizia que tinham morrido muitos timorenses na Guerra Civil em que, em agosto de 1975, a FRETILIN e a UDT se envolveram durante algumas semanas, que tinham depois morrido também bastantes timorenses na fase inicial da invasão indonésia (em dezembro de 1975) mas que, então (outubro de 1981), o território já estava em paz. As culpas de tudo o que se tinha passado em Timor em 1975 era atribuída, pelos principais órgãos de comunicação social portugueses, aos partidos de esquerda, nomeadamente ao PS e ao PCP, que em 1981 já não faziam parte do Governo.

Nessa altura ainda não era conhecido o que alguns anos mais tarde deixou de ser segredo: depois de muito pressionado, em dezembro de 1981 o Governo Português tinha concordado com os governos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Austrália e da Indonésia numa estratégia que levasse à derrota da votação de uma resolução a submeter à Assembleia Geral das Nações Unidas no outono de 1982. Mais se veio a saber que, em dezembro de 1981, uma importante delegação indonésia se tinha deslocado a Lisboa, onde se instalou num hotel durante mais de uma semana, para reuniões secretas com agentes portugueses, a fim de combinarem os pormenores da farsa que iria viabilizar esta derrota de uma resolução sobre a invasão e ocupação indonésia e o direito à autodeterminação de Timor-Leste, sem que se tornasse óbvia qualquer conivência do lado português. Nem Barbedo nem qualquer outra pessoa da solidariedade portuguesa sabiam o que quer que fosse sobre este acordo secreto. Apenas tinham o *'feeling'* de que alguma coisa estava a ser tramada nas suas costas e nas costas do Povo de Timor-Leste. Era claro que a eliminação da questão de Timor-Leste da agenda da ONU seria, mais tarde ou mais cedo, o resultado das pressões que os nossos *'aliados'* ocidentais e alguns outros países tinham feito desde o início e continuavam a fazer, cada vez com maior força, quaisquer que fossem as cores políticas dos sucessivos governos de Portugal, da esquerda ou da direita, como tinha acontecido com governos comunistas e socialistas, a seguir ao 25 de abril, e, mais recentemente sobre um governo da Aliança Democrática (PSD-CDS) e que continuariam a fazer sobre os governos seguintes, até eliminarem a questão da agenda internacional, se nada de muito significativo e eficaz fosse feito para travar essa tendência.

Ao fim de pouco mais de meio ano de trabalho político na Assembleia da República, junto de deputados de todos os 9 partidos que nessa altura a integravam, em 2 de abril de 1982 foi aprovada, pelo Parlamento, a decisão de criar a Comissão Eventual para Acompanhamento da Situação em Timor-Leste. A escolha e eleição dos deputados que a deviam integrar ficou para mais tarde. A fim de pressionar a constituição efetiva desta Comissão Eventual, em 8 de maio de 1982 a Comissão para os Direitos do Povo Maubere - Porto, conseguiu levar a cabo, na Escola Superior das Belas Artes do Porto, (apesar das tentativas de boicote de que foi alvo), de uma Mesa Redonda sobre «Timor-Leste, uma Responsabilidade a Assumir». Esta Mesa Redonda, contou com a participação de deputados de todos os nove partidos com assento parlamentar e de um conjunto diversificado de jornalistas convidados.

O público, cerca de 250 pessoas, encheu completamente não só os lugares, mas também os degraus do Anfiteatro das 'Belas Artes'. A cobertura jornalística, no entanto, foi fraquíssima, quase nula, devido às pressões de quem continuava a apostar numa derrota na ONU. Exatamente um mês depois desta Mesa Redonda, em 8 de junho de 1982, ficou, finalmente, definida a constituição desta Comissão, foi eleito o seu Secretariado, e foi aprovado o Programa desta primeira Comissão Eventual para Acompanhamento da Situação em Timor-Leste.

Nas legislaturas seguintes foram sendo criadas sucessivas comissões eventuais, que mantiveram a questão viva na Assembleia da República até ao Referendo de Autodeterminação do Povo de Timor-Leste, realizado em 30 de agosto de 1999. Quem presidiu a esta primeira Comissão Eventual foi o Deputado da ASDI Manuel Tilman, advogado timorense, que desempenhou um papel importantíssimo na sua criação. Com ele foram eleitos dois secretários: o deputado Lemos Damião, do PSD e o Deputado Aarons de Carvalho, do PS. Em junho-julho de 1982 estes três deputados deslocaram-se à Austrália, onde falaram com muitos refugiados que os informaram de que os massacres e as violações dos direitos humanos continuavam a ser terríveis. Quando o Secretariado da Comissão Eventual regressou a Portugal, informou a comunicação social portuguesa de que o genocídio, às mãos das forças de ocupação indonésias, prosseguia. Depois, o Secretariado da Comissão Eventual deslocou-se a Nova Iorque, à Sede das Nações Unidas. Aí foi recebido pelas representações de cerca de meia centena de países.

Nessas reuniões as representações visitadas disseram-lhes sempre o mesmo: «*Da Indonésia recebemos muitos relatórios a dizer que estão a construir estradas, escolas e hospitais e que as relações entre os militares indonésios e as populações, a quem estes ajudam, nos seus trabalhos agrícolas e outros, são boas; de Portugal, nunca recebemos qualquer relatório.*»

De posse destas informações, a Comissão Eventual da Assembleia da República fez uma discreta, mas muito forte e eficaz pressão junto do governo e este teve que mudar completamente de atitude e de reagir. Em 29 de janeiro de 1981 o Jornal de Notícias tinha publicado um extenso artigo cujo título de 1ª página era «*Timor-Leste: Governo (impotente) endossa o problema a Eanes*». Mais adiante dizia: «*O Governo considera ter esgotado todas as possibilidades de atuação. Ao que parece entendeu transferir a “batata quente” para as mãos do Presidente da República*» (Barbedo de Magalhães, 2007:516).

No verão de 1982 o Primeiro-ministro Francisco Pinto Balsemão concordou, finalmente, em desencadear, em conjunto com o Presidente da República, General Ramalho Eanes, uma muito forte e urgente campanha diplomática, nomeadamente junto de países africanos e da América Latina, para conseguir o apoio do maior número possível de países para uma proposta de resolução que, pela primeira vez, iria ser submetida à Assembleia Geral da ONU por Portugal e não por outros países de língua oficial portuguesa, como tinha acontecido nos anos anteriores. Em 23 de setembro de 1982, aproximando-se a reunião do outono da Assembleia Geral das Nações Unidas, a Comissão para os Direitos do Povo Maubere - Porto organizou uma segunda Mesa Redonda, também na Escola Superior das Belas Artes do Porto, desta vez sobre «*Timor-Leste, Portugal e a ONU*». O objetivo era promover o reforço da cooperação entre o Governo e o Presidente da República, que, entretanto, se tinha começado a estabelecer, e aumentar a convicção do Governo Português na campanha diplomática conjunta, para evitar uma derrota na ONU.

Apesar do pessimismo do governo, manifestado em 29 de janeiro, graças ao sucesso da campanha desencadeada pela solidariedade, quer dentro quer fora do parlamento e do trabalho feito em conjunto pelo Presidente Ramalho Eanes e pelo Primeiro-ministro durante o verão, em 28 de setembro de 1982, quando o Primeiro-Ministro Francisco Pinto Balsemão partiu para Nova Iorque, para participar na reunião da Assembleia Geral da ONU, a imprensa podia afirmar que Eanes e Governo estavam em sintonia relativamente a Timor e que o Primeiro-ministro Pinto Balsemão, finalmente confiante, afirmava que a força da razão estava do nosso lado. Em resultado desta campanha de última hora, o texto proposto por Portugal foi aprovado, em 3 de novembro de 1982, ficando com a designação de Resolução 37/30, de 1982. Foi-o só por 4 votos de diferença, mas o importante é que foi aprovada. Isso foi o suficiente para a questão da ocupação e da autodeterminação de Timor-Leste continuar viva na ONU. Foi tal o choque, para os governos da Indonésia, dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Austrália, e de outros países ocidentais, que davam como certa a derrota da resolução, que nunca mais quiseram submeter a votação qualquer outra resolução sobre Timor-Leste. Foi com base nesta resolução de 1982 que, em maio de 1999, a Indonésia e Portugal chegaram a um acordo, sob os auspícios das Nações Unidas, para uma consulta popular ao Povo de Timor-Leste que foi, de facto, um Referendo de Autodeterminação, que levou à Independência do território.

De facto, 17 anos depois de aprovada a Resolução 37/30, de 1982, em 5 de maio de 1999, num quadro político internacional que, entretanto, tinha mudado muito e numa situação de crise e de transição do Regime Indonésio do General Suharto, Portugal e a Indonésia assinaram, sob os auspícios do Secretário Geral da ONU, um acordo (Acordo de Nova Iorque) que abriu caminho a uma Consulta Popular ao Povo de Timor-Leste. Esta Consulta Popular, organizada pelas Nações Unidas, realizou-se em 30 de agosto de 1999. Apesar das terríveis ameaças e massacres a que, mais uma vez, foram sujeitos os timorenses, pelas forças indonésias e pelas milícias por estas criadas, armadas e pagas, votaram 98,9% dos eleitores inscritos, sendo 78,5% dos votos favoráveis à Independência. No mês seguinte, o setembro Negro de 1999, militares indonésios e milícias ainda fizeram grandes massacres e levaram à força

para a Indonésia mais de um quarto da população, para dizerem que o povo não tinha aceite o resultado e, por isso, fugia para a Indonésia. Mas era demasiado evidente a vontade democraticamente expressa pelo Povo Timorense e, com o apoio da ONU e de uma Força Internacional de Paz, depois de quase todas as cidades e vilas de Timor terem sido reduzidas a cinzas, a paz voltou e a independência da República Democrática de Timor-Leste (RDT-L) foi, finalmente, reconhecida, pela ONU e por todos os estados que a integram, em 20 de maio de 2002.

2. O apoio ao revigoramento dos movimentos indonésios Pró-Democracia e da cooperação entre os povos de Portugal, Indonésia e Timor-Leste

Com este objetivo a UP convidou vários cidadãos indonésios, residentes na Indonésia, para participarem nas 5^{as} Jornadas de Timor da Universidade do Porto. Estas tiveram lugar na região de Lisboa (abertura no LNEC e continuação no Centro Escolar Turístico e Hoteleiro do Estoril) de 22 a 29 de julho de 1993. Portugal tinha cortado todas as relações com a Indonésia, na sequência da invasão de Timor por forças deste país, em 7 de dezembro de 1975. A iniciativa da COJTUP tinha riscos, porque muitos dos participantes timorenses tinham visto e sofrido horrores, às mãos de indonésios, e a iniciativa só seria útil se se estabelecessem relações de confiança e cooperação entre uns e outros. Felizmente o timorense que deu início à sessão em que timorenses e indonésios iriam falar começou a sua intervenção dizendo: *«Irmãos indonésios, aqui percebemos que vocês sofrem, tal como nós, debaixo da mesma ditadura. O inimigo é o mesmo, a ditadura de Suharto e os nossos dois povos estão do mesmo lado da barricada (...)»*. Na sequência desta intervenção, o ambiente, que estava extremamente tenso, devido a muitos fatores estranhos à organização, desanuviou completamente. O objetivo principal destas Jornadas da UP foi alcançado. A cooperação entre timorenses, indonésios e portugueses reforçou-se enormemente.

3. O reavivar da solidariedade alemã, 8 meses antes da visita do Presidente Suharto à Alemanha

A solidariedade alemã para com a Resistência Timorense tinha sido bastante forte, nos primeiros anos da ocupação. O facto de que, entretanto, as Bases da Resistência foram todas caindo e sendo destruídas pelas forças indonésias, entre 1977 e 1979, e que cessaram completamente as notícias sobre a Resistência, fez com que a solidariedade alemã se fosse apagando.

Quando, em 1993 António Barbedo, Liem Soei Liong e Pedro Pinto Leite procuraram encontrar alguns velhos militantes da Causa, para chamarem a atenção da opinião pública internacional para a dramática e completamente ilegal ocupação do território pela Indonésia, aquando duma visita que o Presidente da Indonésia iria fazer à Alemanha em maio de 1995, não foi fácil encontrar movimentos nem pessoas dispostas a assumir esta missão; ao fim de alguns meses, no entanto, foi possível reencontrar alguns dos raros cidadãos alemães que tinham participado na Missão Paz em Timor (Lusitânia Expresso) e nas V Jornadas de Timor da UP e mais alguns membros da antiga solidariedade alemã pós-invasão (1975 a 1977) até conseguir encontrar apoio suficiente para organizar uma conferência de solidariedade na Academia Evangélica de Iserlohn, que teve lugar de 30 de setembro a 2 de outubro de 1994.

Felizmente esta conferência teve um efeito despertador e motivador para muitos alemães, nomeadamente jovens, e para alguns indonésios residentes na Alemanha, que entre outubro de 94 e abril de 1995 organizaram e prepararam manifestações de rua contra a ocupação e as violações dos direitos humanos em Timor-Leste e, por sua vez, influenciaram artistas, autarcas e personalidades políticas influentes.

Quando a visita do General Suharto, Presidente da Indonésia, acompanhado do seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, Ali Alatas, finalmente teve lugar, em abril de 1995, graças ao trabalho destas pessoas, a visita, em vez de lhe permitir melhorar a sua imagem na Europa e no Mundo foi um completo fiasco. O Presidente Indonésio planeava visitar Weimar, a capital cultural (e também política, a seguir à I Guerra Mundial., mas a vereação disse que não recebia assassinos. O General Suharto desejava assistir a um espetáculo de ópera em Berlim, e os músicos e cantores informaram que começariam com

um minuto de silêncio pelas vítimas timorenses. As insistentes e incisivas manifestações de rua fizeram o grande diplomata Ali Alatas irritado, perder completamente a compostura. Enfim, para a imagem da Indonésia e do seu regime ditatorial foi um completo fracasso.

4. O empoderamento da solidariedade internacional, especialmente na Austrália, em maio e junho de 1995, e mais tarde, a seguir à atribuição do Prémio Nobel da Paz ao Bispo Ximenes Belo e ao Dr. Ramos Horta, nos Estados Unidos e no Canadá, em 1997 (7^{as} Jornadas de Timor da UP)

Na Austrália, a iniciativa mais importante teve lugar na *University of Technology of Sydney*, de 21 a 27 de junho de 1996. Na Conferência de solidariedade aí organizada pela COJTUP, com esta e mais duas universidades australianas, participaram cerca de 300 pessoas. Entre estes incluíam-se representantes de cerca de 20 organizações pró-democracia indonésias. Algumas pessoas diziam que, dado o número de movimentos representados, era o maior encontro de organizações pró-democracia indonésias alguma vez realizada até então. Participaram também alguns professores universitários e jornalista indonésios, australianos, portugueses e de outros países e até alguns timorenses vindos de Timor-Leste, alguns com nomes e documentos falsos para poderem sair de Timor. Um deles veio da guerrilha, nas montanhas, e algumas semanas depois foi filmado numa montanha de Timor a atacar uma patrulha indonésia.

O impacto desta iniciativa nos movimentos pró-democracia indonésios e nas suas ligações internacionais, nomeadamente com organizações timorenses, australianas e portuguesas, foi enorme. O facto de, pouco depois, em dezembro de 1996, o Dr. Ramos Horta, figura proeminente da Resistência Timorense, ter recebido o Prémio Nobel da Paz, conjuntamente com o Bispo Ximenes Belo, Administrador Apostólico da Diocese de DILI, deu novo *elan* e prestígio à Resistência. Muitas portas, antes completamente fechadas a qualquer iniciativa de solidariedade com a luta do Povo de Timor-Leste pela sua dignidade, Liberdade e Independência, começaram, finalmente, a abrir-se.

Os grupos de solidariedade ETAN-USA e ETAN-Canadá, entretanto criados, deram um apoio importantíssimo. Graças à sua extremamente eficiente colaboração, em fevereiro de 1997 foi possível realizar 15 conferências, em 13 universidades americanas e em duas canadianas. As universidades canadianas escolhidas foram ambas de Vancouver, onde o General Suharto iria em novembro desse ano para participar numa Conferência da APEC (*Asia Pacific Economic Conference*).

Ainda mais importante do que as conferências, foi a audição, pelo *Human Rights Caucus* do Congresso dos EUA, dos testemunhos de Ramos Horta, do Professor Indonésio George Aditjondro e de dois proeminentes timorenses, que denunciaram as violações dos direitos humanos em Timor, sob ocupação indonésia, e as torturas feitas por militares indonésios a muitos milhares de timorenses. Um dos congressistas presentes nesta audição foi o Senador Patrick Kennedy. Poucos meses depois desta audição, o Congresso Americano aprovou uma resolução cortando uma parte significativa do apoio militar à Indonésia. Uma outra audição, na Legislatura (Parlamento) do Estado do Massachusetts, teve como consequência a proibição de realização de contratos do Estado do Massachusetts com empresas americanas ou europeias que tivessem quaisquer negócios com a Indonésia.

5. A colaboração na organização de duas muito importantes conferências, uma em Haia, na Holanda e outra em Londres, destinadas a pôr em contacto direto dirigentes da Resistência Timorense e muito importantes figuras indonésias, incluindo generais das forças armadas indonésias.

A ideia de organizar estas duas iniciativas partiu da Resistência e foi, inicialmente, apresentada a António Barbedo de Magalhães pelo Representante da Resistência em Portugal, Dr. Roque Rodrigues. A sua sugestão era que perguntássemos ao Diretor do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos e Internacionais de Lisboa, Álvaro Vasconcelos, se podia sugerir ao instituto holandês, Clingendael, que contactasse o *Jakarta Institute for Strategical Studies*, da Indonésia, para averiguar da sua receptividade à ideia de participarem na organização dum tal Seminário, que seria organizado pelo instituto holandês, em Haia, com a colaboração do instituto indonésio e do instituto português dirigido por Álvaro Vasconcelos. Barbedo aderiu imediatamente ao projeto

que a Resistência lhe apresentou pela voz de Roque Rodrigues, e falou ao Diretor do instituto português, que concordou em contactar com o instituto holandês, que, por sua vez, contactou o de Jacarta.

Felizmente todos reagiram positivamente e a partir daí a iniciativa começou a tomar corpo, com uma importante participação de Liem Soei Liong, um cidadão indonésio a residir na Europa desde 1966 e que desempenhava um papel muito importante no Movimento Pró-democracia indonésio.

A primeira destas duas iniciativas teve lugar em 26 e 27 de outubro de 1998, no *Clingendael - the Netherlands Institute of International Relations*. O título foi: «*The Relations Between the European Union and Indonesia in the Context of the Asian Crises*». Nesta conferência o líder timorense Roque Rodrigues (que mais tarde se tornaria Secretário de Estado da Defesa de Timor-Leste) teve conversas muito importantes com o General Susilo Bambang Yudhoyono que, em 2004, se tornaria no 2º Presidente da Indonésia eleito democraticamente.

A segunda teve lugar em 29 e 30 de março de 1999, na Chatham House (*Royal Institute of International Affairs, London*). O título da conferência foi: «*Seminar on The European Union and the Political Transition in Indonesia*».

Entre os participantes figuravam três Conselheiros do Presidente Bacharuddin Jusuf Habibie (Presidente de transição que se seguiu à demissão de Suharto, até à eleição de novo Presidente), muitos especialistas em Relações Internacionais, proeminentes professores e investigadores indonésios e de outros países, um marechal e três generais indonésios. Um deles era o General Kiki Syahnakri, que se tornaria, seis meses depois, no último Comandante Militar indonésio de Timor-Leste. Foi ele que, em finais de setembro de 1999 assumiu que estava incapaz de assegurar condições de segurança em Timor-Leste e pediu às *International Peace Forces*, lideradas pela Austrália, para desembarcarem em Timor para restabelecer a paz e a segurança no território, que se tinha degradado, mais uma vez, depois do Referendo.

Neste 2º seminário participou também o Prémio Nobel da Paz José Ramos Horta e outros proeminentes líderes timorenses, bem como diversas personalidades europeias e americanas. É muito provável que as conversações de Ramos Horta e outros líderes timorenses com os Generais indonésios e os Conselheiros do Presidente Habibie tenham tido uma grande influência no restabelecimento da paz e da segurança em Timor-Leste e na libertação, finalmente, do Povo de Timor, do flagelo da ocupação.

Finalmente tornou-se possível reconstruir o país em Paz e Liberdade e abrir caminho para o reconhecimento internacional da Independência de Timor-Leste, numa cerimónia em que o Povo Timorense teve consigo o Secretário-geral da ONU, Kofi Annan, os Presidentes de Portugal e da Indonésia e numerosas personalidades de todo o Mundo.



powerpoint
barbedo final.pdf

[Ver POWERPOINT AQUI](#) PPT

REFERÊNCIAS

Barbedo de Magalhães, António. (2007). Timor-Leste, Interesses internacionais e atores locais, Edições Afrontamento, vol. II, ISBN: 978-972-36-0935-6

PARTICIPOU NO 4º COLÓQUIO DA LUSOFONIA EM BRAGANÇA 2005

10. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA, TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012) PRESENCIAL



GRACIOSA 2015

MONTALEGRE 2016

BELMONTE 2017

VILA DO PORTO 2017

António Callixto, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico. Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012). António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução. Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos. Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira. Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe). Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia. Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco. Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução. Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.

É SÓCIO DA AICL.

- PARTICIPOU NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO, 24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018

11. BONIFÁCIO BELO, SEGUNDO-SECRETÁRIO DA EMBAIXADA DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE EM LISBOA, CONVIDADO AICL

É DIPLOMATA, SEGUNDO-SECRETÁRIO DA EMBAIXADA EM LISBOA.

Pós-Graduação de Ciências Sociais, Políticas e Militares no Instituto de Defesa Nacional de Timor-Leste ministrada pelo ISCSP, Universidade de Lisboa.



MONTALEGRE 2016

**TRATA-SE DA QUINTA PARTICIPAÇÃO DA EMBAIXADA NOS NOSSOS COLÓQUIOS
4º COLÓQUIO BRAGANÇA EM 2005 COM A EMBAIXADORA PASCOELA BARRETO,
22º COLÓQUIO EM SEIA COM O ADIDO CULTURAL JOSÉ AMARAL,
25º COLÓQUIO EM MONTALEGRE 2016 BONIFÁCIO BELO
29º COLÓQUIO EM BELMONTE 2018 EMBAIXADORA MARIA DA PAIXÃO COSTA**

12. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO - ANA CAROLINA ANDRADE CONSTÂNCIA.



28º VILA DO PORTO 2017

18º Galiza 2012



25º MONTALEGRE 2016



– Nascu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Aos seis anos iniciou os estudos de Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, na classe da professora Antonella Pincenna. No curso básico de ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, com quem concluiu o 8º grau do curso complementar.

Foi selecionada para participar nos estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados no Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011).

Participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena.



28º VILA DO PORTO 2017

9º lagoa 2009

23º FUNDÃO 2015



29º Belmonte 2018

24º GRACIOSA 2015

26º LOMBA Da MAIA 2016

28º VILA DO PORTO 2017

Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, realizando concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

É licenciada em Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

É mestranda em Ciências Económicas e Empresariais na Universidade dos Açores, exercendo atualmente funções profissionais no setor bancário.

Apesar da sua paixão pela música e pela matemática, desenvolveu, desde cedo, o gosto pela literatura e pela escrita, tendo lançado em 2017 o seu primeiro romance “Aurora”.

Como refere nas capas do livro, é “uma história assente na busca constante da felicidade, com todos os medos e obstáculos próprios do caminho, que nos faz pensar na vida e em tudo o que ela nos reserva”.

2011 RIBEIRA GRANDE APRESENTAÇÃO CRÓNICAÇORES [HTTPS://YOUTU.BE/WNQ_84RCITK](https://youtu.be/WNQ_84RCITK)

20º COLÓQUIO SEIA 2013 [HTTPS://YOUTU.BE/CZQI8LMP7WO](https://youtu.be/CZQI8LMP7WO)

23º FUNDÃO 2015 [HTTPS://YOUTU.BE/MBPCX7BA0OS](https://youtu.be/MBPCX7BA0OS)

24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 [HTTPS://YOUTU.BE/3TQGUAVRPQS](https://youtu.be/3TQGUAVRPQS) -
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3TQGUAVRPQS&t=2s&index=63&list=PLWJUURYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER/](https://www.youtube.com/watch?v=3TQGUAVRPQS&t=2s&index=63&list=PLWJUURYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER/)

25º COLÓQUIO MONTALEGRE 2016 [HTTPS://YOUTU.BE/H5_RNOTFB_M](https://youtu.be/H5_RNOTFB_M)

26º COLÓQUIO LOMBA DA MAIA 2016 [HTTPS://YOUTU.BE/53RWFHWWX8](https://youtu.be/53RWFHWWX8)

27º COLÓQUIO BELMONTE 2017 [HTTPS://YOUTU.BE/WAABUXDCQLA](https://youtu.be/WAABUXDCQLA)

29º COLÓQUIO BELMONTE 2018 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/DOCUMENTOS/AICL-IMAGENS-SONS-DOS-COL%C3%B3QUIOS/2447-29%C2%BA-COL%C3%B3QUIO-BELMONTE-ANA-PAULA-ANDRADE-VOL-2.HTML](https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2447-29%C2%BA-COL%C3%B3quio-BELMONTE-ANA-PAULA-ANDRADE-VOL-2.HTML)

30º COLÓQUIO BELMONTE 2019

[HTTPS://YOUTU.BE/KS3RXHK4J_Y](https://youtu.be/KS3RXHK4J_Y)

[HTTPS://YOUTU.BE/I1TASJTX5_4](https://youtu.be/I1TASJTX5_4)

[HTTPS://YOUTU.BE/6R5L2V11NZO](https://youtu.be/6R5L2V11NZO)

[HTTPS://YOUTU.BE/27LJKSAO4Q](https://youtu.be/27LJKSAO4Q)

[HTTPS://YOUTU.BE/A6339IEHN_E](https://youtu.be/A6339IEHN_E)

[HTTPS://YOUTU.BE/QXKOIRUXGHS](https://youtu.be/QXKOIRUXGHS)

[HTTPS://YOUTU.BE/7WXNQFWVGQA](https://youtu.be/7WXNQFWVGQA) **ILHAS DE BRUMA COM JOANA CARVALHO ABR 13 2019 18**

ATUA NOS RECITAIS

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 NA LAGOA TENDO SEGUIDAMENTE PARTICIPADO EM BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO 2011, OURENSE 2012. SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017, BELMONTE 2017 E 2018

13. CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES.

CAROLINA CORDEIRO é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses, pela Universidade dos Açores e pós-graduada em Língua Portuguesa — Investigação e Ensino (Universidade Aberta).

Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa.

Leciona as línguas portuguesa, inglesa e alemã.

Publicou os seus primeiros poemas na coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry. 2004).

Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela da Chiado Editora.



26º LOMBA DA MAIA 2016



30º MADALENA DO PICO



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



26º LOMBA 2016



27º BELMONTE 2017



25º montalegre 2016



29º BELMONTE 2018

Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"*, vol. IV (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos — PARTE V* (2014).

Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia *Tempo*, com o seu romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Estudos);

Em junho de 2015, apresentou o segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas).

Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários regionais e nacionais.

De igual modo, coordena campos de férias e ministra workshops de escrita criativa, a públicos de diversas idades.

Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa *EscreViver (n)os Açores*; foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*;

Em 2016, foi vencedora da 4ª edição do Prémio de Escrita MiratecArts com o "Conto da Mulher de Cordas".

Carolina Cordeiro tem dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis tentando projetar a leitura como "bem essencial à vida".

Participa ativamente no *Azores Fringe Festival*. Presentemente, é uma das responsáveis pela área cultural da Casa do Povo de S. Vicente Ferreira.

Encontra-se a desenvolver a tese de mestrado com foco em Daniel de Sá e a componente autobiográfica da escrita açoriana.

TEMA 4.2. Fernando Aires, Era uma vez o tempo - Diário II TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

A leitura do *Diário II* de Fernando Aires é um registo onde se denota o pensamento mais reflexivo do autor face ao *Diário I*.

Nesta senda, a nossa presente análise vai ao encontro da construção de uma noção da passagem do tempo, tendo como ponto de partida não só as leituras feitas pelo nosso autor no período compreendido entre maio de 1988 e outubro de 1990, bem como o registo dos seus dias a “Fazer horas para a hora marcada.” Não obstante uma visão mais literária da obra de Aires, a nossa base assenta, indubitavelmente na noção de tempo de Carlo Rovelli, na sua obra *A ordem do tempo*. Seguindo o nosso trabalho anterior sobre Aires, estamos em crer que questões como “O que é o tempo e até que ponto o compreendemos? Temos uma existência no tempo ou o tempo existe dentro de nós?”

O que significa a ideia do «correr» do tempo?” são possíveis de serem respondidas através dos exemplos vivenciados pelo escritor açoriano. Com este nosso presente texto, pretendemos dar a conhecer ainda mais a escrita de Fernando Aires e a sua influência e importância para a nossa literatura contemporânea. Se cada leitor ter a sua visão de uma escrita, cada escritor tem a sua visão da vida e a vida pela lente sensível de Aires é uma inestimável visão do que é a literatura açoriana.

CADERNO AÇORIANO Nº 31 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/884/CADERNO-31-CAROLINA-CORDEIRO-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-(e-suplementos)-de-estudos-acorianos/884/caderno-31-carolina-cordeiro-cadernos-de-estudos-acorianos.pdf)

SÓCIO DA AICL

SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL DA AICL.

PARTICIPOU EM SEIA 2014 NO 22º COLÓQUIO, NO 25º COLÓQUIO MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018

14. CHRYS CHRYSTELLO. AGLP, AJA/MEEA E UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA.



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



29º BELMONTE 2018

CHRYS CHRYSTELLO, jornalista e tradutor, cidadão australiano, multicultural, de uma família paterna mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e materna de descendência judaica transmontana.

Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972.

O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor.

Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019



28º VILA DO PORTO 2017



15º Macau 2010



12º BRAGANÇA 2008 POESIA, GRUTA DE CAMÕES 15º colóquio MACAU 2011



15º MACAU 2011



30º MADALENA DO PICO 2018



24º Graciosa 2015

Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82).

De 1977 a 1982 foi Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK).

Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural do governo federal.

Foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais australianos.

Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.

Desde 2017 é JORNALISTA membro vitalício Honorário da MEEA-AJA [Australian Journalists' Association] por ter atingido 50 anos de profissão.

Tradutor Profissional desde 1984

Foi Fundador do AUSIT 1989

Lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);

Foi Consultor do Programa REMA, UAçores. (2008-12).

Académico Correspondente da AGLP desde 2012,

Atual colunista do Diário de Trás-os-Montes desde 2005 e do Diário dos Açores desde 2018

Em 2019 foi nomeado Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo PPdM - Oceania -

Em 2019 foi nomeado membro do Pen International Açores

ALGUMA BIBLIOGRAFIA LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2018. Poema "Maria Nobody" in vol. X da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED ISBN: 9789895243648

2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas> ISBN: 9781388351083

2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

2018. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\).pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf)

2018. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>

2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. AICL e Letras Lavadas Publícor, Ponta Delgada

2017, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. AICL e LIDEL

2017. Poema "Maria Nobody" in vol. VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED. ISBN: 9789895215423

2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Univ. Beira Interior, org. Alexandre da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório

2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016

2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café

2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia

2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAIS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf>

2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016

2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor

Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILO-GIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 vols, 40 anos de vida literária, ISBN 9789728985646 ED. AICL e Calendário de Letras 2012

2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Ti-mor.pdf>

2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor 1983-1992 DVD 1ª ed. 2005-12 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf> / <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, ChrónicAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras

2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, <https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos->

[acores-volume-um-da-trilogia](#)

- 2009, Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
- 2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
- 2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dores, prelo, ed. VerAçor.
- 2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
- 2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
- 2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
- 2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
- 2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> -
- 2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
- 2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
- 2002, tradução de "La familia: el desafio de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
- 2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/microrreader/cronicasCA.lit> <http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>,
- 2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>
- 2000, vol. 1 da trilogia (inglês) da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. <https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-> , / <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>
- <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf>
- 1999, vol. 1 da trilogia (português) da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758
- 1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>
- 1985 Crónica XI Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>
1981. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <https://www.scribd.com/document/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqj-Volume-3-4#scribd> -
1974. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>
- 1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf> <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1-C2%AA-ed-CQL.pdf> (fac-símile do original)

Tema 4.2 Lusofonografias, Ensaios pedagógico-literários, Luciano Pereira, Editora: Calepinus Verlag: Tübingen

[Imagens de fundo durante a apresentação aqui:](#)

Tema 3.1. Apresenta sessões de poesia Timor e Açores e selecionou a sessão de poesia em homenagem a Eduíno de Jesus



TIMOR BAUCAU
BOBONARO DILI 20'



timor1973-1975Slid
eshow2-converted.r

veja aqui os dois filmes de Timor:

Poesia de Timor, com imagens de fundo de Timor [POWERPOINT AQUI](#)

548. QUERIA SER TOKÉ 2012 LUCIANO

eu queria ser toké e contar o que vi
desde que parti em 1975
queria saber falar
dar os nomes os locais e os atos
de todas as atrocidades, violência e mortes
que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser toké e escrever tudo
queria contar o que não querem que se saiba
queria contar o que não queriam que se visse
queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos
que extinguiram a nossa história
como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas
todos os que foram chacinados
violados, torturados e obnubilados
voar com as crianças que morreram de fome
as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te timor
e não posso senão escrever palavras
lembrar teu passado heroico
sonhar futuros ao teu lado

431. DÍLI, TIMOR, SETº 1973 CHRYS

timor cresceu cercado
lendas que a distância empolgou

o sonho, a quietude,
as 1001 noites do oriente exótico
o sortilégio dos trópicos
para o europeu
desengano era a chegada
sobrevoa estéril ilha, montes e pedras
agreste paisagem sulcada de leitos secos
abruptas escarpas no subão
terra sem marca de homem
esparsas cabanas de colmo
será isto timor?
por trás de um monte imprevisto
o avião desce o vazio em círculos
em vão os olhos buscam a pista
e a imponente torre de controlo
que só existiu nos panfletos de propaganda
sob o zinco e o colmo
a alfândega é o bar e a sala de espera
isto é Baucau aeroporto internacional
a vila salazar dos compêndios que a história esqueceu
uma turba estranha se amontoa
à chegada do *cacatua-bote*²⁵ ou *patas-de-aço*
esta a cerimónia sagrada
deus estrangeiro baixando dos céus
dia de festa para os trajes multicoloridos
o contraste castanho dos sóis pigmentados
cinco da matina e é já pó e calor
o espanto mudo nas bocas incrédulas
as formalidades têm aqui sabor novo
espera lenta e compassada,
séculos de futuro por viver

²⁵ Cacatua-bote ou patas-de-aço eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

antes que ele venha,
antes não venha

num barracão zincado
a velha bedford de carga
caixa fechada,
vidros de plástico sob o toldo puído
pomposo dístico colonial
carreira pública baucau-dili
picada em terreno plano, mar ao fundo
Baucau, cidade menina por entre palmares
densa vegetação tropical
das ruínas do mercado se evocam desconhecidos templos romanos
connosco se cruzam estranhos homens de *lipa*²⁶
galo de combate ao colo entre torsos e braços nus
estrada n.º 1 até Dili,
sulca abruptas encostas
ao mar sobranceiras,
lá se adivinham cristais multicolores

em lugar de pontes
se atravessam ribeiras
enormes leitos secos
estradas de ocasião
pedregoso solo,
cores indefinidas,
castanhos e verdes
palapas dissimuladas na paisagem
imagens tristes de pedras e montes
baías primitivas, inconquistas,
praias de despojos e conchas
paraísos insuspeitos

²⁶ Lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

assusto-me com os sorrisos vermelhos
não é sangue nas bocas gengivadas
masca, mescla de cal viva e *harecanz*²⁷
placebo psicológico da alimentação que falta
um riso encarnado esconde a fome
súbito, por paisagens que só a memória
sem palavras descreverá

eis Dili, a capital
larga avenida semeando o pó nas palapas
casas com telhados de colmo ou zinco
chinas e timores
partilham a promiscuidade da pobreza

Dili, plana e longa
a vasta baía antevê imponente
o ataúro ilha

um porto incipiente
construções coloniais pós-1945
da guerra que ninguém quis
dos mortos que os japoneses exigiram
da neutralidade do país mãe calado e violado

a marginal desagua no farol
alberga chefes de serviço,
altas patentes militares
sem guerras para lutar,
sem movimentos libertadores das gentes
quinze quilómetros de asfalto
três casas dantes da guerra grande

aeródromo em terra batida
com jipe de afugenta búfalo
a rua comercial atravessa dili senhora

²⁷ Folha de planta semelhante à do tabaco

de leste a oeste, espinha dorsal
o palácio das repartições e o do governo
perto um museu

o seu nome ostenta o vazio
riquezas sem fim
que patriotas governadores exportaram
colonizadores de séculos
com nada para mostrar
um museu morto
e dois sinaleiros nas horas de ponta

ociosos às portas dos cafés
à noite transfiguram-se

os *bas-fond*

o texas bar

da prostituição às *slot machines*

o submundo,
a vida underground
afogar esperanças em álcool

sonhos há muito perdidos

nunca sonhados

restaurantes poucos,
boa comida chinesa
bares espalhados na cidade
militares e álcool para calar distâncias
um portugal dos pequeninos

longínquo,

cada vez mais esquecido

nunca perdido.

uma cidade sem vida

morrendo nas cinzas de cada noite

entre o silêncio e a voz triste dos *tokés*

o calor putrefacto

e o voo alado das baratas gigantes
carros poucos, de dia só do estado
motocicletas pululam
entre viaturas oficialmente pretas e verdes
esperando mulheres de oficiais
à porta do cabeleireiro ou do liceu
militares a pé,
em berliet ou unimog
chineses muitos
dili é isto, a desolação

na parte alta da cidade
fresco e verdejante vale
sob a sombra dos dois hospitais
o complexo militar de barracas insalubres

triste esta cidade
pretensamente euro-africana
palapas ao lado das valetas pútridas
marginando ruas
ali vive o timor sem água nem luz
dez ou quinze filhos
que importa
a miséria é só uma e a mesma?
esta *“a terra que o sol em nascendo vê primeiro”*
aqui as imagens
e são já história
não se repetirão
aqui não daremos testemunho
como transfigurar colónias pacíficas
em palcos de guerra.

547. ELEIÇÕES SEM LIÇÕES, 2012 LUCIANO

Díli 23 setembro 1973
cheguei hoje a timor português
sem o saber nunca mais nada será igual
o futuro começa hoje e aqui
entrei na era da ditadura
sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,
imagens e odores
sonhos de pátria e amores
divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas
parti rebelde revolucionário
tinha uma voz e usei-a
tinha pena e escrevi sem parar
para bi-béres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura
24 de luta independentista
agora que a lois vai cheia
e não se passa na seissal
já maromác se apaziguou
crescem os láfaék nos areais
perdida a riqueza do ái-tássi
gorada a saga do café
resta o ouro negro
para encher bolsos corruptos
sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas

sem luz, água ou telefone
repetindo gestos seculares
mascando, sempre mascando
o placebo de cal e harecan
tem hoje direito a voto
para escolher quem o vai explorar
sob a capa diáfana da lei e ordem
do cristianismo animista
oprimido sim
mas enfim livre.

550. TIMOR NAS ALTURAS - 2012 CHRYS

queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores

queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquiçá
beber o café de ermera
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros

sorri teu rosto infantil e puro

a sobrevivência da semana vendeste
curvado vais e retornas satisfeito
no teu sorriso jovem galgas montanhas
teus os reinos de Railaco e TataMailau

misturas na cal e harecan
o prazer e o engano desfeito
e o teu estômago sorri confiante
no regresso de braços dolentes
a linguagem do corpo impante

apostas mais, sempre mais
no teu combate de penas
pobre mercador de enganos
em galos de luta acenas
teu ganha-pão insano acaricias
são tuas as lágrimas
a revolta e a derrota sacias
guardas o estilete acerado
não decepou os medos
é teu o sangue e o alimentaste

das árvores pendem camarões doces do rio
e o pequeno jacaré
faz o cruzeiro oceânico
ribeira de seiçal – díli
são tuas as planícies e as ribeiras
as torrentes inundaram o arrozal

levaram pontes e caminhos
e tu ris do grande engenheiro *malai*
e o búfalo do china luís

navega rumo à liberdade
e nem pensas na tua
maromác sabe maubere é diac e vai passar

608. ELEIÇÕES 2013 CHRYS

era tempo de eleições
políticos vinham e prometiam
a populaça aplaudia
acitava e acreditava
depois de contados os votos
os políticos desapareciam
junto com as suas promessas
e o povo esquecido esperava
assim crendo na democracia
uma pessoa, um voto, uma promessa
repetiam a antiga escravatura
acreditando serem livres

685 DÍLI INUNDADO, 2016 LUCIANO

maromác zangou-se
as ribeiras transbordantes
em díli nada mudou
tudo alagado como dantes
décadas depois
nem os milhões do petróleo
dominam as águas
passados quarenta anos
sem dinheiro para voltar
dominam-me as mágoas
e a minha saudade
rima com verdade

POESIA EM CENTUM CELLAS VER [HTTPS://YOUTU.BE/KCMXM8C1MTW](https://youtu.be/KCMXM8C1MTW)

701. MORRER COMO O MAR ARAL, 2017 LUCIANO

o rio da minha vida está assoreado
a minha barragem secou
as nuvens não trazem chuva
a essência da poesia não se discute
faz-se, escreve-se, lê-se
a poesia liberta-nos
voamos nas suas asas
abrimos todas as grades
o meu destino
é rumar na musa
desaguar na foz
morrer seco
como o mar Aral

707 VOTOS 2019 CAROLINA

que venha um asteroide
ou o planeta nibiru
que yellowstone entre em erupção fatal
ou o filho de cracatoa
ou que o mar vomite
os oceanos de plásticos e nos engula
que os maremotos, terramotos destruam esta desumanidade
e que 2019 assista a um novo mundo
começando do zero absoluto

705 O PARAÍSO É AQUI 2018 PEDRO PAULO

dizem que o oceano é um mar sem palavras
e que as montanhas são ondas sem espuma
e quando não há rios
as águas desaguardam nos céus

e quando não há sol
ele surge debaixo da terra
e até eu acredito que podemos
viver em vulcões extintos

686 SAUDADE DO QUE NUNCA FOI, 2016 CHRYS

*«ah, não há saudades mais dolorosas
do que as das coisas que nunca foram! 28*

tenho tanta saudade
do que nunca aconteceu
só o poeta pode fazer acontecer
aquilo de que temos saudade
por nunca ter acontecido

653. SAIR DA ILHA, 2014 LUCIANO

o marulhar das águas embala caleidoscópios
sem âncoras nem amarras
vogamos sem destino ao sabor dos ventos
o importante é sair da ilha e alijar bagagens
nascer de novo, longe, bem longe
lá, onde se aprende a saudade

702. PICO, AO URBANO BETTENCOURT 2017 CAROLINA

no rossio do mar
plantei as vinhas da vida
nos poços de maré
bebi água insalubre
nas bocainas, jarões e traveses
colhi o néctar dos czares
esta é a magia da ilha montanha

28 bernardo soares - heterónimo fernando pessoa in Livro do Desassossego (fragmento 92)

nela me sento e me sinto
órfão da atlântida perdida

543. AO URBANO BETTENCOURT 2012 PEDRO PAULO

urbanamente vives
nas pinceladas das tuas palavras
a tua paleta pinta poesia
teus livros erguem-se impantes
como teu pico natal
amores e desamores de ilhas
que unes em pontes de poesia
que sentes em dores
que pariste em árvores
sem sombras nem véus
nenhuma luz apagarás!

703. MAR DE PALAVRAS, À ANA PAULA ANDRADE 2018 CHRYS

parti as palavras
como quem parte pedra
com elas calcetei avenidas
de sonhos incumpridos
plantei catos e cardos
como quem planta rosas
colhi espinhos
como quem colhe pétalas
e do ramo que te ofertei
brotaram palavras felizes
neste mar de música que habitamos

568. SEM PERFUME DE CAJU, AO URBANO BETTENCOURT 2013 LUCIANO

na humidade da savana
no calor da tabanca

tange urbano a sua harpa
palavras aceradas como o vento suão
batuque abafado na bolanha
longe do país de bufos e beatas²⁹
traduzes as sílabas de morte e vida
rumores desse cheiro de África
colado na pele que esfregas
com napalm e metralha
que nunca conseguiste lavar
nem com as chuvas da monção

641. AOS AÇORES, 2013 CAROLINA

...
aos açores só se chega uma vez
depois são saídas e regressos
transumâncias
trânsitos e errâncias
...
dos açores não se parte nunca
levamo-los na bagagem
sem os declararmos na aduana
acessório de viagem
como camisa que nunca se despe
...
nos açores nunca se está
a alma permanece
o corpo divaga
mas a escrita perdurará.

²⁹ In Urbano África frente e verso p. 62

632. SER AÇORIANO, 2013 PEDRO PAULO

não se é ilhéu
por nascer numa ilha
é preciso sentir-lhe a alma
partilhar raízes e dores
acartá-la nos partos difíceis
tratá-la nas enfermidades
acariciá-la nas alegrias
plantar, semear e colher seus frutos
alimentar as suas tradições
preservar a sua identidade

não se é açoriano
sem amar as suas ilhas
levá-las ao fim do mundo
morrer por elas
 com elas
 para elas

544. SEM SILÊNCIO NEM SILOS, AO EDUÍNO DE JESUS 2012 CHRYS

as tuas palavras esguias
insinuam-se enleantes
preenchem os nichos do silêncio
em silos de poesia
buriladas em filigrana
sente a ilha e a língua
nelas aprendi a geografia
e o amor inconquistado
sem silêncio nem silos

596. DA MINHA JANELA, JUNHO 2013 LUCIANO

*o mar é deus
as ondas a sua palavra*

os romeiros alimentam-se dela
(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo
da minha janela vejo o mar
o meu quintal é enorme
abarca a linha do horizonte
a minha janela é enorme
abre-se ao círculo dos céus
o meu oceano é enorme
chega às ruínas dos atlantes
só a minha escrita é pequena
nas grades desta prisão.

631. ILHAS, AGOSTO 2013 CAROLINA

estar numa ilha
é como viver num cais
à espera do barco que nunca chega
viver numa ilha
é sonhar
construir a jangada
desfraldar velas
estar numa ilha
é ir para o campo
plano e raso
à espera que construam
o aeroporto
a única forma
para viver numa ilha
é imaginá-la à saramago
como um continente à deriva
estar na ilha
é imaginar a fuga

sonhar com a saída
levá-la a reboque dos sonhos
embarcar nas nuvens
vogar na maré baixa
planar nas asas dos milhafres
e voltar sempre
ao ponto de partida

675 MAR E BRUMA 2015) PEDRO PAULO

todos os poetas
que escreveram sobre os açores
gastaram a palavra mar
e a bruma
a mim para escrever açores
resta-me a palavra
amar

539. DESTINO ILHÉU, À ANA PAULA ANDRADE 2012 CHRYS

olhei para o espelho dos dias
e vi-te partir
silente como chegaras
sem sorrisos nem lágrimas
vestias um luar sombrio
deixavas vazio o leito
num luto antecipado
agarrei as nuvens que passavam
levado na poeira cósmica
carpindo dores antigas
acordei sobressaltado
o livro da vida nas mãos
o livor nas faces
o fim há muito antecipado

ficar era o destino
sem levar as ilhas a reboque
será esta a sina ilhoa?

POESIA EM HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS



HOMENAGEM AICL
2019 A EDUÍNO DE J

[HOMENAGEM AICL 2019 A EDUÍNO DE JESUS.pptx](#)

1. METAMORFOSE³⁰ PEDRO PAULO

esperei que nascesses
na praça pública
da garganta do pássaro
 que cantasse no ramo de uma árvore
 ou no ombro de uma estátua

esperei que florisses
na roseira do Parque Municipal
e o teu corpo branco
 não fosse mais
 do que um sonho vegetal

esperei que descesses
num raio de lua
e viesses
 bailando em pontas (como uma sílfide nua)
 deitar-te na minha cama

Na minha fantasia
de menino púbere
esperei que fosses uma melodia
 uma flor

³⁰ *Os Silos do Silêncio – poesia (1948-2004)*. Lisboa. Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2005. pp. 50-51.

um raio de lua

Esperei por ti todos os minutos
do dia e da noite com
os nervos a alma ansiosa
afagando-te nas pétalas das rosas
ou mordendo-te na polpa dos frutos

2. SIMPLEMENTE³¹ carolina

amar-te sem juras nem promessas
sem noites de vigília
nem esta paixão que me buleversa
os nervos e me ensombra a vida
sem desespero sem romance
como se nada tivesse acontecido
sem as tuas lágrimas sem a minha angústia
plácida simples naturalmente
como florescem as ervas do caminho

3. XÁCARA DAS MOÇAS DONZELAS³² luciano

A noite é de estrelas
pelo céu brilhando
e as moças donzelas
as moças donzelas
rezando rezando:
*Não vem um ladrão
não vem um banqueiro
ou um trovador
ou um cavaleiro*
A noite é de estrelas

31 p. 58

32 pp. 63-64

pelo céu ardendo
e as moças donzelas
as moças donzelas
dizendo dizendo:

*Não vem um senhor
de alto coturno*

*não vem um polícia
ou o guarda noturno*

A noite é de estrelas
pelo céu luzindo

e as moças donzelas
as moças donzelas
sorrindo sorrindo:

*Não vem um amigo
ou um inimigo*

*não vem um soldado
não vem um mendigo*

A noite é de estrelas
pelo céu redondo

e as moças donzelas
as moças donzelas
supondo supondo:

*Não vem um vadio
ou um peregrino*

*ou um saltimbanco
ou um assassino*

A noite é de estrelas
pelo céu profundo

e as moças donzelas
as moças donzelas
sozinhas no mundo

4. TOADA DO MENINO FEIO³³ carolina cordeiro

Menino feio, da rua
(seria eu próprio, seria?),
tinha uns olhos de Lua
onde a Lua se acendia.
Menino de olhos de Lua,
menino que parecia,
sentado à porta da rua,
que não via nem ouvia.
Menino que me pasmava
pelo que lhe acontecia:
Enquanto ria, chorava,
e enquanto chorava, ria.
Menino sozinho e feio,
brincando sem alegria,
que estranho mundo era o teu?
que mistério te envolvia?
Menino feio, de bibe,
menino que fui, um dia...
Não sei agora onde vive...
Sei lá mesmo se vivia!

5. HIPOCONDRIA³⁴chrys

1
Não é não
uma ilusão
da minha hipocondria
(ou seja lá o que for
da minha inquieta
imaginação

33 p. 94 (1944)

34 pp. 105-106 (1954)

doentia
de poeta)
esta sina que a mim
me foi dada
de ir pelo *não*
semeando amor
e chegar ao *sim*
não colher nada.

2

Não me resta agora
senão esperar, amor, que venhas, lá de onde
não sei que fadário te esconde
e demora,
semear, por tua
mão, neste árido e agreste descampado do
Mundo, em nome
da Vida, a primavera, e acender por dema-
sia, para os poetas, no negrume
da noite, a Lua.

6. POEIRA DE ASTROS³⁵ carolina

depois do sonho e do sonho
e do cansaço e da estrada
quando os olhos já não viam
nem os muros nem a estrada
depois dos beijos e risos
com a ampulheta parada
quando veio súbito o aviso
da noite inesperada
me perdi entre meandros
e rastros de luz inventada

em busca da poeira dos astros
que morrem com a madrugada

7. CONQUISTA³⁶ chrys

Eu sou um homem de aldeia,
cheguei à cidade de botas amarelas.
fazem lá ideia
do que os homens da cidade riram de mim e delas!
Pois, apesar disso, a cidade, conquistei-a!

Hoje, sou o dono de um parque onde há um banco e aí durmo e sonho.

Tenho uma mansão em Newport, na Nova Inglaterra, e um *yacht* ancorado em Saint Tropez, e amanhã mesmo vou montar um negócio de baleias em Liverpool.

Ah, e digam lá vocês agora que eu sou um homem de aldeia!

Sou, isso sim, um armador grego, controlo a maioria dos casinos de Las Vegas, tenho 5% nos negócios de petróleo da Pérsia e já comprei (meu sonho antigo!) o aeroporto de Santa Maria.

Para começar, hoje em dia, já é um pé de meia.

(Só tenho medo que um dia o inspetor dos bancos dos jardins públicos

Descubra e me venha comunicar que o meu banco ali debaixo do plátano à beira do tanque onde nadam os pequenos peixes vermelhos que me vêm comer à mão pertence à Câmara Municipal.)

8. A ÚLTIMA FOLHA³⁷ pedro paulo

A última folha
do outono, ainda
presa ao ramo que a prendia
à vida,

veio
um vento à toa,
desprende-a.

36 pp.156-157

37 p. 272

E aquela folha,
enfim desprendida
do ramo que a prendia
à vida,
agora
que está morta,
voa.

9. A ESTRADA³⁸ luciano

Dizem os velhos que esta estrada,
seja curta ou comprida,
que só se chega ao outro lado
gastando a vida
e que depois do outro lado não há mais nada
Todavia, os jovens lá vão, em festa,
de braço dado
e aos beijos pelas sombras, às risadas,
pensando que, depois desta,
ainda há outras estradas.

10. A MENSAGEM DO POETA³⁹ carolina cordeiro

Na margem
do grande estuário do rio
que anuncia o
fim da viagem
cresce
(ainda) a árvore meta-
física em cujos ramos a Mensagem
do poeta

38 p. 326 (1948)

39 In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

floresce

11. CHIARO-OSCURO⁴⁰ pedro paulo

como se
de súbito
se acendesse
na noite
compacta
absoluta
o teu sorriso
ou :
um Anjo sus-
pendesse
o voo e
ficasse
parado no ar
perplexo
(como num ex-
voto) a
decifrar
nota a nota
sílabas a sílabas
cada
lágrima ardente
na maciez
do liso frio már-
more
do teu rosto

12. Origem⁴¹ chrys

40 (INÉDITO)

41 In <http://www.circuloarturbual.com/literatura/eduinodejesus/tabid/170/language/pt-pt/default.aspx>

Lá, onde o grande estuário
do rio da vida
pressagia a infinita
morte oceânica,
Cresce
a árvores marginal
em cujos ramos o canto
dos poetas floresce.

OUÇA-O E VEJA-O AQUI EM

2009 RTP 1 HORA NO 11º COLÓQUIO LAGOA https://www.youtube.com/watch?v=XPTSdTXIANA&t=0s&index=281&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2010 NO 13º COLÓQUIO NA ACADEMIA BRASILEIRA RIO 2010 https://www.youtube.com/watch?v=1ZMDWP1B6JU&t=0s&index=277&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2010 RTP 13º EM FLORIPA https://www.youtube.com/watch?v=CTBEJXBOOK8&t=0s&index=174&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2011 NO 15º EM MACAU https://www.youtube.com/watch?v=MODYWJP2FFI&t=0s&index=135&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2011 NO 15º EM MACAU – POESIA NA GRUTA DE CAMÕES - https://www.youtube.com/watch?v=MNGWJ_RNH_Q&t=0s&index=134&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2011 RTP NA APRESENTAÇÃO DO CRÓNICAÇORES VOL 2 https://www.youtube.com/watch?v=X93R7PVNWKQ&t=0s&index=240&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2012 RTP 17º LAGOA https://www.youtube.com/watch?v=BYHCDO-XDHO&t=0s&index=278&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2012 17º NA LAGOA 2012 CONCHA DEDICA POESIA COM NOMES DE POESIAS DE CHRYS https://www.youtube.com/watch?v=ABAjIRQFVOA&index=233&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2013 CHRYS DIZ POESIA https://www.youtube.com/watch?v=-7PTLKOHJXQ&t=0s&index=169&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2013 CHRYS DIZ CRISTÓVÃO DE AGUIAR https://www.youtube.com/watch?v=PE1IZ3RQBN8&t=0s&index=167&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2014 NO 21º COLÓQUIO POESIA NOS MOINHOS https://www.youtube.com/watch?v=DJO96TEEJ28&t=0s&index=227&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2015 POESIA 23º COLÓQUIO FUNDÃO 2015 https://www.youtube.com/watch?v=0FGFXZW2WXA&t=0s&index=117&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2015 RTP 24º GRACIOSA 2015 RTP https://www.youtube.com/watch?v=PO8V7AGLXNS&t=3s&index=108&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2015 MAIS NA RTP 24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 https://www.youtube.com/watch?v=VADEDJP1HHG&t=2s&index=109&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl

2015 POESIA NA GRACIOSA 2015 https://www.youtube.com/watch?v=5N3TKMQJOPW&t=0s&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl&index=99

2016 CHRYS DIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO https://www.youtube.com/watch?v=G5IWY8RITMW&t=0s&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl&index=90

2017 POESIA NO 27º BELMONTE https://www.youtube.com/watch?v=U9QFJT6S9SK&t=0s&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl&index=46

2017 MAIS POESIA BELMONTE 2017 https://www.youtube.com/watch?v=RPH4SRM1_W&t=0s&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl&index=45

2017 S MIGUEL TV CHRYS ENTREVISTADO IN A VOZ DOS AÇORES <https://youtu.be/XSDAS0PBG2U>

2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO https://www.youtube.com/watch?v=KCHOZ36IV94&t=0s&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl&index=34

2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO ASAS DO ATLÂNTICO https://www.youtube.com/watch?v=GI9AWKXJZCI&t=2s&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERl&index=33

2017 APRESENTAÇÃO BGA [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XTRRS_I6SHC&T=22S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4VTKERI&INDEX=27](https://www.youtube.com/watch?v=XTRRS_I6SHC&t=22s&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4VTKERI&index=27)

2018 POESIA TIMOR 29º EM BELMONTE 2018 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LYUOL7RCSPS&T=372S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4VTKERI&INDEX=14](https://www.youtube.com/watch?v=LYUOL7RCSPS&t=372s&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4VTKERI&index=14)

2018 POESIA AO MEIO-DIA NO 30º NA MADALENA DO PICO [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WDOZ-7CLSMB&T=204S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4VTKERI&INDEX=6](https://www.youtube.com/watch?v=WDOZ-7CLSMB&t=204s&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4VTKERI&index=6)

SÓCIO FUNDADOR,

PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS. PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS COLÓQUIOS, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA. MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO, PARTICIPA NA SESSÃO DE POESIA, DE SUA AUTORIA SOBRE AÇORES E TIMOR E COORDENOU SESSÃO DE POESIA EM HOMENAGEM EDUÍNO DE JESUS

15. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, PRESENCIAL



18º GALIZA 2012



24º GRACIOSA 2015



23º FUNDÃO 2015



16º VILA DO PORTO 2011

É SÓCIO DA AICL

ACOMPANHOU ININTERRUPTAMENTE OS COLÓQUIOS DESDE O 14º BRAGANÇA 2010 ATÉ AO 29º EM VILA DO PORTO 2017

16. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, ESC. SEC. DAS LARANJEIRAS, P. DELGADA,



18º LAGOA 2012



27º BELMONTE 2017



28º VILA DO PORTO 2017



16º LOMBA DA MAIA 2016



PARTICIPOU COMO PRESENCIAL NO 17º LAGOA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017

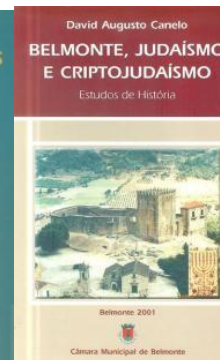
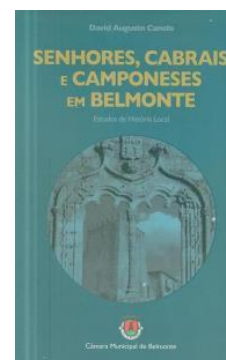
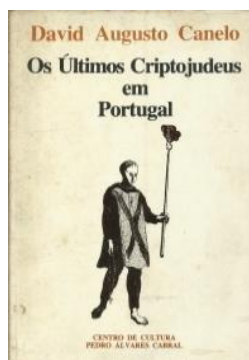
17. DAVID AUGUSTO CANELO, CONVIDADO EMPDS

DAVID AUGUSTO CANELO –

Diretor do Agrupamento de Escolas Pedro Álvares Cabral – Belmonte.

Foi Vice-Presidente da Câmara Municipal e vereador.

É um historiador dedicado ao estudo da comunidade judaica de Belmonte



Alguma bibliografia

Senhores, cabrais e camponeses em Belmonte: estudos de história local. - 2ª ed. - Câmara Municipal de Belmonte, 2009

Belmonte: judaísmo e criptojudaísmo: estudos de história. Câmara Municipal de Belmonte, 2008

O resgate dos marranos portugueses, 2004, ed. autor, 1996, <https://books.google.pt/books?id=fHwtAQAAIAAJ>

Os últimos criptojudeus em Portugal Câmara Municipal de Belmonte, 2001

Belmonte judaísmo e criptojudaísmo: estudos de história - Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 2001

Senhores, Cabrais e Camponeses em Belmonte: Estudos de História Local [Guarda]: Edição do autor, 2000

O Criptojudaísmo continua em Belmonte. [s.n.], 1997

O resgate dos Marranos Portugueses - Belmonte: ed. autor, 1996.

A face oculta dos Cabrais - Belmonte: [s.n.], 1995

The last Crypto-Jews of Portugal, Portland, Oregon, IJS, 1990 - Social Science

Os últimos criptojudeus em Portugal. - Belmonte: Centro de Cultura Pedro Álvares Cabral, 1987

Os últimos judeus secretos, Jornal de Belmonte, 1985 - Belmonte (Castelo Branco, Portugal)

O resgate dos marranos Portugueses in The Other Within: The Marranos: Split Identity and Emerging Modernity de Yirmiyahu Yove

TEMA 1.4. judaísmo

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ A CONVITE DA CMB

18. DOM CARLOS F. XIMENES BELO, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, SÓCIO HONORÁRIO #1 E PATRONO AICL



26º LOMBA DA MAIA 2016



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



26º LOMBA DA MAIA 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



19º MAIA 2013



1º COLÓQUIO MAIA 201



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005



27º BELMONTE 2017



30º PICO 2018

DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO. _____

Filiação: Domingos Vaz Filipe e Ermelinda Baptista Filipe (ambos falecidos);

NASCIDO: 3 de fevereiro de 1948, em Uailacama, Vemasse, Concelho de Baucau, Timor-Leste.

Instrução Primária: (Ensino básico):

Escola Masculina da Missão Católica de Baucau (1956-1960) e Colégio de Santa Teresinha do Menino Jesus, Ossú (1961-1962).

- Ensino Secundário:

Seminário de Nossa Senhora de Fátima, Dare, Díli Timor-Leste (1962-1968);

Seminário São João Bosco, Mogofores – Anadia (1969-1970);

Escola Salesiana do Estoril (1971-1972);

Filosofia (Instituto Superior de Estudos Teológicos de Lisboa (1973-1974);

Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa (1977-1979);

Licenciatura: Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (1980-1981)

- Formação religiosa:

Noviciado Salesiano em Manique do Estoril (1972/1973);

Primeira Profissão religiosa na Congregação Salesiana (21.9.1973);

Profissão Perpétua (7.12.1978)

Formação sacerdotal: Ordenação sacerdotal, em Lisboa, a 26/7/1980, das mãos do Bispo Auxiliar de Lisboa, Dom José Policarpo. Ordenação Episcopal, no Largo de Lecidere, Díli 19/6/1988, como Bispo Titular de Lorium e Administrador Apostólico ad nutum Sanctae Sedis, da Diocese de Díli.



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005



26º LOMBA DA MAIA 2016



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005



30º Madalena do PICO 2018



Funções:

Professor no Colégio de Fatumaca (Timor) 1974-1975;

Professor no Colégio Dom Bosco de Macau (1975/1976).

Mestre de Noviços salesianos em Fatumaca, Timor (1982).

Diretor do Colégio de Fatumaca – Timor-Leste (1983).

Administrador Apostólico de Diocese de Díli: 1983-2002.

Resigna em novembro de 2002, por razões de saúde.

Missionário em Maputo, Moçambique: 2004/2005.

No Colégio de Mogofores - Anadia: 2007-2008.

Nas Edições Salesianas do Porto: 2009-2017.

Prémios:

Óscar Romero, Roma, 1995;
 John Humphrey - Montreal, 1995;
 Prémio Nobel da Paz, Oslo, 1996;
 Premio della Pace, Taranto, Itália, 1997;
 Premio della Pace, Ostuni, Bari, Itália, 1998;
 Premio Internazionale della Testemunianza, Vibovalenza, Itália, 1998.

Condecorações:

A Grã-Cruz da Ordem da Liberdade da República Portuguesa: 1998;
 Grã-Cruz al mérito Bernardo O'Higgins, República do Chile, 2000.

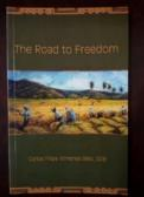




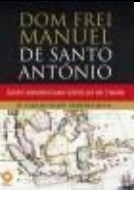


Doutoramentos Honoris Causa:

University of Yale (USA) 1997;
 Universidade Pontifica de Roma, 1998;
 Universidade de Évora, Portugal, 1998;
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 2000;
 Universidade Pontifica de Campinas, Brasil, 2000;
 Catholic University of Thaichung - Taiwan, 2000;
 Universidade do Porto, 2002;
 Australian Catholic University, Sydney, 2001;
 Universidade São Tomas, Chile, 2002;
 Universidade FASTA, Mar de Plata, Argentina, 2002,
 Universidade Cardeal Herrera, CEU, Valência, Espanha, 2006

.ALGUMA BIBLIOGRAFIA:

 <p>Demi Perdamaian da Keadilan, The Voice of the Voices (Jacarta, 1997),</p>	 <p>Subsídio para a bibliografia de Timor lorosa'e: listagem cronológica de livros, revistas, ensaios, documentos e artigos de 1515 a 2000 / apres. de Vítor Melícias. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2002.</p>	 <p>discursos na cerimónia do Prémio Nobel da Paz: Salesianas, 1998. ISBN 972-690-336 pref. Jorge Sampaio; trad. Rosa Isabel Goreti. Lisboa: Colibri, 1997. ISBN 972-8288-56-5.</p>
 <p>Timor: a presença portuguesa, 1769-1945 / Fernando Augusto de Figueiredo; [pref.</p>	 <p>40 dias em Timor-Leste: uma interpretação: observações, percepções e análise de</p>	 <p>Gentio de Timor / Armando Pinto Correia; pref. Dom Ximenes Belo. 2ª ed. Câmara de</p>

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

<p>Fernando de Sousa;posfácio Ximenes Belo]. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da UNL, 2011.</p>	<p>lusofonia emergente / Aires Gameiro; intro. D. Ximenes Belo. Pearlbooks, 2012. ISBN 978-989-9732-86-5.</p>	<p>Lobos: 2009. ISBN 978-972-8684-80-8.</p>
 <p>The Road to Freedom, Sydney: Caritas Austrália, New South Wales, 2001 Nós somos peregrinos / Delfina da Silva Cardoso Ribeiro; pref.Ximenes Belo. Castanheiro de Ouro: Associação dos Amigos do Povo de Timor Lorosae, 2004</p>	 <p>- Ladainhas de Nossa Senhora: meditações sobre cada invocação / Porto: Salesianas, 2016. - 139 p.; 21 cm. - ISBN 978-989-8850-21-8</p>	 <p>Os antigos reinos de Timor-Leste: Reis de Lorosay e Reis de Lorothoba, Coronéis e Datos /2ª ed.: Porto Editora, 2012. ISBN 978-972-0-09649-4.</p>
 <p>Díli: a cidade que não era / 1ª ed.: Porto Editora, 2014. ISBN 978-972-0-06289-5.</p>	 <p>História da Igreja em Timor-Leste 450 anos de evangelização 1562-2012 Fundação Eng.º Antº de Almeida 2014</p>	 <p>Dom Frei Manuel de Santo António: bispo dominicano expulso de Timor / Porto: Edições Salesianas, 2013. ISBN 978-972-690-820-3.</p>
 <p>Vozes sem rosto: o mundo visto do lado dos mais pobres / Orbis - Cooperação e Desenvolvimento; pref. Ximenes Belo. 1ª ed. Sete Mares 2009 ISBN 978-989-8128-09-6.</p>	 <p>História da Igreja em Timor-Leste: 450 Anos de Evangelização (1562-2012) / Lisboa: Fund. Eng. Antº de Almeida, 2013. ISBN 978-972-8386-94-8.</p>	

Ouçã aqui a primeira entrevista (1989) a D. Carlos Ximenes Belo (POR CHRYS CHRYPESTELLO) EM <https://blog.lusofonias.net/?p=61326>

2013 RTP NO 19º NA MAIA https://www.youtube.com/watch?v=IPDXC41QK9S&T=0S&INDEX=168&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI

2018 IMAGENS DO LANÇAMENTO EM PDL DE MISSIONÁRIOS AÇORIANOS VOL. 2 https://www.youtube.com/watch?v=VHLMRA0SBK4&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=11

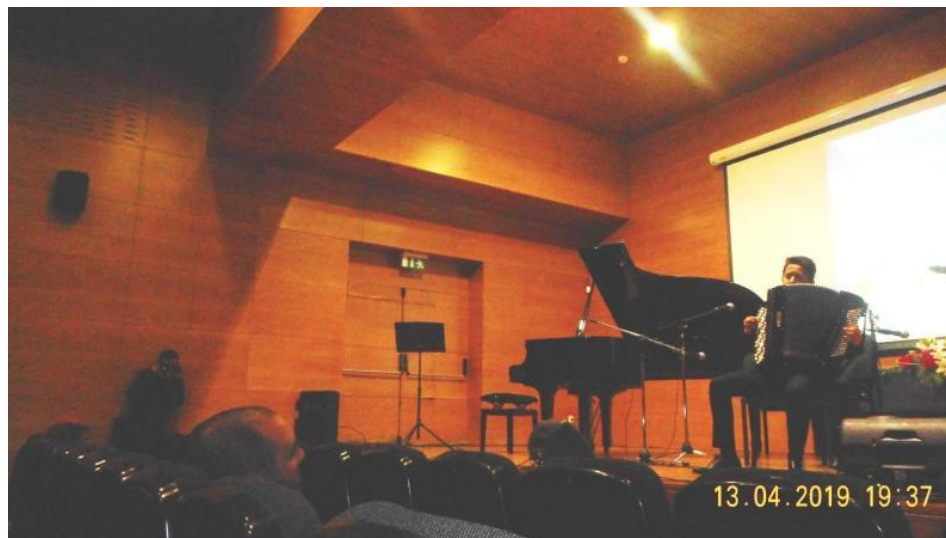
2018 RTP 30º NA MADALENA DO PICO https://www.youtube.com/watch?v=8YURWFBB8ZQ&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=10

2018 NOVO PROJETO DA AICL A ELE DEDICADO <http://coloquios.lusofonias.net/XXXI/BUSTO%20DE%20XIMENES%20BELO.MP4>

SÓCIO HONORÁRIO #1 DESDE 2015 E PATRONO DOS COLÓQUIOS

ESTEVE NO 4º COLÓQUIO, BRAGANÇA 2005, NO 19º MAIA 2013, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO

19. EDGAR COSTA, ACORDEÃO,



OUÇA AQUI

[HTTPS://YOUTU.BE/TMAXJ4FVRY0](https://youtu.be/TMAXJ4FVRY0)

[HTTPS://YOUTU.BE/ADDXPFCBVC](https://youtu.be/ADDXPFCBVC)

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

20. EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS, É O AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2019



17º LAGOA 2012



26º LOMBA DA MAIA 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016

EDUÍNO (Moniz) DE JESUS nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada.

Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário.

Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.

Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.



26º LOMBA DA MAIA 2016

28º VILA DO PORTO 2017

28º VILA DO PORTO 2017

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade. No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.

Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.

Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde).

Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores.

Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).

Atual presidente da delegação de Lisboa da “Associação Dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental” e presidente da A.G. da Casa dos Açores em Lisboa.



17º LAGOA 2012



28º VILA DO PORTO 2017



17º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



30º madalena do pico 2018

Publicou as seguintes obras:

1 POESIA:

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruída durante o Eclipse, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

2 TEATRO:

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

3.1. ENSAIO Em Prefácios e posfácios:

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds);
- In Maria Madalena Monteiro Férin, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
- In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200 etc.,

3.2. ENSAIO em obras coletivas:

- Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;
- In António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

4. ANTOLOGIAS POÉTICAS em que está selecionado:

- Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961;
- António Salvador, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa, Lisboa, Polis, 1969;
- Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973;
- Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975, Lisboa, Livraria. Clássica Ed., 1977;
- Ruy Gaivão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80;
- Onésimo Teotónio Almeida, The Sea Within. A selection of Azorean Poems (trad. de George Monteiro), Providence, 1983;
- Maria de Lourdes Hortas, Poetas Portugueses Contemporâneos, Recife (Brasil), 1985;
- Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, Pai, a sua Bênção! (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família);

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- Eduardo Bettencourt Pinto, Os Nove Rumores do Mar, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000;
- Ivan Štrpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000;
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, Lisboa com seus Poetas, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Encantada Coimbra, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, 20 Poemas (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, Nem Sempre a Saudade Chora, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007:
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, Azoru Salu. Dzejas Antologija, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu, Tip. Guerra, 2009
- antologia dos autores açorianos contemporaneos (monolingué 17 autores), 2 vols AICL 2012 coord Helena Chrystello e Rosário Girão
- antologia dos autores açorianos contemporaneos (bilingue 15 autores), 2 vols AICL 2012 coord Helena Chrystello e Rosário Girão

6. VÁRIA

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado Livros & Autores (1972-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contravento (Lisboa, ed. Contravento, 1968-1971)

Dirigiu a Revista de Cultura Açoriana (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).

colaboração na enciclopédia de literatura Biblos (Editorial Verbo) e no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica).

Fez crítica de teatro durante vários anos na revista Rumo (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ‘Verbo’, de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).

Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos.

Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969).

Fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969).

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.



HOMENAGEM AICL
2019 A EDUÍNO DE J

TEMA 4.1. EDUÍNO DE JESUS AUTOR HOMENAGEADO AICL 2019

CADERNO AÇORIANO Nº 12 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/866/CADERNO-12-EDUINO-DE-JESUS-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-(e-suplementos)-de-estudos-acorianos/866/caderno-12-eduino-de-jesus-cadernos-de-estudos-acorianos.pdf)

VÍDEO HOMENAGEM 3, 2016 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/VIDEO-HOMENAGENS-AICL/2237-EDU%C3%ADNO-DE-JESUS-2016-V%C3%ADDEO-HOMENAGEM-3.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/video-homenagens-aicl/2237-edu%C3%ADNO-DE-JESUS-2016-V%C3%ADDEO-HOMENAGEM-3.HTML)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OQYUNTNXZ8&T=13S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=77](https://www.youtube.com/watch?v=OQYUNTNXZ8&T=13S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=77)

VÍDEO HOMENAGEM 2, 2015 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/2124-HOMENAGEM-AICL2-A-EDU%C3%ADNO-DE-JESUS-VIDEO-2015.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/2124-homenagem-aicl2-a-edu%C3%ADNO-DE-JESUS-VIDEO-2015.HTML)

VÍDEO HOMENAGEM 1, 2012 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/660-VIDEO-HOMENAGEM-A-EDUINO-DE-JESUS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/660-video-homenagem-a-eduino-de-jesus.html)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R1VVUIPKXRU&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=162](https://www.youtube.com/watch?v=R1VVUIPKXRU&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=162)

CHRYS DIZ CAIS DA SAUDE DE EDUÍNO https://www.youtube.com/watch?v=G5IWY8RITMW&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=90
17º NA LAGOA 2012 POESIA CONCHA, EDUÍNO E URBANO https://www.youtube.com/watch?v=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
SÓCIO DA AICL
PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO 2012 LAGOA, 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA, EM 2017 NO 27º EM BELMONTE, 28º EM VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO

21. ELISABETE MANTEIGUEIRO, EMPDS, ORG



TOMOU PARTE NO 27º EM 2017 E 29º EM 2018

22. FRANCISCA MARQUES, PIANO



OUÇA AQUI PIANO 1 ABR 12 2019 <https://youtu.be/UJEUPR8EEIY> -
PIANO 2 ABR 12 2019 <https://youtu.be/SMVA6G7UN6A>
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

23. JOANA CARVALHO, APRESENTAÇÃO MUSICAL



[Joana Carvalho](#) (Belmonte)

OUÇA AQUI A FABULÁSTICA JOANA CARVALHO

1 ABR 13 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/FRJKZDCBENA](https://youtu.be/frjkzdcBENA)

2 ABR 13 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/QPSSZ6ZBNJO](https://youtu.be/QPSSZ6ZBNJO)

3 ABR 13 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/UOA1SAIUIYC](https://youtu.be/UOA1SAIUIYC)

4 ABR 13 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/SHWCDLPSVLW](https://youtu.be/SHWCDLPSVLW)

ATUA PELA PRIMEIRA VEZ NOS COLÓQUIOS

24. JOANA PINHO, UNIVERSIDADE DE AVEIRO



Joana Pinho, nascida em 1990 em Santa Maria da Feira, licenciou-se em Educação Básica (2008-2011) na Universidade de Aveiro, onde também obteve o título de Mestre (2011-2013) com o Relatório Final de Mestrado intitulado “Diálogos da Lusofonia: consciência léxico-semântica e lexicultura”.

Deu aulas em diferentes contextos de aprendizagem – contexto formal e não formal –, no primeiro e segundo ciclo do Ensino Básico, público e privado. Paralelamente, publicou em capítulos de livros - Promoção da Língua Portuguesa e a Educação Linguística, com coordenação de M.H. Ançã e M.J. Macário (2015) – e em atas de encontros científicos - IALIC Conference / The 14th International Conference of the International Association for Languages and intercultural Communication (2014). Para além desta última comunicação, esteve também presente com comunicação no Simpósio SIPLE 2015 e em seminários dinamizados pelo Laboratório de Investigação em Educação em Português / CIDTFF.

Atualmente é membro integrado do Laboratório de Investigação em Educação em Português (LEIP), estrutura de investigação e formação do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF), com o estatuto de bolseira, com apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio no âmbito do projeto de doutoramento intitulado “Educação em Português para Aprendentes Imigrantes em Contexto não Formal” (SFRH/BD/132109/2017).

Tema 3.5. Perspetivas do ensino do Português Língua de Acolhimento para imigrantes e refugiados, Joana Pinho, CIDTFF/LEIP – Universidade de Aveiro⁴², joana.pinho@ua.pt. Maria Helena Ançã, CIDTFF/LEIP – Universidade de Aveiro, mariahelena@ua.pt

Uma sociedade altamente marcada pela globalização e conseqüentemente pela mobilidade de pessoas em todo o mundo é também uma sociedade cada vez mais plural, seja pelas línguas, seja pelas culturas representadas e em interação. Assim, sendo a língua um veículo promotor da integração de novos públicos e novas culturas (Ançã, 2006), há que repensar nos desafios permanentemente colocados à Educação em Línguas atualmente.

Portugal e a Educação em Português têm sentido essas alterações, particularmente no acolhimento e integração de imigrantes e refugiados (I-R), oriundos do fluxo migratório sem precedentes, em consequência do agravamento dos conflitos em países do Médio Oriente e Norte de África. A Língua Portuguesa (LP) ganha, assim, novas interpretações. No seu sentido simbólico-literal, a LP no território e na escola portuguesas adquire o papel de Língua de Acolhimento (LA) e o seu ensino, a I-R é, então, um dos desafios que as nossas escolas, associações, comunidades e a nossa sociedade têm pela frente.

No entanto, Portugal ainda está a dar os primeiros passos no campo linguístico no que à inclusão e integração de refugiados diz respeito (Faneca, 2018). Neste sentido, foi definida a questão de investigação *Quais as especificidades didáticas dos cursos de ensino da língua de acolhimento dirigidos a refugiados?* tendo sido analisadas as realidades de outros países da Europa que têm sentido a crise migratória do Mediterrâneo e ainda do Brasil, onde o PLA tem sido dirigido a I-R. Para responder à questão de investigação desenvolveu-se um estudo de meta-síntese, tendo-se destacado contributos dos cursos/formações dirigidos a I-R, perspetivando o ensino e aprendizagem do PLA, em Portugal, nos domínios do pluralismo linguístico e cultural, da formação de professores, das atitudes face à aprendizagem, do trabalho colaborativo, dos contextos múltiplos de aprendizagem e das parcerias escola-família-comunidade.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Refugiados: crise migratória na Europa

Os grandes movimentos de massa e as crises de refugiados⁴³ não são novos na história da humanidade. Desde que existem conflitos entre os povos, crises ambientais, sociopolíticas e económicas que milhares de pessoas fogem em busca do refúgio noutra parte do mundo. Na Europa, as questões dos refugiados têm vindo a marcar a evolução dos estados políticos, refletindo-se, nomeadamente nas suas políticas e ideologias internacionais e económicas.

Segundo o Relatório *Global Trends 2016* do ACNUR, atualmente, mais de sessenta e cinco milhões de pessoas encontram-se deslocadas à força em todo o mundo. Este é o maior número de sempre registado, em resultado de perseguições, guerras, conflitos e desastres.

Desde 2011 que o conflito sírio tem originado o número mais representativo de refugiados que chegam à Europa, sendo que “cerca de 4 milhões de sírios fugiram para países vizinhos como a Jordânia, Líbano, Turquia e Egito” (Jaranovic, 2016: 59), ultrapassando fronteiras e afastando-se da “mistura de violência, sistemas políticos disfuncionais, diminuição da ajuda internacional, colapso económico e a globalização em geral” (Jaranovic, 2016: 59).

⁴² Apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio no âmbito do projeto SFRH/BD/132109/2017.

⁴³ *Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados* definiu o estatuto de “refugiado” como alguém que tema ser perseguido “em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual, após aqueles acontecimentos não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar” (art.º 1º) (Organização das Nações Unidas, 1951).

Assim, nos últimos dois anos, mais de um milhão de refugiados e migrantes chegaram à União Europeia (UE). Verificou-se, portanto, um aumento muito expressivo do número de requerentes de asilo, tendo-se ultrapassado os 2,5 milhões nos anos de 2015 e 2016⁴⁴.

No âmbito da Agenda Europeia da Migração e consequentemente das medidas e recomendações para a recolocação e reinstalação surgiu um Plano de Ação da UE contra o tráfico de migrantes (European Commission, 2016; Observatório das Migrações, 2016), através do qual foram criados mecanismos e ações concretas para prestar apoio aos Estados-Membros no tratamento dos pedidos, nomeadamente apoio financeiro para os países que sustentam os esforços da recolocação (European Commission, 2017). Assim, o Programa de Recolocação, para o qual a Plataforma de Apoio aos refugiados (PAR) tem tido um papel preponderante, integra, para além de outras medidas, o ensino e aprendizagem da língua do país de acolhimento, como sendo crucial no processo de acolhimento e de integração destas pessoas no país de destino.

1.2. Língua de acolhimento

É, então no contexto migratório, em que novos públicos, línguas e culturas interagem entre si, que surge o conceito de LA (Ançã, 2003), redimensionando o papel da LP no território português. Por se tratar de um conceito flexível, moldável, dinâmico e inclusivo, permite estabelecer uma *“relação mais profunda entre quem abriga [nativos/comunidade de acolhimento] e quem é abrigado [não nativos/imigrantes e refugiados], logo integrado”* (Ançã, 2017: 39). Por outro lado, no dizer de Grosso (2010), o conceito de LA é uma (re)criação face a novas situações educativas, em que a língua estrangeira (LE) é a língua do Outro, a única a ser reconhecida e, portanto, de algum modo ostracizante. Pelo contrário, para Ançã (2006), a LA remete para *“acolhida, refúgio em casa, forte, cidade, praça”* e, mais recentemente, para *“ato de acolher, refúgio, amparo, hospitalidade”* ou para *shelter language*, língua abrigo (Ançã, 2017).

Efetivamente, o processo de acolhimento e de integração de imigrantes e/ou refugiados deve incluir indubitavelmente o ensino da LA, até porque, como defende Oliveira (2010: 28) *“a língua é vista como uma chave para a integração: o conhecimento da língua da sociedade de acolhimento é uma espécie de garantia para a integração com sucesso”*.

Assim, no caso português, em que se assiste a novos cenários migratórios, particularmente com o acolhimento de refugiados, é imprescindível o ensino do PLA, pelo papel fundamental que a LA desempenha, seja como instrumento de explicação e de apropriação da nova realidade de acolhimento, seja como instrumento de apoio à resolução dos problemas do dia-a-dia (Pardal, Afonso, & Ferreira, 2007), no que diz respeito ao acesso ao mercado de trabalho, aos serviços público, à justiça, à cidadania. Pelo exposto anteriormente, ensinar PLA difere de ensinar uma qualquer LE. Oliveira (2010) defende três aspetos a ter em consideração no ensino de uma língua em contexto migrante:

- i) A aquisição da língua tem lugar em diferentes contextos, além do da sala de aula, tão variados como o próprio meio envolvente e onde são solicitadas tantas vezes a prática da escrita, da leitura e da oralidade.
- ii) A aprendizagem da língua decorre num ambiente de maior pressão social, legal e económica, pelo que os contextos psicossociais e psicolinguísticos devem ser tidos em conta, assim como a resposta a necessidades linguísticas dos aprendentes.
- iii) Os grupos de imigrantes e/ou refugiados são, por norma, heterogéneos – multilingues e multiculturais – com repertórios linguísticos diversos e níveis literários também distintos.

44 cf. Dados do Eurostat “Requerentes de asilo, segundo países da UE28 – 2008-2015” em http://ec.europa.eu/eurostat/web/products-datasets/-/migr_asyappctzm

É, portanto, crucial a definição constante de políticas públicas de ensino de PLA, como refere Amado (2013), com vista a dar melhores respostas aos desafios que se têm colocado ao ensino do PLA a imigrantes e refugiados, sobretudo para que possam aceder ao meio social e laboral da comunidade de acolhimento. Nesse caso, o ensino do PLA a imigrantes e refugiados terá dois objetivos basilares:

- *facultar-lhes os meios para a comunicação mais facilitada em situação laboral, a fim de lhes permitir uma melhor integração e adaptabilidade às tarefas que lhes são confiadas;*
- *(permitir) estabelecer contactos sociais em local de trabalho, visto que este representa o local privilegiado de adaptação à sociedade de acolhimento”* (Vasconcelos, 2005, p. 101).

Enquadramento metodológico

2.1. Procedimentos Metodológicos

O presente estudo tem como objetivo compreender as especificidades didáticas dos cursos/formações de LA que têm vindo a ser dirigidos a imigrantes e refugiados. Deste modo, através da meta-síntese, uma abordagem realizada de forma intencional e coerente que permite a análise de dados de estudos qualitativos (Sandelowski & Barroso, 2007; Erwin, Brotherson & Summers, 2011), definimos a questão de investigação, para a qual procurámos, seleccionámos, avaliámos, resumimos e se combinámos evidências a fim de lhe dar resposta.

Como forma de responder à pergunta de investigação definida, constituiu-se o *corpus* a partir de uma pesquisa exaustiva, através de palavras-chave, como “Educação em línguas”, “língua de acolhimento”, “refugiados”, “contexto não formal”, “português língua de acolhimento” em português, inglês e alemão – Gráfico 1 –, em bases de dados como a *Scopus*, *Eric* e *Google Scholar*, conforme evidencia o Gráfico 2.

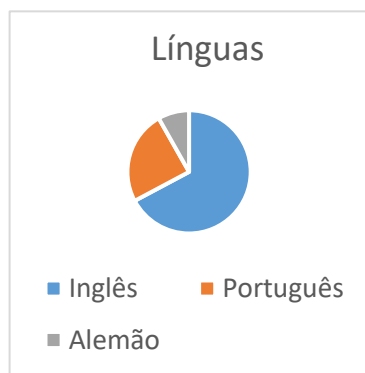


Gráfico 1: Línguas dos artigos selecionados

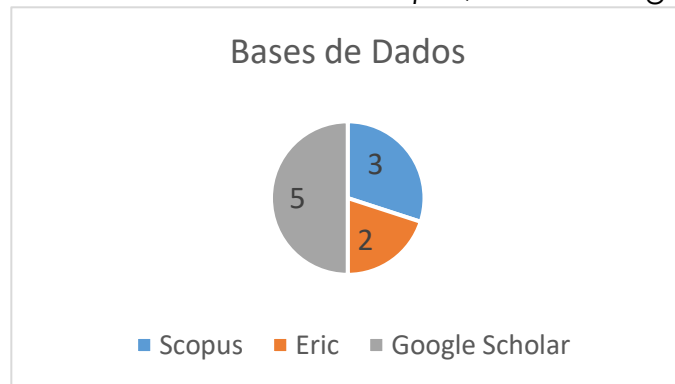


Gráfico 2 – bases de dados de pesquisa e seleção do corpus

Para a constituição do *corpus*, aplicaram-se critérios de inclusão e de exclusão.

Quanto aos primeiros, incluímos artigos publicados em revistas científicas, com *peer review*, publicados entre 2014 e 2018, período temporal em que se fez sentir a atual crise migratório de refugiados na Europa, tendo a maioria dos artigos sido publicados no ano de 2017, como ilustra o Gráfico 3. Excluimos artigos em que a referida crise migratória não se tenha feito sentir (como é exemplo o Canadá). Porém incluímos estudos publicados no Brasil, no âmbito do ensino do PLA a refugiados, pela proximidade linguística.

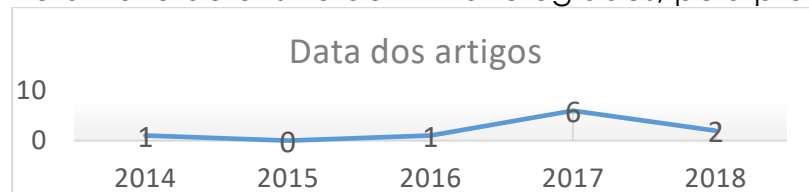


Gráfico 3: Data dos artigos constituintes do corpus

Depois de uma leitura flutuante (Bardin, 2009) dos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos, foram selecionados aqueles que apontavam mais caminhos de resposta à nossa questão de investigação e os estudos empíricos foram submetidos à grelha de avaliação de qualidade (adaptada de Dybå & Dingsøyr, 2008), tendo sido selecionados dez artigos que passamos a caracterizar no ponto seguinte.

2.2. Caracterização do corpus

A tabela 1 representa a identificação do *corpus*, ao qual atribuímos um código a cada artigo de forma a facilitar a sua posterior referência aquando do tratamento e interpretação de dados.

CÓDIGO	Autor(es)	DATA	Título	País
E1	Pastoor	2017	Reconceptualising refugee education: exploring the diverse learning contexts of unaccompanied young refugees upon resettlement	Noruega
E2	Timm	2016	The Integration of Refugees into the German Education System: A Stance for Cultural Pluralism and Multicultural Education	Alemanha
E3	Karam, Kibler & Yoder	2017	"Because even us, Arabs, now speak English": Syrian refugee teachers' investment in English as a foreign language	Líbano
E4	Thondhlana & Madziva	2017	Provision of quality education in the context of Syrian refugee children in the UK: opportunities and challenges	Inglaterra
E5	Mogli & Papadopolou	2018	"If I stay here, I will learn the language": Reflections from a case study of Afghan refugees learning Greek as a Second Language	Grécia
E6	Costa & Taño	2017	Ensino do Português como Língua de Acolhimento a imigrantes e refugiados em São Paulo	Brasil
E7	Amado	2014	Ensino de Português como língua de acolhimento para refugiados	Brasil
E8	Kalocsányiová	2017	Towards a repertoire-building approach: multilingualism in language classes for refugees in Luxembourg	Luxemburgo
E9	Deusdará, Arantes & Rocha	2017	Cruzando fronteiras: a promoção de direitos com refugiados nas práticas de ensino de línguas	Brasil
E10	Terrasi-Haufe, Hoffmann & Sgol	2018	Sprachförderung in der beruflichen Bildung nach dem Unterrichtskonzept „Berufssprache Deutsch“	Alemanha

Tabela 1: Corpus de análise

Depois da seleção do *corpus* foi preenchida a grelha de leitura, que permitiu a sua caracterização. A definição das categorias ou especificidades didáticas dos cursos/formações de LA a imigrantes e refugiados que tivemos em conta na análise decorreu aquando da leitura dos estudos.

Dos estudos selecionados, sete deles são empíricos e seguem, embora não o refiram explicitamente, um paradigma interpretativo, de natureza qualitativa; quanto às estratégias de investigação, ora optam pelo estudo de caso, ora pelo estudo etnográfico.

Para além de estes estudos relatarem experiências no âmbito do ensino da LA a imigrantes e refugiados nos respetivos países, os artigos que compõem o *corpus* abordam especificidades didáticas a ter em conta nos cursos/formações, nos contextos sociais, linguísticos e culturais em que se inserem.

Assim, tal como especificado no Gráfico 4, são analisadas, no *corpus*, as evidências relativas aos seguintes domínios:

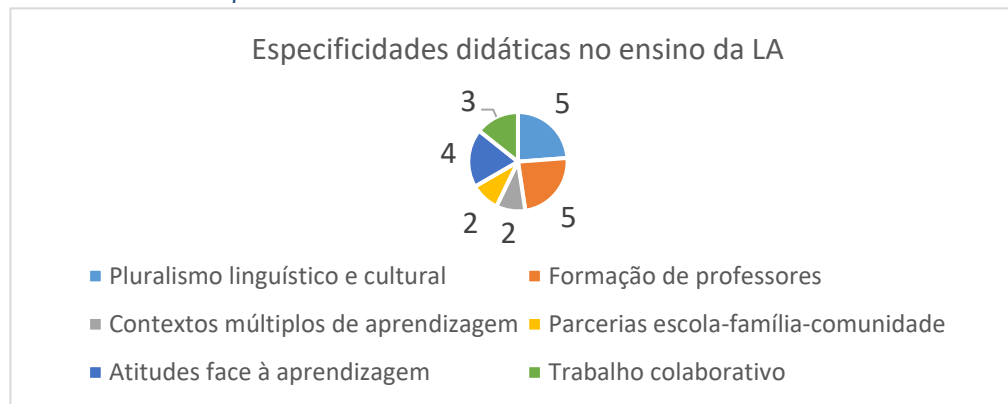
- a) Pluralismo
- b) Linguístico e cultural;
- c) Formação de professores;
- d) Atitudes face à aprendizagem;
- e) Parcerias escola-família-comunidade;
- f) Contextos múltiplos de aprendizagem;
- g) Trabalho colaborativo

Analisando o Gráfico 4, relativamente ao pluralismo linguístico e cultural, cinco dos artigos referem a importância de tornarem as aulas de LA diversificadas linguística e culturalmente, trazendo à discussão as Línguas Maternas (LM) e os repertórios linguísticos dos alunos.

Do mesmo modo, também cinco dos artigos salientam a necessidade de formação de professores no âmbito do ensino da LA, sendo que três dos artigos alertam para a importância do trabalho colaborativo entre os professores.

Simultaneamente, quatro dos documentos analisados apontam que as atitudes face à aprendizagem da LA são determinantes e se relacionam diretamente com o sucesso da mesma, sobretudo quando a aprendizagem decorre em contextos múltiplos de aprendizagem além da sala de aula – referido por dois artigos – e quando se estabelecem parcerias escola-família-comunidade – referido por dois artigos.

Gráfico 4: Especificidades didáticas evidenciadas no *corpus*



2. Apresentação e discussão dos resultados

A meta-síntese aqui apresentada permitiu analisar os dez artigos que compõem o *corpus*, identificando evidências de especificidades didáticas a ter em conta nas aulas dos cursos/formações de LA dirigidos a imigrantes e refugiados. Faremos, então, a apresentação e discussão dos resultados nos domínios já anteriormente apresentados: pluralismo linguístico e cultural, formação de professores, atitudes face à aprendizagem, do trabalho colaborativo, contextos múltiplos de aprendizagem e parcerias escola-família-comunidade.

3.1. Pluralismo cultural e linguístico

De acordo com os estudos E3 e E4, o processo de integração deve incluir as LM dos refugiados, bem como outras línguas dos seus repertórios linguísticos, pois traz para os momentos de aprendizagem maior valorização das heranças linguísticas e culturais dos aprendentes, aspeto referido em E2. Efetivamente, “a língua materna é uma base muito importante para que a aprendizagem de qualquer outra língua se realize com sucesso” (Oliveira, 2010, p. 35). Para além da LM, o percurso de vida, o percurso escolar⁴⁵, percurso de asilo ou refúgio, as representações que se vão construindo do mundo e da LA são fatores que intervêm na aquisição de uma nova língua, a LA. Cabete (2010) reforça esta ideia:

“O aprendente faz-se acompanhar do seu percurso vivencial, do conhecimento da sua língua materna e de outras, das suas experiências, da sua representação do mundo, da visão que construiu acerca da língua portuguesa e de outros diversos conhecimentos acumulados, o que o revestem das mais variadas competências e/ou dificuldades face à aprendizagem da língua” (Cabete, 2010, p. 70).

Em contextos multiculturais e multilingues, a introdução de outras línguas transforma os mecanismos interacionais, criando ambientes participativos, com maior envolvimento dos alunos e, por isso, mais potenciadores da aprendizagem da LA, tal como defende a autora de E8. Assim, introduz o conceito de *Translanguaging*⁴⁶, cuja abordagem melhorou a compreensão mútua, pela (re)construção/re negociação de significados exatos e serviu como ponto de partida para uma reflexão metalinguística.

3.2. Contextos de aprendizagem múltiplos

A interação em contextos além do contexto de aprendizagem (locais públicos, ONG, associações, espaços de prática de exercício...) evidenciou aumentar o desejo de aprender a LA, assegurando um maior e mais rápido desenvolvimento de competências comunicativas, como demonstrado pelo E5. Por isso, no estudo realizado na Noruega – E1 – é defendida uma abordagem holística em diferentes contextos de aprendizagem (informais e não formais), através da adoção da teoria sociocultural, que *“emphasising learning as development through social interaction and participation in social practices, entails a fundamental challenge regarding the education of recently resettled refugees”* (Pastoor, 2017: 147). É claro, no entanto, que a integração e aprendizagem em contextos múltiplos de aprendizagem além da sala de aula, depende em muito do quão facilitadores são os pares. Em E5, por exemplo, os pares com maiores conhecimentos de outras línguas além do árabe, nomeadamente o inglês, assumiram o papel de mediadores contribuindo para a sua, mas também para a aprendizagem dos restantes na LA, o francês.

⁴⁵ A formação académica de refugiados é muito distinta entre eles, verificando-se frequentemente baixos níveis de alfabetização (Mogli & Papadopoulou, 2018). Os próprios contextos políticos e sociais dos países dos quais são originários afastaram-nos da escolarização.

⁴⁶ Abordagem que, segundo García (2014), se centra nas práticas bilingues observáveis e que contribui para a interpretação de contextos multilingues.

3.3. Formação de professores

Os estudos E7 e E9 do nosso corpus alertam para a existência de uma grande lacuna no ensino do [Português] LA, pois não há políticas públicas, nem professores com formação, no Brasil, ficando “*está aquém de ter uma política de ensino do português como língua de acolhimento*” (Amado, 2013: 6), além do ensino do PLE, com crescente movimento nas últimas décadas. Segundo os autores dos mesmos estudos, assim como os autores de E2, E4, E6 e E10 ensinar a LA, vai muito além de ensinar qualquer LE. É necessário ter em conta a identidade dos aprendentes, bem como todo o contexto inerente à situação de asilo e de refúgio, em domínios como a aquisição da linguagem, didática da língua, multilinguismo, migração e integração (Terrasi-Haufe, Hoffmann, & Sgol, 2018).

Em E4, as autoras referem a importância de formação, por exemplo nas LM dos alunos, pela necessidade em trazê-las para a sala de aula, como ponto de partida para o ensino da LA, e por potenciar o ensino do inglês (contexto do Reino Unido) ao invés do ensino por imersão. No artigo é incluído um excerto de um dos professores entrevistados pelo estudo E4 que alude às motivações para a formação em LA: “*just to learn new strategies of how to implement new things, how to progress further, how to encourage more independence, how to encourage independent reading and spelling*” (Madziva & Thondhlana, 2017: 955).

A par desta necessidade é evidenciada pelo estudo E4 a importância de alocar de forma mais sustentável, como é o caso da formação e de recursos materiais digitais, contribuindo para o desenvolvimento profissional dos todos os professores, particularmente destes que são desafiados a ensinar a sua língua como LA a imigrantes e refugiados.

3.4. Trabalho colaborativo

No âmbito do ensino da LA, e tendo em conta a pouca formação dirigida aos professores na qual já nos debruçámos no ponto anterior, torna-se crucial a dinamização do trabalho colaborativo entre eles, a fim de avaliar, questionar e refletir sobre as aulas de LA, bem como trocar experiências e materiais, tal como aconteceu nas reuniões de supervisão relatadas em E9. Assim, estes recursos didáticos poderão ser continuamente desenvolvidos e atualizados, partilhando entre todos os professores de ensino da LA, tal como tem vindo a acontecer no contexto alemão (E10), onde, nesta perspetiva de trabalho colaborativo tem vindo a ser desenvolvido um manual de ensino do alemão enquanto LA a imigrantes e refugiados, para o ensino profissional (Terrasi-Haufe et al., 2018). Por outro lado, a inclusão de professores bilingues, bem como educadores no seio da comunidade de refugiados para apoiar os professores de ensino da LA e facilitar a aproximação cultural. “*This would create an integrative bridge between the native and host culture and promote a feeling of belonging*” (Timm, 2016: 5).

3.5. Atitudes face à aprendizagem

Os autores de E5 assumem que a motivação, interesses e representações dos refugiados está diretamente relacionada com a proficiência linguística. Por esse motivo, as aulas devem estar completamente direcionadas para atender às necessidades comunicativas dos alunos (acesso a serviços, à justiça, aos direitos, ao mercado de trabalho...), assentando em atos comunicativos reais. O documento E10 relata também experiências em que o ensino do alemão se orienta para situações do dia-a-dia, aproximando-se da prática profissional. Por exemplo, os alunos envolvem-se em situações de *role-play*, cenários, casos práticos, jogos e pesquisas com recursos a ferramentas digitais.

Por outro lado, importa que os conteúdos linguísticos estejam adaptados ao nível de alfabetização deste público, tendo em conta que estes grupos são, por norma, multiníveis, com idades, motivações, contextos de asilo e de refúgio e níveis de alfabetização muito distintos, como se refere em E9, E5 e E6.

3.6. Parcerias “escola” -família-comunidade

A criação de espaços de aprendizagem dinâmicos e abertos à interação social, a intercâmbios, à partilha de informações úteis e de oferta de trabalho e ao aconselhamento educacional, tal como relatado em E8, beneficiam a aprendizagem, assim como a integração das famílias nas escolas ou espaços de aprendizagem. Os laços familiares trazem um maior conforto e tranquilidade, por juntos (aprendentes e respetivos familiares) poderem partilhar as suas línguas e culturas, transformando os espaços de aprendizagem em espaços mais inclusivo e acolhedor (Madziva & Thondhlana, 2017). Uma outra parceria possível e recomendada por E3, é a ter presentes professores com os mesmos antecedentes que os alunos e as suas famílias, pois viveram as mesmas ansiedades, mas principalmente porque têm uma visão única das aprendizagens dos alunos e das suas experiências de vida, contribuindo para a superação dos obstáculos e para o sucesso na aprendizagem da LA (Karam, Kibler, & Yoder, 2017).

3. Considerações finais

Numa época em que chegam constantemente à Europa migrantes refugiados e requerentes de asilo, oriundos de países onde imperam conflitos de ordem política, económica e social, um dos desafios que se coloca à sociedade portuguesa é o do acolhimento deste público. Desse modo, cabe à Educação em Línguas, e particularmente à Educação em Português, o papel/desafio de acolher, por meio do ensino do PLA, imigrantes e refugiados. Efetivamente, tal como alude Ançã (2006, p.2) “o domínio da língua é seguramente a via mais poderosa para a integração social, para a igualdade de oportunidades e para o exercício da plena cidadania”. Neste contexto, o presente estudo teve como principal finalidade a resposta à questão de investigação definida: *Quais as especificidades didáticas dos cursos de ensino da língua de acolhimento dirigidos a refugiados?* tendo sido analisadas outras realidades (além da portuguesa) do ensino da LA a refugiados. Para isso, foi definido o *corpus* com uma seleção de dez artigos, aos quais se procedeu à sua meta síntese, tendo-se reunido algumas especificidades didáticas dos cursos/formações de LA, nos referidos países.

Esses cursos/formações potenciam o pluralismo linguístico e cultural dos aprendentes, como forma de promoverem atitudes face à aprendizagem e à LA mais positivas. Concomitantemente, apostam em contextos múltiplos de aprendizagem, onde os aprendentes revelam maiores necessidades e lacunas ao nível da comunicação, mas onde também se torna mais profícuo – pelo seu cariz prático e real – o ensino da LA. Nos contextos de aprendizagem, quer sejam eles formais, não formais ou informais, denotou-se a importância de se estabelecerem parcerias entre a aprendizagem, a família e a própria comunidade de acolhimento, pois mostrou ser uma forma de criar diálogos mais abertos entre todos. No entanto, é ainda salientado um aspeto crucial que se prende com a falta de formação dos professores de LA, bem como a falta de recursos didáticos adequados a este público tão específico.

Como forma de contrariar esta lacuna, é preconizado o trabalho colaborativo entre estes professores, como forma de reflexão e construção de conhecimento prático, essencial ao ensino da LA nos seus contextos. O estudo aqui apresentado revela-se de grande pertinência por permitir perspetivar o ensino do PLA a I-R, uma vez que as especificidades dos cursos/formações, a decorrer há algum tempo, poderão servir como base de sustentação para novos estudos, mais aprofundados. Assim, será possível fazerem-se recomendações ou orientações didáticas para o ensino do PLA a imigrantes e refugiados com maior assertividade.



powerpoint
joana.pdf

[VER POWERPOINT PPT](#) EM

Referências bibliográficas

- Amado, R. de S. (2013). O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. *Revista SIPLE*, 4(2). Retrieved from http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=309:o-ensino-de-portugues-como-lingua-de-acolhimento-para-refugiados&catid=70:edicao-7&Itemid=113
- Ançã, M. H. (2003). Português: língua de acolhimento: entre contornos e aproximações. In Congresso Internacional sobre História e Situação da Educação em África e Timor (pp. 1–6). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Ançã, M. H. (2006). Entre língua de acolhimento e língua de afastamento. Comunicação integrada no Painel “Língua e Imigração” (coordenação de Maria Helena Ançã), apresentado no XIII ENDIPE/Encontro Nacional de Didáctica e Prática de Ensino (s/pp.) (versão em CD-ROM). Brasil, Recife.
- Ançã, M. H. (2017). A língua de acolhimento na educação em português. In E. Mendes et al. *Anais do XI CONSIPLE: Formação de Professores de PLE/PL2 no Contexto do Multilinguismo Global*. (pp. 34–44). Salvador.
- Bardín, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Cabete, M. (2010). O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento. Universidade de Lisboa. Retrieved from http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4090/1/ulfl081236_tm.pdf
- Dybå, T., & Dingsøyr, T. (2008). Empirical studies of agile software development: A systematic review. *Information and Software Technology*, 50(9–10), 833–859. <https://doi.org/10.1016/j.infsof.2008.01.006>
- Erwin, E. J., Brotherson, M. J., & Summers, J. A. (2011). Understanding Qualitative Metasynthesis. *Journal of Early Intervention*, 33(3), 186–200. <https://doi.org/10.1177/1053815111425493>
- European Commission. (2016). Fourth report on relocation and resettlement. In Communication from the commission to the European Parliament, the European Council and the Council (pp. 1–13). Brussels. Retrieved from https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agenda-migration/proposal-implementation-package/docs/20160615/4th_report_on_relocation_and_resettlement_en.pdf
- European Commission. (2017). Relocation: EU solidarity between member states. Retrieved from https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agenda-migration/20171114_relocation_eu_solidarity_between_member_states_en.pdf
- García, O. (2014). Educação, multilinguismo e translanguaging no século XXI. In M. A. Moreira & K. Zeichner (Eds.), *Filhos de um Deus Menos: Diversidade Linguística e Justiça Social na Formação de Professores* (pp. 53–76). Ramada: Edições Pedafo, Lda.
- Grosso, M. J. (2010). Língua de acolhimento, língua de integração. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, 9(2), 61–77. Retrieved from <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/viewArticle/5665>
- Jaranovic, J. (2016). A crise de refugiados e a agenda pós-2015: procurar soluções locais para um desafio global. Instituto Universitário de Lisboa. Retrieved from [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12530/1/2016_ECSH_DEP_Dissertacao_Jovana Jaranovic.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12530/1/2016_ECSH_DEP_Dissertacao_Jovana%20Jaranovic.pdf)
- Karam, F. J., Kibler, A. K., & Yoder, P. J. (2017). “Because even us, Arabs, now speak English”: Syrian refugee teachers’ investment in English as a foreign language. *International Journal of Intercultural Relations*, 60, 169–182. <https://doi.org/10.1016/J.IJINTREL.2017.04.006>
- Madziva, R., & Thondhlana, J. (2017). Provision of quality education in the context of Syrian refugee children in the UK: opportunities and challenges. *Compare: A Journal of Comparative and International Education*, 47(6), 942–961. <https://doi.org/10.1080/03057925.2017.1375848>
- Mogli, M., & Papadopoulou, M. (2018). “If I stay here, I will learn the language”: Reflections from a case study of Afghan refugees learning Greek as a Second Language. *Research Papers in Language Teaching and Learning*, 9(1), 181–194. Retrieved from <https://search.proquest.com/openview/e14027e6d0f3310d12c21cc6448b8b65/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1616335>
- Observatório das Migrações. (2016). *Programas, Medidas e Mecanismos de Resposta Recentes para Refugiados*. Retrieved January 29, 2018, from <http://www.om.acm.gov.pt/-/programas-medidas-e-mecanismos-de-pesposta-recentes-para-refugiados>
- Oliveira, A. M. (2010). Processamento da Informação num Contexto Migratório e de Integração. In M. H. Ançã (Coords.), *Educação em Português e Migrações* (pp. 8–45). Lidel Editores. Retrieved from <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/993>
- ONU. (1951). *Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados*, 1–14. Retrieved from http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados
- Pardal, L., Afonso, E., & Ferreira, H. (2007). Língua e Integração: representações sociais de imigrantes. In M. H. (coord. . Ançã (Ed.), *Aproximações à língua portuguesa* (Cadernos d, pp. 61–80). Aveiro: CIDTFF.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

Pastoor, L. de W. (2017). Reconceptualising refugee education: exploring the diverse learning contexts of unaccompanied young refugees upon resettlement. *Intercultural Education*, 28(2), 143–164. <https://doi.org/10.1080/14675986.2017.1295572>

Sandelowski, M., & Barroso, J. (2007). *Handbook for synthesizing qualitative research*. New York: Springer Publishing Company.

Terrasi-Haufe, E., Hoffmann, M., & Sgol, P. (2018). Sprachförderung in der beruflichen Bildung nach dem Unterrichtskonzept „Berufssprache Deutsch“. *Zeitschrift Für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht*, 23(1), 1–14. Retrieved from <http://tujournals.ulb.tu-darmstadt.de/index.php/zif/article/view/875>

Timm, M. (2016). The Integration of Refugees into the German Education System: A Stance for Cultural Pluralism and Multicultural Education. *EJEP: EJournal of Education Policy*. Retrieved from <https://eric.ed.gov/?q=language+education+for+refugees+peoples&id=EJ1158163>

Vasconcelos, M. H. (2005). *Educação de adultos e mutações sociais, uma ponte para a autonomia*. Universidade Nova de Lisboa.

SÓCIA AICL PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

25. JOÃO MALACA CASTEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL), AGLP, PATRONO DESDE 2007, PRESIDENTE HONORÁRIO A PARTIR DE 2019



13º RIO 2010



15º MACAU 2011



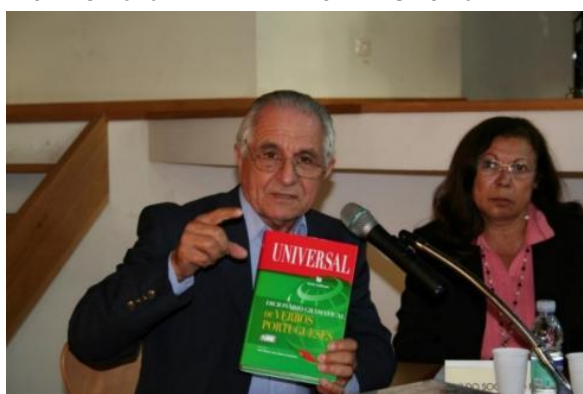
27º BELMONTE 2017



19º MAIA 2013



21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO) 2014



8º COLÓQUIO BRAGANÇA 2007\



18º GALIZA 2012



25º MONTALEGRE 2016



8º COLÓQUIO BRAGANÇA 2007

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em filologia românica em 1961.

Doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em sintaxe da língua portuguesa.

Foi desde 1981 professor catedrático na mesma faculdade.

Lecionou e coordenou sintaxe e semântica do português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da sintaxe, léxico e didática, no âmbito do mestrado.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, e conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica. Presidiu ao Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre 1984 e 1987.

Coordenou e colaborou em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

Professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras.

É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979.

Foi presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia entre 1991 e 2008.

Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Em representação da Academia das Ciências de Lisboa, Malaca Casteleiro fez parte da delegação portuguesa ao Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Em 1986 participou também no Anteprojecto de Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, em 1988, assim como nos trabalhos que conduziram ao Acordo Ortográfico de 1990, firmado nesse ano, em Lisboa.

A 24 de abril de 2001 foi feito Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

João Malaca Casteleiro foi o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Foi o coordenador científico do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa editado pela Porto Editora outº 2009.

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998. João Malaca Casteleiro foi galardoado com o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981. Foi agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de títulos sobre Linguística, Didática do Português - Língua Estrangeira e situação da língua portuguesa no mundo. Publicou obras como A Língua e a Sua Estrutura, A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber, Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère, A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade. Malaca Casteleiro tem tido diversas intervenções públicas em prol do Acordo Ortográfico.

Subscreveu, em 2008, o manifesto de Evanildo Bechara, académico da Academia Brasileira de Letras e promotor do Acordo Ortográfico no Brasil, - "Considerações em torno do Manifesto-Petição dirigido ao senhor Presidente da República e aos Membros da Assembleia da República contra o Novo Acordo Ortográfico de 1990" -, divulgado no âmbito do 3.º Encontro Açoriano da Lusofonia (10º colóquio da lusofonia), no qual se pode ler:

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019



25º MONTALEGRE 2016\



28º VILA DO PORTO 2017



14º BRAGANÇA 2010



8º COLÓQUIO BRAGANÇA 2007



25º MONTALEGRE 2016



17º LAGOA 2012



27º BELMONTE 2017



Diz também o Manifesto-Petição que a proposta é “perniciosa, e de custos financeiros não calculados”. Ora, a crítica não se aplica, em rigor, só à reforma em discussão, mas a toda a série de reformas que se propuseram – e não foram poucas! – desde 1911 até nossos dias. Um inteligente e razoável prazo fixado pelas autoridades e editoras tem minorado os custos financeiros de quem se considerou prejudicado.

Toda a motivação que tem justificado as sucessivas reformas ortográficas insiste em que elas pretendem garantir a defesa da língua e facilitar o estudo e ensino do idioma.

Por isso, também parece não caber à presente proposta a declaração exarada no Manifesto-Petição de que ela é, “nas suas prescrições, atentatória da defesa da língua”. Só num ponto concordamos, em parte, com os termos do Manifesto-Petição, quando declara que o Acordo, para servir de base a uma proposta normativa, contém “imprecisões, erros e ambiguidades.

Os doutos linguistas da Universidade de Lisboa, professores de ambas as margens do Atlântico e especialistas de línguas africanas já apontaram nele falhas e sugestões. Mas isso tem ocorrido com todas as propostas de reforma, e elas têm sido aceitas e adotadas mesmo assim, com promessas de melhorias no futuro.

A mesma reforma de 1911, que tem sido considerada a mais feliz de todas, tão logo foi oficialmente aprovada, mereceu palavras de elogio, mas também de receio da boa solução para alguns problemas da nossa rica fonologia das vogais e da flexão verbal.”.

Este manifesto responde às críticas que foram dirigidas ao Acordo Ortográfico pelos signatários da petição Manifesto em defesa da Língua Portuguesa e conclui que «as falhas que se podem apontar no Acordo Ortográfico, facilmente sanáveis, não devem impedir que a língua escrita portuguesa perca a oportunidade de se inscrever no rol daquelas que conseguiram unificação no seu sistema de grafar as palavras».

Em 2005, respondendo ao pedido de pareceres que o Instituto Camões enviou a diversas instituições sobre o Segundo Protocolo Modificativo de 2004 do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, Malaca Casteleiro emitiu, em nome da Academia das Ciências, parecer favorável à aplicação do Acordo do qual foi um dos autores.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor do AO 1990 em cuja conceção participou.

Em 2019 demitiu-se do cargo de Presidente da Mesa da Assembleia-Geral e foi unanimemente eleito como Presidente-Honorário da AICL.

Tema 3.2. A (orto)grafia portuguesa do séc. XII aos nossos dias". João Malaca Casteleiro / Maria Francisca Xavier / Maria de Lourdes Crispim, Academia de Ciências de Lisboa - Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Para tratar sucintamente este tema considerámos três períodos: 1º - do século XII ao início do XVI; 2º - do século XVI ao XIX; 3º - séculos XX e XXI.

No primeiro período - do século XII ao início do XVI - a escrita apresenta variações gráficas que suscitam diferentes explicações entre as quais: hábitos adquiridos durante a formação dos escribas em diferentes *scriptoria*; preferências individuais; influência da tradição latina e/ou da oralidade regional.

Todas estas reflexões se relacionam com um conceito de texto escrito como codificação da oralidade e com o conceito de ortografia. No primeiro período não havia regras estabelecidas pelo que os escribas escreviam de acordo com regras, hoje desconhecidas, mas que parecem relacionar-se com a tradição – tanto a língua como a escrita têm origem na língua e na escrita latinas – por um lado, e com a relação da escrita com a oralidade por outro. A estes dois fatores teremos de juntar ainda o problema dos suportes: antes da difusão do papel os suportes eram caros e de dimensões reduzidas – pergaminho – que obrigavam (com exceções) a economias de espaços entre as diferentes partes do texto – capítulos, parágrafos, palavras. Esta economia justificaria ligações e separações de palavras e partes de palavras que não correspondem às atuais formas codificadas das mesmas.

No século XX, alguns especialistas de estudos textuais e de edições de textos antigos trouxeram à discussão conceitos como o de *escrita como prática significativa específica* (KRISTEVA, 1969) e de *espaço gráfico* compreendendo *três ordens de grandeza – nível das palavras, nível das frases e nível do texto* (CATACH, 1980), que nos podem ajudar a descodificar algumas características da escrita medieval, nomeadamente ligação / separação de palavras, pontuação, uso de maiúsculas / minúsculas, abreviaturas, mas não cabem no âmbito desta apresentação.

De igual modo, não cabe no âmbito desta comunicação uma inventariação extensa da variação gráfica de textos produzidos ao longo de cerca de quatrocentos anos. Assim, tentaremos dar alguns exemplos que permitam compreender o fenómeno e talvez suscitar para ele o interesse de novos investigadores. Neste sentido, apresentamos características da escrita medieval começando pelas questões espaciais: Pontuação e uso de maiúsculas; Abreviaturas; Ligação / separação de palavras ou elementos de formação das mesmas.

1. Espaço gráfico

1.1. Pontuação e uso de maiúsculas

Estes dois elementos estão modernamente relacionados com a separação de partes do texto servindo para distinguir parágrafos, períodos, elementos das orações ou categorias morfológicas. No corpus que utilizamos não está retratada a totalidade destas características pois algumas edições tinham

objetivos editoriais que levaram à sua modernização. No entanto, com base nas edições mais conservadoras dos textos mais antigos, podemos observar algumas ocorrências de diferenças formais:

a) Exemplo de pontuação (ou falta da mesma):

<S 13> <D 1255> <P PEs> <T Lxa> <N João Soares> <E CA001>

{{Carta de foro h(er)editatis ((L016)) de Teloos de Aguyar.}}

Sabiam todos aqueles q(ue) esta carta uirẽ q(ue) eu don Alfonso pela graça de deus Rey d(e) Portugal & Conde d(e) Bolonia fazo carta de foro a uos pobladores da mya herdade de Tolones de Aguyar. dou uos quaãta h(er)dade ei. en essa villa cũ seus t(er)mios novos & antigos en essa villa cũ seus t(er)mios novos & antigos a foro a saber e¥ como p(ar)te pelo porto d(e) vereã cono Souto & ã outra parte cono Porto dos Oleyr(os) & ã outra parte cono Porto dos Oleyr(os). & ã out(ra) p(ar)te como uay pelas ueygã a¥ã¥s carualias gẽmeas. & ende uay aos terrẽos dos vidos. da agua de Lampazas & ende p(ar)te c Jzimã pelo terreo de mata filios. & (...)

b) Exemplo do uso aleatório de maiúsculas e minúsculas

<D 2ª metade do século 12><E DN002> ((Mosteiro da Moreira, Maço 8, 33))

Noticia de auer que deuen a dar a petro abade In palmazianos sup(er) uno casal de afonso rodrigiz. vij M(o)r(abetinos). (...). De seu pan que uendeu in palmazianos. Martino. petriz. i M(o)r(avedil). petro neto do ribeiro. i M(o)r(avedil). Gunsaluo suariz do paonbal. i Medio. M(o)r(avedil). garcia suariz. fiador. Menẽdo uermuiz. i M(o)r(avedil). godina menendiz. fiador petro suariz de quintana.

1.2. Abreviaturas

a) Exemplos de abreviaturas desenvolvidas entre (...) nas edições que integram o CIPM

<D 2ª metade do século 12> ((Mosteiro de Pedroso, Maço 4, 38))

H(oc) e(st) fïto de casales de eligoo que tenet alfo(n)s(us) didaci d(e) monast(er)io de pedroso. i(n) outeiro. ijos casales. Et dedit didac(us) tornïcas ad monast(er)io petroso a q(ui)nta de uilla d(e) eligoo. (e) sua mulier. altera quinta. (...)

<S 16> <D 1505> ((Mosteiro de Vilarinho, Maço 6, 24)) ((Assunto: Emprazamento da quebrada de Penellas, feito pelo Prior do mosteiro de Vilarinho a Fernam Correa, escudeiro, e sua mulher Mjcia Ffernandez.))

Joham de coJnbra doctor en degredos prouisor (e) vig(airo) geeral em a igreJa (e) arceb(is)pado de bragaa pollo Reverendissimo S(enh)or o sin(h)or Cardeal de portugal Comendatario p(er)petuo da igreJa de bragaa (e) S(enh)or da di(c)ta cidade p(ri)mas das espanhas c(etera) a quantos esta carta de enprazam(ento) virem faço sab(e)r que ho p(ri)or do moest(eiro) de uilarinho do di(c)to arceb(is)pado me emviou dizer q(ue) sentindo por proveito do di(c)to m(osteiro) queria enprazar como de feito enprazou a quebrada de penellas q(ue) o di(c)to m(osteiro) tem sita na freq(uesia) de sam frausto a fernam correa escud(ei)ro m(orador) em a villa de guim(a)r(ãe)s (e) a sua molher mjci¥a ff(e)rr(nande)z (e) a hũu f(ilho)

1.3. Ligação / separação de palavras ou elementos de formação das mesmas

A maior parte das edições procedem à regularização destas unidades gráficas de difícil interpretação e análise pelo que daremos alguns exemplos extraídos do texto LTV. Esta característica dos textos medievais relaciona-se provavelmente com o problema do espaço gráfico na medida em que por vezes se torna difícil perceber se existe espaço intervocabular ou não. Nos exemplos dados podemos constatar, no entanto que a questão não parece relacionar-se com as categorias morfológicas dos elementos ligados:

a) Exemplos de ligação extraídos do cap. I de LTV:

açidade (= a cidade) – ligação gráfica do artigo definido e do nome
paforma (= per a forma) – ligação da preposição abreviada, do artigo e do nome
porcompanh(eir)a (= por companheira) – preposição ligada ao nome
aaparecer (= a aparecer) – preposição ligada ao verbo
semprete (= sempre te) – advérbio de tempo ligado a um pronome
sedereitamente (= se dereitamente) – conjunção ligada ao advérbio
edamaneira (= e da maneira) – conjunção, contração de preposição e artigo, nome

b) Exemplos de separação de elementos que hoje constituem uma palavra gráfica, extraídos do Cap. I de LTV:

mal avisada (f. 4r)

bem aventurados (10r)

No entanto, estas características dos textos medievais têm despertado menos interesse do que as que dizem respeito ao uso de consoantes e vogais, talvez porque a codificação destes elementos se prende mais diretamente com as regras de ortografia desde os primeiros gramáticos.

Nos textos do primeiro período são numerosas as alografias por uso aleatório de grafemas, sobretudo vogais e consoantes simples e duplas, uso do <h>, de consoantes inexplicadas como o <p> em *dapno*, etc.

A partir das diferentes entradas e variantes registadas no DLPM, exemplificamos as principais alografias que ocorrem nos textos do CIPM.

2. Principais alografias

2.1. Vogais simples, duplas iniciais e internas, e uso de h

As vogais duplas podem ter carácter etimológico, correspondendo a vogais que ficaram em contacto pela queda de consoantes latinas intervocálicas – *maa* < mala; *ũu* < *ũnu*; *seer* < *sedere* – ou resultarem de contrações de preposição e determinante, pronome ou advérbio – *aa* < *a⁴ + a¹*); *aaquele* < *a⁴ + aquele*; *aacima* *a⁴ + acima*.

A origem de algumas vogais duplas, porém, não corresponde a qualquer regularidade gráfica quer em posição inicial quer interna e, a esta variação gráfica dos vocábulos acresce frequentemente o uso de <h>

Exemplos:

aalem adv. [1453? LTV] **Aallem desto** vos & todallas outras podees bem ueer camanha samdiçe he de meteer o corpo & a omrra em despreço de maas línguas [1504 Cat] E assi quẽ tener sobejo, scilicet, **aaleẽ** do neçessario pera sua vida e de seus familiares e sobejo **aaleẽ** do neçessario pera seu deçẽte e cõveniẽte estado e de sua familia, he obrigado a socorrer e fazer esmola (Var. *aalẽ, áalẽ, aaleẽ, aalem, áálem, aalẽm, aalen, áálen, aallẽ, aallem, aallẽm*). Cf. **alem⁺, aalende, alende, halem**.

alem adv. (Do lat. *ad illinc*). [séc. 13 CSM005] [séc. 13 CSM005] Mas, quando moveu de Roma por passar **alen**, / leyxou seu irmão e fez y gran seu prazer. / [1500 CPVC] E a **alem do** Rio amdauam mujtos deles damçando (Var. *alẽ, aleeẽ, aleem, alem, alẽm, alen, allẽ, allem, allẽm, allen*). Cf. **aalem, aalende, halem**.

halem adv. [séc.15 CDJ12] *pasamdo* muito tempo **halem** do termo que se ouverom de pagar, nũca el Rei curou de as mamdar poer em exucuaom.

apostolo s. m. (Do lat. tard. *apostolu*). Apóstolo 1. Cada um dos 12 discípulos de Jesus Cristo [séc. 13 CSM306] *Esta eigrej' é aquela que chaman de Leteran, / que do 'imperador foi casa que nom' ouv' Octavian; / mas depois ar foi eigreja do **apostol** San Johan, / mui nobre e mui ben feita e que costou grand' aver. (...) [séc.15 ZPM] Porque, segumdo o **Apostolo**, Deus he o que obra ã nos, & o seu comprimemto segumdo as cousas que se amte & depois seguyrã, assy ã esta çidade como em Allcaçer* (Var. *apostol, apostolo, apostollo, apóstollo, apostolorum, apostollogio, apostulo, appostollos, appostolo*). Cf. **hapostolo**.

hapostolo s. m. [1488 S] *E ã a festa de Sam Marttinho, por que sse lee que foy ygoal dos **hapostolos**.* (Var. *hapostolo, hapostollos*). Cf. **apostolo**⁺.

ar¹ s. m. (Do lat. *aëre*-). Ar [1489 TC] *Ca a serpente cõ sua poçonha eçua o **ar** e mata o homẽ na terra* Cf. **aar, aire, haar**.

haar s. m. [1488 S] *O segũdo pecado he cõtra natura. E este pecado he mais grave, que soomẽte no falar sse çuja a boca e ho **haar**.* Cf. **ar**¹⁺.

ospital s. m. [1173? DP001] *Et in uostra herdade habet tal foro quale dó **óspital**.* [séc.14 CGE] *Tomou muita terra aos mouros e fez muito bẽ en seu senhorio e fez muitos **ospytaaes** e obras de piedade.* (Var. *ospital, óspital, ospytaaes*). Cf. **espital, hespital, hospital**⁺, **spital**.

hospital s. m. (Do lat. *hospitãle*-). Hospital [1273 DN033] *a qual iaz antre a vinha que foy de Don yhoane de hũa parte. e a vinha do **hospital** da outra.* [séc.14 NLL011b] *E bem parece que Aman disse verdade, ca ela foi de boa vida, e fez o moesteiro de Sam Juliam e outros **hospitaes** muitos, e os que dela decenderom foram muito compridos do que o grande astrolego disse, que foi Aman.* [1504 Cat] *Se por avareza emvia seus filhos bastardos a **hospital**, ou seus servidores doẽtes.* ♦ **ordem**⁺ **do Hospital** (Var. *hospitaaes, hospitaes, hospital*). Cf. **espital, hespital, ospital, spital**.

2.2. Representação das consoantes

Exemplos:

Grafema <f> / <ph>

fariseu s. m. (Do lat. tard. *pharisaeu*). [séc. 13 CSM426] [1489 TC] (Var. *fareseu, fariseu, farisseus*). Cf. **phariseu**.

phariseu s. m. [1504 Cat] *Avemos de fugir de fazer scãdalo aos simplezes e nom curar do scandalo dos **phariseos**.* (Var. *phariseos, phariseu*). Cf. **fariseu**⁺.

philho s. m. [séc. 15 OE] *Onde diz **Philo** o muy sabedor que a sabedoria he mais poderosa que todalas cousas e diz o ffilho de Sirac que o home~sancto he estauel e~na sabedoria assy como sol.* (Var. *phillo, philo*). Cf. **filho**⁺.

profetar v. (De *profet(a) + -ar*). [séc. 13 CSM180] [séc. 13 CSM411] (Var. *profet-, prophet-*).

- Exemplos de consoantes simples e duplas, iniciais:

filho s. (Do lat. *filīu-*). [1173? DP001] [1504 Cat] (Var. **ffilha, ffilho**, *ffilhó, ffillo, ffjho, ffylho, fias, fiha, fjlho, **filha**, filhãs, **filho**, filhó, fílhó, filhoo, filhus, filio, filjus, filla, fillio, fillu, filo, filu, filyo, filyo, fio, fjlho, flho, fylas, fýlha, fylho, fyllo*). Dim. *filhinho* (Var. *filinno, filynno, filhinhos, filhizinhos*). Cf. **philho**.

- Exemplos de consoantes internas simples, duplas e triplas:

excelencia s. f. (Do lat. *excellẽtia*-). (...) [séc.14 CI] *Mais o profeta entende per seu dizer e mostra expersamente a **exçelẽncia** e a melhoria de Christo, segundo parece a quem bem quiser parar mentres.* [1488 S] (...) *ca este Sam Tyago, filho do Alpheou, foy o que permeiramente disse myssa antre os apóstolos, despois que Jhesu Christo subyo aos çeos e esta hõrra lhe derom por **exçelẽncia** de sua santidade* (Var. **exçelemçia**, *excelẽcia, exçelẽcia, **excelencia**, exçelencia, excellẽcia, exçellẽcia, exçellemçia, **excellencia**, excellẽcia, exçellencia, exçellẽcia, exçillemçia, exellemçia*).

excelente adj. (Do lat. *excellente*-). (...) [séc. 13/14 VS4] *Oo manjar muy **excelente** honrradoiro e de amar digno de seer adorado e glorificado e abracado e exalcado per todolos louvores. / [1489 TC] De todalas criaturas nõ ha hy mays nobre nem mays **excilente** que o homẽ (...)* (Var.

eiçelente, eiçellente, eiçilente, eiçillente, excelemente, exçeemente, excelente, exçelente, exçelête, excelhente, excellente, exçellemte, eccellente, exçellête, exçellête, excilente).

pacífico adj. (Do lat. *pacificu-*). (...) séc. 14 CDA3-343] (...) e *filhara ende os direitos deles que eu soya d auer e eram meus de direito e de que estaua en posse **paçiffica** como dicto he. / [séc.15 OE] E bem assy o nosso rey Salamõ **pacífico**, Jhesu Christo, fez auctoridades das Sanctas Scripturas que tomou* (Var. **paciffica**, **paçiffica**, paçífica, **pacífico**, paçífico, paçifiqua).

No segundo período - do século XVI ao século XIX - as primeiras tentativas de codificação da escrita surgem com os primeiros gramáticos no século XVI. Todos têm a preocupação de descrever a forma das letras e o som que lhes corresponde. Fernão de Oliveira, o primeiro gramático (1536), descreve os grafemas que devem ser usados na escrita e as suas respetivas articulações.

Ex.: *Esta letra.c. cõ outro .c. debaixo de si virado para tras nesta forma .ç. tẽ a mesma p(ro)nũçiação q(ue) .z. se não q(ue) aperta mais a lingoa nos dentes. .j. consoante tẽ a aste mais longa q(ue) a vogal: e tẽ ençima hũ pedaço q(eu)brado para tras:e em bayxo a ponta do cabovirada tambẽ para tras a sua p(ro)nũçiação e semelhãte a do .xi. cõ menos força e esta mesma virtude damos ao .g. q(ua)ndo se segue despoys delle e. ou .i.*

Àcerca das consoantes duplas diz o mesmo gramático – *Dois letras de hũa syllaba juntas ambas em hũa parte antes ou depois não são necessárias na nossa língua como offiçio e pecado* – mas como vemos no primeiro texto usa <ll> na palavra *delle*.

Também João de Barros (1540) considera, relativamente às consoantes duplas – *A primeira e principal regra na nossa orthografia, é escrever todas as dições com tantas letras com quantas a pronunçiamos, sem poer consoantes oçiosas como uemos na escritura italiana e francesa.*

Sobre o mesmo tema Gândavo (1574) prescreve - *Nvnqva em principio nem em cabo de dição, se vsará de duas letras semelhantes, nem ainda no meyo, saluo quando a origem do vocábulo as pedir, ou quando algum nome ou verbo for composto como adiante se dira.*

Este autor, como o primeiro, descreve as grafias e, curiosamente, usa imagens elucidativas para diferenças que desapareceram da língua padrão atual, mas se mantêm em certas regiões:

... pera se conhecer com que letras se hão de escrever, he forçado que todos os escrivães que nesta parte quizerem ser perfectos, tenham algum conhecimento de latim, ou ao menos conheção a diferença que há na pronunçiação do c, ao s, e do s, ao z porque se caírem nella, com mais facilidade poderão vedar muitos erros [...] entendam que quando pronunciarem qualquer dição com c, hão de fazer força com a língua nos dentes debaixo de maneira, que fique algum tanto a ponta dobrada pera dentro, e quando for com s, porão a língua mais folgadoamente para cima que fique soando a pronunçiação á maneira de assuio de cobra, que esta foy a causa porque os Antigos formaram o s da feição da cobra, e o c, à maneira de meio circulo que fica dobrado semelhante à língua quando o pronuncia.

A preocupação com a regularização da representação gráfica dos sons e da origem latina quer dos mesmos quer da sua representação escrita, continua ao longo dos séculos seguintes. No século XVII, Duarte Nunes de Leão (1606), na *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa* dá-nos alguma informação sobre a grafia dos ditongos que nos permitem perceber que as desinências verbais em –am já se tinham ditongado:

O quarto ditongo é ão, [...] sobre que há mais opiniões e dúvidas em que lugar se há-de usar. Porque uns indistintamente o usam e o confundem com esta terminação am, não fazendo de um a outro diferença algũa. [...] De maneira que, com este ditongo, temos de escrever necessariamente as terceiras pessoas do plural do indicativo modo, da primeira conjugação dos portugueses, como amão, acusão. Item as terceiras pessoas do plural de todos os verbos, de qualquer conjugação, do pretérito imperfeito, como amavão, tinhão, ouvião. [...] onde [língua] castelhana diz an

ou on [...] responde a portuguesa com aquela pronúncia de ão que sucedem lugar da antiga terminação dos Portugueses de om [...] A qual ainda agora guardam alguns homens de Entre Douro e Minho e os Galegos, que dizem, fizeram, amaram, capitom, cidadom, tabalio, apelaçom.

No século XVIII, é interessante considerar a posição de Jeronymo Contador de Argote que pretende facilitar os estudos de latim através do conhecimento da gramática portuguesa: *A presente Grammatica he Portugueza no nome, nas palavras, e nas regras; porém no intento, e effeyto, para que se compoz, he Latina; por isso a mayr parte das regras, que contêm, guardaõ ou total, ou parcial harmonia com as Latinas e as demais, em que a Grammatica Portuguesa discorda inteiramente da Latina, as reputa como Idiotismo, e assim as deyxta para aquelles, que houverem de compor da Grammatica Portugueza em toda a sua extensaõ.*

No título que precede o Capítulo I, reitera a ideia: *Regras da língua portugueza espelho da Lingua Latina, ou Disposição para facilitar o ensino da língua Latina pelas regras da Portugueza.*

O ensino desenvolve-se sob a forma de diálogo entre Mestre (M) e Discípulo (D). A propósito das letras dobradas, questão tratada, como vimos, por outros gramáticos, o Mestre pergunta:

M – *E as palavras tem às vezes alguma letra, que não faça som, isto he, que não se pronuncie?*

D – *Sim.*

M. – *Dizey exemplo.*

D – *Quando na palavra vem dous BB juntos, como em Abbade, o segundo B não se pronuncia e perde o som. Isto mesmo sucede ás letras D, F, G, L, P, T, S [...]*

M – *E de que serve então dobrar as letras [...]*

D – *Serve humas vezes de mostrar donde se deriva a palavra, outras serve de mostrar a significação [...]*

D – *Escritt escreve-se com dous TT para mostrar que se deriva do adjectivo Latino Scriptus. Amasse escreve-se com dous SS, e mostra que significa no pretérito perfeyto, e não no presente Ama se.*

Ainda no séc. XVIII, FR. Luís do Monte Carmelo publica um Compendio de Ortografia (1767), em que analisa o conceito: *A Orthografia, que significa Recta Escritura, he Arte de escrever com acêrto, ou rectamente [...]* *A Orthografia tracta das Letras; a Prosodia das Syllabas e Accentos; a Etimologia das Dicções [...].*

É interessante nestes gramáticos, observar o tipo de argumentação sobre os fenómenos linguístico. Gândavo considerava que a forma do grafema <s> era motivada pelo som correspondente que se assemelha ao “assobio de cobra”, em Carmelo encontramos a seguinte explicação para a grafia de mãe:

Anda em opiniões a Orthografia dos Nomes Pae, Mãe. He certo, que no plural de Pae, isto e Paes, fazemos o mesmo som, que em Reaes, Sipaes Taes etc. e daqui se-póde inferir, que este Nome se escreve rectamente assim Pae, Paes. Alguns escrevem Pai, Pais, oi Pay, Pays com Dithongo ai, ou ay; mas nam me parece esta a melhor Orthografia. No singular Mãe, e no plural Mães, he evidente, que formamos hum som muito brando, [...]. Talvez quiseram assim os Portuguezes significar a brandura, e mavioso affecto das mães com os filhos. Por isto julgo, que se deve escrever Mãe, Mães.

Apesar de toda a atividade dos gramáticos, de que demos exemplos, constatamos que ainda no início do séc. XX a variação gráfica se mantinha, como testemunha Leite de Vasconcelos nas suas lições de 1904/05:

É sabido que cada moderno escritor nosso adopta, por assim dizer, sua ortografia. Isto já vem de longe [...]. Os primeiros que tentaram representar graficamente o português viram-se em grandes embaraços: de um lado tinham o modelo tirânico do latim, a que mal podiam subtrair-se (como entre nós ainda hoje em parte sucede), e do outro precisavam de representar os sons da língua viva com suficiente exactidão, sons que por vezes eram absolutamente estranhos ao latim, como os ditongos nasais [...]. De tais embaraços resultou um mixto de ortografia, não somente na medieval, senão também na dos tempos posteriores. Em um documento português do século XII (?) acha-se fecerum = fezerum [...] seuo = suo, forum = forom, irmana = irmãa [...]

Soares Barbosa em 1822 na Grammatica philosophica escreve erradamente louval-os

[...] Garrett faz perturbações escrevendo incontrar, incanecido, licção; escreve porém acertadamente achamo-lo [...]. Não pretendo aqui fazer a história da nossa ortografia; quis só mostrar as titubeações que tem havido. Parece à primeira vista que devia escrever-se absolutamente como se fala. Isto pode fazer-se, e de certo modo se faz, com um dialecto modesto e inculto. Com uma língua nacional, de longa tradição literária, e de fonética difícil, como a nossa, é impossível, porque se deve ter em conta a literatura existente, e porque cada localidade fala de seu modo. Em todo o caso, convém estabelecer uma norma.

No terceiro período - século XX e XXI - assistimos ao primeiro esforço oficial de regularização gráfica da escrita. Em 1911, o governo português manda publicar um Formulário ortográfico de referência para documentos oficiais e para o ensino.

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) foi assinado pelos países da CPLP, à exceção de Angola e de Moçambique. Este entrou finalmente em vigor no Brasil em princípios de 2009 e em Portugal em maio de 2009, prevendo-se um período de transição de três anos para o Brasil e de seis anos para Portugal.

Decorrido este tempo, porém, muitos há que recusam cumprir a atual lei ortográfica.

Tomemos como exemplo da recusa em adotar a nova ortografia Ricardo Araújo Pereira, nomeadamente nos seus textos de opinião da revista Visão.

É de notar que nem sempre se encontram registadas naqueles textos palavras que Ricardo Araújo Pereira escreveria violando as regras ortográficas em vigor, como se pode ver no número de 7/3 a 13/3/2019. No entanto, no número da Visão de 28/2 a 6/3/2019 é possível encontrar uma palavra escrita de acordo com a antiga ortografia: INFECTADO. De facto, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, atualmente em vigor, estabelece relativamente ao grafema C o que se transcreve a seguir e que corresponde ao que Ricardo Araújo Pereira rejeita porque prefere manter na escrita um C etimológico sem valor sonoro.

Base IV: Das sequências consonânticas

1. O c, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores cc (segundo c com valor de sibilante), cç e ct, e o p das sequências interiores pc (c com valor de sibilante), pç e pt, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

- a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, convicto, ficção, friccionar, pacto, pictural; adepto, apto, díptico, erupção, eucalipto, inepto, núpcias, rapto;
- b) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: ação, acionar, afetivo, aflição, aflito, ato, coleção, coletivo, direção, diretor, exato, objeção; adoção, adotar, batizar, Egito, ótimo;

c) Conservam-se ou eliminam-se facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *aspecto* e *aspeto*, *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *dicção* e *dição*; *facto* e *fato*, *sector*, *ceptro* e *cetno*, *concepção* e *conceção*, *corrupto*, *corruto*, *recepção* e *receção*;

Apesar de o texto do Acordo Ortográfico de 1990 não apresentar contradições entre o que propõe e o que escreve, como acontece com alguns gramáticos antigos, os automatismos de escrita adquiridos por pessoas alfabetizadas na vigência da lei anterior ainda ecoam na imprensa, nas redes sociais e mesmo em petições apresentadas na Assembleia da República.

Referências Bibliográficas

- Argote, Jeronymo Contador de (1725) Regras da lingua portugueza. Espelho da lingua latina. Lisboa Occidental, Officina da Musica. Online
- Barbosa, Jerónimo Soares (1822 a ver) Gramatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem. Lisboa, Academia Real das Sciencias.
- Barros, João de (1540, a ver com a Céu) Grammatica da Lingua Portuguesa.
- Carmelo, FR. Luís do Monte (1767) Compendio de orthographia, com sufficientes catalogos, e novas regras accrescentando com outros novos catalogos, e explicação de muitos Vocabulos antigos, e antiquados ...; de todos os Termos Vulgares menos cultos, e mais ordinarios...
- Catach, Nina (1980) La poctuatio. Langue Française 45, pp. 18-19.
- Gândavo, Pêro Magalhães de (1574, ed. fac-simil. 1981) Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa. Biblioteca Nacional, Lisboa.
- ILTEC – Acordo Ortográfico, Portal da Língua Portuguesa. <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1990>
- Kristeva, Julia (1969) *Le Langage, cet inconnu*. (Tradução portuguesa de Maria Margarida Barahona, História da Linguagem 1974. Lisboa, Edições 70)
- Leão, Duarte Nunes de (1576) A orthographia da lingoa portuguesa. Biblioteca Nacional, Lisboa.
- Oliveira, Fernão de (1536, ed. Fac-simil. 1988) *Gramática da linguagem portugesa*. Biblioteca Nacional, Lisboa.
- Vasconcellos, José Leite (1966) *Lições de filologia portuguesa*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal. (MLC)
- Referências das Fontes do CIPM

Século 12

- DN - Textos Notariais - *Finto dos casais de Eligoo; Notícia de haver* (2ª. metade do século 12), in Martins, Ana Maria (ed.) *Documentos Notariais dos Séculos 12 a 16*. 2000. Edição digitalizada, cedida pela editora.
- DP - Documentos Privados - Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais (1173?); Carta de foro da Benfeita; *Nomina* de Pedro Viegas (1184); Escrito de Paio Soares (2ª. metade do século 12), in: Souto Cabo, José António (ed.), *Nas Origens da Expressão Escrita Galego-Portuguesa. Documentos do século 12*, Braga, Universidade do Minho. 2003. Edição digitalizada, cedida pelo editor.

Século 13

- CA - Documentos Portugueses da Chancelaria de D. Afonso III (1255-1279) in Duarte, Luiz Fagundes (1986) *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*, Dissertação de Mestrado, FLUL, pp. 68-295. Edição digitalizada para o CIPM.
- CSM – Cantigas de Santa Maria (datadas entre 1270 e 1282) in Mettman, Walter (ed.) (1981), *Afonso X, o Sábio* (século 13) *Cantigas de Santa Maria*, Vigo, Ediciones Xerais de Galicia, SA. Edição digitalizada cedida por Xavier Varela, Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega.
- DN - 33 (1273) in Martins, Ana Maria (ed.) (2000) *Documentos Notariais dos Séculos 12 a 16*. Edição digitalizada, cedida pela editora.
- HGP - 1 (1262) in Maia, Clarinda de Azevedo (1986) *História do Galego-Português*, Coimbra, INIC, pp. 19-295. Edição digitalizada para o CIPM.

Século 14

- NLL- Narrativas dos Livros de Linhagens in Mattoso, José (1983) *Narrativas dos Livros de Linhagens*, Lisboa, INCM. Edição digitalizada para o CIPM.
- PP - Afonso X. Primeyra Partida (ca. 1350) in Ferreira, José Azevedo (1980) *Alphonse X, Primeyra Partida*, Braga, INIC, pp. 3-580. Edição digitalizada para o CIPM, financiada pelo editor.
- CDJI² - Crónica de D. João I, parte 2 in Lopes, Fernão (1949) *Crónica de D. João Primeiro*, Porto, Livraria Civilização Editora.

Século 15

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

CPVC - Carta de Pêro Vaz de Caminha (1500) in Guerreiro, M. V. & E. B. Nunes (eds.) (1974) *Carta a el-rey dom Manuel sobre o achamento do Brasil*, Lisboa, I.N.C.M. Edição digitalizada para o CIPM por Alexandra Fiéis.

HGP - Texto notarial (1473) in Maia, Clarinda de Azevedo (1986) *História do Galego-Português*, Coimbra, INIC, pp. 19-295. Edição digitalizada para o CIPM.

LTV – Livro das Tres Vertudes (1453?) Crispim, Maria de Lourdes (ed.) versão paradiplomática digitalizada, cedida pela editora.

OE - Orto do Esposo (sem data) in Maler, Bertil (ed.) (1956), *Orto do Esposo*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Edição digitalizada para o CIPM.

S - Sacramental, de Cremente Sanchez de Vercial (1488) in Machado, José Barbosa (ed.) (2005) Clemente Sánchez de Vercial. *Sacramental*, Minho, Pena Perfeita. Edição digitalizada, cedida pelo editor.

TC - Tratado da Confissom (1489) in Machado, José Barbosa (ed.) (2003) *Tratado de Confissom*, vol. I (Chaves, 1489), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Edição digitalizada, cedida pelo editor.

ZPM - Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (sem data) in Brocardo, Maria Teresa (ed.) (1994) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, F.C.S.H., pp. 333-693.

Edição digitalizada, cedida pela editora.

Século 16

Cat – Catecismo (1504) in Silva, Elsa Branco da (ed.) (2001) *O catecismo pequeno de Dom Diogo Ortiz*, Lisboa, Colibri. Edição digitalizada, cedida pela editora.



POWERPOINTmalac
a lurdes e francisca.}

[VER POWERPOINT](#) -

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

- PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL ATÉ 2019,

É PRESIDENTE HONORÁRIO A PARTIR DE AGORA

- PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS DE 2007 A 2017, AUSENTE NO 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018 POR MOTIVO DE DOENÇA.

26. JOÃO PAIXÃO MARTA, AICL, BRASIL, PRESENCIAL



22º Seia 2014



24º GRACIOSA 2015



22º Seia 2014



25º Montalegre 2016

É SÓCIO DA AICL

- PARTICIPOU PELA 1ª VEZ NO 22º COLÓQUIO EM SEIA 2014, E DEPOIS NO 24º NA GRACIOSA 2015 E 25º MONTALEGRE 2016

27. JOAQUIM FELICIANO DA COSTA, PRESIDENTE DA EMPDS, EMPRESA DE PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO CONCELHO DE BELMONTE



29º BELMONTE 2018



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018

É presidente da Empresa de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte. Pertence à Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Pedro Álvares Cabral. Preside ` Assembleia Municipal.

Tema 1.3. O polo da Lusofonia (AICL) no Museu dos Descobrimentos de Belmonte

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

JÁ PARTICIPOU NO 27º COLÓQUIO BELMONTE 2017 E NO 29º BELMONTE 2018.

PERTENCE ÀS COMISSÕES DOS 27º, 29 E 31º COLÓQUIOS

- REPRESENTOU O PRESIDENTE DA CÂMARA DE BELMONTE, NO 30º COLÓQUIO MADALENA DO PICO 2018.

É PARCEIRO INSTITUCIONAL DA AICL DE 2016 A 2021.

A EMPDS É SEDE PROVISÓRIA DA AICL EM PORTUGAL PARA OS COLÓQUIOS DE BELMONTE E O NÚCLEO DA LUSOFONIA NO MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS

28. JOSÉ ANDRADE, CHEFE DE GABINETE DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA,

JOSÉ MARIA DE MEDEIROS ANDRADE, nasceu em 1966, na cidade de Ponta Delgada.

É licenciado em Ciências Sociais e integra o quadro de pessoal da RTP-Açores.

Atualmente, exerce as funções de Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e de Presidente da Comissão Municipal de Toponímia, Distingções Honoríficas e Património Cultural.

Anteriormente, exerceu, entre outras, as seguintes funções institucionais:

Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,

Diretor editorial da editora Letras Lavadas,

Presidente da Região Açores da Associação Internacional de Lions Clubes, presidente da direção da Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental,

Presidente da direção da Associação dos Antigos Alunos do Conservatório Regional de Ponta Delgada,

Presidente da assembleia geral da Sociedade Filarmónica Nossa Senhora das Neves,
Vereador da Cultura e Ação Social da Câmara Municipal de Ponta Delgada, presidente da comissão executiva da Sociedade Coliseu Micaelense,
Presidente da Direção da ARDE – Associação Regional para o Desenvolvimento, dirigente da Minha Terra – Federação Nacional das Associações de Desenvolvimento Local,
Presidente da Comissão Municipal de Toponímia de Ponta Delgada,
Presidente do Lions Clube de São Miguel,
Diretor-geral da Sociedade Coliseu Micaelense,
Chefe de gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada,
Adjunto parlamentar na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, assessor de imprensa do Presidente do Governo Regional dos Açores,
Adjunto do Subsecretário Regional da Comunicação Social
Presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária Antero de Quental.
É sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada, Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (Brasil).



26º LOMBA DA MAIA 2016



30º MADALENA DO PICO 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



30º MADALENA DO PICO 2018

Tem 22 livros publicados.

1976: Autonomia! – O Governo Próprio dos Açores, 2016

1975 Independência. 2015

1974: Democracia, o 25 de abril nos Açores (2014)

Senhor Santo Cristo dos Milagres - De Ponta Delgada para o Mundo (2013)

A Festa do Senhor no coração dos Açores (2011)

Coliseu Micaelense - Símbolo duma Geração (2004)

Aqui Portugal - Os primeiros anos da telefonia nos Açores (2003)

Concelho de Ponta Delgada: 500 anos de História - Cronologia de Figuras e Factos (2002)

A Face Humana da Toponímia de Ponta Delgada (2001)

Guia Política dos Açores (2000)

História(s) do PPDA – Partido Popular Democrático Açoriano (1ª edição 1999) (2ª edição 2009)

Semente – Prosas & Poesias (1984)

PRÉMIO

•"Personalidade do Ano 2012 nos Açores", na categoria de Cultura, eleito pelos leitores da Revista SABER



26º LOMBA DA MAIA 2016



BGA novº 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



19º COLÓQUIO MAIA 2013



30º MADALENA DO PICO 2018

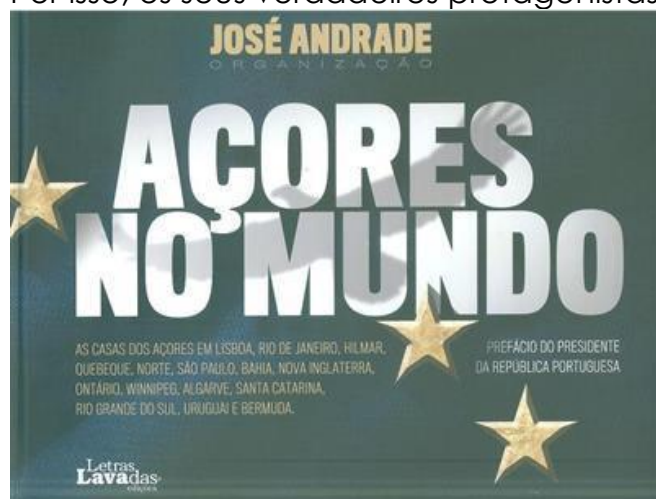


BGA PDL 2017

Tema 4.2. Apresentação do livro "Açores no Mundo" coordenado por José Andrade, com Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa, no 31º Colóquio Internacional da Lusofonia

O livro **Açores no Mundo** foi editado pela chancela açoriana Letras Lavadas, no ano de 2017, mas mantém plena atualidade como testemunho representativo de uma açorianidade sem fronteiras. O seu lançamento nacional ocorreu em março, em Lisboa, na sessão comemorativa dos 90 anos da fundação da nossa pioneira Casa dos Açores. O lançamento regional ocorreu em maio, em Ponta Delgada, por ocasião das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres. O lançamento internacional ocorreu em setembro, em Toronto, no âmbito da assembleia geral comemorativa do 20º aniversário do Conselho Mundial das Casas dos Açores. Este livro é uma obra açoriana de autoria coletiva. Desde o emigrante anónimo, que ajuda na "função" do

Espírito Santo em qualquer Casa dos Açores do outro lado do Atlântico, até ao Senhor Presidente da República Portuguesa, que muito nos honra com o seu importante Prefácio. Outras personalidades representativas prestigiam este livro com as suas mensagens institucionais – o Senhor Presidente do Governo dos Açores, o Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, os Senhores Embaixadores em Lisboa do Brasil, do Canadá, dos Estados Unidos da América, do Reino Unido e do Uruguai – bem como os presidentes Mota Amaral e Carlos César com os seus significativos testemunhos pessoais. Este é um livro que olha para a Emigração Açoriana pela perspetiva integrada das suas instituições mais emblemáticas. Por isso, os seus verdadeiros protagonistas são os presidentes das 15 Casas dos Açores em funções no ano de 2017:



Miguel Loureiro, em Lisboa
Fernando Fagundes, no Rio de Janeiro
Jaime Bettencourt, na Califórnia
Benjamim Moniz, no Quebeque
Ponciano Oliveira, no Norte
Marcelo Guerra, em São Paulo
Orlando Silva, na Bahia
Nélia Alves-Guimarães, na Nova Inglaterra
Suzanne da Cunha, no Ontário
João Paulo Melo, em Winnipeg
Ruben Santos, no Algarve
Sérgio Luíz Ferreira, em Santa Catarina
Célia Fagundes, no Rio Grande do Sul
Gladys Díaz, no Uruguai
Andrea Moniz DeSouza, na Bermuda

Cada um destes nomes, com tantos outros dos órgãos dirigentes e dos quadros sociais – seja nas galerias presidenciais, seja nos bastidores operacionais – merece o nosso respeito e o nosso reconhecimento.

Eles erguem a bandeira dos Açores nas suas sociedades de acolhimento – orgulhosamente e empenhadamente – com sacrifício pessoal, familiar e profissional. Este é um desígnio de sempre e de todos.

Desde o mais antigo e mais próximo – a Casa de Lisboa, em 1927 – até aos mais recentes e mais distantes: a Casa do Uruguai, em 2011, e a Casa das Bermudas, em 2015. Pela importância que têm e pelo trabalho que desenvolvem, as Casas dos Açores são as casas da saudade, as embaixadas da diáspora, os santuários da açorianidade. Elas são a marca dos Açores nas comunidades e a montra da comunidade nas sociedades. Com este livro, ficam melhor conhecidas e mais apreciadas.

Para cada uma delas, apresentamos aqui um retrato da comunidade, um historial da instituição, uma retrospectiva dos presidentes anteriores, uma mensagem do presidente atual.

Esta volta ao “mundo açoriano” começa com um enquadramento geral do percurso histórico da nossa emigração, sucessivamente, para o Brasil, para o Uruguai, para os Estados Unidos da América, para as Bermudas, para o Havai, para o Canadá.

E termina com uma terceira parte dedicada ao Conselho Mundial das Casas dos Açores – o órgão mais representativo das comunidades açorianas, que então comemorou o 20º aniversário da sua constituição. Por tudo isto, este livro é um roteiro das Casas, um mapa das Comunidades, um atlas da Açorianidade. Com **Açores no Mundo**, valorizamos o mundo dos Açores. E assim, este livro é, afinal, uma homenagem a todos os açorianos que estão fora da nossa terra, mas que têm e mantêm os Açores no coração.

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB

MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR-LESTE
vol. 2



Tema 3.1. apresentação do livro **Missionários Açorianos em Timor-Leste**, de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo

O livro **Missionários Açorianos em Timor-Leste**, da autoria de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, foi editado pela Associação Internacional Colóquios da Lusofonia, com o patrocínio exclusivo da Câmara Municipal de Ponta Delgada, em 2018. Foi lançado em julho, na ilha de São Miguel, por ocasião das XV Grandes Festas do Divino Espírito Santo do Concelho de Ponta Delgada; em outubro, na ilha do Pico, integrando a 30ª edição dos Colóquios da Lusofonia; e em novembro, na cidade do Porto, em sessão especialmente realizada na Casa dos Açores do Norte. **Missionários Açorianos em Timor-Leste** é uma obra que reconhece e valoriza a influência decisiva do Clero dos Açores na missão timorense e que, ela própria, muito honra a nossa terra. Este é um livro de solidariedade cristã, não apenas pelo objeto do seu conteúdo, mas também pelo destino da sua venda, que reverte integralmente a favor da reconstrução da Escola Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, na sua freguesia natal de Quelicai, município de Baucau, em Timor Leste. Torna-se, assim, ainda mais pertinente a aquisição deste livro que reconstitui os 119 anos de protagonismo açoriano na missão timorense. Ele começa em 1875, com a

nomeação do jorgense Dom Manuel de Sousa Enes para Bispo de Macau e Colónia de Timor. E termina em 1994, com o falecimento do último padre açoriano em Timor-Leste, o terceirense Carlos da Rocha Pereira.

O seu primeiro capítulo sublinha "A Influência dos Missionários Açorianos em Timor-Leste", sobretudo no âmbito da missionação e da educação da juventude timorense. Nas palavras do autor, "os missionários açorianos não só ensinaram doutrina ao indígena, mas fundaram missões, levantaram templos, abriram colégios e escolas, animaram associações culturais e desportivas, enfim, evangelizaram, educaram, promoveram e formaram a alma timorense na cultura lusa e cristã".

O segundo capítulo enaltece "O Papel dos Senhores Bispos Açorianos", destacando as biografias do cardeal picoense Dom José da Costa Nunes, dos bispos picoenses Dom João Paulino de Azevedo e Castro e Dom Jaime Garcia Goulart e do bispo jorgense Dom Manuel Bernardo de Sousa Enes.

Na opinião do autor, "Dom José da Costa Nunes foi o Prelado do Padroado Português do Oriente que, pela primeira vez, compreendeu a situação de discriminação das populações e levantou a voz defendendo os direitos civis dos povos. Timor-Leste está grato ao Senhor Cardeal. A sua ação foi decisiva para o desenvolvimento social e religioso do povo timorense."

O terceiro capítulo é dedicado aos 14 Sacerdotes Açorianos que foram Missionários em Timor-Leste - seis da Terceira (João Machado de Lima, Norberto de Oliveira Barros, Januário Coelho da Silva, Ezequiel Enes Pascoal, Ivo Diniz da Rocha e João de Brito Martins Lourenço), quatro do Pico (João Homem Machado, José Pereira da Silva Brum, Isidoro da Silva Alves e José Carlos Vieira Simplício), três de São Miguel (Leoneto Vieira do Rego, Reinaldo de Medeiros Cardoso e Victor Manuel Rodrigues Vieira) e um do Faial (Manuel Silveira Luís).

O quarto capítulo deste livro não esquece o contributo de dois "Irmãos Leigos ou Coadjutores", também eles de naturalidade açoriana, no âmbito do esforço coletivo de missionação timorense: Daniel Ornelas, da ilha Terceira, e José Pereira Lobato, de São Miguel.

O quinto e último capítulo recupera e arquiva para memória futura duas cartas manuscritas pelo Padre Norberto Barros, a partir da Missão de Ainaro, durante a Segunda Guerra Mundial, bem como um testemunho memorial da atual Embaixadora de Timor-Leste em Lisboa, Maria Paixão Costa.

Todo este relato da vida dos nossos ao serviço dos outros faz de **Missionários Açorianos em Timor-Leste** uma obra que nos orgulha, inspira, sensibiliza e emociona.

Tema 4.1. Homenagem a Eduíno de Jesus em nome da Câmara Municipal de Ponta Delgada

JÁ PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO NA MAIA EM 2013, NO 26º LOMBA DA MAIA 2016, NO 30º COLÓQUIO NA MADALENA DO PICO 2018. ESTEVE NA APRESENTAÇÃO DA BGA EM PDL 2017

29. JOSÉ BÁRBARA BRANCO, MÉDICO - EX-DIRETOR DO SERVIÇO DE ORTOPEDIA, HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO, CONVIDADO AICL

JOSÉ BÁRBARA BRANCO Nasceu em Setúbal a 6 de janeiro de 1937.

Passou a infância e a juventude, durante dez anos em Vila do Conde, vivendo numa zona cheia de memórias que marcaram aquele período da sua vida: perto da sua casa habitaram Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Antero do Quental, Guerra Junqueiro, Camilo Pessanha e os pintores Sónia e Robert Delaunay.

Fez os estudos secundários no Liceu Nacional Eça de Queirós, na Póvoa de Varzim, e no Liceu Alexandre Herculano, no Porto.



29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018

29º BELMONTE 2018

Licenciou-se em Medicina e Cirurgia na Faculdade de Medicina do Porto.

Teve uma vida académica intensa, tendo sido presidente da direção do Orfeão Universitário e presidente da assembleia geral do Teatro Universitário.

Foi editor da revista científica Escola Médica.

Assistente da cadeira de Patologia Médica da mesma Faculdade. Especialista de Ortopedia, concluiu a sua formação, durante os anos de 1970 e 1971 no Nuffield Orthopaedic Centre, da Universidade de Oxford.

Fez uma carreira profissional no Hospital Geral de Santo António, no Porto, onde foi diretor de Serviço e se aposentou ao fim de quarenta anos de trabalho. Como médico miliciano, esteve dois anos em Timor (1965-1967) na zona da Fronteira.

Viveu intensamente esse período, dedicando toda a sua atividade ao serviço das unidades militares que guarneciam os postos fronteiriços e ao serviço das populações da zona.

A experiência timorense marcou-o profundamente: desde então tem-se dedicado ao estudo da História do território nas suas múltiplas facetas. Constituiu uma vasta biblioteca sobre Timor.

Em 2016 editou "Fernando Sylvan Uma Biografia", onde documenta exaustivamente a vida extraordinária deste esquecido intelectual e escritor timorense."

Nota do editor;

O Dr José Bárbara Branco esteve como médico no EC5 (Esquadrão de Cavalaria), em Bobonaro nas montanhas de Timor (1965-1967), onde Chrys Chrystello esteve em 1973, e onde conheceu a pintora Susana Gouveia Falcão (LOTUS DE JADE TCHUM) que expõe neste colóquio.

Conheci finalmente o médico José Bárbara Branco em março 2018 quando o convidei a ir apresentar o livro em epígrafe no 9º colóquio da lusofonia em Belmonte.

Em comum havia o facto de termos estado em Timor, Bobonaro, com alguns anos de intervalo e de ao fim de tantas décadas continuarmos agarrados a essa droga sem cura que é o nosso amor indefetível por essas terras.

Aproveitei para convidar o marido da Susana Falcão, nosso Comandante de Setor de Bobonaro e do Esquadrão de Cavalaria 5 (no meu tempo o major Gouveia Falcão, hoje coronel na reserva) e mais gente ligada a Timor.

Moderei a sessão na qual foi apresentado também o livro infantojuvenil trilingue de Ramos Horta "O mundo perdido de Timor-Leste".

Nessa sessão fiquei com imensa vontade de ler a história de Fernando Sylvan, um dos mais célebres autores timorenses, um mestiço aceite no Estado Novo e com uma vastíssima e variada obra literária. Um homem que durante duas décadas (1975-1993) presidiu à reputada Sociedade da Língua Portuguesa (SLP) hoje extinta e a que pertenci desde 1996. Fernando Sylvan, de seu nome Abílio Leopoldo Mota Ferreira, sai muito jovem de Timor em 1923 após a morte da mãe, barlaqueada com o pai, funcionário da administração colonial e vai viver com a mulher legítima do pai e suas duas meias-irmãs... nunca regressaria a Timor embora tivesse viajado por meio mundo, do Brasil a Moçambique foi defensor do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, defensor do Estado Novo, opositor do mesmo e candidato à Assembleia Nacional, monárquico, virou à esquerda com o 25 de abril, membro do Partido Socialista com uma vastíssima obra de temáticas variadas e – por vezes – controversas.

Desde os avós paternos de Fernando Sylvan à sua morte, leva-nos o autor Bárbara Branco ao longo de 200 páginas a episódios vários da sua vida bem ilustrativos da sua sede de enriquecimento cultural, ao reconhecimento do seu valor como mestiço timorense, de cor, sem doutoramento nem licenciatura, numa sociedade como era a sociedade portuguesa da época.

E eu que pensava saber quase tudo sobre Timor tive a oportunidade de aprender imenso sobre este homem que teve uma vida rica de experiências sem nunca abdicar da sua matriz original timorense, da memória dos pais. Um livro que nos dá a conhecer o escritor, nos lembra como eram as sociedades em Timor e em Portugal no decurso da sua vida, nos conta tantos episódios uns de verdadeira lusofonia, outros de portugalidade que preencheram a variedade de ocupações e empregos a que se dedicou, a par da escrita que nunca abandonou, em temas que vão da agricultura à educação nas províncias ultramarinas, sem nunca descurar a sua verdadeira arte poética.

Com uma edição (Crocodilo Azul 2017) cuidada e profusamente ilustrada com reprodução de documentos, de livros, de fotografias, este é um livro que se aconselha a ler devagarosamente (eu devorei-o com avidez sequiosa de quem anda no deserto) para se entender este multifacetado escritor que deveria ser mais lembrado e homenageado.

Talvez não seja por se tratar de um escritor que nunca foi politicamente correto e nunca se ter coibido de mudar de ideias à medida que os seus conhecimentos se expandiam e a sua sede de autodidata o levava a novas descobertas.

Obrigado José Bárbara Branco por este excepcional trabalho de pesquisa, investigação e compilação demorada e cuidada que bem valeu a pena esperar para conhecer o autor e a sua obra.

[_in https://www.diariodetrasmontes.com/cronica/fernando-sylvan-uma-biografia-por-jose-barbara-branco_](https://www.diariodetrasmontes.com/cronica/fernando-sylvan-uma-biografia-por-jose-barbara-branco)

Tema 2: A herança arquitetónica e cultural portuguesa também faz parte do ADN timorense: O Património Português edificado na área de Díli.

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

"O autor disserta sobre a evolução do património edificado desde 1769, data da transferência da capital de Timor Português de Lifau para Díli.

Do povoado primitivo descrito pelos exploradores ingleses e franceses no século XIX até à renovação arquitetónica dos primeiros decénios do século XX, depois completamente destruída pelas invasões estrangeiras durante a II Guerra Mundial.

Aborda a difícil reconstrução da cidade no pós-guerra.

Termina referindo grande preocupação em face daquilo que considera atitude descuidada das autoridades timorenses na preservação desse património que faz parte da identidade timorense."

**É SÓCIO AICL
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 29º BELMONTE 2018**

30. JOSÉ DE ALMEIDA MELLO, CÂMARA DE PONTA DELGADA E SINAGOGA, CONVIDADO EMPDS



José de Almeida Mello nasceu na ilha de São Miguel / Açores, é formado em história e pós-graduado em Património, Museologia e Desenvolvimento Local, pela Universidade dos Açores.

Foi professor, Secretário-geral da Fundação Sousa de Oliveira, Assessor para a Cultura da Câmara Municipal de Ponta Delgada, fundador de várias associações culturais.

Projetou e coordenou várias exposições e proferiu conferências dentro e fora de Portugal.

É autor de 33 títulos editados em livro, em torno dos Açores.

Coordenou todo o processo de recuperação da antiga Sinagoga de Ponta Delgada, ação esta que iniciou no ano de 2000 e decorre até à presente data.

Atualmente é dirigente da Unidade Orgânica de Património Cultural da Câmara Municipal de Ponta Delgada (assumindo a direção da Biblioteca Municipal, Centro Municipal de Cultura, Centro Natália Correia, Centro Cultural dos Fenais da Luz, Centro Cultural de Santo António e do Museu Hebraico Sahar Hassamaim de Ponta Delgada - Portas do Céu (Sinagoga)).

Recebeu a Medalha da Herança, do Senado de Massachusetts, em reconhecimento pelo seu trabalho em prol da Sinagoga de Ponta Delgada, tendo em vista a ligação com judeus norte-americanos.

Alguma bibliografia

1 - A herança: domingo a domingo memórias - [S.l.]: Letras Lavadas, 2018. - 319, [1] p.: il.; 22 cm

2 - *Roteiro, Ponta Delgada*: olhares e descobertas, história e património cultural [S.l.]: Letras Lavadas, 2018. - 80 p.: il.; 22 cm. - ISBN 978-989-735-172-3

3 - *Relva, um olhar no presente*; pref. Eduardo Ferraz da Rosa ; fot. João de Medeiros, Orlando Medeiros, Paulo Medeiros. - São Miguel: Junta de Freguesia da Relva, 2017. - 144 p.: il.; 16 cm

4 - *Álbum micaelense*: memórias e factos; pref. António Machado Pires. - [S.l.]: Letras Lavadas, 2017. - 168 p.: il.; 23 cm. - ISBN 978-989-735-141-9

5 - *Ponta Delgada*: álbum de memórias e factos; pref. Gustavo Manuel Moura. - Letras Lavadas, 2016. - 170 p.: il.; 23 cm. - ISBN 978-989-735-095-5

6 - Homenagem a António Augusto da Ponte Borges: Presidente da Junta de Freguesia de Santa Cruz, 1993-2013 / João Silvério Almeida Sousa ; pref. José de Almeida Mello. Lagoa: Junta de Freguesia de Santa Cruz, D.L. 2014. - 99 p.: il.; 21 cm

7 - *Ordem soberana e militar de Malta*: cerimónias em Ponta Delgada, Açores: comemorações do IX centenário 1113-2013; pref. Augusto de Albuquerque de Athayde. Fundação Jardim José do Canto, 2014. 76 p.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- 8 - Os Cabral de Mello e New Bedford (1893-1931): álbum fotográfico; pref. Filipe Folque de Mendóça ; trad. Pedro Amaral. Letras Lavadas, 2014. Ed. bilingue em português e inglês. ISBN 978-989-735-047-4
- 9 - **Santa Cruz Lagoa**: memórias da terra e do homem; pref. Phillip Rapoza; Intro António Augusto da Ponte Borges, João António Ferreira Ponte. Junta de Freguesia de Santa Cruz, 2013. Bibliografia p. 433-450
- 10 - **Fundação Brasileira**: memórias com sons musicais; pref. Augusto de Albuquerque de Athayde ; colab. Durval Viveiros... [et al.]; fot. Paulo Jacob, José António Rodrigues; rev. Luísa Silva. Banda da Fundação Brasileira, 2013. - 260, [1] p.: il.; 25 cm. - Bibliografia, p. 255-256
- 11 - **Segredos do convento**: Nossa Senhora da Esperança; pref. Vítor Melícias ; fot. José António Rodrigues. Letras Lavadas, cop. 2012. - Bibliografia, p. 87-89. - ISBN 978-972-8633-97-4
- 12 - **Açores**: Jesus, Menino presente; fot. José António Rodrigues... [et al.]. - Publiçor, D.L. 2011. - 119, [1] p.: il.; 22 cm. - ISBN 978-972-8633-72-1
- 13 - **Conhecendo melhor...:** a cidade de Ponta Delgada; colab. Elsa Gouveia, José Leal, Igor França. - Publiçor, 2011. - 31 p.; 23 cm. - (Caderno de anotações; 1). - ISBN 978-972-8633-78-3
- 14 - **Padre Ernesto Borges**: índice dos artigos publicados nos jornais de Ponta Delgada, 1980-1991; pref. Miguel Soares da Silva. Publiçor, D.L. 2011. - 91p.; 21 cm. - ISBN 978-972-8633-77-6
- 15 - **Casa Cabral de Mello**: a gestão de uma coleção privada; pref. Diogo Gaspar. - Publiçor, D.L. 2011. - 95, [1] p.: il.; 21 cm. - ISBN 978-972-8633-76-9
- 16 - **Remédios**: a memória do lugar; fot. José Franco... [et al.] ; rev. Elsa Gouveia, Marco Vieira, José Leal. Junta de Freguesia de Santa Cruz, 2011. 182, [1] p. - Ed. comemorativa do V Centenário da Ermida de N. Sra dos Remédios. - Bibliografia, p. 179-182
- 17 - **Memória e identidade**: cemitério de São Joaquim de Ponta Delgada ; fot. José António Rodrigues ; rev. cient. José Manuel Leal. Publiçor, D.L. 2011. - 115 p. Bibliografia, p. 109-111. - ISBN 978-972-8633-57-8
- 18 - **Ponta Delgada**: álbum da memória; rev. científica José Manuel Leal. - Publiçor, D.L. 2011. - 147 p.: il. ; 23 x 29 cm. - Bibliografia, p. 143. - ISBN 978-972-8633-50-9
- 19 - **A ilha, o homem e a fé /** António Tabico ; pref. José Andrade ; coord., sel. textos José de Almeida Mello. - Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2010. - 123 p. ; 21 cm
- 20 - **7 dias 7 viagens**; il. Carlos Carreiro ; pref. Ângela Almeida. - Publiçor, 2010. - 77 p.: il. ; 25 cm. - (Ficção). - ISBN 978-972-8633-39-4
- 21 - Sahar Hassamain synagoge in Ponta Delgada: history, restoration and conservation; pref. Alberto Sampaio da Nóvoa; trad. Ana Isabel Toste ; fot. José António Rodrigues. Publiçor, 2009. 112 p. Bibliografia, p. 108-109. - ISBN 978-972-8633-04-2
- 22 - **Nestor de Sousa**: diretor do Museu Carlos Machado 1975-1985; fot. Museu Carlos Machado. - [Ponta Delgada]: Publiçor, imp. 2009. - 35, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 30-33
- 23 - **Francisco d'Arruda Furtado**: notas biográficas 1854-1887 2ª ed. Junta de Freguesia de Fajã de Baixo, 2009. Ed. comemorativa bicentenário do nascimento de Charles Darwin (1809-2009) Bibliografia p. 41-47
- 24 - **João Paulo II**: recordando a sua visita aos Açores; pref. António Pinto da França. - [S.l.: s.n.], 2009 ([Ponta Delgada]: Nova Gráfica). - 113, [2] p.: il.; 23 cm. - Bibliografia, p. 101-113
- 25 - **Francisco d'Arruda Furtado**: notas biográficas (1854-1887). Junta de Freguesia de Fajã de Baixo, 2009. No âmbito das comemorações do bicentenário do nascimento de Charles Darwin (1809-2009)
- 26 - **Salga**: memórias do tempo e do lugar ; fot. José António Rodrigues. - [Ponta Delgada]: Publiçor, 2009. - 255, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 243-249. - ISBN 978-972-8633-11-0
- 27 - **Ponta Delgada, obviamente!**: pintura de Carlos Carreiro / coord. Carlos Decq Motta ; comis. José de Almeida Mello; coord. Susana Melo Bettencourt; texto Berta Cabral, Fátima Sequeira Dias; fot. Carlos Decq Motta. - [Ponta Delgada]: ANIMA-Cultura: Câmara Municipal, [D.L. 2009]. - [28] p.: il.; 30 cm
- 28 - **Lomba da Fazenda**: traços de memórias. Publiçor, 2009. - 110, [1] p.: il.; 21 cm. - Bibliografia, p. 107-110
- 29 - Sinagoga Sahar Hassamain de Ponta Delgada: história, recuperação e conservação; pref. Alberto Sampaio da Nóvoa; fot. José António Rodrigues. Publiçor 2009 Bibliografia p. 108-109 ISBN 978-972-8633-04-2
- 30 - **José Cabral de Mello**: o poeta da saudade pref. Elsa de Almeida Mello Gouveia. Publiçor, D.L. 2009. - 69, [2] p.: il.; 24 cm. - ISBN 978-972-8633-12-7
- 31 - Forte de São Brás, diferentes olhares / Ana Pimentel... [et al.] ; coord. Manuel da Silva, José de Almeida Mello. Comando da Zona Militar dos Açores, 2008. - 61, [2] p.: il.; 21 cm
- 32 - **Retalhos de memórias**: comemorações das bodas de ouro da freguesia da Nossa Senhora dos Remédios: povoação: 1957-2007: Junta de Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios, 2007. Bibliografia, p. 267-271
- 33- **Monografia da Relva**: subsídios para a sua história, coord. José de Almeida Mello, José da Costa Melo. Junta de Freguesia de Relva, 2005. - 334, [1] p.: il.; 23 cm

TEMA 1.4. As Torás (Torahs, תּוֹרָה) da Sinagoga Sahar Hassamaim (Sinagoga de Ponta Delgada) José de Almeida Mello, Historiador

A Sinagoga Sahar Hassamaim – Portas do Céu foi fundada em 1836, por um grupo de judeus sefarditas, oriundos de Marrocos, que fixaram residência em Ponta Delgada a partir de 1818, mas também, em outras cidades dos Açores.

A Sinagoga Sahar Hassamaim teve atividade religiosa e comunitária por mais de 100 anos, tendo tido o ponto alto na década de 1870.

Nos anos de 1920, poucas eram as famílias que viviam na ilha de São Miguel, tendo, no entanto, havido um ligeiro aumento na comunidade com a vinda de judeus do norte da Europa.

Entre 1970 e 1990 a comunidade inicia o seu percurso final, terminado simbolicamente com a morte dos últimos membros.

Entre os anos de 1972 e 2014 a Sinagoga Sahar Hassamaim entrou num processo de ruína de forma bem acentuada e trágica, colocando em causa todo o espólio, bem como as suas memórias.

Em 2015 reabriu novamente como museu, tendo tido recuperado todo o esplendor e a sua história.

A cidade de Ponta Delgada é detentora de um importante legado hebraico de teor cultural e histórico no contexto nacional, dado que foi uma das primeiras cidades de Portugal que recebeu, a partir de 1818, vários judeus sefarditas oriundos do norte de África.

Registam-se desta forma vários legados por esta comunidade deixados e que hoje faremos referência.

Os Fundadores da Sinagoga Sahar Hassamaim e a sua construção e aparato entre 1836 e 1870

A Sinagoga Sahar Hassamaim está situada na cidade de Ponta Delgada, na rua do Brum, 16 e foi fundada no dia 20 de dezembro de 1836, ou seja, há 180 anos. Foram os fundadores, 7 judeus sefarditas, oriundos do norte de África, sendo eles: Abraão Bensaúde, seu irmão Elias Bensaúde, seu cunhado Isaac Zaffrany e seu primo Salomão Bensaúde, Salom Buzaglo, José Azulay e Fortunato Abecassis.

Número de Torahs existentes na Sinagoga entre 1965 e 1967

A Sinagoga Sahar Hassamaim, de Ponta Delgada, nos anos de 1965/66 e 1967 tinha na Arca cinco Torás. Este número é-nos confirmado pela documentação existente e produzida nos mesmos anos.

Contudo, há uma imagem fotográfica datada de outubro 1967, onde se podem visualizar quatro Torás no armário, tendo a mesma fotografia uma legenda atrás que diz que a quinta está na Base Área da Ilha Terceira.

Data de saída das Torás da Sinagoga

1. Torá emprestada à Base Aérea das Lajes – Ilha Terceira - 1966;

1 Torá para a Família Sebag – 1968;

2 Torás grandes para a Comunidade Israelita de Lisboa – 1990;

1 Torá pequena para a Comunidade Israelita de Lisboa – 1997.

A Torá emprestada à ilha Terceira foi devolvida no ano de 1978, conforme atesta documento que está em nossa posse, documento este com a chancela da Base Militar Norte Americana. Para além disso estão na posse da Sinagoga as Torres de Prata que figuram na Torá, fotografada em 1970 na referida Base.

A Torá que estava na posse da família Sebag foi entregue à Sinagoga pela Dra. Miriam Sebag, em abril de 2015. O manuscrito tem 53 cm de altura; o documento, incluindo punhos e pontas, tem 92 cm de altura e tem 42 linhas escritas. As pontas e os punhos são de madeira. A pele / pergaminho é branca. O manto que está associado a esta Torá é rosa-velho.

As restantes Torás entregues à Comunidade Israelita de Lisboa, já foram parcialmente entregues à Sinagoga de Ponta Delgada, estando em falta ainda duas que estão em Lisboa.

Capacidade de lugares para Torás na Arca da Sinagoga

A Arca da Sinagoga tem capacidade de ter oito (8) Torás. Contudo, em 1965/66 havia na mesma 5 Torás. O mesmo aconteceu entre os anos de 1978 – 1983, sendo este último período a ver pela documentação existente, a carta de Salom Delmar, datada de 1983. Aconselho a leitura sobre esta Torá, entrevista dada ao Correio dos Açores, com data de 4 de dezembro último.

Data das Torás da Sinagoga

Não há, até ao momento, nenhum estudo realizado em torno da datação de nenhuma das peças existentes, com exceção da que está na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, com datação atribuída entre aos 1800 a 1850. Contudo pensamos que sejam datadas do século XIX e que possam ser de origem marroquina.

Recordamos que a antiga colónia hebraica de Ponta Delgada e das restantes ilhas dos Açores são oriundas do norte de África. No entanto, não queremos deixar de referir que houve em Ponta Delgada judeus da Europa central, que frequentaram a Sinagoga de Ponta Delgada.

Creemos que todas as Torás sejam oriundas da comunidade fundadora da sinagoga, contudo deve-se também ter em conta os referidos judeus refugiados no período da Segunda Guerra Mundial, que podem ter também tido uma Torá.

Proprietários das Torás

Não sabemos quem foram os primeiros proprietários das Torás existentes, ou que existiram no passado na Sinagoga. Sabemos que havia uma que era pertença de Abraão Bensaúde, datada de 1832, conforme regista um documento existente na Sinagoga de Ponta Delgada, sendo esta informação confirmada por Alfredo Bensaúde, quando escreveu a Vida de José Bensaúde e ao referir o avô, diz que ele ofereceu à Sinagoga de Ponta Delgada, em memória de seus dois irmãos, José e Jacob Bensaúde (na nota do autor do livro, diz que a Sinagoga era na rua da Louça, colocando um ponto de interrogação (?)).

Julgo haver confusão, uma vez que o autor do texto não residia em Ponta Delgada e confundiu com a rua do lado, querendo dizer rua do Brum. Se for confirmado que Ponta Delgada recebeu uma das duas Torás de Mimon Abohot (1800-1875), elas são de 1833, quando compradas em Londres, como referencia Inácio...

Outro dos proprietários poderá ter sido Izacc Zafrani (1809 - ...) uma vez que o seu nome parece num manto de linho branco, pequeno, bordado a vermelho, e muito discreto, que encontrei entre os tecidos da caixa de madeira, na galeria das mulheres, em 2010 (aconselho leitura do artigo publicado no jornal com data de 3 de junho de 2016).

Seriam as restantes Torás oriundas das outras Sinagogas de Ponta Delgada, que foram sendo encerradas. Contudo não podemos esquecer que a Sinagoga fundada na rua Nova da Matriz, hoje rua António José de Almeida, que teve como cofundador também Abraão Bensaúde, sendo ele também cofundador da sinagoga da rua do Brum.

Pensamos que a Sinagoga da rua de António José de Almeida é anterior à da rua do Brum, uma vez que alguns dos nomes dos fundadores aparecem em ambas as sinagogas. A mais importante de todas era a da rua do Brum.

Poderão efetivamente os rolos de manuscritos - Torás serem transferidos para a Sinagoga da rua do Brum, nº. 16, incluindo a de Abraão Bensaúde, bem como das restantes 4 sinagogas, duas na rua de São Brás, uma na rua António José de Almeida e uma da rua dos Manaias, perfazendo desta forma 5, não esquecendo também a sinagoga de Vila Franca do Campo.

Número de Torás que existiram em Ponta Delgada

Não temos a certeza do seu número exato. Contudo penso que terá havido as seguintes Torás em Ponta Delgada, a ver pelos dados disponíveis:

5 Torás – 1965/66 (ver entrevista do dia 4 de dezembro deste ano sobre este assunto, neste jornal);

1 Torá oferecida por Joaquim Sebag à Covilhã – 1929 (ver artigo editado neste jornal no dia 25 de setembro e 2 de outubro deste ano)

2 conjuntos de eixos que ainda existem na atualidade na Sinagoga, mas sem manuscritos. Será que os houve e alguém os levou? Ou será que nunca os

houve?

Somando estes números, posso verificar que poderá ter havido em Ponta Delgada, 6 a 8 Torás. Contudo este número poderá ser alterado face a novas investigações que estão a ser levadas a efeito.

Número de mantos existentes na Sinagoga - mappah/ Genizak

Na atualidade, a Sinagoga de Ponta Delgada tem 9 mantos antigos, que estavam entre os pretensos que foram encontrados, na arca de madeira, por mim, em 2010. Todos os mantos são em tecido, (veludo, linho, adamascado cor de vinho) não havendo nenhum igual, ou seja, todos são peças únicas. Entre os mantos existentes e antigos, dois possuem rescrição em hebraico. Primeiro o que estava na casa da família Sebag, com inscrição em hebraico que diz: «Este manto à memória de Raquel Bensliman» Penso que se trata de Rachel Bensliman, falecida em 7 de fevereiro de 1877, pelas 6 horas, na freguesia de São Sebastião de Ponta Delgada, filha de Moisés Bensliman e de Ledcia Bensliman e era casada com Abraão Bensliman», que faleceu em 1 de janeiro de 1886, estando sepultado no cemitério dos Judeus, na coca 23, na freguesia de Santa Clara.

Há dois mantos de veludo verde, de tamanhos diferentes, tendo o tecido um forro encarnado. Caso curioso, é que a Torá emprestada à Base das Lajes também era de veludo verde, tendo franjas doiradas, como se pode ver numa fotografia de 1966.

Devo referir que os dois (2) mantos de veludo verde, o grande e o pequeno não vestem nenhuma das Torás existentes na Sinagoga, o mesmo acontece com outros 4, por serem pequenos em relação às peças existentes, estou em crer que se trata de mantos da Torá pequena que não foi devolvida por Lisboa. Nesse conjunto de 4 mantos há dois que são de linho branco, havendo um deles que tem uma inscrição em hebraico, que diz: Isaac Safranni, (que foi primeiro rabino da Sinagoga)

Na fotografia de 1967, podemos ver uma grande Torá, na Arca, com um manto, onde há inscrições em hebraico. Pedi ao antigo embaixador de Israel em Portugal e grande amigo na Sinagoga, Ehud Gol, para traduzir o texto de hebraico para português:

«À eterna memória do velho sábio Eza Ha Tivoni e a sua importante e honrada esposa, a senhora Yan que faleceu no primeiro dia do mês de Iyar, 5638 (maio de 1938)»

Número de Torres das Torás existentes - Rimonim

Há na atualidade 3 pares de Torres de prata, na Sinagoga. Um par está na Arca, nas pontas de uma Torá, outro par de torres está na grade do Bimá, junto da mesa e outro par está na Sala da Memória, numa caixa Vitrina. As torres que estão no Bimá, têm uma inscrição que diz «Em Memória do saudoso Rabino Mosch Tawill – 1860», que desconheço quem tenha sido no seio da colónia hebraica de Ponta Delgada.

Há um par de torres, que está na atualidade na Arca, que estava na posse de Miriam Sebag, sendo o mesmo que estava na Base das Lajes, conforme disse a este jornal, no dia 4 deste mesmo mês e ano. Estas torres servem nas pontas da Torá de Rabo de Peixe, como tive grato prazer de verificar.

Número de ponteiros das Torás - Yad

Existem dois ponteiros de prata na Sinagoga. Um está na Arca, com inscrição em hebraico, que diz em «Memória de Isac Zaafani» que mede 27,5 cm (25 cm sem a argola) e outro que está na caixa vitrina que também tem inscrição em hebraico e que diz «Yaakov Conquy», com 27, 5 (25 cm sem a argola) cm. Isaac Zaafani foi um dos fundadores da Sinagoga e Yaakov Conquy, até à data desconhecemos, contudo, a família Conquy está ligada desde os primórdios à Sinagoga, lembrando neste sentido Manuel Conquy, que tinha o seu nome na caderneta predial do imóvel da Sinagoga. Os ponteiros estavam na posse de Miram Sebag, até abril de 2015.

Punhos

Todas as Torás existentes na atualidade, na Sinagoga, têm punhos de madeira.

No conjunto das Torás que havia na sinagoga no ano de 1967, não há nenhuma que tenha pontas em marfim, conforme se pode ver na fotografia de Landam.

A única que tem punhos e pontas de marfim, é a que foi emprestada à Base em 1966. Na atualidade do conjunto existente, nenhuma Torá tem punhos em marfim ou mesmo idênticos à que foi emprestada.

Há ainda na Sinagoga:

1 par de punhos e eixos em madeira. Que se encontra na vitrina do espaço da Memória:

1 par de madeira (um dos eixos não tem o punho).

O espaço destinado a receber o manuscrito tem 52 cm de comprimento e a peça no total 77 cm, com 4 perfurações cada. Este está guardado na Arca.

Eixos das Torás - Etzei-Haym (árvore da vida)

Todas as Torás que estão na atualidade têm eixos de madeira, que em hebraico se chama Etzei-Haym - árvore da vida), sendo a sua altura variada, e de acordo com a altura do pergaminho.

O que há de comum entre a Torá emprestada à Base das Lajes e a Torá encontrada em Rabo de Peixe

1. Os punhos de ambas as peças são de marfim e torneados.
Fazendo uma análise a ambas as peças, verifico que a ondulação é a mesma em ambas, se bem que com ligeiras diferenças, dada o ângulo da fotografia.
2. As pontas de ambas as Torás são em marfim, contudo as duas pontas da peça encontrada em Rabo de Peixe têm as pontas limpas.
As torres que estão na Sinagoga servem na perfeição nas pontas da torre da Torá encontrada.
3. Ambas as peças são de pele castanha, havendo em cada uma delas 42 linhas inscritas, cujo o tipo de caligrafia aparentemente é o mesmo.
4. As bolachas de ambas as Torás, que ficam entre o manuscrito e os punhos são de madeira preta circulares.
4. A Torá de Rabo de Peixe mede 93 cm de altura, tendo o manuscrito 54 cm de altura. Fazendo uma análise a Torá emprestada aos norte-americanos (1966) quando ainda estava na Sinagoga e em cima da mesa do bimah, pode se verificar as medidas de altura são idênticas:
Vejam de forma mais precisa: o tampo da mesa (que ainda é o mesmo) tem de profundidade 56 cm.
Na fotografia de 1966, o manuscrito está a cerca de 2 cm de distância da aresta da mesa (esta distância foi calculada com a padrão da toalha que figura ainda na mesma mesa) e está ao nível da grade, o que corresponde com os 54 cm do manuscrito de Rabo de Peixe, estando as pontas e os punhos fora da mesa e da grade.
Verifica-se também que a mão de Elias Sebag está no lado de fora do Bimah, ou seja, para além das pontas.
6. O manto da Torá emprestada (1966) é em veludo, e tem uma inscrição hebraica ao centro, tem galões doirados ao nível superior e inferior e nos dois orifícios onde passam as pontas.
O manto da Torá de Rabo de Peixe é em veludo azul, sem inscrição alguma, tem galões (doirados) ao nível superior e inferior e nos dois orifícios onde passam as pontas.
Em ambos os mantos a parte superior (com cartão forrado) é retangular com as quinas curvas; verifica-se ainda que o manto em ambas as Torás, não

cobre os punhos, sendo as suas medidas muito idênticas.
Os galões de ambas as peças parecem ser muito idênticos.
No entanto são peças diferentes, caso curioso estas características.

Conclusão

Verifica-se desta forma que tudo leva a identificar que estamos sempre perante a mesma Torá, ou seja que a Torá emprestada à Base e que mais tarde foi encontrada em Rabo de Peixe, uma vez ambas reúnem todos os elementos de identidade, como foi dito acima.

Contudo pode ainda haver dúvidas, podendo haver duas Torás iguais, cada uma com mantos idênticos entre si, com pontas e punhos de marfim, com 42 linhas e pele castanha, na Base Aérea da ilha Terceira no mesmo tempo (Torá de Ponta Delgada 1966-1978; Torá de Porto Judeu (1970 – e reaparecida em 1997 em Rabo de Peixe), esta hipótese não encontra suporte algum documental e mesmo de memória oral, contudo não é impossível.

Se a Torá de Rabo de Peixe não é a mesma que foi emprestada em 1966 à Base e que os americanos devolveram em 1978 à Sinagoga de Ponta Delgada, podemos colocar as seguintes questões:

Onde se encontra a Torá que foi emprestada à Base?

Será que a Torá devolvida à Sinagoga não é a mesma que foi emprestada à Base?

Será que houve uma troca de Torás, entre a que foi enviada à Base e a que foi encontrada no Porto Judeu?

Será que coexistiram no mesmo tempo cronológico duas Torás na Base da Terceira?

Será que o manto da Torá emprestada serviu de modelo ao manto da Torá de Porto Judeu?

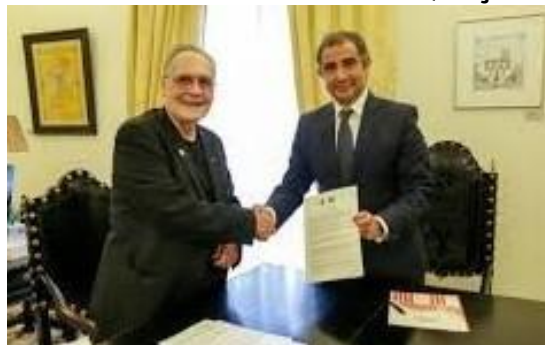
Será que estamos perante as duas Torás que pertenceram a Mimon Abobbot e com identidades idênticas?

Será que a Torá emprestada à Base das Lajes desapareceu desta antes de 1970 e foi encontrada no Porto Judeu como sendo uma outra Torá e afirmada como tal?

Então como se explica que a Base tenha dito que a Torá emprestada e devolvida em 1978, tenha tido ao serviço da mesma 12 anos? E não 8 anos?

JÁ PARTICIPOU NO 5º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2006

31. JOSÉ MANUEL BOLIEIRO, PRESIDENTE DA CÂMARA DE PONTA DELGADA, AÇORES, CONVIDADO DE HONRA DA EMPDS – CM BELMONTE



José Manuel Bolieiro, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. É Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, desde 2012. É, também,

presidente do conselho de administração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Ponta Delgada, presidente do conselho de administração da Associação de Municípios da Ilha de São Miguel, membro da assembleia intermunicipal da Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores e membro do conselho diretivo da Associação Nacional de Municípios Portugueses. Em representação da ANMP, integra o Conselho Nacional de Educação.

Foi adjunto do Subsecretário Regional da Comunicação Social (1989-1995).

Foi assessor jurídico do Presidente do Governo Regional dos Açores (1996)

Foi deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (1998-2009), exercendo as funções de presidente do Grupo Parlamentar do PSD e de presidente da Comissão Permanente de Política Geral.

Foi, ainda, presidente da Assembleia Municipal da Povoação (2002-2009) e vice-presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada (2009-2012).

Tema 1.4. A geminação da Sinagoga de Ponta Delgada (Museu) com o Museu da Judiaria de Belmonte

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ. O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA DESLOCA-SE, À FRENTE DE UMA DELEGAÇÃO DA EDILIDADE, EXPRESSAMENTE PARA FIRMAR PROTOCOLOS RELATIVAMENTE À GEMINAÇÃO DA SINAGOGA DE PDL COM O MUSEU JUDAICO DE BELMONTE, PATROCINADA PELOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AQUANDO DA CELEBRAÇÃO DO MEMORANDO DE ENTENDIMENTO PARA O 34º COLÓQUIO EM PDL 2020

32. LOTUS DE JADE TCHUM (SUSANA FALCÃO): NHU LIEN TCHUM FALCÃO 鍾玉蓮TIMOR, PINTORA, CONVIDADA EMPDS



29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018

Tchum Nhu Lien 鍾玉蓮 (Lótus de Jade Tchum aliás Susana de Gouvêa Falcão) nasceu em Bobonaro, Timor.

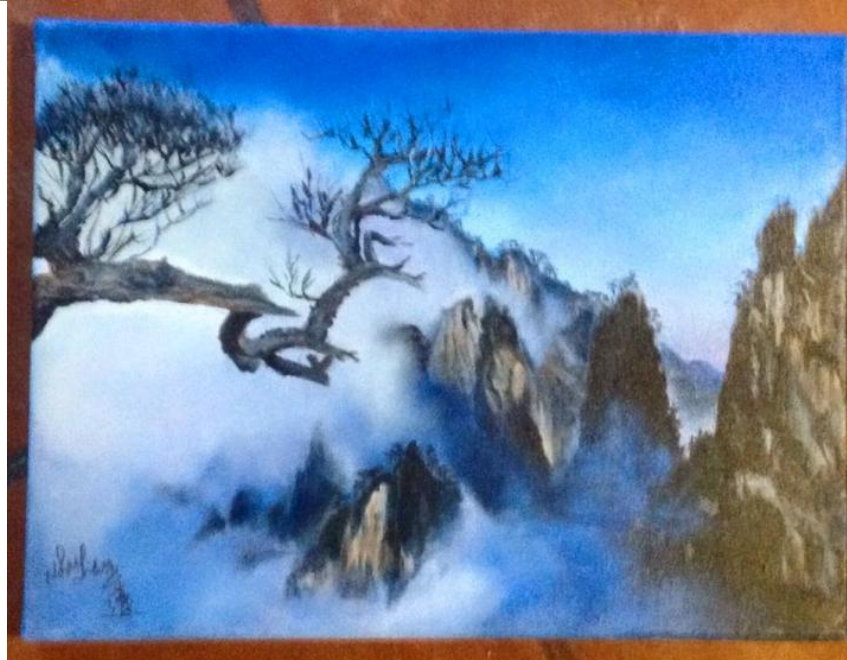
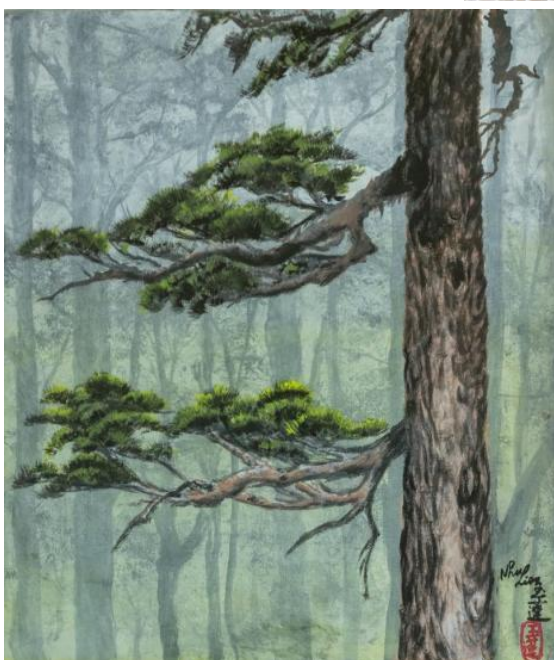
Criada no seio de uma família tradicional chinesa, oriunda de Cantão, foi privilegiada por uma educação de princípios fundamentalmente chineses a par com as culturas portuguesa e timorense.

Ainda antes de frequentar a escola, aos cinco anos, iniciou-se em caligrafia chinesa com o seu pai, professor de formação.

Aos oito anos de idade iniciou a aprendizagem de pintura artística (aguarela e pintura tradicional chinesa).

Apesar do gosto e notória paixão, nunca se dedicou exclusivamente à pintura, em virtude da vida itinerante que levou durante anos; só em 1975, fixando residência definitiva em Lamas, Miranda do Corvo, teve a possibilidade de o conseguir.

A quietude proporcionada desde então permitiu-lhe dedicar o tempo devido à sua arte.



Aqui, a sua sensibilidade oriental logo encontrou motivos e inspiração, e os trabalhos começaram a fluir naturalmente, refletindo a sua maneira muito própria de ver o mundo que a todos nos rodeia.

A sua sensibilidade única transporta as imagens da sua terra natal para a sua terra de adoção, conjugando-as num harmonioso conjunto. Foi em 1988, que, a convite da Câmara Municipal da Lousã, expôs pela primeira vez as suas obras.

Desde então até ao presente, tem apresentado inúmeras exposições, tanto em território nacional como no estrangeiro, ganhando por onde passa cada vez mais admiradores da sua técnica e sensibilidade.

A sua arte tem vindo a sensibilizar o gosto ocidental para a arte oriental, usando para tal a sua particular mestria e evidente talento.

É notória a evolução sofrida ao longo destes vinte anos de exposição do seu talento artístico, não só pelo natural aperfeiçoamento da técnica que o passar do tempo obriga, mas pelo estudo e curiosidade que a leva a buscar e apreender diferentes influências, diferentes estilos, diferentes correntes artísticas. A sua obra reflete predominantemente a técnica da pintura tradicional chinesa – uso exclusivo de materiais importados da China (pincéis papéis e tintas) sobre papel de arroz.

Nos últimos tempos, tem alargado o seu leque técnico, utilizando frequentemente aguarela, acrílico e óleo. Tchum Nhu Lien procura, para além de pintura, outras formas de tocar quem a rodeia.

No ano de 2010, participou na fundação da ADRAS (Associação Didática e Recreativa Arte e Saber da Lousã) da qual é atualmente Presidente da Direção; esta Associação cultural visa proporcionar a toda a população inúmeras atividades culturais: aulas (pintura, línguas, música, Tai Chi Chuan), palestras, Clubes de leitura, os mais diversos Workshops, colaboração com as atividades locais promovidas pela Ação Social da Câmara, intercâmbio com as outras Associações, etc.

NOTA DO EDITOR - Conheci-a nas montanhas de Bobonaro (out.-dez 1973) por ser casada com o major Falcão (hoje coronel na reserva) e – à data – meu comandante no EC5 (Esquadrão de Cavalaria 5). É uma pintora de aguarelas de renome e convidei-a para partilhar momentos de há 45 anos em Bobonaro onde estive também o Dr José Bárbara Branco, médico da mesma unidade.

Exposições mais recentes

Nacionais

2006, 2007, 2008, 2009: pintura ao vivo – Brigada de Intervenção de Coimbra

2006: Biblioteca Municipal de Tomar

2006: Casino da Figueira da Foz

2007: Exposição Humanitária – Bombeiros Voluntários de Coimbra (contribuição de um quadro para a causa)

2007: Exposição comemorativa dos 100 Anos do Ramal da Lousã

2008: “20 anos depois...”, Lousã

2008: Clube de Comunicação Social

2009: II Salão Internacional de S. João da Madeira

2009: Câmara Municipal de Cantanhede

2010 Clube de Oficiais de Coimbra

2010: “Arte Timorense” – Museu do Oriente, Lisboa

2010 Solar dos Cerveiras. Mesquitela. Celorico da Beira

2010. Câmara Municipal de Odívelas.

2010 – Câmara Municipal da Pampilhosa da Serra.

2011 _ Solar dos Cerveiras. Celorico da Beira.





- 2011-- Galeria Mata do Buçaco.
- 2011-- Sete fontes, Cantanhede.
- 2012 – Lousã.
- 2012 – Câmara Municipal de Odívetas.
- 2013 – Câmara Municipal de Odívetas.
- 2013 – Casino de Estoril
- 2014 – Aguarela de cinco continente.
- 2015 – Exposição na Casa de Cultura de Trofa.
- 2015 -- Festa de Lusofonia de Lisboa.
- 2015 – Expo Internacional Mortágua. Org. CM.
- 2015 – Góis – Oros Arte. Góis.
- 2016 – Biblioteca Municipal de Pampilhosa da Serra.
- 2016 – Góis Arte.
- 2016 – Casa da Arte – Miranda do Corvo.
- 2017.- Goís-Oroso Arte.
- 2017.- CAE Figueira da Foz.
- 2017. - Casa da ARTE. Miranda do Corvo.

Internacionais

2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008:2009 Salão internacional de Nantes
2007, 2008: Bélgica
2008: Apresentação do "Estudo da Nossa Senhora da Conceição de Velásquez", Madrid
2008: apresentação de aguarelas, Falkirk, Escócia
2008, 2009: Holanda
2009: Santiago de Compostela
2010. Salão internacional de Nantes
2011. Fiarte Feira Internacional de Artes. Coimbra, Portugal
2012. Salão Internacional de Nantes. (França)
2013. Salão Internacional de Nantes. (França) Expo Itinerante
2014. Salão Internacional de Nantes (França)
2016, Expo Dia internacional de Mulher. Macau
2017. Oroso. Galiza (Espanha)
2017. Expo Lusófona, Macau.

Prémios e outros reconhecimentos

2005: 3.º Prémio no Salão Internacional de Nantes, França – Façade Atlantique
2009: Medalha de bronze no Salão Internacional de Nantes, França
2010: Medalha de bronze no Salão Internacional de Nantes. França. GANFA 2010
2014: Prémio de concurso de "Aguarela de cinco continente" Formosa (Taiwan R.O.C)

Outras atividades

1999-2010: presidente da Assembleia-Geral da Cooperativa Arte-Via, homenageada pelo seu empenho no desenvolvimento dessa instituição, no dia Internacional da Mulher (8 de março) em 2007
2000-2010: professora de Pintura na Universidade Autodidata para a 3.ª Idade da Lousã
2008: colaboração na execução da integração cromática no restauro do retábulo e pinturas murais no teto da capela-mor da Igreja Paroquial de Lamas, Miranda do Corvo
2010 – Presente: Presidente da Direção da ADRAS. Associação Didática e Recreativa Arte e Saber. Professora de Pintura e de Tai Chi Chuan (大極拳) Lousã



powerpoint lotus
Tchum.pdf

Tema 3.7. Pintura: Memórias de Timor VER POWERPOINT ppt

[PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ COMO CONVIDADA DA CMB NO 29º EM 2018](#)

33. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTº POLITÉCNICO SETÚBAL,

LUCIANO PEREIRA é Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982,

Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992,

Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

Comunicações e artigos:

A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes
Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

A representação da Ilha na literatura de temática açoriana
A representação da Arrábida na literatura portuguesa
A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas
O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa
O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular
Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional
A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica
A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio
Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução
O mau-olhado na cultura popular
A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila
Referências e indícios hebraicos na literatura popular
Contributos árabes na literatura popular portuguesa
As mouras encantadas no imaginário galaico-português
A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro



23º Fundão 2015



25º MONTALEGRE 2016



19º Maia 2013



24º graciosa 2015



13º Floripa 2011



23º fundão 2015



13º FLORIPA 2010



11º Lagoa 2009



16º SANTA MARIA 2011



29º BELMONTE 2018



13º FLORIPA 2010

Ensaio:

A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.

Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

A cidade

A língua.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

DISCIPLINAS LECIONADAS:

Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...



21º Moinhos 2014



16º SANTA MARIA 2011



13º FLORIPA 2010



29º BELMONTE 2018



15º MACAU 2011



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016

Tema 3.2. Representações literárias do bestiário nuclear mitríaco: O boi. Luciano Pereira. Escola Superior de Educação. Instº Politécnico de Setúbal

Introdução

O presente artigo esteve na origem de uma comunicação que realizei no contexto do I Congresso Internacional sobre O Cavalo e o Touro na História e na Proto-História na Golegã e na Chamusca, de quinze a dezanove de maio de 2013. A extrema dificuldade de ter acesso, hoje, às atas publicadas sob a coordenação do Professor Doutor Fernando Augusto Coimbra tornou a sua publicação ainda mais pertinente.

0. Representações fabulísticas

A referência mais antiga que associa o touro a um culto solar divino surge na Epopeia de Gilgamesh. Ishtar, para vingar-se, implora o deus-touro que ordena ao touro celeste uma investida contra Gilgamesh. Dizima centenas dos seus homens. Enkidu tenta uma pega falhada. Pega-lhe então pelo rabo e Gilgamesh pelos cornos. Sacrificam o animal com uma estacada junto à nuca, arrancaram-lhe o coração e ofereceram-no ao deus-sol. A partir daí, o Sol e touro formaram um só e ganham cada vez maior importância. Os cultos solares evoluem no sentido de uma supremacia divina, anunciando traços monoteístas.

A primeira referência escrita ao culto mitríaco é, todavia, de Plutarco e data do século I a.C.

Provavelmente originárias da Suméria, onde foram encontrados os mais antigos exemplos datando do século XX antes de Cristo, e presentes na literatura sânscrita (Veda), 2000 a 1000 anos antes de Cristo; as fábulas inscrevem-se numa longuíssima tradição literária escrita. Coleções de tabuinhas de escritura cuneiforme, encontradas na Mesopotâmia, evocam-nos quadros familiares da raposa vaidosa que, tendo mictado na água do mar, exclama que a totalidade do oceano é feita da sua urina; do mosquito presunçoso que, ao poisar sobre um elefante, lhe pesa a consciência e pergunta se o seu peso é suportável.

Mais de trezentos textos oriundos da Babilónia mencionam animais e pelo menos trinta deles apresentam um verdadeiro desenvolvimento narrativo.

Os diálogos entre animais, tão típicos das fábulas, surgem na Babilónia a partir de um outro género sumério que constituía a discussão (disputa dialogada).

A história *O Boi e o Cavalo, que opõe a vida pacífica e rural à vida militar e guerreira*, é um dos mais eloquentes exemplos:

Ce qui importe de relever ici c'est que nous nous trouvons en présence d'un apologue, d'un récit à des fins moralisantes qui oppose la vie pacifique à celle du guerrier, la modeste tranquillité du travail à la gloire pleine de périls dans les batailles. Il y a là un genre littéraire qui sera représenté dans la littérature grecque par Esope; incontestablement on a le droit de penser à des thèmes d'inspiration orientale, [...] (Moscati 1963: 95)

Muitos dos textos em questão apresentam uma grande afinidade com os provérbios e possuem uma estrutura antitética, todavia nenhum apresenta uma moral explícita. Segundo a maior parte dos investigadores, todos eles pertenceriam a bibliotecas escolares. Constituiriam materiais pedagógicos de apoio ao ensino do sumério, língua dos antigos habitantes do país e inventores da escrita, para alunos que falariam o acádio, língua semita vernácula. Mais do que textos literários, tratar-se-á de um fundo comum oral para motivar e apoiar a aprendizagem da língua.

Roma apropriou-se da herança literária helénica e em particular a de Esopo ou, mais precisamente, da que era atribuída a Esopo. Horácio refere muitas delas nas suas sátiras e nas suas epístolas tais como *O Cavalo e o Veado*.

O primeiro fabulário português data do século XIV: *Fabulae Aesopi in lingua Lusitana* (Vasconcelos 1902, vol. VIII: 99-151). Todavia, as fábulas não são traduções das que tradicionalmente eram atribuídas a Esopo, mas são, de facto, do mesmo tipo e da mesma forma: a obra é constituída por sessenta e três fábulas entre as quais: *O Asno, o Touro e o Porco; O Azemel, a Mosca e a Mula; O Cavalo e o Leão que se fingia médico; O Asno e o Cavalo loução; O Cervo e os Bois...*

Foi com parábolas que Cristo se expressou. Tal como a parábola, a fábula medieval pertence ao género mais geral do apólogo, distingue-se por pretender interpretar, com uma eficácia máxima, a sua narrativa exemplar enquanto estrutura fechada, coesa e suficiente, embora tal pretensão não passe de um esforço de totalitarismo ilusório, que em nada belisca a ressonância simbólica, polissémica e indomável, da história.

Uma coisa é certa, se a narrativa é autossuficiente, não é menos verdade que uma longa tradição identifica a moral como a «alma da fábula».

A mais antiga e distante sabedoria dos povos fala-nos através da fábula. Género escolar na Suméria, género escolar terá sempre permanecido, apesar de ventos e marés, revoluções e involuções. As primeiras fábulas gregas conhecidas são de Hesíodo (Hésiode 1996), surgem com preocupações éticas, também pretendem proceder a uma recolha de princípios de conduta e de moral que abrange todos os aspetos da vida humana.

Normalmente, desde a antiguidade que a moral aparece destacada do resto do texto. Os autores gregos e latinos apresentam-na tanto no início como no fim da história. No *Panchatantra* (Lancereau 1965) aparece simultaneamente no início e no fim das pequenas narrativas. Os autores medievais consideravam-na o espírito do texto e escreviam-na em letras douradas. Citemos, a esse respeito, o esclarecedor prólogo do *Fabulário Português* do século XIV:

Este Exopo em aqueste sseu liuro poem muytas estorias ffremosas d'animalias, de homees e de aues e de outras cousas, segumdo em elle veredes, pellas quaaes ell nos emsinava como os homees do mumdo deuem de viuer virtuosamente e guardar-sse dos males. Essemelha este sseu ljuuro a huu horto no quall estam flores e fruytos: pellas frores sse emtemdem as estorias, e pello fruyto sse emtende a semtença da estoria; e comvida os homees e amoesta os que venham a colher das frores e do fruyto. Ainda compara este sseu liuro aa noz, que há dura casca, e haos pinhões, que demtro teem ascomdido o meolo que he ssabori-do: assy este liuro tem em ssy escondido muytas notauées semtenças. (Vasconcelos 1902: 103)

Preocupados com o espírito da letra mais do que com a formosura da história, mais com o sentido, menos com a forma, o autor medieval sabe que para o homem avisado, em cada história existe uma pérola que é necessário saber apreciar e reconhecer porque revelam as palavras e o caminho do Senhor, caminho de salvação.

A influência greco-latina continua, todavia, a ser bastante prenunciada. Em muitos dos seus contos, o espanhol, D. Juan Manuel (1984) segue a versão latina de *Romulus* ou a versão de Ceritonensis (Odo of Cherinton). Juan Ruiz (1994) prefere inspirar-se em Walter (Gualterius Panormitanus ou Anglicanus, capelão de Henrique II de Inglaterra), mas não desdenha outras fontes tal como o famosíssimo *Roman de Renart* (Roques 1982) e talvez Marie de France (Roquefort 1820). Algumas parecem mesmo denotar influências de fábulas bizantinas ou até clássicas.

De todos os autores que recolhem fábulas antigas durante a Idade Média, o que mais as integra no seu meio específico, no seu espaço e na sua época é sem dúvida Juan Ruiz. O rei Leão persigna-se antes de comer, trata por vassalo o Cavalo que se prepara para devorar (Ruiz 1994: 139-140), e tem acessos de fúria por ouvir um burro que se julga jogral (Ruiz 1994: 219-220).

A obra espanhola revela-nos um poeta poderoso, muito superior aos poetas goliardos vulgares, com laivos de puro lirismo nas Cantigas de Serrana e nas de Nossa Senhora, com tanta graça no modo de nos contar as suas fábulas que não podemos deixar de lhe reconhecer uma verdadeira e profunda originalidade. Para além de *O banquete do Leão doente*, muitas são as fábulas que foram incrustadas em narrativas contadas pelas personagens principais, o Arcipreste, uma pobre freira e o 'Trotaconventos'.

Um número significativo encena touros e cavalos: *As Rãs que pediram um rei a Júpiter; O Cavalo e o Burro; O Cavalo que prega um par de coices no Leão, O Leão velho*, etc.

Mais perto de nós, evoquemos a sugestiva fábula de João de Deus, *O Leão Moribundo*, por ter sabido cativar a imaginação dos miúdos e graúdos imortalizando-se em sucessivos manuais e compêndios escolares...). Recordemos apenas alguns dos versos que consideramos mais pertinentes:

*Veio o cavalo e deu-lhe uma patada!
Veio o lobo, ferrou-lhe uma dentada!
Veio o boi, arrumou-lhe uma marrada!
Ele contudo, manso como um lago,
Apenas lhe lançou um olhar vago...
(Ramos 1995: 52)*

E como não recordar o castigo que os cavalos infligem ao lobo Brutamontes em *O Romance da Raposa* de Aquilino Ribeiro (1986) tão influenciado pelas tropelias do *Roman de Renart* medieval e pelos desfechos de *A Raposa, o Lobo e o Cavalo* (XII, 17: 511-513), de *O Cavalo e o Lobo* (V, 8: 215-217) e de *O Leão Velho*, uma das fábulas que marcou forte presença nos livros de leitura do primeiro período do Estado Novo (José Tavares, 1933, 1935 e 1952; Augusto Lima, 1947; António Lucas, s.d.), desaparecendo completamente dos manuais escolares posteriores à revolução de Abril.

Embora os nossos mestres da literatura para a infância não considerem a sua lição pertinente, a verdade é que de um ponto de vista poético, talvez seja uma das fábulas mais superiormente trabalhadas desde de La Fontaine. A fábula apresenta um particular interesse por se terem encontrado e confrontando nela três dos nossos melhores fabulistas, um dos quais Bocage. É evidente a sua superioridade poética, o seu sentido do equilíbrio e do ritmo, a sua capacidade de síntese, a naturalidade e a expressividade da sua linguagem:

*Terreor da sélva outróra então cahido
Em annos um Leão, priscas proezas
Recordando com lástima, assaltado
Se vio por seus Vassallos propios; fórtes,
Que o vião fraco. -Chega, e um couce atira-lhe
O Cavallo, dentada ferra o Lôbo,
O Boi cornada. - Triste e taciturno
O mísero Leão, cortado de annos,*

*Póde apenas rugir; seu fado espéra,
Sem dar um só queixume. Mas, um Burro
Vendo, que ao seu covil correndo vinha:
(Leão). É de mais: Venha a morte que teus couces
Soffrer, é duas vêzes soffrer mórte.
(Elísio 1838: 103)*

*Decrépito o Leão terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrépidos tornou sua fraqueza.
Cruéis insultos sofria.
Chegou sorrateiro lobo
E pregou-lhe uma dentada;
Deu-lhe o cavalo dois coices
E o touro dura marrada;
"Minha fraqueza os faz fortes",
Clamava a fera infeliz!
"Paciência agora me fazem
O mesmo que eu já fiz."
Nisto, aos pinotes zurrando,
Farfante, o burro chegou,
E, voltando-lhe a garupa,
Quatro coices lhe atirou.
"Ah!, que afronta!, que desgraça!",
Disse o leão dando um urro,
"Antes mil vezes a morte
Que sofrer coices de um burro."
Quando qualquer poderoso
Decai do antigo poder,
Conte que até do mais vil
Afrontas há de sofrer.
(Semedo s.d.: 94)*

*Eis o Lobo c'os dentes o maltrata,
O cavalo c'os pés, o Boi c'o as patas,
E o mísero leão rugindo apenas,
Paciente digere estas afrontas:
Não se queixa dos Fados, porém vendo
Vir o Burro, animal de ínfima sorte,
Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte.
(Bocage 1968: 1124)*

Torga e Aquilino, embora não tenham cultivado, em rigor o género fabulístico, são outros dos autores que encenaram magistralmente o silencioso drama das criaturas, atribuindo um espaço especial à dignidade e coragem do touro e à lealdade e valentia esforçada do cavalo. A técnica de Torga é apresentada como uma técnica naturalista levando ao processo de humanização da natureza e dos animais enquanto a de Aquilino é referida com características impressionistas e sensoriais...

Óscar Lopes (1975: 1073):

*Fez um esforço. Embora ardesse numa chama de fúria, tentou refrear os nervos e medir com a calma possível a situação.
Estava, pois, encurralado, impedido de dar um passo, à espera de que lhe chegasse a vez! Um ser livre e natural, um toiro nado e criado na lezíria ribatejana, de gaiola como um passarinho, condenado a divertir a multidão! Irreprimível, uma onda de calor tapou-lhe o entendimento por um segundo. O corpo, inchado de raiva, empurrou as paredes do cubículo, num desespero de Sansão.
Nada. Os muros eram resistentes, à prova de quanta força e quanta justa indignação pudesse haver. Os homens, só assim: ou montados em cavalos velozes e defendidos por arame farpado, ou com sebes de cimento armado entre eles e a razão dos mais...
(Torga 1990: 109)*

*Anos e anos a acarretar leite para a fábrica, vila vai, vila vem, fartos seus olhos de ler no inalterável trajeto a mesma história de rampas, lombas, paredes, o cavalo do Cleto arriou. Era lento e preso da marcha como se todo o seu arcabouço quisesse fundir-se na imobilidade dos caminhos. Tinham-lhe nascido alifafes insuportáveis nos tendões e nas jogas das pernas, e com a potreia das suas mataduras embebedavam-se as moscas de dez léguas. À sobreposse, lá continuava a fazer a romaria quotidiana com os potes do leite na suã, tirando da loja com o cantar matutino dos galos, para volver quando os bois remoíam nos estábulos a erva dos pastos. Descansava então umas horas num sono quebrantado de pesadelos, em que havia guerras de cavalos e precipícios a atravessar com cargas descomunais.
(Ribeiro 1984: 157)*

Ao longe para lá dos montes, avistou um corpo afogueado que descia. E vagamente interrogou-se:

- Será o sol?

Depois, lembrando da poldra e do garanhão que galopavam para as núpcias ferozes, considerou:

- É o amor dos cavalos.

No horizonte, a grande rosa caiu arrastando o ar todo. E às escuras se engolfou no escuro nada.

(Ribeiro 1984: 167)

António Sabler (1995) trouxe a lume a tradução de um conjunto de *Fábulas de La Fontaine*, magnificamente ilustradas por António Modesto. O autor procurou ser o mais fiel possível ao texto original, o que em nada prejudicou a literariedade dos seus textos, sóbrios, elegantes e linguisticamente corretos. Compare-se a sua versão de *A Rã que queria igualar-se ao Boi* com a versão de La Fontaine para apreciar o quanto uma tradução pode respeitar todo o valor literário do original:

*Uma rã encontrou um boi
que lhe pareceu de belo porte.
Ela, que não era maior do que um ovo,
invejosa estica-se, incha, fazendo força
para igualar o animal em grandeza,
dizendo: "Veja lá, oh irmão,
diga-me, estou bem assim, ou ainda não chega?"
"Não." "E agora?" "Ainda não." "Já?"
[...]* (Sabler 1995: 20)

A fábula, enquanto textura literária, afirma-se, antes de mais, pelas conotações simbólicas de uma sabedoria proverbial universal. *A Rã e o Toiro* e *O Leão velho* são algumas das fábulas mais divulgadas em Portugal e, das que melhor resistiram ao tempo. São algumas das mais prezadas pelos pedagogos e apreciadas pelas crianças, como o atestam algumas das nossas melhores versões literárias para a infância, tais como a de Esther de Lemos (1992).

1. Protagonistas dos Bestiários

A conceção da inferioridade do sexo feminino é uma constante em todos os dualismos. Os dualismos oriundos do platonismo tais como os gnósticos e os maniqueus que percorrem o Fisiólogo e os Bestiários medievais apenas confirmam a regra. Gilbert Durand (1989: 75) relembra que entre os povos das Caraíbas e os iroqueses a feminilidade é rejeitada para a esfera da animalidade. As sereias e as esfinges são apenas alguns dos expoentes de tal imaginário.

No mundo simbólico dos Bestiários, inúmeras são as conotações e as expressões sexuais habilmente sublimadas, variadíssimos foram os estudiosos que as sugeriram tais como Malaxecheverría (1982).

É de salientar que, se omitirmos os tritões da mitologia greco-latina, a primeira referência à sereia com rabo de peixe é do *Liber Monstrorum*, escrito em país anglo-saxónico e data do fim do século IX. A maior parte da literatura medieval refere a sua natureza híbrida de mulher e de peixe, embora algumas obras lhe atribuam características de ave de rapina, numa clara confusão com as estringes da mitologia latina.

Santo Isidoro (1983) compara-a com as Górgonas, meretrizes que petrificam apenas com o seu olhar e arrastam para o naufrágio os incautos mareantes. O Fisiólogo arménio refere a sua constituição híbrida: mulher até aos seios, pássaro, burro ou touro dos seios para baixo.

A feminilidade apresentada nos Bestiários exhibe uma sexualidade intensa e feroz.

O boi, a vaca ou, melhor, o vitelo ou a vitela representam em Pierre de Beauvais a alma ou o homem que vive em pecado mortal. No artigo 38 da sua versão longa, relata-nos que um pássaro que vive nos desertos da Índia a que chamam 'gripão' possui tanta força que consegue elevar um vitelo e levá-lo para o seu ninho para alimentar as suas crias: «*Cet oisels senefie diable; le buef senefie l'home qui vit en mortel péchié...*» Cahier (1851: vol II: 226).

O Bestiário de Ashmole, de 1511⁴⁷, cuidadosamente protegido na Bodleian Library de Oxford faz referência ao 'Bonacon', animal híbrido, asiático, que possui focinho de boi, corpo e crina de cavalo. O fogo que emana durante as suas defecções queima tudo o que toca. É assim que o animal se defende dos seus predadores (Ashmole 1988: 68). Faz também referência ao jovem touro apelidado de *juvencus*, porque ajuda (*juvare*) os homens a cultivar a terra, mas também porque é ele que, em todo o mundo pagão, é imolado para honrar Júpiter (*Jovi*) e nunca o touro propriamente dito (Ashmole 1988: 86). O vitelo ou a vitela, chamado 'boen' em grego e 'trionem' pelos latinos, por escavarem a terra (*triat*) são referidos pela sua amizade e fidelidade aos seus companheiros. Possuem a característica de adivinhar o tempo, a meteorologia (Ashmole 1988: 86).

O espaço do deserto e o da floresta correspondem aos espaços das provas iniciáticas e logo dos encontros com as forças demoníacas por excelência (Bettencourt em Centeno, Yvette Kace / Freitas, Lima de 1991: 109-111). São os espaços selvagens que se opõem aos espaços culturais ocupados pelos homens e sinónimos de civilidade. Cruzar-se com o animal é cruzar-se com o demónio, manifestações das fraquezas, dos vícios e dos pecados dos homens, enquanto fonte de sofrimento e prenúncio da morte. O lobo é uma dessas manifestações mais frequentes, mas está longe de ser a única: a serpente, o leão, o touro e a pantera, o urso, o porco e o galo, o camelo, a águia e todos os pássaros de cor negra desempenharão a mesma função Voisinet (1994: 53). Todavia alguns santos terão a virtude de apaziguar a fera e afirmar desse modo a inequívoca presença divina, relembrando a profecia de Isaías (11, 6-9): «*O lobo coabitará com o cordeiro, a pantera deitar-se-á com o cabrito.*»

Pierre de Beauvais (Cahier 1851 vol. II: 157) fala-nos de um ser híbrido meio cavalo, meio homem, chamado 'arpe'. Trata-se, na realidade, de uma das criaturas mais confundidas com uma outra que sempre se afirmou como uma das mais cruéis fantasias humanas: a 'Centícora' ou a 'Mantícora', que também vivia no deserto da Índia. A besta era toda negra, possuía dois chifres, coxas de leão, rabo de elefante, corpo e cascos de cavalo. A referência aos chifres invoca obviamente os terríveis mistérios femininos, senhores da vida e da morte, da fecundidade e das eróticas negras forças do além, numa estranha fusão entre 'eros' e 'tanatos'.

Ainda hoje, as mulheres grávidas imploram a sua proteção no templo de Carnaque, tal como as mulheres estéreis adoram 'Kâli' em Calcutá (Ronecker 1994: 220). Pelo terror que inspira, tornou-se o guardião das portas do templo e do trono real. Símbolo de força, representa o rei desde épocas proto-históricas. Gárgulas de templos retêm o poder dos deuses das tempestades (Priour 1988: 17). Foi a partir da sua força, do seu simbolismo, da ambiguidade das suas energias que surgiu a enigmática imagem da esfinge. 'Sakhmet' é apenas um dos aspetos da tríade constituída por 'Hathor', a vaca celeste e 'Bastet', a gata. A estranha tríade chegara a ser confundida com Ísis, deusa dos mil nomes (Lurker 1994: 124-125). Enquanto vaca cósmica é a própria mãe do sol, na sua forma de gata, torna-se alegre e meiga, deusa do amor. Tal complexidade revelou-se uma perfeita metáfora da duplicidade da natureza erótica, criadora e destrutiva. Foi tal o seu sucesso que os gregos lhe chamaram Afrodite, a deusa da alegria, do prazer, do gozo e claro está: do amor. Alguns poetas contemporâneos fizeram questão em dar novo alento aos Bestiários. António Osório ocupa, em Portugal, um espaço privilegiado na matéria:

47 Publicado por Marie-France, Dupuis e Louis, Sylvain em 1988. Por maior eficácia, referimo-nos à obra pelo o nome da sua origem e pela data da publicação da versão consultada: Ashmole 1988.

Vacas

*Olhos de negro,
Olhos que deitam
Funda desolada bondade.*

*Ásperas e verde a língua
Que afaga os tímidos quadrúpedes.
Após o cutelo,
A queda,
Sanguinolentos mantos.*

*Nascente que se renova amando.
(Osório 1997: 26)*

O Touro Néscio

A Diogo Pires Aurélio

Pintada de vermelho, a praça de touros itinerante era desmontável como os circos erráticos. Dentro comandava o Inteligente, impecável, e o seu ordenador cornetim de luva branca.

Havia um touro néscio. Antes de sair do curro espreitou, teve dois cautelosos passos, olhava à volta sem ilusões, e recuava levemente à aproximação capciosa de dois sujeitos mal agoirados.

O Público, incluindo as crianças, ria (parecia-lhe) desalmadamente - e um cavaleiro pregou-lhe um ferro de castigo. Exibiu um pungente assombro. A sua era uma causa pacífica, não contassem com cornadas, tinha um desgraçado medo daqueles artistas.

Não foi laçado pelos cornos – descobriu logo o único buraco por onde poderia dignamente sair. Esquecendo os seus males, até os doentes profundos (do corpo e da alma) se divertiam naquela ópera-bufa com o touro néscio, que tinha uma solene mansidão de santo.

(Osório 1997: 46)

A literatura para a infância, à margem dos fabulários, não deixou de prolongar algumas das conotações mais intensas do ponto de vista simbólico, assim como todo o potencial poético que algumas das "criaturas" transportam desde tempos imemoriais em que o Touro, voz de trovão, deus dos deuses, se confunde com o demiurgo que fecunda a terra, em que a Vaca, alimentícia, é uma imagem do próprio universo (Egito) e, em que o cavalo, branco, um dos animais psicopompo mais cultuado, inicia os escolhidos nos caminhos da verdadeira liberdade espiritual e nas lezírias da eternidade:

2. Presenças no nosso imaginário tradicional

«Pegar os touros pelos cornos» (5267)⁴⁸ representa um ato de bravura, de coragem, de determinação, qualidades atribuídas ao touro e a quem o enfrenta.

⁴⁸ Por razões pragmáticas, neste ponto, fazemos apenas referência à numeração pela qual os provérbios são apresentados em Santos, Maria Alice Moreira dos (2000).

O boi surge no nosso imaginário popular associado à vida, à água e a fecundidade. Vários são os contos que o apresentam com uma sede insaciável⁴⁹: (*A formiga e a neve*, *A romãzeira do macaco*, *O galo e o pinto*). A sua dimensão sacrificial e de animal de estimação estão sublinhadas em *O rabil* e *O conto do Fuso*. *O coelhinho branco* revela a sua faceta medrosa.

Com a ajuda sobrenatural das fadas, no conto *A Enjeitada*, os chifres das vacas servem para dobrar as meadas associando-as assim aos mistérios lunares e obviamente femininos que superintendem os fenómenos da vida e da morte.

3. Conclusão

Tanto nos bestiários medievais, quanto nos fabulários em geral, seria errado sublinhar uma presença especial do toiro. A sua presença é discreta nos fabulários que desde os seus primórdios privilegiaram as pequenas e frágeis criaturas, assim como as suas lições de sobrevivência perante os fortes e os poderosos.

Os bestiários medievais não se afastaram substancialmente do Fisiólogo, muito provavelmente concebido na Alexandria do século terceiro. Vive-se então o maior confronto da história religiosa do Império romano. Por um lado, um conjunto de correntes cristãs, oriundas dos pensamentos mais espirituais e místicos de sincretismos religiosos, orientais, helénicos, e judaicos, impiedosamente perseguido por excluir qualquer outra doutrina religiosa e, em particular a imperial; e por outro um mitraísmo, oriundo das mais antigas crenças da humanidade, formadas nos grandes deltas da Mesopotâmia e, talvez, até da Índia, disseminado de oriente para ocidente, do Mediterrâneo até ao Norte do Atlântico, celebrando a alegria de viver, da fertilidade e da fecundidade, promessa de fartura eterna, disciplinadamente organizado, quase à imagem da estrutura militar romana, fortemente hierarquizado, solidário, repleta de secretismos e gozando de uma especial simpatia imperial.

Abundantes são os seus vestígios em Itália (Roma), na Gália (Bordéus) na península (Mérida). António Maria Romeiro Carvalho publicou, em 2009, um artigo em que identifica algumas das sepulturas escavadas nas rochas como elementos essenciais da religião mitríaca, espaços onde os fiéis seriam aspergidos pelo sangue purificador do touro sacrificado, imagem da incomensurável generosidade do próprio deus. Carvalho evoca uma versão da Bicha das sete cabeças e outra de Pedro e Pedrito (Coelho 1995) para evocar a força mágica e divina da aspersão sanguínea e vivificante: «As fadas disseram a Pedro que só com o sangue dele derramado sobre o Pedrito o podia tornar em homem (...)» (Coelho 1995: 232).

Pessoalmente basta-me referir o inequívoco 'Mithraeum', achado junto de um templo protocristão, na península de Troia e precisamente datado do século terceiro depois de Cristo, com abundantes vestígios de sincretismo religioso (Jalhay 1948).

A maior parte dos movimentos milenaristas recuperam alguns dos pensamentos cristãos mais primitivos, evidenciando antigos sincretismos orientais e ocidentais, mitríacos e platónicos, aspirando a uma religião cósmica, de verdade e de amor, de despojamento, de pobreza material, de vida comunitária e asceta, de solidariedade e de comunhão em Cristo e com Cristo. Neles se inscrevem a devoção ao Espírito Santo, ainda hoje tão viva nas ilhas açorianas e, em particular, na ilha Terceira. Neles tomou forma o pensamento de São Francisco que doou a sua vida pela vida do próprio Espírito Santo, Imperador do Sagrado Império, da igualdade universal, simbolizado pela tábua redonda, pela cavalaria celestial, onde todos são iguais, no amor e na pobreza, até o mais estranho dos forasteiros. Terminamos com uma citação de um dos autores que melhor entenderam a permanência do culto mitríaco na taumaturgia tauromáquica:

⁴⁹ Fazemos aqui alusão às versões dos contos apresentadas por Adolfo Coelho (1985). Para evitar repetições, tomamos a liberdade de apenas referir o título que cada conto apresenta na obra citada, facilmente consultados com o auxílio do seu índice.

Ce soir-là il n'y avait pas de lune. Mais solvante, la lune se levant précisément derrière l'enclos, elle était apparue enorme, posée sur une tête bovine, encastrée entre les deux cornes comme dans les statues du dieu-boeuf Apis. C' était la lune d' Artémis, qui avait émigré en Tauride montée sur un taureau, et dont les mithriastes voyaient le char traîné par des taureaux blancs... Artémis, la déesse intacte, la dure et fraîche, qui aime les marécages, les bêtes ferores, le sang des jeunes garçons flagellés, déesse des animaux fous, déesse de l'amour entre les hommes et les animaux, patronne des Saintes-Maries comme elle était patronne de Massilia, qu'on appelle Marseille, d' Antipolis, qu'on appelle Antibes, d' Arelate, qu'on appelle Arles, de Nemausus, qu'on appelle Nîmes, de tout ce golfe du Lion où l'avaient apportée les Phocéens, et où les églises de Christ s'étaient élevées sur ses temples, bâties avec leurs pierres mêmes, comme si elle ne cédait la place qu'en restant. (Montherlant 1954: 266)

Bibliografia

- Bocage, Manuel Maria Barbosa du (1968), Apólogos. In *Obras de Bocage*. Porto: Lello & Irmãos, p.1103-1155.
- Carvalho, António Maria Romeiro (2009), O culto de Mitra e as sepulturas escavadas na rocha. Açafa on-line n.º 2: www.altotejo.org
- Chevalier, Jean; Greerbrant, Alain (1994), *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Teorema.
- Chevalier, Jean; Greerbrant, Alain (1982), *Dictionnaire des symboles*. Paris: Robert Laffont: Jupiter.
- Coelho, Adolfo (1985), *Contos populares portugueses*. Lisboa: Dom Quixote.
- Dupuis, Marie-France / Louis, Sylvain (1988), *Bestiaire Ashmole 1511*. Paris: Philippe Lebaud.
- Durand, Gilbert (1989^a), *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença.
- Elísio, Filinto (1838-1839), *Fábulas de La Fontaine*. In *Obras de Filinto Elysio*. Lisboa: Tipografia Rollandiana
- Elísio, Filinto (1998), *Fábulas de La Fontaine*. In *Obras Completas*. Vol. I Braga: A.P.P.A.C.D.M.
- Elísio, Filinto (2000), *Fábulas de La Fontaine*. In *Obras Completas*. Vol. VI, Braga: A.P.P.A.C.D.M.
- Elísio, Filinto; Semedo, Curvo (s.d.), *Fábulas e La Fontaine*. Mem Martins: Europa América.
- Esopo (1985), *Fables*. Paris: Les Belles Lettres.
- Fedro (1989), *Fables*. Paris: Les Belles Lettres.
- France, Marie de (1983), *Les Lais*. Paris: Honoré Champion.
- Hesíodo (1996), *Théogonie; Les travaux et les jours; Le bouclier*. Paris: Les Belles Lettres.
- Horácio (1976), *Satires*. Paris: Les Belles Lettres.
- Jalhay, Eugénio (1948) – Franz Cumont e o baixo-relévo mitraico de Tróia (Setúbal). Sep. da Revista Brotéria. Volume XLVI, Fasc.5.
- Isidoro de Sevilha (1983), *Etimologias*. Vols. I e II, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Lancereau, Édouard (1965), *Pañcatantra*. Trad. du sanskrit et annoté par Édouard Lancereau. Saint-Amand: Gallimard: UNESCO.
- Lemos, de Esther (trad.) (1992), *Fábulas de La Fontaine*. Lisboa: Verbo.
- Lima, Augusto (1947), *Livro de leitura: para o ensino técnico elementar – 1º ano*. Porto: A. C. P. Lima.
- Lopes, Óscar; Saraiva, António J. (1975), *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Lucas, António [S. l.: s. n., s. d.], *Livro de leitura: para os alunos da Escola Prof. de Pesca Dr. Gonçalves de Proença*.
- Lurker, Manfred (1994), *Dictionnaire des dieux et des symboles des anciens égyptiens*. Wien: Pardès.
- Malaxecheverria, Ignacio (1982), *Le bestiaire médiéval et l'archétype de la féminité*. Paris: Lettres Modernes.
- Malaxecheverria, Ignacio (1986), *Bestiário medieval*. [S. l.]: Siruela.
- Manuel, D. Juan (1984), *El Conde Lucanor*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Manuel, D. Juan (1994), *O Conde Lucanor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Menéres, Maria Alberta (trad.) (1999), *Fábulas de La Fontaine*. Porto: ASA.
- Miranda, Francisco Sá de (1944), *Obras Completas*. Vols. I e II, Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Miquel, Dom Pierre (1992), *Dictionnaire symbolique des animaux*. Paris: Le Léopard D'or.
- Moscati, Sabino (1963), *L'Orient avant les Grecs: les civilisations de la Méditerranée Antique*. Paris: P.U. F.
- Osório, António (1997), *Bestiário*. Lisboa, Elo.

- Pañcanta (1965), Paris: Gallimard; UNESCO.
- Pereira, Luciano (1991a), *Os animais e os contos tradicionais portugueses*. Setúbal, E. S. E., Instituto Politécnico.
- Pereira, Luciano (1991b), *Os bestiários franceses do século XII*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Tese policopiada.
- Pereira, Luciano (1994), *O universo do imaginário*. Setúbal: E. S. E., Instituto Politécnico.
- Pereira, Luciano (2003), *A Fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Tese policopiada.
- Prieur, Jean (1988), *Les animaux sacrés dans l'Antiquité*. Paris: Quest-France.
- Ronecker, Jean-Paul (1994), *Le symbolisme animal*. St.-Jean-de-Braye: Dangles.
- Ribeiro, Aquilino (1989), *Arca de Noé*. Lisboa: Bertrand.
- Ribeiro, Aquilino (1984), *A pele de Bombo. Novelas e contos completos*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ruiz, Juan, Arcipreste de Hita (1994), *Libre del Arcipreste o de Buen Amor*. Madrid: Espasa Calpe.
- Sabler, António (1995), *Fábulas de La Fontaine*. Lisboa: Edinter
- Santos, Maria A. Moreira dos (2000), *Dicionário de Provérbios. Adágio, Ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas*. Porto Ed.
- Torga, Miguel (1990), *Bichos, contos*. Coimbra.
- Vasconcelos, José Leite de, (ed.) (1902), *Fabulário Português. VIII, Revista Lusitana*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand. 99-151.
- Vasconcelos, José Leite de, ed. (1906), *Fabulário Português. Revista Lusitana*. Lisboa: Imprensa Nacional. IX 6-109.
- Vasconcelos, José Leite de (1964), *Contos populares e lendas*. Vols. I e II, Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Voisinet, Jean (1994), *Bestiaire chrétien*. Toulouse: Presses Universitaires du Miraid.



powerpoint luciano
Rep lit best nuclear

Tema 3.2. Apresentação do livro Lusofonografias, Ensaio pedagógico-literários



powerpoint
LUCIANO livro.mp4

[PowerPoint Filme apresentação](#)

Apresentação e Agradecimentos por Luciano Pereira

Na semana a seguir à defesa da minha tese de doutoramento sobre a Fábula em Portugal, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, iniciei a preparação do meu concurso para Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Quis o destino que me lançasse numa aventura que me viria a desviar da minha primeira paixão, pedagógico-científica, para abraçar um projeto de gestão e administração institucional, enquanto Vice-Presidente do Conselho Diretivo da Escola Superior de Educação.

Desses anos, ficou-me o gosto amargo de muitas desilusões, o cansaço de lutas vãs e inúteis contra um contexto que se impunha como um dos mais constrangedores momentos da Educação em Portugal. Pressionados por fatores externos e alguma confusão interna, fomos estrangulados económica e financeiramente, e reduzidos à nossa expressão democrática mais minimalista, num movimento de centralização, que se aproveitou de algumas fragilidades e procurou aprofundar as ligeiras tensões existentes no corpo docente.

Em nome da crise, congelou-se as carreiras, abrandou-se o investimento na investigação, procurando apenas atingir as exigências ditadas por Bruxelas, mais atenta a números do que a resultados técnico-científicos, com verdadeiros critérios qualitativos, indicadores do desenvolvimento sustentado de qualquer sociedade humanista que visa o bem-estar e a felicidade dos seus cidadãos.

Após a demolidora experiência que nos obrigou, a todos, a fazer das tripas coração, chouriços sem sangue e sangrias irracionais, caímos numa letargia apenas disfarçada por campanhas de propaganda que apresentavam o que de melhor tínhamos em todas as áreas da vida cívica. Rapidamente esgotaram-se os exemplos que se conseguiam afirmar no nosso panorama interno e, rapidamente, fomos embriagados com os nossos patrícios que triunfavam no estrangeiro, alguns já pertenciam à terceira geração, outros à segunda, e lá vinham os nossos enfermeiros e informáticos, levemente exportados para o Reino Unido e apresentados como a joia de uma coroa que ostentava um exército de técnicos e especialistas de que podia prescindir sem qualquer indício de remorso, nem tão pouco do mínimo desconforto.

A impossibilidade, ou talvez a incapacidade, de contribuir para reverter a situação levou-me a refugiar-me na minha grande paixão artística, científica e pedagógica. Encontrei nos Colóquios da Lusofonia e, posteriormente, na Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, um espaço de resistência e de resiliência, onde me senti acolhido, motivado, e onde podia, livremente, expressar opiniões e desenvolver investigação com toda a seriedade e rigor.

Não posso deixar de agradecer a Chrys Chrystello, à sua família, e a todos os associados, a criação desta escola de vivências 'inter' e transculturais, assim como o aprofundamento desta vivificante e pujante identidade lusófona. Seria injusto não agradecer aos meus outros *compagnons de route*, colegas do Instituto Politécnico de Setúbal e, em particular, da Escola Superior de Educação, assim como os do núcleo de investigação sobre o Imaginário Literário da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que, pelas mais diversas razões, e das mais diversas formas, apoiaram o meu trabalho, sempre me motivaram e sempre me incentivaram a prosseguir, apesar de tantos obstáculos e dificuldades pessoais.

Os meus colegas da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia fizeram, de um grupo de sonhadores, um movimento de cidadania, em prole de uma nova e sólida consciência identitária, solidamente ancorada em valores de solidariedade e de fraternidade. Foi este o nicho que escolhi para desenvolver e partilhar a maior parte das experiências que a Escola Superior de Educação de Setúbal, com a maior das generosidades, e das mais diversas formas, me permitia. A minha extrema dedicação à minha intervenção pedagógica obrigou-me a respeitar uma certa distância em relação ao meu grupo de investigação inicial relacionado com os estudos sobre o Imaginário Literário, fundado e dirigido pelo Senhor Professor Doutor Helder Godinho, meu orientador da tese de mestrado sobre os Bestiários Franceses do século XII, assim como da tese de Doutoramento sobre a Fábula em Portugal. Todos os meus colegas, investigadores na área do imaginário, e em particular os da Universidade Nova de Lisboa, foram sempre da maior solicitude e continuam a prestar a maior das atenções aos meus trabalhos passados e presentes. Por razões profissionais e familiares não me tem sido possível conviver com eles com a regularidade que merecem e de que tanto necessito. Durante estes anos, alguns dos maiores vultos da nossa cultura tiveram a gentileza de me dedicar um pouco da sua amizade. Enquanto professor, não concebo o meu labor sem essa proximidade. A minha gratidão vai, em primeiro lugar, para o Professor Doutor Helder Godinho e para o Professor Nuno Júdice que me acompanham desde o meu curso de Mestrado, assim como para o meu, muito saudoso amigo e Mestre Pierre Bec, ex Diretor do Centro de Civilização Medieval de Poitiers, onde realizei, a seu convite, um curso intensivo de Verão.

Nunca expressarei suficientemente a minha gratidão por ter tido a gentileza de me dedicar um dos seus muitos encantadores contos em língua occitânica: *La tor de la aglas*. Foi ele, em boa verdade que me apresentou pessoalmente ao Professor Malaca Casteleiro, embora já o conhecesse informalmente da Universidade de Lisboa, onde tive o privilégio de me licenciar com o contributo de tantos outros nomes da nossa mais primorosa cultura: Mário Dionísio, Rui Mário Gonçalves, José Martins Garcia, Ivo de Castro, Maria Alzira Seixo, Margarida Barahona...

Recordo com especial gratidão o convívio e os trabalhos realizados com os meus amigos e colegas, Miguel Tamen, Teresa Guedes, Luís Prista, Luís Barbeiro, Helena Camacho, e tantos outros que contribuíram generosamente para a minha construção enquanto homem de cultura e de palavra. Durante o meu estágio tive a felicidade de ser orientado pela Professora Ana Vilhena e de ter crescido junto da sabedoria de um Fernando Gandra. A Escola Superior de Educação permitiu-me um breve, mas profundo convívio com Maria de Sousa Tavares, Ana Laura de Metelo de Valadares Araújo, José Victor Adragão, José Catarino, Ana Bettencourt, Mara Emília Brederode Santos, Luís Souta e Luís Carlos Santos, entre tantos outros.

Foi o Professor Malaca Casteleiro o primeiro que me incentivou a apresentar uma comunicação sobre o meu trabalho pedagógico na área da Língua Portuguesa. Desloquei-me então a Macau, onde fui recebido pelo meu amigo Luís Gaivão que, cada vez que me encontra, não deixa de elogiar o que ele considera ter sido uma das mais interessantes e criativas comunicações na área da didática do Português. Com amigos assim e tanta gente ilustre a incentivar-me, percebi que não podia deixar de lhes manifestar a minha mais sincera e profunda gratidão. Espero que esta publicação, que foi antes de mais elaborada para e com os meus alunos, não os dececione e seja entendida como uma espécie de percurso pedagógico e científico de um professor em busca das suas raízes e das mais diversas formas de as celebrar.

Tendo sido emigrante, na Bélgica, dos cinco até aos meus dezoito anos, escrevi, então, aquele que considero ter sido o meu primeiro artigo a celebrar a demanda obsessiva pelas minhas raízes mais profundas: *A cor da Língua Portuguesa*. Confesso que procuro beleza em todos os meus trabalhos científicos e literários. Logo, nesse primeiro artigo, percebi que toda a minha vida seria votada a essa demanda e à partilha dessa minha paixão. Descobri, progressivamente, que não eram apenas as minhas raízes que me iam sendo reveladas mas que, à medida que a demanda se tornava mais profunda, eram asas que se moldavam e me levavam mar às costas.

Nos anos noventa, a Dr.^a Madalena Patrício convidou-me para fazer parte, a tempo parcial, da equipa pedagógica do Núcleo do Ensino de Português no Estrangeiro.

Durante alguns anos reparti a minha intervenção entre a Escola Superior de Educação de Setúbal e o Núcleo do Ensino de Português no Estrangeiro, o que me permitiu desenvolver projetos de formação de professores de português para crianças portuguesas migrantes, em particular na Alemanha, onde viria a desempenhar, por ironia do destino, funções de coordenação junto da nossa Embaixada em Bona. Em Lisboa, beneficiei da amizade e experiência de colegas de extrema competência e dedicação, tais como a Inês Mourão...

Na Alemanha, tive o privilégio de conviver com pessoas excepcionais, desde o Sr. Conselheiro para a Educação, Dr. Luís Madeira, e os nossos representantes junto dos consulados, até aos professores que, no terreno, afirmavam a nossa identidade, desafiavam as dificuldades linguísticas, os preconceitos culturais, as distâncias e todos os vendavais de chuva e de neve. Com todos eles aprendi, sonhei, sorri e, por vezes, chorei. Antes de me exilar, voluntariamente, para desempenhar funções na Alemanha, aceitei, à última da hora, passar o dia dos meus anos nos Açores, integrando uma equipa de formação de professores do continente americano. Senti, mais do que nunca, que nunca mais seria o mesmo.

Estudei intensamente a literatura e a cultura açoriana. Informe-me sobre os diferentes sistemas educativos, as condições de trabalho dos nossos docentes, em particular nos Estados Unidos e no Canadá e lá, na Terceira, voltei a ouvir falar de viva voz de uma décima ilha, de que me havia falado o meu

primeiro mestre de estudos linguísticos, José Martins Garcia. Mais tarde, sem o sabermos, Santa Catarina, no sul do Brasil, veio a ser para nós um espaço de amor e de mistério. Viemos a amar as mesmas lagoas, as mesmas praias, as mesmas gentes e os mesmos imaginários. São muitas as pessoas que estiveram na origem dos meus artigos sobre o imaginário catarinense. Nunca esquecerei as lágrimas, o amor e o afeto com que uma delegação catarinense me decidiu brindar, em Bragança, após a primeira comunicação que realizei sobre o tema.

A vida profissional permitiu-me deslocar-me a muitos outros países, integrando projetos de formação europeus que me possibilitaram abordar questões culturais e tecnológicas. Os meus colegas acolheram com delicadeza e entusiasmo textos da minha lavra. Nunca poderei esquecer a generosidade de Monsieur Plisson, que chefiava, na altura, o gabinete responsável pela defesa e difusão da língua francesa, sob a tutela direta da Presidência da República.

A amizade de John Lemon, um dos destacados formadores de professores da Universidade de Huddersfield e Coordenador de um projeto europeu que me possibilitou construir uma ampla visão sobre a questão específica da formação dos professores de línguas, tendo em conta o recurso às tecnologias da informação e da imagem, foi preciosa num momento de profunda viragem nos nossos hábitos, atitudes e saberes pedagógicos. A camaradagem de Marek Wolfgang do Centro de formação de Kassel permitiu-me melhor entender e valorizar os hábitos e as atitudes germânicas perante o trabalho e o respeito pelos outros e pelas suas culturas. Todo esse frenesim intelectual levou-me a querer visitar alguns desses espaços com os olhares dos nossos maiores autores, visitei a França, a Bélgica e a Holanda com a sensibilidade de Vitorino Nemésio, que sonhou amores nas águas paradas do Square Marie Luíse, em pleno coração de Bruxelas, onde, tantas vezes, senti, durante a minha adolescência, o meu coração estremecer de saudades.

Durante o período em que fui responsável pelas relações externas da Escola Superior de Educação de Setúbal, sob a presidência do meu grande colega e amigo, Luís Souta, tive a oportunidade de me deslocar a vários países africanos, em particular, a Moçambique e a Angola. Lembro, nas passadas do saudoso Professor Raul, o Professor Nelson Matias, verdadeiro filantropo, lusófono convicto e incansável construtor de pontes. Foi, aliás, num projeto de formação de professores, financiado pela fundação Calouste Gulbenkian, que plasmei as minhas experiências e ternuras africanas. Com o contributo do Professor José Victor Adragão, da Professora Doutora Fernanda Botelho e da Professora Doutora Ana Sequeira, aprofundei os meus conhecimentos pedagógicos e didáticos para construir alguns materiais para a formação literária adequada ao contexto dos países africanos de expressão portuguesa.

Mobilizei os conhecimentos que havia desenvolvido com os meus alunos dos cursos de formação complementar, na área das línguas, e no contexto de uma disciplina dedicada às literaturas de língua portuguesa, e articulei-os com os conhecimentos e as experiências práticas dos meus colegas. O projeto, embora com um outro nome e com alguns novos intervenientes, após alguns anos de abrandamento, teve a felicidade de poder ser reativado, embora com novos contornos, sob a coordenação do Professor Nelson Matias.

A minha primeira tese foi entusiasticamente acolhida, mas a sua posterior divulgação encontrou alguns escolhos pelas insuperáveis dificuldades linguísticas que os textos originais apresentavam, o que não me impediu de ser convidado para realizar várias comunicações universitárias. Agradeço ao Sr. Professor Doutor Helder Godinho a gentileza de me convidar para dinamizar várias sessões sobre os Bestiários, os Aviários e os Lapidários Medievais, no curso de Mestrado sobre as Literaturas Medievais Comparadas de que era então um dos responsáveis. Agradeço os convites e as publicações das comunicações que realizei na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Aveiro. Vi, com muita alegria, a minha segunda tese transformar-se num verdadeiro instrumento de trabalho universitário e académico. A todos os seus leitores queria mais uma vez expressar o meu mais profundo reconhecimento.

Os meus alunos interessaram-se sobretudo pelos artigos que redigi na área dos estudos sobre o imaginário popular e a sua expressão no espaço lusófono. Os meus artigos sobre a Serra da Arrábida, muito lhes devem, por essa razão, apresento uma espécie de variações com uma estrutura teórica muito semelhante, tal como o faço com os meus estudos em torno da poesia açoriana e com os meus artigos sobre o imaginário catarinense. Muito agradeço ao Professor Miguel Real o seu gentil convite para apresentar uma reflexão sobre a produção poética de Sebastião da Gama, por ocasião do primeiro Encontro Internacional que reuniu, em Setúbal, alguns dos seus mais destacados especialistas.

Ao longo destes anos foi apresentando aos meus alunos os autores por quem eles mais se apaixonavam, assim como os que se foram tornando meus amigos, por vezes pela proximidade física, outras pela proximidade que afetos e gostos literários foram tecendo. Apresentei-lhes autodidáticas tais como o multifacetado Mário Gomes Silvério, o senhor Varela Teles, que dedicou os seus últimos anos à pesquisa e ao estudo da biografia de Luís Vaz de Camões, assim como ao estudo da simbologia e do imaginário patenteado em alguns dos nossos monumentos mais emblemáticos.

Apresentei-lhes autores de renome, tal como José Jorge Letria. Maria Emília Pires decidiu ir para além da obra literária que nos havia comovido e fascinado, *As bruxas da Serra de Fóia*, e falou, na primeira pessoa, sobre as tragédias de vida de uma criança e a importância do saber perdoar. O meu amigo, Norberto Ávila, encantou-os com as histórias da sua vida e sobretudo com a História de Hakim. Descobrimos as suas paixões segundo João Mateus, refletimos sobre as suas representações artísticas e literárias. Comparámos a sua peça de teatro com o seu romance, rimos ao bom rir! Lemos alguns dos seus poemas, inspiraram-nos imenso. Norberto representa hoje o melhor que as ilhas nos dão: a sua universalidade.

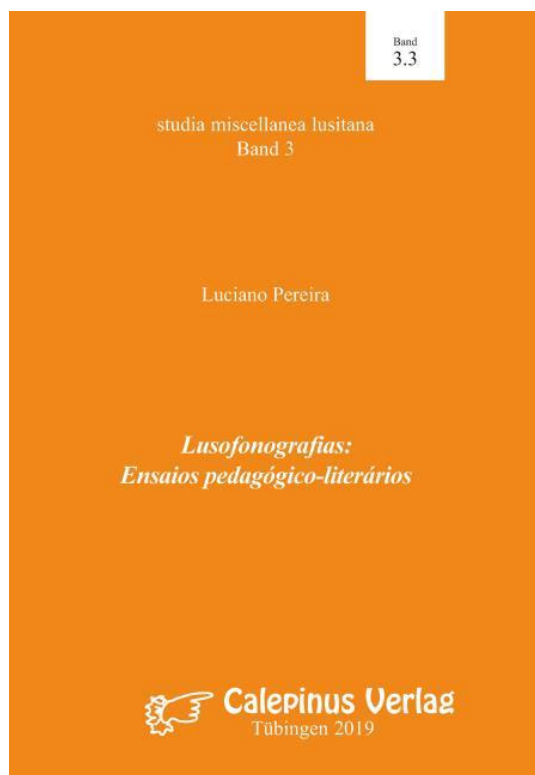
Sabendo eu que, apesar de todos os esforços dos responsáveis envolvidos, nem sempre as nossas comunicações científicas e pedagógicas são de fácil acesso, decidi transformá-las em artigos literários e reuni-los segundo uma ordem muito própria e reveladoras do meu próprio percurso, enquanto pessoa e enquanto professor. Muitas delas já haviam sofrido uma primeira metamorfose para as suas publicações em diferentes e variadas atas, tinha, agora, chegado a altura de dar mais um passo em frente e empreender a sua publicação conjunta para os poder oferecer à minha família, aos meus amigos e aos meus alunos, pela ocasião do meu sexagésimo aniversário.

Um grande amigo luso-alemão, Rolf Kemmler, Sócio-Correspondente estrangeiro da Academia de Ciências de Lisboa, também ele muito ativo na Associação dos Colóquios da Lusofonia, prontificou-se a publicá-los na sua editora, na Alemanha, após revisão técnica e científica por vários especialistas internacionais com as mais altas competências académicas. Foi ele que teve a paciência de me explicar as normas e as regras que presidem aos seus exigentes critérios editoriais. Foram muitas as horas que despendemos em vésperas de Natal, noites e sonhos adentro. Após consulta de algumas das suas publicações, entendi que a coleção *Studia Miscellanea Lusitana* da editora Calepinus Verlag, não só prestigiaria o meu trabalho científico, como lhe permitiria uma séria difusão internacional, incluindo os países de leste, tão ávidos por tudo o que, de nós, lhes chega. O nosso entusiasmo e árduo trabalho conjunto foi se prolongando durante um ano letivo. As variadas tarefas de um professor não lhe permitem prescindir de muito tempo para este tipo de ocupação, por vezes, considerada menor ou, pelo menos, bastante secundária.

Entre as minhas primeiras publicações contam-se duas obras coletivas publicadas conjuntamente pelo Núcleo de Ensino do Português no Estrangeiro e uma Instituição de Formação de Professores em Hessen. Tratava-se de manuais para o ensino do Português enquanto língua de cultura. Destinavam-se ao público luso-alemão. Apraz-me este regresso a esta íntima colaboração, pelo muito que aprendi, tanto no âmbito da cultura germânica, quanto no âmbito das normas editoriais, da linguística, da pedagogia e da didática específica para o ensino das línguas estrangeiras e das línguas maternas, enquanto línguas de cultura. A minha esposa, Zélia, acudiu-me nos momentos de desespero e a ela muito devo o trabalho editorial que estava a meu cargo. Aos meus filhos devo a paciência e a alegria de viver. Em paralelo, e articuladamente com estes artigos, fui redigindo mais de uma centena de poemas

e um esboço de um livro de contos. São outras formas de recuperar raízes, outros modos de voar. Considero-os como os meus atos mais pedagógicos e mais didáticos da minha vida de Professor. Oxalá um dia os queiram e os possam vir a ler! Termino destacando a gentileza, a generosidade e toda a erudição que o Professor Malaca Casteleiro e que o meu amigo e ilustríssimo dramaturgo, Norberto Ávila, colocaram, respetivamente no prefácio e no posfácio desta singela obra com que decidi comemorar, em simultâneo com o meu sexagésimo aniversário, trinta e seis anos de docência e trinta e dois anos de serviço na Escola Superior de Educação de Setúbal.

[Luciano Pereira](#)



Prefácio, Lusofonografias – Ensaios pedagógico-literários, por Malaca Casteleiro

Em boa hora Luciano Pereira decidiu reunir nesta obra os seus trabalhos de investigação, tais como comunicações e artigos diversos, quer literários, quer de natureza pedagógico-didática, apresentados no País ou no Estrangeiro, em encontros científicos ou em cursos de formação de professores. E fá-lo com um propósito bem solene: assinalar o seu sexagésimo aniversário. Presta deste modo um serviço de relevo, não só aos seus amigos, colegas e

discípulos, que assim o podem mais facilmente ler ou reler, mas também ao público, em geral, que se interessa pelos temas que ele estuda afincadamente com sabedoria e oportunidade.

Tenho tido o privilégio e a honra de vir acompanhando, desde longa data, o percurso pessoal e profissional de Luciano Pereira, intensamente dedicado à língua e cultura portuguesa. Muitos dos textos que inclui nesta obra foram primeiramente apresentados como comunicações em congressos nacionais e internacionais, nomeadamente nos Colóquios da Lusofonia, nos quais também participei, podendo assim testemunhar a sua excelente qualidade, assim como a receptividade e apreço com que foram acolhidas pelo público presente.

Os temas que captam a atenção e o desvelo de Luciano Pereira distribuem-se por áreas tão diversas como a das fábulas, lendas e bestiários, a da representação da serra da Arrábida na literatura portuguesa, nomeadamente em Sebastião da Gama, a da presença de elementos hebraicos ou árabes na literatura popular, a contribuição africana para o fabulário de expressão portuguesa, a da diversificada temática açoriana, etc. A intenção com que Luciano Pereira publica esta obra é claramente definida por ele próprio na “Apresentação,” nos seguintes termos: “Espero que esta publicação, que foi antes de mais elaborada para e com os meus alunos, não os dececione e seja entendida como uma espécie de percurso pedagógico e científico de um professor em busca das suas raízes e das mais diversas formas de as celebrar.” Esta obra deve, pois, ser entendida como a celebração de um rico, substancial e variado percurso pedagógico-didático do seu Autor.

O estudo do texto literário constitui, neste percurso, o cerne do seu afã docente, conforme destaca, logo no começo do primeiro capítulo: “O texto literário é um espaço de representação e produção cultural, é um precioso adjuvante da construção de identidades, o educando é convidado a construir de forma crítica a sua individualidade, as suas diferentes pertenças, a sua consciência nacional e regional.” E, mais adiante, reforça: “Enquanto espaço interdisciplinar, o texto literário representa o mundo recriando-o, exige deste modo abordagens transdisciplinares e compreensivas levando o educando a formular hipóteses complexas e globais sobre o real, sobre a sua relatividade e sobre as suas lógicas.”

Defensor acérrimo, e em justa causa, da importância dos estudos literários na formação pedagógica, Luciano Pereira dedica particular atenção ao valor formativo da literatura para a infância e para os jovens, demonstrando a relevância dos mitos, das fábulas, dos contos e das lendas na educação dos jovens. Em relação ao estudo do mito, por exemplo, sustenta que “as crianças encontram [aí] o modelo de excelência para poder dar sentido ao mundo e a si próprias”, sendo a fábula uma das suas mais conhecidas expressões. Donde o estudo minucioso que nos oferta sobre um variado tipos de fábulas, nomeadamente literárias. Numa profícua simbiose entre a análise teórica e a prática discente, promove diversificadas experiências pedagógicas, que incluem pesquisas e inquéritos escolares. Outro estudo, bem singular, que queria distinguir denomina-se “As cores da língua portuguesa como expressão da cultura” e é apresentado no capítulo quarto. Sustentando que “a utilização particular da cor pode ser uma característica particular da estilística de um autor, de uma época ou de uma cultura”, vai procurar “apreender tais características e equacionar a sua transmissão/apreensão e utilização no contexto da língua e da cultura portuguesa”, através de uma consistente pesquisa.

Começa, pois, por distinguir, na língua portuguesa, os lexemas básicos da cor, as cores fundamentais, assim como a formação das várias cores compostas e realiza um inquérito em várias turmas escolares dos ensinos básico, secundário e superior, para averiguar o conhecimento que os alunos têm das cores e no qual revelam diversas lacunas.

Demonstra depois como “os morfemas lexicais determinativos da cor constituem uma base privilegiada para a formação de numerosas palavras pertencentes às mais diversas classes gramaticais (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios),” e apresenta diversificados e ilustrativos exemplos. Seguidamente, põe em evidência o modo como os nomes das cores se combinam com outras palavras, assim como a abundância de substantivos que se referem ao

mundo mineral, vegetal ou animal e que são caracterizados pelas cores. Evoca depois o valor conotativo das cores que ocorrem em expressões e ditados populares, ilustra de modo significativo e com exemplos literários bem interessantes (de Garrett, D. Dinis, Camões, Eugénio de Castro e Sophia de Melo Breyner) a importância do verde como “cor da nossa cultura.” E termina este original capítulo com a apresentação de várias propostas pedagógicas que visam a aquisição do vocabulário.

Interessante e também muito bem conseguido é o quinto capítulo, intitulado “A valorização do trabalho no contexto do Ensino da Língua e da Cultura Portuguesa,” no qual dá conta da sua diversificada e rica experiência como professor e formador em ações pedagógicas que tem realizado ao longo da sua carreira docente, quer no País, quer no Estrangeiro. Procurando sempre associar o ensino à formação e à pesquisa, descreve as suas experiências de trabalho no contexto escolar e apresenta diversas propostas pedagógicas. Os capítulos sexto e sétimo são dedicados à representação da Serra da Arrábida na literatura portuguesa, na qual refere um número variado de escritores, com destaque para Sebastião da Gama, e dá exemplos dos respetivos textos.

A presença hebraica e a contribuição árabe na literatura popular também lhe merecem particular atenção e a elas dedica os capítulos nono e décimo, respetivamente. No capítulo décimo primeiro põe em destaque a riquíssima contribuição africana para o fabulário de expressão portuguesa, socorrendo-se de textos de inúmeros escritores africanos, brasileiros, portugueses e outros. A presença do cavalo e do touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário tradicional constitui o objeto de um aprofundado estudo no décimo quarto capítulo. A temática açoriana (o culto do Espírito Santo, a ilha no imaginário poético, a representação dos Açores na poesia publicada no “Almanaque de lembranças luso-brasileiras” e os mitos e lendas em torno da Lagoa das Sete Cidades) é analisada magistralmente nos capítulos décimo sexto ao. Temas diversos, que não vou pormenorizar, constituem ainda objeto de estudo dos últimos capítulos, sempre reveladores de uma ampla erudição do Autor.

Em conclusão, nesta obra Luciano Pereira revela-se como um excelente investigador que sabe trabalhar adequadamente para que o exercício do seu magistério se torne mais profícuo e inovador, contribuindo deste modo para uma formação mais completa e empenhada dos seus discentes. Nela se revela também como exímio escritor, dotado de um estilo próprio, minucioso e didático. A sua erudição é incomensurável, já que manifesta um profundo e amplo conhecimento das literaturas de expressão portuguesa, da literatura francesa, da cultura clássica e não só. Cada capítulo termina com ricas e atualizadas referências bibliográficas que muito enriquecem a obra e fundamentam mais solidamente as análises apresentadas.

Lisboa e Academia das Ciências de Lisboa,

17 de junho de 2018

João Malaca Casteleiro

Posfácio por Norberto Ávila

Cuidava eu que a minha opção de escritor – laborando desde a juventude na criatividade teatral, poética e narrativa, sem a mínima prática do ensaio literário – poderia isentar-me de escrever prefácios a obras eruditas de outros autores, tendo por certo que haveria sempre alguém que o pudesse fazer com muito mais competência e autoridade. Surpresa foi, portanto, receber o mesmo assim honroso convite para alinhar umas palavras simples, com que os “prezados leitores” dessem por concluída a minuciosa apreciação deste volume, tão rico na sua diversidade.

Acontece que Luciano Pereira, participante como eu dos Colóquios da Lusofonia (em que se tem destacado pela qualidade das comunicações e disponibilidade organizacional complementar, além dum invulgar trato social), se dignou distinguir-me com o merecimento da sua amizade, ao longo

destes convívios, em tão diversos lugares de Portugal. E até lhe devo a gentileza de escolher para uma das suas comunicações uma aproximação, a vários níveis, de duas obras minhas: a peça teatral *A Paixão Segundo João Mateus* e o romance que daí resultou, anos mais tarde. Agradável digressão foi, na verdade, a minha leitura desta coletânea de ensaios: O fascinante universo da fábula como ponto de partida e respetivo percurso pedagógico; o enaltecimento da Terra Pátria, principalmente da serra da Arrábida e do Arquipélago dos Açores; o relacionamento da Cultura Portuguesa, com outras culturas: hebraica, árabe e brasileira; o culto açoriano do Espírito Santo e muitos outros aspetos da nossa vivência nacional e internacional. Tudo isto estudado com invulgar dedicação e desvelo de responsável ensinante.

Quanto ao laborioso ensaio que fico a dever à competência analítica de Luciano Pereira, presumo que o professor, ao esmiuçar a peça teatral e o romance – este último intitulado *A Paixão Segundo João Mateus (Romance Quase de Cordel)* – logo terá optado pelo sugestivo título do seu ensaio: “A Paixão Segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila. Como que adivinhou, conjeturou que este João Mateus, fictício poeta popular da ilha Terceira, seria uma espécie de alter ego meu, transplantado que fosse da minha cidade natal (Angra do Heroísmo) para a pitoresca freguesia rural da Serreta, da mesma ilha, local em que eu o fiz nascer. E fiquemos por aqui. Apenas com umas palavras mais: de regozijo pelo facto de Luciano ter optado pela celebração do seu 60º aniversário com a publicação desta obra, contributo prestimoso que sem dúvida merece larga divulgação, mormente entre os estudiosos da Língua e da Cultura Portuguesa.

NORBERTO ÁVILA

Lisboa, fevereiro de 2018

Apresentação do autor por Chrys Chrystello, Lusofonografias, Ensaios pedagógico-literários, Luciano Pereira, Editora: Calepinus Verlag: Tübingen

Entre as muitas coisas que não sei fazer contam-se escrever prefácios e apresentar livros. Não obstante esta assumida incapacidade de estabelecer conexões entre as sinapses cerebrais e a folha branca de papel, continuo a ser regularmente convidado para o fazer, não fruto da minha sabedoria, mas para comprovar a amizade pelo autor.

Como pessoa de gostos simples, a minha ordenação das obras literárias oscila, quase sempre, entre um GOSTO ou NÃO GOSTO, raramente me escondendo atrás de umas cinquenta sombras de cinzento, hipócritas ou de mera cortesia. Dito isto irei falar de tudo menos do livro que, para isso, temos na assistência quem o possa dissecar de mil e uma formas e feitios, classificando-o de forma rigorosa e científica, estabelecendo nexos causais e outros.

Não falando do livro, per se, nem do editor cuja existência desconhecia até ao momento de ver o livro, resta-me falar do autor. Se bem que seja fácil dizer francamente se se gosta ou não das pessoas, se sentimos mais ou menos empatia ou antipatia, o caso do Luciano Pereira é paradigmático de uma amizade conivente e duradoura. Com efeito, o Luciano é um dos mais antigos membros desta fraternidade cúmplice a que chamamos colóquios da lusofonia. Éramos bem mais jovens no Porto em novembro de 2002 quando ele ali se deslocou à Fundação Eng.º António de Almeida para presencialmente assistir ao nascimento destes colóquios.

Aparentemente o que viu foi de molde a impressioná-lo pois em 2003 estava, de novo, no anfiteatro Paulo Quintela em Bragança como presencial e em 2004 ganhou coragem para se apresentar com o tema **A cultura e o imaginário Açoriano-Catarinense na obra literária de Franklin Cascaes**. Nem eu conhecia os Açores, nem sonhava em vir a conhecê-los e menos ainda sabia dos elos umbilicais entre o estado brasileiro de Santa Catarina e os Açores. Mas ficou uma nota mental para aprender sobre o Franklin Cascaes e aquela parte meridional do Brasil. Entretanto, o Luciano ainda solteiro no Porto

tinha-se tornado no primeiro casal da Lusofonia ao desposar a Zélia e fez questão de em 2008 nos dar a conhecer em Bragança o primeiro filho nascido no seio dos colóquios, o Santiago Lusofonia.

Em 2007 no 7º colóquio na Lagoa apresentou o trabalho **Manuel de Paiva Boléo e a Cultura Açoriano-Catarinense**. É este o texto de viragem que marca a minha apreciação extrema pelo seu trabalho. E passo a citar:

“Não resisto eu a invocar uma das lendas paradigmáticas de nítida origem celta, documentada na obra de Franklin Cascaes, na ilha Terceira e no Norte de Portugal: As bruxas roubam a lancha baleeira de um pescador da ilha.

“Comadre, eu estive num lugar muito longe, dentro da noite, e, às apalpadelas, dentro da escuridão, consegui recolher um punhado de areia e umas rosas, porém desconheço o lugar de sua origem. Já as mostrei a muita gente e ninguém, assim como eu mesmo, conseguiu identificá-las.

- Quando ela colocou os olhos por riba da areia e das rosas, suas faces enrubesceram, seus olhos se esgazearam e sua fala emudeceu. Recuperando-se, ela afirmou

– Compadre, a terra de origem deste punhado de areia e deste ramalhete de rosas é a Índia. Eu aprendi na minha escola de iniciação à bruxaria que lá, nos Açores, na terra dos nossos antepassados, as bruxas também costumavam roubar embarcações e fazerem estas viagens extraordinárias entre as ilhas e a Índia, em escassos minutos marcados pelos relógios do tempo.

Também aqui as mulheres continuadoras dos elementos diabólicos do reino de Satanás, cujas chefes enfeixam em suas mãos os poderes emanados Dele, praticam as mesmas peripécias.

Eu, compadre, afirmo-lhe com convicção certa de que as suas vidas, naqueles momentos, estiveram guardadas no repositório das minhas mãos. A bruxa chefe, que comandava a embarcação, tinha plena certeza da presença real de sangue humano dentro da lancha e, de vez em quando, ela chamava a atenção de suas comandadas para que investigassem onde estava o elemento que o possuía. Mas eu procurei sempre com muita altivez e precisão bruxólica, atrai-las para pontos distantes que podiam atrapalhar nossa viagem, quais eram os cantares dos galos. Hoje o senhor vai saber com precisão que, dentro da sua embarcação, fazendo aquela viagem bruxólica entre a Ilha de Santa Catarina e a Índia, estavam as mulheres bruxas mais respeitáveis, misteriosas, prepotentes e malignas que vivem o reino rubro do rei Anjo Lúcifer. Se o senhor não foi trucidado por elas, agradeça à minha presença na sua lancha, metamorfoseada em bruxa, sentada no banco de popa na frente da gaiuta, onde se achava escondido” (Cascaes, 1950, 73-77).

Mal sabia eu que esta e tantas outras passagens mágicas e bruxólicas deste trabalho eram premonitórias. Começa o Luciano nas suas apresentações de trabalhos colóquios por me colocar em contacto com lendas e tradições dos Açores e da sua décima ilha, o estado de Santa Catarina no Brasil.

Vivia eu calmamente em Bragança, pensando que essa seria minha última aragem nesta circum-navegação que iniciei em setembro de 1973 ao ir para Timor, a que se seguiram depois Austrália, Macau e depois, definitivamente Austrália. Conhecia os extremos orientais do finado Império Português sem jamais vislumbrar necessidade ou razão de conhecer as suas franjas mais ocidentais plantadas no meio do Grande Mar Oceano, terra de Atlantes e de mitos, vulcões e terremotos. Bragança acabara de ser promovida a minha mátria, já que a segunda pátria seria sempre a Austrália, e a primeira era Timor-Leste pois quando me preparava para ali regressar foi selvaticamente invadida e colonizada pelo império javanês da Indonésia.

Mas o futuro é tudo menos o que nós prevemos e antecipamos e em maio de 2005 a minha mulher fica colocada numa escola dos Açores, que viemos conhecer em junho antes de nos mudarmos no mês seguinte. Depois, criamos em 2006 um segundo colóquio anual dedicado à açorianidade que vim a descobrir através da tradução de autores açorianos, lendo as suas obras e conhecendo-os pessoalmente. Não faltou muito para que os

colóquios tivessem a sua primeira saída para o estrangeiro que nos iria levar ao Brasil, a Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e – por fim – Florianópolis, em Santa Catarina em março 2010. Foi lá, com Vasco Pereira da Costa e outros autores, que estive nas baías que já conhecia pelos textos do Luciano

E passo a citar, de novo:

Havia um homem que era pescador e, quando chegava à calheta para deitar o barco ao mar, ele estava sempre alagado. Uma noite resolveu ir e foi vigiar para ver se apanhava a pessoa que andava com o barco. Escondeu-se dentro dele e botou uma serapilheira por cima de si.

Dali a bocado grande, viu entrar duas raparigas e cada uma pegou no seu remo e foram a remar pelo mar fora. Chegaram à Índia, arrumaram o barco lá num canto e meteram por terra dentro. O homem estava lá escondido e lá ficou. Não levou muito tempo. Elas no barco. Quando vinham de viagem, uma vira-se para a outra e diz assim: Rema para lá que é quase de manhã! Rema para lá que é quase de manhã! – e a manhã já a luzir.

E o homem dizia lá consigo:

-Ai se me dá a tosse, ai se me dá a tosse...

Ele vinha abafado com a saca por cima de si mas nunca tossiu.

Elas traziam três pedras brancas e umas vagens e, quando chegaram a terra, esqueceram-se delas dentro do barco. E o homem assim que as apanhou pelas costas, botou a mão às coisas e veio para cima. Foi mostrar aquilo aos amigos para provar a eles que tinha ido numa noite à Índia a mais as feiticeiras. (Altars, Terceira - Açores)

Vi os ancoradouros daquelas barcas lendárias em mar calmo e melancólico, no Caminho dos Açores rumo a Santo António de Lisboa, vi as pedras antropomórficas em que se haviam transfigurado as bruxas, entendi as lendas que foram desde as ilhas açorianas até ao Atlântico sul e comecei a entender melhor que Santa Catarina era, de facto, uma décima ilha dos Açores.

No 11º colóquio na Lagoa 2011 apresentou **A ILHA NO IMAGINÁRIO POÉTICO DE TEMÁTICA AÇORIANA**. Depois seguiram-se mais temas da açorianidade, o seu livro das fábulas e tantos outros temas interessantes ao longo destes anos que tornam a sua escrita lúbrica em poesia é disto que falo quando ele as decidiu juntar em livro que ora vem dar à estampa em Lusofonografias, Ensaio pedagógico-literário. As imagens que tem estado a passar são um mero testemunho da passagem do Luciano pelos nossos eventos. A mim nada mais me resta dizer a não ser ler, deixem-se enlevar pela magia bruxólica da escrita do Luciano como eu me deixei. Digo isto não como um crítico nem apresentador desta obra, mas como um amigo, quase irmão, deste excelente contador de histórias que é o Luciano Pereira que merece ser lido e publicado mais vezes, em vez de permanecer dolente nas páginas das Atas, Anuários e Revistas destes nossos Colóquios da Lusofonia.



powerpoint
LUCIANO livro.mp4



LUCIANO
PEREIRA.pdf

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL - – VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL – PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.
TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002**

34. LUÍS CARDOSO NORONHA (TAKAS) ESCRITOR TIMORENSE, CONVIDADO ESPECIAL



Luís Cardoso de Noronha (1958) é um dos mais importantes escritores timorenses.

Nasceu em Cailaco, no interior de Timor-Leste.

Como o seu pai era falante de mambai e a sua mãe era de Lacló, em casa adotaram como língua corrente o Tétum-Praça.

Luís Cardoso estudou nos colégios missionários de Soibada, Fuiloro e no Seminário de Dare.

Luís Cardoso de Noronha estava destinado à carreira eclesiástica, mas acabou não sendo admitido a padre e enviado a Portugal com uma bolsa de estudos. Quando se deu a revolução do 25 de abril de 1974 em Portugal, frequentava o Liceu Dr. Francisco Machado em Díli, vindo posteriormente a prosseguir os seus estudos.

Não esteve presente na guerra civil e na posterior invasão indonésia, tendo concluído os seus estudos, no exílio.

Formou-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, onde tomou conhecimento das obras científicas e poéticas de Ruy CINATTI que o ajudaram a fazer a viagem de regresso ao mundo físico e sobrenatural de Timor-Leste.

Tirou um curso de pós-graduação em Direito e Política do Ambiente na Universidade Lusófona e desempenhou também as funções de representante do Conselho Nacional da Resistência Maubere, entre outras atividades como as de contador de histórias timorenses, cronista da revista Fórum Estudante e professor de Tétum e Língua Portuguesa nos cursos de formação especial para timorenses.

Obras

Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam (1997)

Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo (2001)

A última morte do Coronel Santiago (2003)

Requiem para o navegador solitário (2007)

O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação (2013).

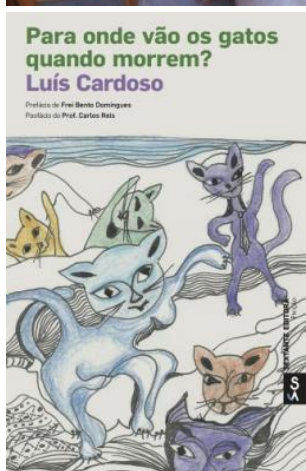


"Requiem para o navegador solitário", de Luís Cardoso

«Sinopse

Quando Catarina chegou a Timor em busca do seu príncipe encantado trazia consigo o livro *A la Poursuite du Soleil*, relato da viagem de circum-navegação realizada pelo próprio Alain Gerbault, o navegador solitário francês que, entrando em Díli em busca de um porto de abrigo, ali haveria de morrer no dia 16 de dezembro de 1941.

Tendo-se transferido para o veleiro do francês depois da sua morte e por lhe terem incendiado a casa por suspeita de espionagem a favor dos japoneses, Catarina deixou no livro de bordo o relato dos acontecimentos que ali tiveram lugar nos anos em que a Terra esteve em brasa.



Críticas

"«Nunca devias ter vindo.» Mas Catarina veio e ficou. Chegou com a ilusão de ir ao encontro da felicidade e descobriu como enfrentar a realidade da vida quando o sonho acaba. Determinada a encontrar o seu príncipe encantado, descobre-se a si mesma em Timor, uma «ilha perdida no fim do mundo», onde se cruzam histórias de partidas e chegadas, heróis esquecidos e malfeitores, poetas e viajantes.

Numa sucessão de episódios extraordinários em que a sorte e o acaso se confundem, Catarina tece o seu próprio destino e chega à conclusão que vale a pena esperar nem que seja por «Um sol, um gato, uma onda, uma ave, uma brisa, um naufrago, um fantasma ou, quiçá, o solitário viajante dos mares.»

Requiem para o Navegador Solitário é um romance de formação, reflexo iniciático do percurso de vida atribulado de uma personagem em busca de um real alternativo; retrata ainda acontecimentos cruciais da nossa história, que se entrelaçam com o imaginário mítico timorense, constituindo um importante testemunho de um período conturbado em que o Ocidente e o Oriente se encontram num fogo cruzado, em pleno cenário da Segunda Guerra Mundial".

Cristina Collien»

[O APELO DO MAR](#), **quarta-feira, 18 de junho de 2014**,

. Os meus votos de uma feliz Travessia através do Requiem para o navegador solitário. Para vós dedico a minha crónica O Apelo do Mar em Travessias, Luís Cardoso. Abraço

*

A primeira vez que se olha para o mar fica-se com a vontade de fazer uma viagem para o outro lado, atravessando essa enorme extensão de águas. Não sei se é essa a razão que faz com que muitos se tenham virado para o mar, em busca de liberdade, de paz, do silêncio, da solidão, da explicação da vida, deles próprios, a fuga ou o retorno. Razões íntimas que ultrapassam os enredos que cada um possa forjar, para explicar o apelo do mar.

Rui Cinatti, português, poeta, silvicultor, antropólogo e estudioso de Timor dedica o seu poema *Visão* a Alain Gerbault, a quem presta homenagem pelo facto de lhe ter dado a conhecer as fabulosas ilhas dos mares do sul e a cultura dos povos insulares.

Eram ilhas

Hercúleas: coroas

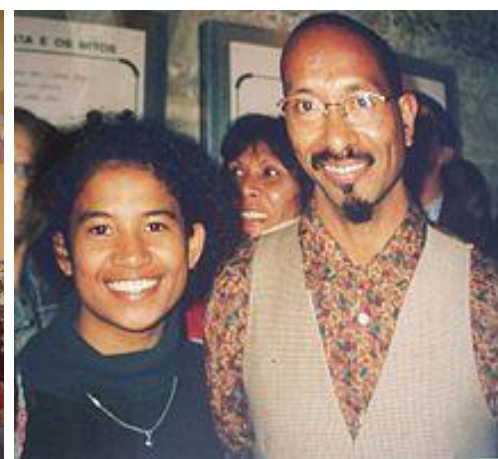
Vegetais sobrenadando

Altos castelos submersos e, apenas,

(«Sepultem-me no mar, longe de tudo»),

Alain,

Entre vagas, velas e gaivotas.



Timor está consagrado como a ilha do sândalo branco.

Camões escreve no Canto Décimo dos Lusíadas *Ali também Timor que o lenho manda sândalo salutífero e cheiroso.*

Também é local de passagem. Assim acontece com a primeira viagem de circum-navegação, que o cronista António Pigafetta reporta no seu livro de bordo *Relazione del primo viaggio intorno al mondo.*

Mais tarde os portugueses transformam a ilha num local de desterro para muitos dos opositores ao regime de Salazar.

Quando Alain Gerbault chega a Díli, Timor encontra-se num momento de tensão. A guerra está prestes a eclodir no Oriente. O território declarado neutro por Salazar sofre pressão tanto das forças aliadas como das japonesas. Alain é uma celebridade. As autoridades dispensam-lhe alguma atenção e chega mesmo a disputar partidas de ténis com residentes. No entanto adoece e acaba por falecer no dia 16 de dezembro de 1941, no Hospital de Lahane. A sua morte não tem a devida atenção pela comunicação social por causa da guerra na Europa e da iminência da sua eclosão na Ásia.

Cinatti vai para Timor após a ocupação japonesa.

É no cemitério de Santa Cruz que localiza e assinala a campa de Alain Gerbault, o navegador solitário, cujos restos mortais são levados posteriormente pela marinha francesa para Bora Bora. O meu interesse pela vida e obra do navegador solitário francês começa a partir do momento em que tomo conhecimento da sua morte em Timor. Numa ilha considerada local de passagem e porto de abrigo para viajantes.

Fazer uma grande viagem pelo mar é o sonho de qualquer criança que viva numa ilha. Lembro-me dum episódio na infância, passado na ilha de Ataúro, com um grupo de amigos. A nossa primeira tentativa de fuga ao lar. Mais do que uma fuga era a nossa vontade de descobrir o que havia para lá dos mares. A viagem que seria o princípio do conhecimento do Universo. À procura de encontros imprevistos. Uma tentativa para romper com o cerco da ilha, cuja circunstância geográfica foi aproveitada como prisão para deportados. Um banco de corais não nos deixou ir mais longe. A piroga ficou encalhada nas pedras que emergiam do fundo do mar.

O nosso sonho ficou por aí. É essa a razão que me leva a escrever romances que têm como pano de fundo as grandes viagens marítimas. Uma das quais feita por Alain Gerbault que celebro no meu livro *Requiem para o navegador solitário.*

A morte de um estrangeiro é sempre motivo de constrangimento por não ter o devido acompanhamento por parte de familiares e de amigos. Cada um devia morrer no local onde nasceu, devolvendo à terra tudo o que esta lhe deu em vida. Assim diz uma lenda que li algures. Tendo partido em busca do sol, como sugere o título do seu livro *A la poursuite du soleil*, Alain Gerbault morre na ilha onde, segundo a mitologia timorense, nasce o sol, completando assim o seu ciclo de vida. Cinatti adivinha-lhe as últimas palavras:

- Sepultem-me no mar, longe de tudo.

Entre valas, velas e gaivotas!

Luís Cardoso de Noronha (IN <http://bmjscomunidadeleitores.blogspot.com/2015/01/texto-do-escritor-luis-cardoso-de.html>)

Tema 3.2. O autor na primeira pessoa

Trabalho final não-enviado

**OUÇA A ENTREVISTA NA RTP DE RAQUEL SANTOS AO AUTOR (2007) [HTTPS://ARQUIVOS.RTP.PT/CONTEUDOS/LUIS-CARDOSO/](https://arquivos.rtp.pt/conteudos/luis-cardoso/)
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

35. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL PRESENCIAL



16º SANTA MARIA 2011



18º Galiza 2012



19º maia 2013



15º MACAU 2011

LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO

Doutor em Sociologia: Pós-colonismos e Cidadania Global (CES - FEUC) - Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa. Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (Braga).

Foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural),
É professor aposentado,



25º MONTALEGRE 2016



16º SANTA MARIA 2011



16º SANTA MARIA 2011

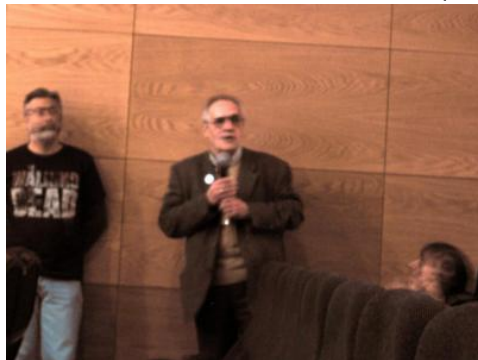
Ex-Adido Cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, Ex-diretor do Centro Cultural Português em Luanda e Luxemburgo, Cooperante-formador na DGEX (Direção-Geral de Educação de Adultos em Cabo Verde), Fundador da AICL, formador do Projeto Entreculturas do Ministério da Educação, assessor pedagógico no Gabinete do Ministro da Educação Roberto Carneiro. Escritor, ensaísta, investigador em pós-colonialismos e cidadania global,

com incidência nas epistemologias do Atlântico Sul e Angola. Áreas de interesse: pensamento descolonial, interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais. Participa em seminários nas áreas referidas e tem artigos publicados em Portugal, Angola, Brasil, Cabo Verde, Polónia. Publicou mais de 10 livros: lusofonia, história, literatura, humor, narrativas.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

TOMA PARTE DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA, SEIA 2013, SEIA 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, VILA DO PORTO 2017

36. MARCO SANTOS SILVA, SONOPLASTIA E LUMINOTECNIA, EMPDS



JÁ ESTEVE PRESENTE NO 27º EM 2017 E 29º EM 2018

37. MARGARIDA MARTINS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, PRESENCIAL



27º Belmonte 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



27º Belmonte 2017



30º MADALENA DO PICO 2018

É SÓCIA DA AICL. - PARTICIPOU NO 14º BRAGANÇA 2010, 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 27º EM BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO, 29º BELMONTE, 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018

MARIA DE LOURDES CRISPIM, CENTRO DE LINGUÍSTICA, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - AUSENTE POR MOTIVO DE DOENÇA



11º LAGOA 2009



25º MONTALEGRE 2016



30º MADALENA DO PICO 2018



MARIA DE LOURDES CRISPIM, Professora Associada de Linguística da Universidade Nova de Lisboa é, desde 2006, Presidente da Comissão Diretiva do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

Começou a sua carreira académica na Universidade de Paris III onde ensinou Língua e Linguística portuguesas (1969-1974).

No mesmo período, colaborou com Solange Parvaux, primeira Inspetora-geral do Português em França, nas diligências de integração do ensino do Português no leque das “langues vivantes” do sistema de ensino secundário francês.

O contacto com a integração das crianças de origem portuguesa na escola francesa dos anos 70 despertou-a para a problemática das políticas linguísticas em geral e das políticas linguísticas nacionais relativas à imagem da língua no estrangeiro e em Portugal, em particular.

Em 1976, depois de breve passagem pelo Programa Nacional de Alfabetização, ingressou na Universidade Nova de Lisboa. Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras, com uma dissertação que consistiu numa edição crítica e glossário das *Coplas del Menosprecio del Mundo do Condestável D. Pedro*, interrompeu durante algum tempo esta linha de trabalho que retomou através da edição crítica e estudo linguístico da tradução portuguesa de uma obra de Christine de Pizan, intitulada *Livro das Tres Vertudes*, na versão manuscrita, e *Espelho de Cristina*, na versão impressa de 1518. O gosto pelos textos medievais e o gosto pelas questões de contacto de línguas têm alternado no seu percurso académico. Atualmente, o trabalho, com Maria Francisca Xavier, em projetos de corpora e dicionários de português medieval satisfazem o primeiro gosto, o trabalho sobre aquisição do português, língua não-materna, com Ana Madeira, Maria Francisca Xavier e outros, satisfaz o segundo.

O interesse pelo português, língua não-materna, não se esgota na investigação em curso, tendo estado na origem da sua participação num projeto europeu que, em parceria com outras instituições da Lituânia, Estónia, Finlândia e Polónia, levou à realização de um curso online de português para estrangeiros – o projeto ONENESS, disponível, para o português, em <http://www.oneness.vu.lt/pt/>.

Tema 3.2. A (orto)grafia portuguesa do séc. XII aos nossos dias". Malaca Casteleiro / Maria Francisca Xavier / Maria de Lourdes Crispim -Academia de Ciências de Lisboa - Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

[ver em MALACA Casteleiro](#)

[VER POWERPOINT](#)

[ver PowerPoint em pdf](#)

É SÓCIA DA AICL.

PARTICIPOU NO 11º COLÓQUIO LAGOA 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018

38. MARIA DO SOCORRO PESSOA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO. BRASIL

MARIA DO SOCORRO PESSOA

É Linguista e Educadora, com Graduação em Letras, pela UEL – Univ. Estadual de Londrina, PR, Mestrado em Linguística, com área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP – Campinas - SP.

Doutorada em Linguística, área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP – Campinas - SP. Pós-Doutorado em Didática e Tecnologia Educativa na Formação de Professores de Língua(s) para atuarem em ambientes plurilinguísticos-dialetais, pela Universidade de Aveiro, Portugal.



25º MONTALEGRE 2016



25º MONTALEGRE 2016



24º GRACIOSA 2015

É Professora Associada e Pesquisadora aposentada pela Universidade Federal de Rondônia.

Tem formação, experiência e prática nas áreas de Linguística, Língua Portuguesa, Sociolinguística, Etnolinguística, Educação e Formação de Professores. É Líder do GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas Sócio-Etnolinguísticas, vinculado ao CEPLA, Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim e também vinculado ao DELL – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena.

Atua nos temas: Sociolinguística, Educação Linguística, Ensino de Língua(s), Etnolinguística e Formação de Professores para atuarem em ambientes pluri-linguísticos. Investiga a(s) Língua(s) e as Linguagem(ens) dos povos Amazônicos e Amazônidas.

Tem trabalhos apresentados em eventos Científicos, Mestrados e Cursos diversos no Brasil e em Países Europeus.

É membro investigador/colaborador do LEIP – Laboratório de investigação em Educação em Língua Portuguesa, da Universidade de Aveiro, Portugal.

Atualmente desenvolve o Projeto de outro Pós-Doutoramento em Pluralidade e Diversidade da Língua Portuguesa nas fronteiras do Brasil: uma perspectiva didática, sob orientação da Professora Doutora Maria Helena Ançã, do Departamento de Educação, na Universidade de Aveiro, em Portugal. sopes-soa@gmail.com - sopessoa@unir.br;



8º COLÓQUIO BRAGANÇA 2007



8º COLÓQUIO BRAGANÇA



22º SEIA 2014

TEMA 3.5. A prática da lusofonia entre nativos e não-nativos da LP (em Língua Portuguesa), Maria do Socorro Pessoa, LEIP – Laboratório de Investigação em Educação em Português, sopes-soa@gmail.com, Universidade de Aveiro, Portugal

Este texto resulta de uma investigação sobre a diversidade e pluralidade da Língua Portuguesa em uma das fronteiras Brasil/Bolívia, dividida geograficamente pelo Rio Mamoré e seus afluentes.

O estudo insere-se na área da Sociolinguística e tem como objetivo principal promover reflexões sobre o exercício da Lusofonia entre Nativos e Não-Nativos de Língua Portuguesa, especialmente na fronteira do Estado de Rondônia (Brasil) com a Bolívia. Escolas e sociedade deveriam considerar a diversidade populacional daquela região.

As culturas diversificadas nas margens dos rios Amazônicos são fontes de investigações que atraem pesquisadores e pessoas interessadas nas particularidades características de ribeirinhos, quilombolas, indígenas, povos da floresta em geral, migrantes e imigrantes que ali habitam.

Como diz Moita Lopes (2013, p. 27), sobre a ideologia de senso comum de um Brasil monolíngue, no qual se fala somente português, deixando de lado as 274 línguas indígenas e os usuários de LIBRAS, esse monolinguismo cai por terra quando se pensa na região Amazônica, particularmente sobre Guajará-Mirim/Guayaramérin, locais que marcam a fronteira Rondônia/Bolívia.

Justifica-se investigar porque os rios Amazônicos, vias de comunicação, locomoção e comércio, transportam, também, lendas, costumes, tradições, religiosidades, falares e pormenores socioculturais, transformando Guajará-Mirim num caldeirão, sempre em ebulição, onde fervilham culturas, folclore e nuances particularizadores da vida daquela população, quer seja nas escolas, na sociedade em geral, nas instituições locais, promovendo por meio de seus habitantes, todas as razões possíveis para que não sejam ignoradas as atitudes linguísticas e os comportamentos socioculturais que podem, ou não, promover, expandir e dinamizar o uso da Língua Portuguesa de modo que se privilegie a aproximação e não o afastamento entre as populações. Nossa metodologia orienta-se nas diretrizes da Sociolinguística, discutindo a interação entre Língua, Cultura e Sociedade.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Diversidade; Pluralidade Linguística; Nativos e (Não) Nativos; Sociolinguística.



powerpoint maria
do socorro.pptx

[Ver aqui Power Point](#)

1. Nota Introdutória sobre Lusofonia

O exercício da Lusofonia na Região Norte do Brasil, mais propriamente no Estado de Rondônia, iniciou-se a partir do século XVIII, já com a Língua Portuguesa em contato com as línguas nativas. Como se sabe, a região que forma hoje o Estado de Rondônia começou a receber pessoas de outras civilizações não indígenas, com as expedições que vinham em busca de metais e pedras preciosas. Pelo Tratado de Tordesilhas todo o Estado de Rondônia pertencia à Espanha. Com a penetração das Bandeiras e o mapeamento dos rios Madeira, Guaporé e Mamoré, no período de 1722 a 1747, houve uma redefinição dos limites entre Portugal e Espanha, realizada através dos Tratados de Madri e de Santo Ildefonso. A partir daí, Portugal passou a ter a posse definitiva da região e a defesa dos limites territoriais.

Das expedições que exploraram o Portal da Amazônia, como é conhecido o Estado de Rondônia, por esta época, as mais conhecidas eram chamadas de “Entradas e Bandeiras” (1637), patrocinadas pela Coroa Portuguesa ou por comerciantes interessados na expansão de novas mercadorias e na mão de obra escrava indígena. Ao chegarem pelos vales dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, perceberam o possível potencial da área para o extrativismo mineral, além de produtos vegetais que foram conhecidos como “drogas do sertão”. Tais produtos conquistaram o mercado europeu, o que incentivou cada vez mais a busca e a ocupação da região amazônica. Decidiu-se, assim, e sem uma consciência elaborada para tal, a implantação do processo Lusófono às margens dos rios Amazônicos e no seio da imensidão da Floresta Amazônica, no Norte do Brasil.

Neste texto, portanto, Lusofonia é conceituada, não apenas por processos de implantação e expansão da Língua Portuguesa, mas também pelas formas de Criação e de Identidade que marcaram o processo de colonização portuguesa na região Norte do Brasil, particularmente na fronteira do Estado de Rondônia com a Bolívia. Considera-se, inevitavelmente, a grande diversidade e pluralidade linguístico-cultural que envolve este processo de exercício e prática da Lusofonia, onde os usuários da Língua Portuguesa são, inicialmente, minoria linguística às margens dos imensos rios amazônicos, povoados por indígenas de diversas etnias.

Acredita-se que a Lusofonia diz respeito apenas aos que falam, escrevem e trabalham a Língua Portuguesa, independente de suas etnias, religiosidades ou nacionalidades, embora, etimologicamente, “Lusofonia” signifique “fala dos lusos”. Acostumamo-nos a entender “Lusofonia” como um diálogo que tem ocorrido no conjunto dos países de língua oficial portuguesa e suas correspondentes identidades culturais. Nesse sentido, nosso entendimento vê a Lusofonia no quadro de uma Cultura de Língua Portuguesa nos termos em que propôs Agostinho da Silva, numa entrevista histórica que deu ao Programa

Zip-Zip da RTP, Portugal, em 25 de Agosto de 1969, numa altura em que Portugal detinha o poder colonial de alguns países, hoje já independentes, e que ajudam a formar a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

A Lusofonia, portanto, abrange, naturalmente, não só o território Português, mas também o Brasil, outros territórios pelo mundo e, no futuro, porque já faz-se visível a expansão dessa cultura portuguesa, provavelmente outras nações terão todo o interesse em divulgar, com o Brasil e com Portugal, o instrumento cultural que a cada dia tem unido povos de imensa diversidade sócio-linguístico-cultural, a Língua Portuguesa. Nesse sentido, estudar, investigar as raízes dessa Língua, seu modo e caminhos de expansão, talvez seja um importante passo para compreender sua trajetória no tempo e nos espaços por onde circulou e/ou circula, difundindo, entre outros feitos, a relevância da Lusofonia para o mundo. Estes primeiros conhecimentos aqui registrados, como se pode verificar, já marcam o início identitário da cultura Lusófona na região Norte do Brasil.

Culturalmente, entendemos o espaço lusófono no contexto da materialização da ideia do V Império, tal como o definiu o Padre António Vieira primeiro, e Fernando Pessoa, depois, conjugando o sonho utópico com um projeto de uma cultura de língua portuguesa. Sem dúvida, um projeto grandioso, exaltante, a ser realizado como algo que se pode sonhar. Um sonho fabuloso, uma utopia que, se observarmos atentamente, tem-se tornado realidade, apesar de toda a pluralidade linguística que envolve a Língua oficial do Brasil.

Aprendemos com o Professor Luís Aguilar, grande estudioso da Lusofonia que, pode-se pressupor que a Língua Portuguesa é o primeiro passo para a consolidação e afirmação do espaço da Lusofonia, já que ela é o denominador comum e traço de união de comunidades e países com vínculos históricos e patrimoniais comuns. Considerando, por outro lado, que a língua é inseparável da cultura, segundo o professor Aguilar, é preciso que um povo ou um país tenha relações fortes com o português, quer como Língua Materna quer como Língua Oficial, para desenvolver uma identidade lusófona. Com efeito, é a língua que une os países e os falantes de Português que fazem, potencial ou realmente, parte da Lusofonia.

2. Expansão geográfica e cultural da Lusofonia

Parece relevante esclarecer que, o espaço lusófono abrange os cinco continentes e, por isso mesmo, está sujeito a uma grande diversidade linguística, racial, religiosa, de costumes e de tradições que a língua manifesta. Uma língua comum é, assim, o primeiro passo para se poder sonhar e teorizar o universo lusófono. Nesse sentido, segundo esse grande pesquisador, Professor Aguilar, esse fator de unidade fundamental, a nível mundial, encontra tormentas várias: só em três países da CPLP (Portugal, Brasil e Angola) o Português é a Língua Materna, falada pela totalidade ou por uma maioria significativa da população, enquanto, nos outros países da CPLP, o Português é uma Língua Segunda.

Na Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor fala-se, principalmente, os crioulos portugueses, as línguas africanas ou asiáticas como línguas maternas. Fora da CPLP, o português permanece como qualquer outra língua. Tem-se confirmada, assim, a tese de que a língua é o critério fundamental para definir o espaço lusófono, ou porque é falada por uma maioria significativa de pessoas, ou porque é um elemento importante do passado de um país que deixou vestígios significativos (línguas crioulas portuguesas, documentos oficiais da administração, folclore, monumentos, entre outros), o que nos leva a confirmar que a Língua Portuguesa é o instrumento e o veículo máximo de expansão da cultura Lusófona, bem como o instrumento essencial da criação de processos históricos e identitários dos povos que a utilizam.

Como a língua é o traço mais marcante de qualquer cultura, ela funciona como um elemento central da identidade de um povo, instrumento pelo qual o conhecimento tradicional desse povo é repassado de geração para geração (LARAIA, 1993). E, a questão torna-se persistente quando imaginamos outros povos, outras culturas e outras línguas. A pergunta persistente é: como exercer Lusofonia entre povos indígenas, de etnias diferenciadas, que não falam a Língua Portuguesa embora dela dependam para a sua integração no meio onde vivem?

Todos os aspectos culturais de um povo estão presentes na língua. Um falante é, praticamente, uma “enciclopédia”, com registros da sua história e das suas origens. Nesse sentido, parece-nos, a maior prática de Lusofonia entre povos não falantes de Língua Portuguesa é, por diversos meios, implantar, expandir e difundir essa língua que deu início à colonização do Brasil e, como é natural, nem sempre considerou os povos na construção da cultura e da sociedade amazônica. Nesse sentido, faz-se necessário lembrar como é a Sociedade Brasileira, a qual, como se sabe, é constituída por diversos povos, particularmente em regiões de fronteira como ocorre entre Rondônia e a Bolívia.

Desde que o Brasil foi “descoberto” está recebendo gente de todo o mundo, além dos indígenas que ali já viviam. Começou com os portugueses, e daí por diante, o território brasileiro foi habitado por representantes de inúmeras nações. Estes povos vieram por diversos motivos: conquistas de terras, conquista do poder, esperança de uma vida melhor, obrigados e escravizados para servirem de mão de obra, refugiados, homens à procura de aventura, entre vários outros motivos. Ao chegarem ao Brasil, cada grupo se fixou numa determinada região, como se pode encontrar, por exemplo, o grande número de descendentes de japoneses e de italianos no Estado de São Paulo, e muitos descendentes de alemães no Rio Grande do Sul. Com essas fixações, e com o tempo que já passou, a cultura local de cada região Brasileira pode ser considerada definida. Entretanto, há regiões no Brasil onde a cultura ainda está relativamente em formação, devido à grande diversidade de povos colonizadores, como é o caso da região Amazônica, no Norte do País. Com essa heterogeneidade, a cultura amazônica só pode ser peculiar, pois é influenciada por todos os povos ali representados e tem como base a cultura do caboclo, do índio, do ribeirinho e do negro.

Com base nas informações de ROQUETE-PINTO (1938) e GONÇALVES (2005), sabe-se que a região que forma hoje o Estado de Rondônia começou a receber pessoas de outras civilizações, não indígenas, a partir do século XVIII, com as expedições que vinham em busca de metais e pedras preciosas. Pelo Tratado de Tordesilhas todo o Estado de Rondônia pertencia à Espanha. Com a penetração das Bandeiras e o mapeamento dos rios Madeira, Guaporé e Mamoré, no período de 1722 a 1747, houve uma redefinição dos limites entre Portugal e Espanha, realizada através dos Tratados de Madri e de Santo Ildefonso. A partir daí, Portugal passou a ter a posse definitiva da região e a defesa dos limites territoriais.

Para compreender a instalação da Lusofonia no Norte do Brasil é necessário compreender que, o processo migratório na região Amazônica ocorreu, primeiramente, no primeiro ciclo da borracha, durante o império de D. Pedro II, quando os nordestinos, fugindo da seca, migraram para a região e lá trabalharam até os primeiros anos do século XX. Essa migração só cessou quando o Sudeste Asiático teve sua produção de borracha mais barata que a amazônica.

Outro período migratório ocorreu no segundo ciclo da borracha, durante a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos precisavam do Látex brasileiro, então aconteceram os Acordos de Washington (1942). Nessa ocasião, o governo Getúlio Vargas, do Brasil, lançou uma campanha que levou, novamente, os nordestinos para a Amazônia. Para facilitar o comércio da borracha decidiu-se construir uma estrada de ferro, a histórica Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Dessa migração surgiram duas cidades: Guajará-Mirim, que pertencia ao Estado do Mato Grosso, e Porto Velho que pertencia ao Estado do Amazonas. Estas cidades foram criadas nos extremos dos trilhos da ferrovia e seu crescimento ficou a cargo dos seringueiros, além dos ferroviários, dos membros da linha telegráfica de Rondon e dos extrativistas em geral. Por causa da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré houve necessidade de importação de mão de obra, aumentando o contingente populacional da região. É a continuidade da grande miscigenação Amazônica, com a Língua Portuguesa adentrando-se entre as línguas indígenas e as línguas dos que chegavam de outras terras.

Segundo MENEZES (1988), dentre os principais povos estrangeiros que imigraram para a Amazônia estão os imigrantes Turcos, Sírios, Gregos, Libaneses, Italianos, Indianos, Cubanos, Porto-riquenhos, Barbadianos, Jamaicanos, Chineses, Hindus e outros, imigração essa que transformou o trecho Porto

Velho/Guajará-Mirim em região cosmopolita. A descoberta de minérios, principalmente a cassiterita no Portal da Amazônia, aumentou, demasiadamente, o processo migratório.

O último grande movimento migratório para a Amazônia, segundo GÓES (1996), ocorreu a partir da abertura da Rodovia denominada BR-364 que, na década de 1970, passou a ligar o Portal da Amazônia às outras regiões do Brasil, inclusive favorecendo a migração dos povos do Sul do País para Rondônia. A maioria dos povos do Sul, como se sabe, são nativos ou descendentes de alemães, ucranianos, poloneses e italianos. Na mesma época desse fluxo migratório ocorreu a implantação dos projetos de colonização e reforma agrária patrocinados pelo Governo Federal, na prática de uma política de suposta integração nacional, com doação de terras para quem desejasse vir habitar, povoar e colonizar a imensa área de matas e de populações tradicionais – indígenas, ribeirinhos, quilombolas - existentes nesse Norte do Brasil. Esses acontecimentos permitiram a migração de inúmeras famílias procedentes, também, de outras regiões do Brasil: Sul, Sudeste, Centro Oeste e Nordeste.

Como pode observar-se, os fatos históricos expostos neste texto confirmam que, é inquestionável a multiculturalidade da Amazônia. Tal multiculturalidade, aliada às dificuldades de uma sociedade em construção de todos os matizes: social, econômico, habitacional e cultural, como é óbvio, propiciaram situações imensamente conflituosas nos locais onde as populações todas se fizeram representar: as salas de aulas das Escolas Públicas. O maior conflito? As aulas de Língua Portuguesa e as aulas das séries iniciais do Ensino Básico, pois é aí que se consolidam os processos de implantação e expansão da Lusofonia. Comunicação precária, compreensão angustiante, crianças deprimidas, professores exaustos, desanimados.

Na escola, quando se trata do Ensino de Língua Portuguesa, como Língua Materna, professores e alunos interagem linguisticamente em condições sociais concretas que, segundo BOURDIEU (1996, p. 32), funciona como um mercado linguístico onde se constrói a legitimação da língua oficial, que, sendo obrigatória em espaços oficiais, *“torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas linguísticas são objetivamente medidas”*. Ainda de acordo com BOURDIEU (1996), na comunidade pedagógica, cabe ao professor refletir sempre a cultura e a linguagem legítima.

No entanto, essa comunicação está fundamentada em bases desiguais, visto que os alunos das classes dominantes chegam à escola em condições de usar o “capital cultural” e o “capital linguístico escolarmente rentável”, já que estão familiarizados com eles em seu grupo social. Já os alunos das classes populares fracassam ao chegarem à escola, em função de sua linguagem ser considerada não reconhecida socialmente. O fato de não dominarem a linguagem da escola reflete na incapacidade de compreensão e expressão na comunidade pedagógica. Nesse sentido, a escola não deve contribuir com a desvalorização dos modos de expressão populares, realizando ações que, no mínimo, evitem os preconceitos linguísticos e implantem, com eficiência e eficácia, a Lusofonia que se pretende, integradora e acolhedora. De acordo com GONÇALVES (2005), o morador ribeirinho, também denominado pejorativamente como “beradeiro”, é alvo de estereótipos, considerado portador de uma cultura primitiva e marginalizada. Em suas práticas é possível perceber diversas culturas vindas de vários povos indígenas, de imigrantes portugueses, de migrantes nordestinos e de populações negras. O Ribeirinho possui um saber desenvolvido pela convivência com os rios e com a floresta. A pesca está muito presente no seu cotidiano, como também a agricultura e o extrativismo.

No Estado de Rondônia, a população ribeirinha experimentou, ainda, a exploração garimpeira e a exploração da madeira, cujas práticas provocaram grandes prejuízos ao meio-ambiente. Esse povo possui vários anos de experiências em manipulação de ecossistemas delicados e, além disso, adquiriram suas próprias formas de construir seus barcos e suas casas, adaptados às condições específicas da região. Segundo SILVA (2003), as casas dos ribeirinhos têm suas coberturas feitas de palhas trançadas; a culinária é rica em sabores de peixes, carnes, farinha d’água, tucupi e frutos da mata; o vocabulário comum é associado à língua Tupi, além de receber inúmeras contribuições linguísticas das populações negras, dos migrantes e imigrantes. Esses ribeirinhos

acreditam e narram lendas da mitologia amazônica e, promovem, assim, a difusão da Língua Portuguesa do Brasil, caracterizada segundo a cultura de sua população, ou seja, plena de vários matizes, diversos dialetos e de inúmeras expressividades. É assim que se exerce, portanto, a Lusofonia, entre povos que nem sempre são falantes da Língua Portuguesa. Essa identidade cabocla é, sem dúvida, uma Lusofonia cultural, que retrata o modo de ser e de estar no cotidiano Amazônico/Amazônida.

Diante do quadro populacional no/do Portal da Amazônia, parece ser inadiável a discussão de propostas alternativas para o ensino de Língua Portuguesa, como se vê, Materna e Não-Materna, simultaneamente. Talvez este seja um grande passo para o exercício e prática da Lusofonia na Amazônia.

A miscigenação, portugueses e indígenas, deu origem à família amazonense, cujo tipo humano é o caboclo. Segundo Meireles Filho (2004:125), entre os muitos migrantes que ocorreram à Amazônia em busca do “ouro negro (a borracha”, o nordestino tem um papel preponderante. [...] De 1870 a 1912, por quatro décadas, 300 mil nordestinos são levados à região. [...] Além disso, inúmeros estrangeiros, entre portugueses, sírios, espanhóis, ingleses, são atraídos para ocuparem as posições mais qualificadas no comércio e nos serviços, especialmente nas áreas urbanas. À miscigenação, assim se refere Souza (2001: 93): *‘invólucro biológico que a miscigenação inventou para enfrentar a região considerada insalubre ao homem branco’*. Seria, pois, uma espécie humana preparada, biologicamente, para viver na floresta.

Ainda no aspecto de povoamento da região, Santos (2002: 46) afirma que, o Marquês de Pombal adotou a medida de instituir uma companhia de comércio que funcionou durante vinte e dois anos (1755-1778), com as finalidades de introduzir escravos africanos a crédito, dinamizar a agricultura e de incrementar o comércio na região, além de promover o povoamento através da imigração de casais açorianos. A Companhia Geral do Comércio de Grão-Pará introduziu a cultura do café, cacau, arroz e outras. Após anos de instalação e povoamento, Collyer (1998: 87), afirma: *“após a Proclamação da Independência do Brasil, o Amazonas esperou vinte e sete anos, para se tornar Província”*. Nesse sentido, Collyer (ib.: 87) afirma que, um movimento revolucionário irrompido em 1832 demonstrou a insatisfação do povo amazonense contra a subordinação ao Pará.

Havia um forte sentimento de independência, pois seria impossível aos governantes paraenses administrar satisfatoriamente o Amazonas, que ficava sempre em segundo plano, e como se sabe e é visível, a extensão geográfica do Estado do Pará e do Estado do Amazonas impossibilita uma administração pelo menos razoável, especialmente considerando-se as precariedades para a locomoção das pessoas. Para desenvolver o Estado do Amazonas, Souza (2001:211) afirma que, a partir de 1967, um decreto presidencial transformou Manaus em Zona Franca, imediatamente instalando uma série de indústrias e anunciando uma oferta de quarenta mil empregos.

No que toca à divisão do trabalho, as indústrias da Zona Franca operavam as fases finais de montagem e acabamento do produto. Fases que exigiam um número maior de mão de obra. Aproveitando a legislação, essas indústrias se estabeleceram numa área da cidade de Manaus, no chamado Distrito Industrial, onde receberam terrenos a preços irrisórios, totalmente urbanizados, como nenhum conjunto habitacional supostamente para pessoas de baixa renda recebeu. E, assim, entrou em atividade um parque industrial de beneficiamento produzindo em toda sua capacidade e operando numa área onde as facilidades eram, na verdade, uma conjuntura favorável, inclusive expandindo e dinamizando o uso da Língua Portuguesa, retrato da Lusofonia, pois ali aumentava a pluralidade linguística e a diversidade cultural da Língua Portuguesa do Brasil.

Considerações finais

A partir das reflexões proporcionadas por este texto, faz sentido afirmar que a Amazônia e os Amazônidas fazem parte de um processo de integração com o restante do Brasil. Na história do Povo Amazônico, é observável que a Amazônia foi uma das últimas regiões a ser colonizada e que ainda há

necessidade de fazer parte de inúmeros projetos de integração, como por exemplo, nas esferas econômica, tecnológica, científica e cultural. Isso fica claro através dos debates nacionais e internacionais sobre a Amazônia.

Para que os amazônidas estejam situados nesse debate é preciso que eles estejam conscientes da biodiversidade da região, bem como das potencialidades sociais, culturais e linguísticas capazes de promover a aproximação entre os povos. Nesse sentido, os residentes do norte do Brasil já reconhecem e afirmam, segundo dados coletados em nossa pesquisa de campo que, a Língua Portuguesa é:

- a) Língua que bem recebe as pessoas;
- b) Língua da alegria;
- c) Língua do bom acolhimento;
- d) Língua da boa receptividade entre as pessoas.

Parece-nos que, afinal, a prática e exercício da Lusofonia entre falantes e não falantes da Língua Portuguesa é apenas uma questão de aceitação e de respeito ao Outro. Rondônia é conhecida, como já afirmou-se, como o Portal da Amazônia, portanto, integrada a todos os sabores e dissabores de um novo modo de ser, de estar e de fazer. Aceitar o Outro significa aceitar a diversidade e a pluralidade em todos os seus nuances....E a Língua Portuguesa faz isso muito bem. Daí a diversidade, inclusive, da interpretação, do exercício e da prática da Lusofonia, até mesmo para os que ainda não tem o pleno domínio do que isso signifique.

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR, Luís (2005). Luso-Afonias e Cultura da LP. Revista Continente, nº. 29.
- AGUILAR, Luís (2007). A LP na Galáxia das Línguas do Mundo e no Ciberespaço. Consultado em 27.07.2016. Web site: <http://www.teiaportuguesa.com>
- BOURDIEU, Pierre. (1996). A economia das trocas linguísticas; o que falar quer dizer. Tradução de Sérgio Miceli e outros. EDUSP, São Paulo.
- COLLYER, Fernando (1998). Crônicas da História do Amazonas. Manaus: Calderaro.
- GÓES, Hércules. (1996). Rondônia Terra de Imigrantes – Histórias de Sucesso. Ecoturismo, Porto Velho, 1996.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. (2015). Amazônia, Amazônias. 2 ed. Contexto, São Paulo, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros (1993). Cultura: Um Conceito Antropológico. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lopes, L. P. da M. (org.). (2013). O Português no século XXI. São Paulo: Parábola Editorial.
- MEIRELES FILHO, João. (2004). O Livro de Ouro da Amazônia. Rio de Janeiro: Ediouro.
- MENEZES, Esron Penha de. (1998). Território Federal do Guaporé – Retalhos para a história de Rondônia. Gênese, Porto Velho.
- PESSOA, Fernando. (S/D). Livro do desassossego. Companhia das Letras, Rio de Janeiro.
- ROQUETE – PINTO, E. (1938). Rondônia. 4 ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1999.
- SANTOS, Francisco Jorge dos (2002). Além da Conquista. Guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina. 2ª ed. Manaus: EDU.
- SILVA, Luiz Antonio da (2003). A Língua que Falamos: Português: História, Variação e Discurso. São Paulo: Globo.
- SILVA, Agostinho. (1969). Entrevista. Programa Zip-Zip. RTP, Portugal, em 25 de Agosto de 1969
- SOUZA, Márcio (2001). Breve História da Amazônia. Rio de Janeiro: Agir.
- VIEIRA, Pe. Antonio. História do Futuro, vol. I (1953). Livraria Sá da Costa. Lisboa.

É SÓCIA DA AICL

- ESTEVE PRESENTE EM 2007 NO 8º COLÓQUIO EM BRAGANÇA, 20º EM SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016

MARIA FRANCISCA XAVIER, CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - AUSENTE POR MOTIVO DE DOENÇA

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019



25º MONTALEGRE 2016



11º LAGOA 2009



11º LAGOA 2009



27º BELMONTE 2017



11º LAGOA 2009

25º MONTALEGRE 2016



Maria Francisca Xavier - Professora Associada de Linguística com agregação, aposentada da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, investigadora do Centro de Linguística da mesma Universidade.

Mestre em Estudos Anglo Americanos com uma dissertação sobre *Aux e Caso Abstrato em Inglês – Um Estudo Diacrónico*;

Doutora em Linguística Comparada de Português e Inglês com uma tese sobre *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais – Um Estudo Comparado das Preposições A, DE, TO e FROM*.

Tem desenvolvido investigação em dois domínios complementares:

- (i) Estudos sincrónicos, diacrónicos e de aquisição do Português como língua segunda nos domínios do léxico e da morfossintaxe;

(ii) Criação e desenvolvimento de *corpora* digitalizados e de dicionários do Português Medieval - <http://cipm.fch.unl.pt> - e de Português Segunda Língua.

(iii) Membro da Associação Internacional do Colóquios da Lusofonia.

**Tema 3.2. A (orto)grafia portuguesa do séc. XII aos nossos dias". J Malaca Casteleiro / M^a Francisca Xavier / M^a de Lourdes Crispim, Academia de Ciências de Lisboa - Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
[ver em MALACA Casteleiro](#) [_VER POWERPOINT](#)**

É SÓCIA DA AICL

- PARTICIPOU NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018

39. (MARIA) HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO.



18º GALIZA 2012



19º MAIA 2013



9º LAGOA 2008



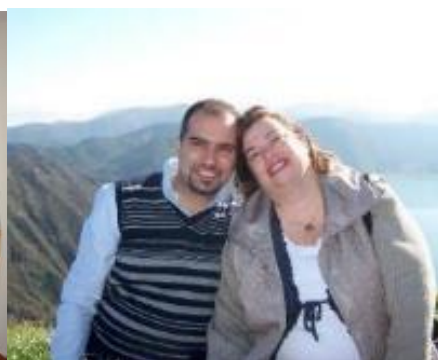
11º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



19º MAIA 2013



17º LAGOA 2012



8º BRAGANÇA 2007

(MARIA) HELENA ANACLETO-MATIAS é licenciada (1988), mestre (1997) e doutora (2015) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem duas pós-graduações em Estudos Americanos (Smith College, EUA) e Interpretação de Conferências (Universidade de Genebra).

Foi bolsista do DAAD, do Instituto Goethe, da Comissão Fulbright, do Parlamento Europeu e dos Programas de Formação de Docentes do Ensino Superior do PRODEP, do PROTEC e do PRODOC. Fez uma mobilidade na Universidade de Torun, na Polónia, e lecionou português como Língua Estrangeira no Porto, em Matosinhos e em Bruxelas.

Publicou “Emma Lazarus, Vida e Obra” em 2008 pela Editora Cão Menor, baseada na sua tese de mestrado e uma tradução de um manual de inglês para português que está online num projeto de âmbito europeu.

Tem participado em conferências nacionais e internacionais e publicado nas áreas da tradução, linguística e estudos literários e culturais ao longo da sua carreira de leitora de inglês, assistente e professora adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, costumando participar assiduamente nos Encontros da Lusofonia desde 2003.

Terminou o seu doutoramento em 2015.

Desde 2018 que pertence ao Comité Científico da AICL.



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



13º FLORIPA 2010



10º BRAGANÇA 2008



12º BRAGANÇA 2009



15º MACAU 2011



16º VILA DO PORTO 2011



12º BRAGANÇA 2009

Tema 1. 4. A família Zarco de Richard Zimler trazida a Belmonte. Helena Anacleto Matias Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

Revisita-se a obra do escritor Luso-Americano Richard Zimler quanto à temática Judaica, com intuitos de trazer a Belmonte a Família fictícia (?) Zarco. Sobrevoando os documentos deixados pelo *Último Cabalista de Lisboa* no século XV, damos um salto a Goa, passando a uma reflexão sobre o século XIX, entrando em *Meia Noite* e a um passo mais atualizado no século XX, penetrando *A Sétima Porta* e desvendando os *Anagramas de Varsóvia*, culminando nos *Dez Espelhos*.

De um Auto de Fé lisboeta passamos a uma história de traições entre dois irmãos numa Goa multicultural; de uma família luso-escocesa no Porto do século XIX, passamos à Berlim do tempo da guerra e ao gueto de Varsóvia; terminamos com a obra mais recente de Richard Zimler olhando-nos nos “Dez Espelhos”.

Necessariamente de caráter sumário, esta reflexão pretende abordar a importância da temática dos Judeus na obra deste escritor contemporâneo que nos habituou a uma atmosfera de mistério e intriga, de sentimentos e paixões, de dor e humor e, acima de tudo, de aprendizagem pós-traumática.

Quanto ao ato da escrita, Richard Zimler afirmou numa entrevista a Eric Forbes.⁵⁰

Enquanto escrevia O Último Cabalista de Lisboa em 1992 compreendi que o que eu queria era ser escritor. Começava a escrever cerca das 8h30 da manhã e já eram 11 ou meio dia quando olhava para o relógio. Achei que me encontrava no centro do que eu pretendia. Em geral, quando uma pessoa perde a noção do tempo é porque essa pessoa encontrou aquilo que quer fazer. (Nossa tradução)

Richard Zimler é nova-iorquino de nascença, vê-se culturalmente como judeu, norte-americano, basquetebolista. Cresceu igualmente em Nova Iorque e estudou na costa leste. Trabalhou como cronista e jornalista na Califórnia, tendo vindo para Portugal em 1991, após a morte de um dos seus irmãos mais velhos, o qual faleceu tendo SIDA. Adquiriu a nacionalidade portuguesa em 2002 e é casado com uma pessoa do mesmo sexo, com quem vive desde 1989.

Foi professor de jornalismo na Escola de Jornalismo do Porto e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Atualmente a sua única atividade profissional é a escrita. Em relação à sua atitude perante a escrita e a qual é a sua profissão, Zimler afirmou na mesma entrevista a Eric Forbes:

*Tenho de me sentir apaixonado pelas minhas personagens e temas para escrever um livro. Essa paixão dá-me a energia necessária para me sentar ao computador oito horas por dia durante três anos ou mais. Seria completamente incapaz de escrever um livro só para agradar a alguém ou tentar incluir-me numa moda literária. Acho que isso é uma limitação (...) Quando escrevo um romance histórico, sou capaz de contar uma história muito específica e pormenorizada, mas também de explorar grandes temas como a escravatura, como fiz em *Meia Noite*, ou o efeito de um sistema político repressivo no amor e na amizade, como fiz em *O Guardião da Aurora*. A distância do tempo recente ajuda-me a alcançar esse foco abrangente. Também adoro ler livros de História, portanto a investigação é uma mais valia. (Nossa tradução)*

A atividade literária de Richard Zimler tem tido como resultado a publicação de uma obra por ano, aproximadamente, e os seus romances vão desde investigações históricas aturadas, tais como *Meia-Noite* ou *o Princípio do Mundo*, passando pela saga Zarco, até histórias mais bem-dispostas, como é o caso de *Strawberry Fields Forever*.

⁵⁰ <http://goodbooksguide.blogspot.com/2009/05/writing-life-richard-zimler.html>, consulta: 11/jul/2011.

Em relação à primeira obra que Richard Zimler publicou em Portugal no ano de 1996, pela editora Quetzal e que esteve no topo de vendas, *O Último Cabalista de Lisboa*, podemos afirmar que uma consideração crítica de *The Last Cabbalist of Lisbon* permitirá o reconhecimento da necessidade, proposta por Richard Zimler, de vinculação da identidade pessoal a uma identidade de grupo, nomeadamente à identidade do grupo dos judeus norte-americanos.

Se, por um lado, o *Ciclo Sefardita* e *Anagramas de Varsóvia*, bem como *Os Dez Espelhos de Zarco* versam a temática dos Judeus, *Ilha Teresa* e *Trevas de Luz* abordam por seu lado a temática da homossexualidade. Os âmbitos em que as ações decorrem são no primeiro caso de caráter histórico, enquanto que, no segundo caso as ações se desenrolam na contemporaneidade.

Os temas dominantes da obra Zimleriana são, por um lado a questão dos Judeus e, por outro, a questão dos Homossexuais, numa sistematização talvez algo redutora, mas que para os propósitos de argumentação que se seguem titulará a nossa análise de algumas obras Zimlerianas que merecem referência neste âmbito. Fazendo a ligação das temáticas dessas obras com aquilo que nos parece ser a ideologia de um escritor interventivo na sociedade civil, passemos de imediato a uma referência a mais uma outra obra do *Ciclo Sefardita*: *Goa ou O Guardiã da Aurora*.

Goa passa-se nesta antiga colónia portuguesa. A religião Judaica, o Jainismo, a religião Católica e as perseguições dos Judeus pela Inquisição são de novo a envolvente temática deste romance. Existe uma intriga amorosa em que Tiago é a personagem principal; as lições de vida da Ama Indiana; um relato de traição familiar...

Há toda uma envolvimento que nos transporta para o “exotismo” dos territórios longínquos da Europa, onde as pessoas são o resultado dos contactos culturais entre os portugueses e as populações autóctones. Além de *O Cabalista*, também *Goa ou O Guardiã da Aurora* fala ao leitor de Autos-de-Fé e prisões ordenadas pela Santa Sé enquanto se investigavam aquilo que eram consideradas “heresias”.

A saga da família Zarco no *Ciclo Sefardita* continua com *Meia-Noite ou O Princípio do Mundo* (2003)⁵¹. De facto, esta é uma obra bastante extensa, apesar de ter sofrido longos cortes por parte do autor. A história desenrola-se em inícios do século XIX. A primeira parte do livro conta a vida do herói e das suas relações com Violeta e um amigo que misteriosamente desaparece nas águas do Rio Douro, episódio que aterroriza o pequeno burguês de origens anglófonas e judaico-portuenses.

É nesse contexto que *Meia-Noite*, um botânico bosquímano que vem com o pai do rapaz de África para a Europa, preocupado com a erradicação da varíola entre os seus, penetra no quotidiano da Família Zarco. Mas o retrato do Porto oitocentista não se poderia fazer sem referir as duas invasões das tropas napoleónicas: mais uma vez, os Judeus do romance têm de se esconder, pois são, desta feita, perseguidos pelos cristãos que os mantinham no gueto do Limoeiro. O protagonista vive na zona da Carvalhosa, não longe daquilo que eram os campos de Cedofeita. A História é referida em retrato da capital do Norte com as lutas napoleónicas, as lutas entre os portugueses e os espanhóis com os ingleses contra os franceses.

A segunda parte da obra versa o tema da escravatura. De facto, o herói vai para os Estados Unidos em busca de *Meia-Noite* e passa a haver um outro Narrador em alternância: a filha do Bosquímano. Depois da perda da esposa, do pai e do afastamento da mãe, o protagonista recupera a relação com *Meia-Noite*, quase recupera a relação com Violeta e há um regresso a casa, apesar do infortúnio de ter perdido um braço. O que importa aqui assinalar é que a obra é feita de encontros e desencontros, de paixões inconfessáveis e reencontros consigo próprios.

⁵¹ Sobre esta obra de Richard Zimler, existe uma crítica de Célia Vieira, já atrás referida, e que foi publicada no sítio web do próprio escritor; também foi essa Professora que apresentou o livro *Meia-Noite* no Ciclo de “Páginas do Porto - A Cidade nos Livros” na Biblioteca Municipal do Porto em 26 de novembro de 2011.

Quanto à obra *Os Anagramas de Varsóvia*, a temática do Holocausto dos Judeus no século XX preenche o interesse do leitor. É uma história de suspense, de mistério, de morte e ao mesmo tempo de redenção. O ambiente é pesadíssimo pois conta-se a vida no Gueto de Varsóvia e os estratagemas que as pessoas têm de seguir para poder sobreviver sob condições sub-humanas. O contrabando, a traição, as amputações das crianças assassinadas para o estudo médico de experiências eugénicas são alguns dos temas que perpassam pela obra. Diz o portal oficial de Zimler sobre a mesma:

No Outono de 1940, os nazis encerraram quatrocentos mil judeus numa pequena área da capital da Polónia, criando uma ilha urbana cortada do mundo exterior. Erik Cohen, um velho psiquiatra, é forçado a mudar-se para um minúsculo apartamento com a sobrinha e o seu adorado sobrinho-neto de nove anos, Adam.

O narrador já faleceu, é um fantasma, um “Ybur” cabalístico que permanece na terra porque ainda tem um dever a cumprir – contar a sua história enquanto espírito que está no Além. Esta questão está relacionada com a técnica de esconder a verdadeira identidade das personagens através do jogo dos anagramas. Sobre a viagem de promoção de *Os Anagramas de Varsóvia* na Polónia, escreveu Richard Zimler em “A Tale of Two Polands”, em novembro de 2011 e que partilhou connosco por mail:

Apesar do aviso da Mãe assombrar os meus pensamentos, decidi ir. Apercebi-me de que o neto de Judeus polacos vir à Polónia promover um romance passado no gueto de Varsóvia levantasse polémica nos media quanto aos três milhões e meio de Judeus polacos que pereceram no Holocausto e no que poderíamos aprender com as suas mortes. A um nível mais pessoal, viajar pela Polónia dar-me-ia a possibilidade de visitar a cidade dos meus avós, um desejo secreto durante pelo menos as três décadas anteriores. Portanto, nos fins de novembro, tornei-me na primeira pessoa da minha família a percorrer as ruas de Brzeziny em quase setenta anos. E no domingo, a 20 de novembro [2011], mesmo quase ao meio dia, vi o que pensei nunca ver: a casa do meu avô. (Nossa tradução)

Numa paródia, quanto a nós, ao título do conto para a infância “A Tale of Two Cities”, em que as duas rãs se entrelaçam para ver a cidade da outra, acabando por concluir que a cidade da outra é igual à sua, Zimler tece comentários sobre a situação da Polónia no Holocausto perpetrado pelos Nazis. A paródia não é assumida pelo autor, mas o jogo com os dois títulos é por demais para nós evidente quanto ao isolamento a que os seus familiares ancestrais viveram no gueto e quanto à simbologia do isolamento em que o Homem Moderno hoje vive. A *Sétima Porta* também se passa durante a II Guerra Mundial, mas em Berlim. A heroína, uma adolescente filha de um comunista e de uma dona de casa, convive com pessoas que, pelas suas características físicas, são consideradas aberrações. O irmão da heroína acaba por ser assassinado pelos nazis, pois sofre de uma deficiência mental. Este romance fala sobre a diferença, os marginalizados, a discriminação. Quanto a *Os Dez Espelhos de Benjamin Zarco*, podemos afirmar que dos sobreviventes do Holocausto há versões diferentes consoante os Narradores de cada capítulo.

À *Procura de Sana* é, por outro lado, um romance também polémico em que a questão do conflito israelo-árabe é analisada, mas segundo um pano de fundo quanto a nós, obviamente, ficcional: duas jovens, uma palestiniana e outra israelita crescem juntas em Haifa e tornam-se inseparáveis. Uma delas aparece morta na presença do escritor Richard Zimler, também ele personagem (?). Estas duas mulheres são personagens enigmáticas, frequentemente assumindo simbolicamente também identidades diferentes, trocando-as num embuste, enganando o Narrador e tornando-se uma delas também Narradora, confundindo o leitor, num jogo permanente, e simbolizando, quanto a nós, a ideia da necessidade premente da resolução cabal e definitiva da questão do conflito palestino-israelita, pois a amizade das duas jovens que cresceram juntas imperam na mensagem didática do romance.

A Persona Richard Zimler, escritor, no livro, encara-se como um jornalista de investigação que relata o percurso dessa análise obsessiva de “reportagem” (ou de um repórter que tenta expurgar um trauma de visualização de um suicídio através da catarse que a experiência do processo de investigação lhe traga). Julgamos que nesta obra não existe propriamente (só?) um narrador autodiegético. Na realidade, existe um jogo entre o autor e o leitor. O leitor já não sabe quem está a falar – se é o Narrador, se é a Persona Jornalista e Repórter, se é o autor Richard Zimler. Há um pós-modernismo relevantemente latente nesta obra que ecoa um Paul Auster, se evocarmos “The New York Trilogy”, por exemplo, com os jogos de identidade.

Quanto a *Trevas de Luz*, isto é, a *Angelic Darkness*, existe também um jogo com o leitor: o Narrador, com o qual Richard Zimler afirma ter um qualquer tipo de implicação, já que na dedicatória declara ter “vivido este livro”, tem uma relação conturbada com Alexandra, a esposa com a qual viveu quatro anos. O narrador frequenta um psic/analista/ólogo/quiatra. A luz branca de *Trevas de Luz* é “de cólera.” “Medo de escuro para juntar à minha paleta de cores,” que leva às trevas. A Mãe do Narrador de *Angelic Darkness* é identificada com a imagem de uma bruxa num roupeiro e o Pai era um assassino psicopata que vivia debaixo da cama do Narrador, no dizer do próprio, quando fala de imagens que lhe povoam a mente. Para preencher a solidão e ultrapassar pelo menos algum do medo do escuro, em conversações com o psicanalista, decidem que deveria arranjar um inquilino, um hóspede, que partilhasse o espaço em que o Narrador vivia, ainda que não abdicando da sua privacidade em casa. Mas os primeiros candidatos são horríveis, no dizer do Narrador, o que o leva a uma depressão, deixando de se barbear e de tomar banho.

Jéssica, a colega de escritório é a figura feminina reconfortante para o Narrador e é identificável com a personagem Fiama de *Unholy Ghosts*. De “olhos pretos tristes, nariz largo que diz ter herdado de uma avó siciliana, cabelo castanho espesso e espetado como um porco-espinho” (p. 14). Mas Jéssica é uma mulher livre desde o seu próprio divórcio e aconselha o Narrador a continuar a experimentar estar com outras mulheres, assim como ela faz com muitos homens, sem se importar. O Narrador desiste de Jéssica como sua confidente.

O irmão mais novo Jay é um recurso alternativo de telefonemas ao psicanalista. No dia 21 de junho, que aliás marca o início do verão (o Narrador escolhe dizer que sabia a data porque guardou o calendário na “esperança de reconstituir a sequência dos acontecimentos” - p 18), chegou o novo inquilino que se vem a saber é hermafrodita. A questão da identificação sexual dos sujeitos é votada à condição de ser dúbia ou polivalente, e, portanto, algo misteriosa. No entanto, no fim, essa revelação não resulta em trauma do protagonista.

Em relação a feições estilísticas, afirmou também Zimler:

Ser um escritor significa dedicar-me a explorar a minha própria relação com as palavras e o contar da história. Significa pensar poeticamente, e colocar-me na pele e na mente de outras pessoas (e ver o mundo sob o seu ponto de vista). Significa tentar escrever os melhores livros que eu possa e comprometer-me contribuindo para o mundo através deles. (Nossa tradução)

Quando se pensa na herança cultural de um grupo étnico específico, neste caso concreto, no grupo de raízes judaicas no contexto norte-americano, a identificação do Eu pode traduzir-se na perpetuação de tradições passadas que almejam um futuro promissor para o grupo étnico dos Judeus Norte-Americanos. Richard Zimler tem-se autoproclamado com um “judeu laico”⁵². Mas de que modo se poderá vincular o interesse de Zimler, representado nas componentes autobiográficas da sua escrita, na exploração das raízes da sua identidade no Velho Mundo (para onde se desloca) e atentar nas particularidades identitárias que definem os judeus norte-americanos?

⁵² Vide, inter alia, sessão de “Páginas do Porto”, em 26 de novembro de 2011, na Biblioteca Municipal do Porto, organizada pela Sociedade Portuguesa de Autores e entrevista no programa da RTP2 “Câmara Clara”.

Por um lado, definem-se por um forte sentido de comunidade (central às suas tradições culturais específicas); por outro lado, a ideologia de sucesso que está nos alicerces da cultura americana é de sucesso individual, propondo uma atomização social com base em percursos individuais e numa forte desconfiança quanto a desígnios coletivos que diluam ou abafem a individualidade. O próprio epíteto autoatribuído por Zimler de judeu-laico tem um recorte com componentes paradoxais: culturalmente, Zimler sente-se judeu, mas não pratica a religião. A percepção mais comum de Richard Zimler, em boa medida confirmada pela identidade pública que o próprio tem assumido, é a de que é um escritor judeu. No entanto, o próprio afirma algo jocosamente sobre si próprio:

*O meu pai era comunista e a minha mãe cientista. Deus era alguém que não entrava em nossa casa, nem pela porta dos fundos, pois a religião era 'o ópio do povo' para o meu pai e 'algo irracional' para a minha mãe. Assim, defino-me culturalmente como judeu, como português, como americano, como basquetebolista, judeu e laico.*⁵³

Talvez o caso especial dos judeus enquanto grupo étnico não se possa representar em termos singulares: ninguém deve esquecer que existem os Sefarditas, os Asquenazes, os Ortodoxos e os Reformadores; há, portanto, muitas variantes dentro do mesmo grupo étnico. No entanto, existe uma característica que tem um peso histórico em relação a todos os judeus, que se traduz na rejeição, e mesmo na perseguição. O anti-semitismo pode ter raízes antigas, com mais de 2000 anos, desde a morte de Jesus Cristo; e as perseguições podem ter nascido na Europa medieval, durante as crises da peste negra, quando os Judeus eram acusados de envenenarem os poços, já que o facto de se lavarem antes das orações mais frequentemente que os Cristãos resultava numa taxa de mortalidade mais reduzida do que entre estes e os Cristãos, que assim lhes atribuíam poderes sobrenaturais provindos de “pactos com o Diabo”, na sua ideologia e, portanto, com necessidade de punição. Além disso, convém não esquecer os Autos de Fé impostos pela Inquisição que na ideologia Católica era “a purificação pela carne”, os Pogroms judeus na Rússia durante o período Czarista e o Holocausto do século XX durante a II Guerra Mundial enquanto formas de genocídio. O sentido de pertença a este grupo étnico em especial está diretamente relacionado com o sentido do Eu, da identificação pessoal e da perseguição. Os dados constantes desta breve nota histórica estão diretamente relacionados com o sentido identitário de Zimler.

A psicologia da memória coletiva dos judeus norte-americanos enquanto grupo está marcada pela dor, pelo luto, pela resistência e pela coragem. Sabe-se por entrevistas em fóruns públicos, nomeadamente na televisão portuguesa, que a mãe do autor Richard Zimler, Ruth, chegou a simpatizar com a prática judaica e que o autor não é indiferente a este pormenor da identidade familiar. Frequentemente a autoidentificação está relacionada com a preservação de características antropológicas, étnicas e sociológicas e das características da tradição do grupo – e neste sentido, pode-se apontar que Zimler faz reviver, ou recupera, memórias dos judeus portugueses no seu Ciclo Sefardita, constituído pelo *Cabalista*, *Goa ou O Guardiã da Aurora*, *Meia-Noite ou O Princípio do Mundo*, *A Sétima Porta* e os *Dez Espelhos de Benjamin Zarco*. Em *Anagramas de Varsóvia* “devolveu o estatuto de pessoas singulares, únicas, aos judeus do gueto da capital polaca”, no seu dizer durante a Flipporto, em 2010, em Pernambuco.

Em *O Último Cabalista de Lisboa*, para conquistar um público lusófono que esteja interessado nas relações históricas entre Cristãos e Judeus, Cripto-Judeus, particularmente na época do massacre concretizado no Auto de Fé ocorrido em Lisboa no século XVI, Richard Zimler criou um enredo que não é apenas um relato factual do que aconteceu na época; é também, mas não unicamente, uma história de amor entre Berequias Zarco e a sua amada e uma história de *suspense* com investigação criminal.

⁵³ Na já citada sessão de “Páginas do Porto”.

De facto, o velho Abraão Zarco, cabalista de Lisboa, ensina e inicia o seu sobrinho no conhecimento da Cabala e acaba sendo assassinado juntamente com uma jovem na sua própria casa, numa dependência em que o fechar da porta é unicamente possível pela parte de dentro. As dúvidas e o mistério que envolvem o desaparecimento do tio levam Berequias a envolver-se amorosamente, enquanto o mundo à sua volta se desmorona com a perseguição, prisão e “purificação” dos corpos dos judeus em vida, sendo esta uma queimada em praça pública durante um Auto de Fé coletivo na capital portuguesa. O lastro de preocupações históricas, éticas e políticas que Zimler invocou para o seu romance mais conhecido é uma das dimensões de maior importância que o tradutor de qualquer texto seu terá de ter presente enquanto autor e agente proativo. A reputação crítica que envolve o autor, afirmamos, não pode deixar de assinalar a identificação com a questão dos Judeus.

Huiping Wu afirmou relativamente à questão da noção de Poder, já que Zimler abordou as perseguições étnicas dos Judeus e nós advogamos que as minorias devem ter os seus direitos de igualdade com a maioria reconhecida. “A língua e a política estão intrinsecamente ligadas e a política da língua, mesmo até de instituições internacionais, é definida pelas relações de poder e pelo equilíbrio político, económico e cultural” (Nossa tradução de Wu, 2004:110). Estas relações de poder também têm vertentes de identidade cultural, levando à perceção de interseções produtivas entre literatura e etnicidade como as formas desse equilíbrio de poder. Com o Ciclo Sefardita, Richard Zimler identifica-se com os judeus portugueses que sofreram perseguições e, de uma maneira geral, Zimler define-se culturalmente como judeu norte-americano.

Se Richard Zimler é um bom exemplo da identificação de um grupo minoritário, se *O Último Cabalista de Lisboa* (primeira obra de Zimler publicada em Portugal e que definiu todo o seu Ciclo Sefardita) é o retrato de uma tradição étnica concretizada em prosa ou se a reação do público leitor e dos críticos é responsável pela imagem autodefinida/autodefinidora da identificação do autor e da obra de arte, todas estas são pistas de reflexão que fornecem material interessante. (Elizabeth Rosner, San Francisco Chronicle, 14 de agosto de 2011) 54

O autor Richard Zimler tem sido chamado com mérito “Um Umberto Eco americano” e tem correspondido aos seus altos níveis. Com o seu romance recente [à data] Os Anagramas de Varsóvia, não só alcança esses níveis, mas ultrapassa-os. Partindo o coração, inspirando e sendo inteligente, este mistério apresentado no gueto Judeu infame da Segunda Grande Guerra merece um lugar entre as obras mais importantes da Literatura do Holocausto (Nossa tradução).

Os dados da recepção de Richard Zimler evidenciam um considerável sucesso de público e crítica, mas não chegarão, porventura, para que possa prontamente ser considerado um autor canónico. Na realidade, a academia, à qual o autor já pertenceu quando era Professor de Jornalismo na Escola de Jornalismo do Porto e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ainda lhe não conseguiu conceder o lugar que merece como objeto dos Estudos Literários.⁵⁴ É nesta senda de legitimação canónica que nos situamos. Elizabeth Rosner, numa crónica de domingo, no *San Francisco Chronicle*, em 2011, viu o autor Richard Zimler como um “Umberto Eco americano”. Este é um atributo muito elogioso, devido à comparação com este escritor justamente reconhecido. Esta cronista referia-se em particular à obra *Anagramas de Varsóvia*, de 2009; mas certamente que a obra de Zimler no seu todo terá sido a causadora de tal epíteto, segundo a nossa visão. Nesta crónica, Rosner refere também *O Último Cabalista de Lisboa* como sendo uma obra *pivot* no lançamento da carreira literária de Zimler e que lhe granjeou a conquista de muitos leitores europeus.

54 <http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=%2Fc%2Fa%2F2011%2F08%2F12%2FRVI51K96PC.DTL>, consulta: nov/2011.

Um outro exemplo de reconhecimento que eleva o estatuto de Richard Zimler a tornar-se, de uma forma progressiva, canónico, chega-nos da parte de Célia Vieira. Para esta docente da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, a escrita funciona como uma denúncia, geralmente, do esquecimento a que os perseguidos são votados pela História:

A obra [Meia Noite ou o Princípio do Mundo] persegue, pois, um ethos, e a escrita assume-se para Richard Zimler como uma denúncia: ‘É por isso que tenho de escrever estas coisas. Caso contrário, ninguém saberia nada de nós e isso seria a mesma coisa que sermos engolidos pela terra. Como se nunca cá tivéssemos estado.’ (Célia Vieira)

Nesta opinião, citada no portal oficial do escritor, (p. 294, em dezembro de 2011), Vieira analisa a obra *Meia-Noite ou o Princípio do Mundo* na articulação das suas diversas partes e interpreta a dimensão da personagem principal, um dos da família Zarco que preenche grande parte dos interesses de Richard Zimler na sua obra, particularmente no seu Ciclo Sefardita, enquanto aquele que luta para que ninguém fique indiferente à perseguição de alguns por parte de outros:

Num universo povoado por perseguidos e perseguidores (Lourenço Reis persegue John e a sua família; os bushmen são perseguidos na África do Sul, por ingleses, holandeses e zulus; os portugueses são perseguidos pelos franceses) é necessário aprender a lutar contra o mal (a “Hiena”) que move os que perseguem, mas é também necessário passar de perseguido a perseguidor, aprender o poder do “Louva-a-Deus”, para perseguir e defender as crenças em que se acredita, ou seja, nas palavras do narrador, neste universo é preciso perseguir o mal até à própria morte e perseguir o bem para unir o que está separado (Vieira, p. 509).

De facto, também concordamos com a visão de Célia Vieira quando afirma que a escrita é uma denúncia. Na realidade, a escrita funciona como denúncia daquilo que a sociedade mais quer esquecer, que são os atropelos aos direitos dos marginalizados - no caso do Ciclo Sefardita, os esquecidos são os Judeus perseguidos pelos Cristãos. Mas às visões sobre o autor importa juntar como o próprio autor se vê a si próprio. Na entrevista que foi considerada por Richard Zimler numa mensagem de correio eletrónico, datada de 01 de dezembro de 2011, como sendo “uma das suas melhores de sempre”, o escritor afirmou sobre si próprio e a sua consciência do que aprendeu com a sua vivência em Portugal, enquanto seu país de acolhimento:

Eu não sabia que pessoas de países diferentes pensavam de maneira diferente dos Americanos acerca de todas as coisas importantes – a vida, a morte, o amor, o sexo, a solidariedade, a tolerância, etc. Levou muitos meses para que eu percebesse isso. E para perceber que há muitas formas válidas e legítimas para abordar todas estas questões da vida. (Nossa tradução)

Zimler referia-se em geral à sua vivência nos dois países pelos quais repartiu a maior parte da sua experiência de vida e aos costumes que o surpreenderam quando veio viver para Portugal. Uma outra obra das suas mais recente, mas que Zimler também aprecia muito devido às personagens Teresa e Angel, é *Ilha Teresa*. A temática é diferente da d’ *O Cabalista*, obviamente. *Ilha Teresa* conta-nos a história de uma jovem portuguesa em busca da sua afirmação em terras americanas e sobre a amizade com Angel que também é um inadaptado devido, este, à sua orientação sexual. Angel, no caso de *Ilha Teresa*, é um amigo brasileiro chamado Caetano que ostenta a alcunha de Angel porque os colegas de Liceu dizem que ele anseia por ser a Angelina Jolie, pelo facto de estar apaixonado por Brad Pitt. No fundo, Angel é o anti-herói, jovem homossexual espancado nos balneários por um colega e que é o confidente de Teresa. A vida dos adolescentes no Liceu ecoa séries juvenis de televisão, embora não seja propriamente um livro dedicado (só) aos jovens.

Entre os temas e âmbitos mais focados nas obras de Zimler destacam-se, por um lado, a errância dos judeus e a sua relação com a viagem enquanto aprendizagem; por outro, a importante temática da homossexualidade. Quanto à errância dos judeus, há a focar as raízes bíblicas da busca da Terra Prometida para se encontrar o verdadeiro Messias e a relação que este tema tem com a cultura norte-americana: também os Puritanos, quando

chegaram ao Novo Mundo perseguidos numa Europa envelhecida procuravam fundar “a City Upon a Hill,” citada por Nathaniel Hawthorne, entre outros, no sentido em que queriam ser, por um lado, exemplos de moralidade e, por outro lado, chegar àquilo que simbolizava o Monte das Oliveiras ou o Jardim do Éden. A errância dos judeus está também relacionada com o largo historial de perseguições de que os judeus foram alvo, primeiro por parte dos egípcios, tendo aqueles depois fugido; depois, por parte dos cristãos desde que Jesus Cristo morreu na cruz até aos nossos dias, para apenas focar de novo as Inquisições espanhola e portuguesa, os Pogroms czaristas ou o Holocausto no século XX por parte dos nazis.

Relativamente à experiência do conceito de minoria por parte do autor, podemos apontar a minoria norte-americana dos Judeus que são a preocupação da maior parte dos romances de Zimler: o Ciclo Sefardita com as reflexões quanto à Família Zarco – em *O Último Cabalista de Lisboa, Goa ou O Guardiã da Aurora e Meia-Noite ou o Princípio do Mundo* e *Os Dez Espelhos de Benjamin Zarco* – e a preocupação quanto aos Judeus Ashkenazis em *Os Anagramas de Varsóvia*. De facto, fizemos uma resenha da atividade do autor no que toca apenas aos seus romances – deixando de fora outros textos que poderiam ser produtivamente articulados com a temática proposta dos Judeus. Aí se incluem as suas traduções de Eugénio de Andrade (de um poema motivado por fotos de esquilos em Nova Iorque que o escritor enviou ao poeta português) ou do poeta Al-Berto e o seu livro de contos, *Confundir a Cidade com o Mar*, que não foram objeto da nossa análise.

Também uma publicação da Editora Caminho, de 2011, de uma narrativa infantil, *Hugo e Eu e as Mangas de Marte*, sobre a problemática do episódio histórico português da descolonização de Moçambique, em que Zezé, um menino moçambicano enviou um urso de pelúcia para Lisboa ao melhor amigo do seu Avô, entretanto já falecido, fazendo com que esse amigo regresse ao seu país natal em África, não foi aqui analisado.

Igualmente deixámos de analisar a curta-metragem de Solveig Nordlund, *O Espelho Lento*, baseada no conto do mesmo nome de Richard Zimler, incluído na sua coletânea *Confundir o Mar com a Cidade*. Nessa curta-metragem, o próprio escritor desempenha um papel e foi exibida na Fliporto de 2010, no Recife, capital do estado brasileiro de Pernambuco, com apresentação de Arnaldo Saraiva, quando o escritor fez uma sessão de autógrafos da sua obra *Os Anagramas de Varsóvia* publicada pela Editora Record no Brasil. Também *A Sentinela*, de 2013, da Porto Editora não foi analisada.

“Continuar a lutar depois de uma perda” é um princípio que Zimler segue ao mostrar personagens que, após uma perda traumática, têm a capacidade de continuar. Baseado na sua experiência de vida com o trauma da perda do irmão, uma personagem como Eric Cohen de *Os Anagramas de Varsóvia*, que perde a esposa, o filho e o sobrinho-neto no Gueto polaco, continua apesar de tudo a viver, mesmo no tempo da ocupação nazi. Estas são temáticas presentes em quase todas as obras Zimlerianas. A perda em *O Último Cabalista de Lisboa* é simbolizada no massacre de 2500 Judeus portugueses no Auto-de-Fé no Rossio no ano de 1506.

Quanto a nós, a perda em *Goa ou O Guardiã da Aurora* é simbolizada na traição familiar da irmã de Tiago. Por sua vez, em *Meia-Noite ou o Princípio do Mundo*, para completar a noção de perda no Ciclo Zarco, Zimler constrói o enredo criando a aparente morte do bosquímano Meia-Noite.

O impacto destas representações de perda na ficção de Zimler comprovou-se com um testemunho de uma leitora que declarou ao autor, durante a sessão na Biblioteca Municipal do Porto que “fez luto” quando chegou à parte do romance em que o protagonista se viu privado do seu professor africano de Botânica, após um encenado acidente de caça com o pai da personagem principal, pois a mãe tinha-se envolvido com o convidado da família luso-escocesa.

A morte daquela personagem é simbolizada na perda física de um braço de John, mas a sua capacidade de continuar é simbolizada no reencontro com Violeta em Nova Iorque, a sua amiga de infância que fugiu para os Estados Unidos.

Já em *À Procura de Sana* a experiência de perda é logo marcada no início do romance, quando é descrito que o escritor Richard Zimler (personagem autoral) vê cair ao seu lado, na esplanada de um café na Austrália, durante um encontro de escritores em Perth, no meio de estilhaços de vidro, o corpo de uma bailarina de 50 anos que se suicidou atirando-se de um prédio.

Quanto a *A Sétima Porta*, a perda manifesta-se a em vários níveis: por um lado, a jovem berlinense perde a confiança no regime comunista, quando o pai se filia no partido nazi, com medo de retaliações à família, por outro lado, a perda do amigo do grupo do Círculo assassinado é causa da investigação policial por parte dela; no entanto, a perda maior é a do irmão Hansi que foi morto nas câmaras de gás por ter uma deficiência mental.

A este respeito, foi precisamente a cena da morte de Hansi aquela que o escritor Richard Zimler confessou ter sido a mais difícil de escrever em toda a sua carreira literária. Mas falar de perda nos romances com a componente judaica não impede que se apontem características de sentimento de perda nas relações em romances cuja temática central é a Homossexualidade.

A perda em *Ilha Teresa (Strawberry Fields Forever)*, por exemplo, é evocada quando Angel e Teresa fazem a romagem ao Central Park, aquando da sua fuga, no dia 8 de dezembro, data em que o Beatle John Lennon foi assassinado.

Esta perda reflete-se, no entanto, na separação cultural da experiência de emigração de Lisboa para os Estados Unidos da América, na qual a adolescente é protagonista.

Finalmente, em *Angels of Darkness (Trevas de Luz)*, a perda do protagonista consuma-se com a saída de casa da sua esposa, com o facto de o seu irmão não o apoiar, para além de o seu psicanalista não resolver o seu complexo de perda e depressão, a não ser com a sugestão de aluguer de um quarto na sua casa.

O hermafrodita que se muda para a sua habitação significa simbolicamente o reencontro, tal como o de Violeta com o protagonista de *Meia-Noite ou o Princípio do Mundo*.

Webgrafia

<http://goodbooksguide.blogspot.com/2009/05/writing-life-richard-zimler.html.jul/2011>

<http://www.sfgate.com/cgi-in/article.cgi?f=%2Fc%2Fa%2F2011%2F08%2F12%2FRV151K96PC.DTL, nov/2011..>

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

- MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO TRIÉNIO 2018-2020.

TEM PARTICIPAÇÕES NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA DESDE O 3º EM BRAGANÇA 2003, 5º RIBEIRA GRANDE 2006, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 9º LAGOA 2008, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º COLÓQUIO BRAGANÇA 2009, 13º FLORIPA 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º OURENSE GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018,

40. MARIA HELENA ANÇÃ, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, CIDTFF, PORTUGAL (MARIAHELENA@UA.PT)

MARIA HELENA ANÇÃ - Professora Associada com Agregação, Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro

Áreas de intervenção docente: Didática do Português (Mestrados); Pluralidade Linguística e Educação (Mestrados); Seminário de Orientação Educacional em Línguas (Mestrados), Didática e Desenvolvimento Curricular II (Programa Doutoral), Língua Portuguesa, Gramática e Comunicação (Licenciatura)

Domínio de especialização: Didática do Português; Português Língua Não Materna (PLNM); Português-Língua de acolhimento em contexto português; Português-Língua oficial, contextos africano, americano e asiático.

Interesses de investigação: PLNM; Consciência Metalinguística; Migrações; Variedades do Português; Políticas linguísticas para o Português.

Cargo atual: Diretora do Mestrado em Ensino de Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e de Língua Estrangeira (Alemão / Espanhol / Francês) nos Ensino Básico e Secundário. Coordenadora (com Cristina M. Sá) do Laboratório de Investigação em Educação em Português / Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (da Fundação para a Ciência e a Tecnologia / FCT)

Outras competências atuais: Membro Colaborador da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa. Universidade de Cabo Verde (Cidade da Praia).

Experiência na orientação de projetos científico-académicos:

Supervisão de Estágios de Pós-doutoramento, orientação de Teses de Doutoramento e de Dissertações / Relatórios de Mestrado.

Publicação internacional de 2018: Oliveira, A. L., & Ançã, M. H. (2018). Language Awareness and the development of learners' Plurilingual Competence. In P. Garrett & J. M. Cots (Eds.), The Routledge Handbook of Language Awareness (pp. 238-256). New York and London: Taylor & Francis/Routledge.

Publicações: orcid.org/0000-0002-8515-576X - Scopus Author ID: 35742724000



18º Galiza 2012



18º Galiza 2012



20º SEIA 2013



18º GALIZA 2012



18º Galiza 2012



26º MONTALEGRE 2016



18º Galiza 2012



20º Seia 2013

TEMA 3.2 COAUTORA COM AGENOR CARVALHO, JOANA PINHO E MARIA DO SOCORRO PESSOA (ver trabalhos desses autores)

É SÓCIA DA AICL. –

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

JÁ PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 18º GALIZA 2012, 19º SEIA 2013, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, 28º VILA DO PORTO 2017

41. (MARIA) HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL

(MARIA) HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês.

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa;

Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail.

É Mestre (pré-Bolonha) em Relações Interculturais, subordinado ao tema Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso, pela Universidade Aberta.

Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.

Lecionou, desde 1976 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e PAP - Prova de Aptidão Profissional).



BGA TERCEIRA 2017



BGA FAIAL 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



28º VILA DO PORTO 2017



18º GALIZA 2012



16º VILA DO PORTO 2011



10º Bragança 2008



19º MAIA 2013



13º FLORIPA 2010

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019



BRASÍLIA 13º BRASIL 2010



26º LOMBA DA MAIA 2016



28º VILA DO PORTO 2017



PICO 2018



19º MAIA 2013



FLORIPA 13º BRASIL 2010



13º FLORIPA 2010



16º VILA DO PORTO 2011



15º MACAU 2011

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988). Participou e foi oradora em vários congressos (Portugal, Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade. É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' desde 1999. Pertenceu à extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa) 1996-2016. Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia 2007 a 2009. Membro do 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 Judite Jorge. Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente. A edição bilingue (PT-EN) Antologia de (15) Autores Açorianos Contemporâneos foi lançada no 16º Colóquio. Lançou no 16º colóquio em Vila do Porto 2011 e no 19º Colóquio (Maia 2013) a edição monolíngue da Antologia em 2 volumes. Coautora com a Professora Doutora Mª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura. No 21º colóquio (Porto Formoso 2014) lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras". Prepara nova antologia de tradução de autores açorianos 9 ilhas, 9 poemas, 9 autores.

2011 RTP ANTOLOGIA https://www.youtube.com/watch?v=8L6NXRUG8M&INDEX=174&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER

2014 LER AÇORES #38 https://www.youtube.com/watch?v=V5SQCPJIRP8&INDEX=175&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER

2010 RTP 13º COLÓQUIO EM FLORIPA https://www.youtube.com/watch?v=A--32HD0QA&T=0S&INDEX=274&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER

2011 RTP ANTOLOGIA 16º VILA DO PORTO https://www.youtube.com/watch?v=UBORWMMU0CYG&T=1S&INDEX=259&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKER

- SÓCIO FUNDADOR DA AICL

- PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

- É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL

- PRESIDE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU EM 28 COLÓQUIOS, POR DOENÇA ESTEVE AUSENTE DO 29º BELMONTE 2018. REGRESSOU NO 30º MADALENA DO PICO 2018

42. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, AÇORES.

Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco nasceu em Ponta Delgada, São Miguel - Açores, em 1965.

Completoou os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde estagiou e leciona há trinta anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região, entre a crónica, o conto e a escrita memorialística.

Sócia do Instituto Cultural de Ponta Delgada, tem também publicados, na *Insulana*, revista desse Instituto, excertos do seu Diário, cujo 1º volume foi editado em março de 2017, com Prefácio de Onésimo Almeida, numa edição das Letras Lavadas, e vai na segunda edição.

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – projeto que resultou da sua coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas Almeida.

Dois anos depois, publicou, juntamente com o marido, o fotógrafo José Franco, o livro *Sentir(es) a Preto e Branco*, uma simbiose de texto com fotografia. No âmbito da atividade da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental, de que é vice-presidente, coordenou, em conjunto com dois outros membros da Direção, a publicação do Livro *Memórias do Nosso Liceu*, que foi apresentado na Casa dos Açores em Lisboa. Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.

Colaborou em *O Livro da Amizade*, que saiu em outubro de 2018, um projeto do Poeta João Carlos Abreu que reúne textos de autores madeirenses e açorianos.

Participou, ainda, na obra *Açores-Porto Alegre: Contistas Geminados II*, um projeto luso brasileiro que veio a lume em novembro de 2018, na Feira do Livro de Porto Alegre, com organização de António Soares, Eduardo Coelho e Sergius Gonzaga.



27º BELMONTE 2017



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



17º Lagoa 2012



30º PICO 2018



17º Lagoa 2012

TEMA 4.1. HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS - O som e o silêncio TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

O trabalho terá três aspetos essenciais.

- 1- um breve percurso do Eduíno, com base em leitura minha, mas sobretudo nas muitas conversas que tenho com ele;
- 2- uma abordagem da sua poesia, especialmente no que toca ao " som e ao silêncio" e a importância que a palavra tem para ele
- 3- a minha homenagem pessoal ao mestre.

É SÓCIA DA AICL.

PARTICIPOU EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018

43. NATÁLIA NEVES, PORTUGAL, PRESENCIAL

PARTICIPA PELA SEGUNDA VEZ APÓS TER ESTADO EM BRAGANÇA 2005 NO 4º COLÓQUIO

44. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, TERCEIRA, PRESENCIAL



24º Graciosa 2015



19º MAIA 2013



20º Seia 2013



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



21º MOINHOS 2014



22º Seia 2014

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936.

De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a Universidade do Teatro das Nações.

Criou e dirigiu a Revista Teatro em Movimento (Lisboa, 1973-75).

Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo.

Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de Fila 1. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea Algum Teatro (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu / - oficinadescrita@gmail.com



26º LOMBA DA MAIA 2016



26º LOMBA 2016



28º STA MARIA 2017



25º Montalegre 2016

Bibliografia

1960, O Homem que Caminhava sobre as Ondas. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. Ed autor, Lisboa.

1962 O Labirinto, inédito

1962, O Servidor da Humanidade. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama,

1965, A Pulga, inédito

1965, A Ilha do Rei Sono. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães,

1965 Magnífico I, inédito

1966, As Histórias de Hakim (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça

1966, A Descida aos Infernos. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP

1968, As Histórias de Hakim. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.

1972, A ilha do rei Sono, Lisboa, Plátano Ed

1972, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto".

1975, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos "50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores" Repertório da SPA.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- 1976, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos "50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores" Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora
- 1977, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.
- 1977, in Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975, coord de Pedro da Silveira, Ed Sá da Costa.
- 1977, O Rosto Levantado (1977 e 1978). 1ª ed. em Algum Teatro, IN-CM, Lisboa, 2009.
- 1977, A ilha do rei Sono, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano Ed
- 1978, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto".
- 1979, O Pavilhão dos Sonhos, inédito
- 1980, Viagem a Damasco, Ed SREC, Angra do Heroísmo,
- 1988 Os Deserdados da Pátria, 1ª versão, inédito
- 1982, Do Desencanto à Revolta.
- 1983, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. "Prémio à Publicação", da Associação Portuguesa de Escritores.
- 1983, A Paixão Segundo João Mateus, Angra, Ed SREC
- 1985, D. João no Jardim das Delícias (1985).
- 1986, Magalona, Princesa de Nápoles
- 1986, Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85/86, WLB, 1986 –
- 1987, D. João no Jardim das Delícias. Ed. Rolim, Lisboa,
- 1988, Viagem a Damasco. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.
- 1988, D. João no Jardim das Delícias, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
- 1988 Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta
- 1988, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 1989, O Marido Ausente. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, As Viagens de Henrique Lusitano (1989).
- 1990, Viagem a Damasco, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.
- 1990, As Viagens de Henrique Lusitano. Edição SPA, Lisboa,
- 1990, A Donzela das Cinzas (1990).
- 1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Angra, SREC
- 1990, Uma Nuvem sobre a Cama (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1990, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,
- 1990, A Donzela das Cinzas. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.
- 1991, As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas), Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas
- 1991, Uma Nuvem sobre a Cama. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.
- 1991-1993, O Marido Ausente. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países.
- 1992, A Donzela das Cinzas (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992
- 1992, Arlequim nas Ruínas de Lisboa. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Ed Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,
- 1992, As Fajãs de São Jorge, Álbum. Fotografia e texto. ed. Câmara Municipal, da Calheta, São Jorge, Açores,
- 1993, No Mais Profundo das Águas, romance.
- 1993, Os Doze Mandamentos (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1994, Os Doze Mandamentos. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1995, Fortunato e TV Glória.
- 1996, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto". Estreada pelo Teatro "A Oficina", Guimarães.
- 1996, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,
- 1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, ed. Colibri
1997. Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, ed. Colibri

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- 1997, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro "A Oficina", Guimarães
1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)
1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,
1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra
1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. ed. autor, Lisboa,
1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfarelos,
2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. Ed Novo Imbondeiro, Lisboa
2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas
2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, As Suaves Luvas de Londres, ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,
2003, Frente à Cortina de Enganos, romance. Inédito
2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.
2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,
2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008.
2008, Memórias de Petrólio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.
2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol. LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)
2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa,
2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora
2009, Algum Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,
2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011
2013. Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
2013. Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal
2014. Algum teatro na internet, in Atas do 22º colóquio da lusofonia

POEMA "DECLARAÇÃO" - [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G8-FIFRK2SS&INDEX=148&LIST=PLWJURYUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=G8-FIFRK2SS&INDEX=148&LIST=PLWJURYUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #16 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/870/CADERNO-16-NORBERTO-AVILA-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/870/CADERNO-16-NORBERTO-AVILA-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF)

SUPLEMENTO #16 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\(E-SUPLEMENTOS\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/801/SUPLEMENTO-16-NORBERTO-AVILA-II.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-(E-SUPLEMENTOS)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/801/SUPLEMENTO-16-NORBERTO-AVILA-II.PDF)

VER VÍDEO HOMENAGEM 2016 AICL [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EXKCPMPJBW&FEATURE=YOUTU.BE](https://www.youtube.com/watch?v=EXKCPMPJBW&FEATURE=YOUTU.BE)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EXKCPMPJBW&T=6S&LIST=PLWJURYUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=88](https://www.youtube.com/watch?v=EXKCPMPJBW&T=6S&LIST=PLWJURYUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=88)

HOMENAGEM A NORBERTO EM 2016 NA EBI MAIA [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q_MGR1DPUAI&T=0S&LIST=PLWJURYUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=72](https://www.youtube.com/watch?v=Q_MGR1DPUAI&T=0S&LIST=PLWJURYUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=72)

VER VÍDEO HOMENAGEM AICL 2015 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/VIDEO-HOMENAGENS-AICL/2074-HOMENAGEM-AICL-A-NORBERTO-%C3%A1VILA-2015.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/video-homenagens-aicl/2074-homenagem-aicl-a-norberto-%C3%A1vila-2015.html)

É SÓCIO AICL.

FOI AUTOR HOMENAGEADO EM 2016, NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE E EM BELMONTE 2018.

PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018

45. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES

Pedro Paulo Câmara, licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Curso de Especialização em Estudos Interculturais – Dinâmicas Insulares, também pela Universidade dos Açores, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação-Circum Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação; Portefólio Reflexivo de Aprendizagem; Cultura, Comunicação e Media; Culturas de Urbanismo e Mobilidade; Língua Estrangeira-Inglês (Iniciação e Continuação) e Aprender com Autonomia.



30º MADALENA DO PICO 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018



26º LOMBA DA MAIA 2016



29º BELMONTE 2018



27º Belmonte 2017



27º BELMONTE 2017

Neste momento, é, também, mestrando do Curso de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares, sendo já detentor de Pós-Graduação. É autor das obras *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), *Na Casa do Homem Sem Voz* (Poesia, 2016), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas em *Luz de Natal*, da Editora Sui Generis.

Participou, anteriormente, na coletânea *Entre o Sono e o Sonho*, da Chiado Editora, em 2013, em *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional, em 2015, em *Coletânea Literária I* da Academia de Letras e Artes de Portugal e em *O Livro da Amizade*, uma obra que visa promover a aproximação literária entre os Arquipélagos da Madeira e Açores.

Em 2019 publicará a sua próxima obra a título individual.

É culturalmente bastante ativo, tendo dinamizado diversos encontros literários e conversas literárias dentro e fora da Região Autónoma dos Açores. Apresentou, ainda, diversas obras de escritores regionais e nacionais e é autor de diversos prefácios, sendo que é frequentemente convidado para realizar palestras em escolas.

Durante o período da sua existência, foi colaborador da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Foi, em 2014, colaborador do magazine local *O Poente* e, nos anos de 2015 e 2016, o coordenador dos saraus poéticos "Vozes de Lava".

Ainda no que diz respeito a revistas, em 2017 foi convidado a participar na revista *Sem Equívocos*, e, ainda, em 2017, assinou uma crónica quinzenal na *Bird Magazine*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto "Madrugadas", pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela MiratecArts, com o conto *(Re)Descobrir Açores*, sendo que, desde então, colaborou na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e tem participado em diversos eventos do mesmo.

Em 2018, foi o vencedor do Concurso Literário "Até que a Vida nos Separe", promovido pela editora Papel d'Arroz, com o conto "Não te quero Assim".

Em 2016 foi reconhecido pela Junta de Freguesia de Ginetes, na Gala "Prémios Evidência", na categoria Arte, com atribuição de Troféu, em reconhecimento pelo "importante contributo na dinamização cultural e promoção cultural local e regional".

Em 2016, recebeu, ainda, a distinção Cruz de São Jorge – 3ª classe – Bronze, do Corpo Nacional de Escutas, em reconhecimento pelos serviços prestados.

É, desde 1993, membro do Agrupamento 1065 – São Sebastião, do Corpo Nacional de Escutas, tendo assumido, em 2015, as funções de Chefe de Agrupamento.

Foi, em 2017, representante, em São Miguel, da Chiado Editora.

Desde 2015, é membro da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, tendo sido em 2017, secretário do Conselho Fiscal. Em 2018 passou a assumir funções de Adjunto da Direção, tendo apresentado, já, diversas comunicações nos Colóquios organizados pela Associação.

É, desde julho de 2017, Académico Correspondente da Academia de Letras e Artes de Portugal, vulgo ALA, com sede em Cascais.

É, desde janeiro de 2018, Académico da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas.

Em agosto de 2018 foi nomeado adjunto da Direção da AICL.

TEMA 1.4. Êxodo: uma aventura sem precedentes" Pedro Paulo Câmara

A história literária da *Sagrada Escritura* é árdua de aclarar por razões diversas. Se, por um lado, os livros que a compõem são o resultado do génio criativo ou reprodutivo de mais do que um escriba ou contador de histórias, por outro lado, assume-se que a sua constituição, construída por partes de um mesmo todo, unificado, terá demorado, em alguns casos, anos, décadas ou até mesmo séculos, tendo sido as composições em questão submetidas a diversas revisões, acrescentos e exclusões. Não é possível olvidar que antes de se transformarem em documentos escritos, estes textos eram transmitidos por via oral, sujeitos, claro está, a influências, mutações e à subjetividade inerente a cada indivíduo.

Os livros que constituem a *Bíblia*, independentemente do seu cunho poético, pedagógico, profético ou sapiencial, têm particularidades e pertinência histórica: cada documento é condicionado pela linguagem; pela época; pelo espaço, pela cultura de origem em que foi escrito; pela etnia de quem o escreveu e ainda pela boca ou mão ou pensamento e visão do mundo individual de cada interveniente na sua concretização oral e manuscrita efetiva. Encarando o *Êxodo* como obra literária, será que o mesmo poderá ser considerado como literatura de viagens?

Esta é a questão sobre a qual nos debruçaremos e a que pretendemos dar resposta. É narrada uma viagem, de facto. Existe um *tempo* definido e existe um *espaço* (ou espaços) concreto(s).

Existe um *herói* solitário que avança rumo ao desconhecido, mas que não caminha só. Existem as *provações*, o *Eu* e o confronto com o *Outro* e com os *Outros*.

Mas será isso suficiente? Significará a presença destes elementos que a obra em questão seja exemplo deste género literário?

CÂNTICO DE MOISÉS⁵⁶

“Cantemos ao Senhor, que é solenemente grande;

precipitou no mar o cavalo e o cavaleiro.

O Senhor é a minha força e a minha glória,

foi Ele quem me salvou.

Ele é o meu Deus, glorificá-Lo-ei;

É o Deus de meu pai, louvá-Lo-ei.

O Senhor é quem dirige as batalhas:

Javé é o seu nome!

Precipitou no mar os carros do faraó e o seu exército;

os seus melhores combatentes

afogaram-se no Mar Vermelho.

O abismo fechou-se sobre eles;

Caíram no fundo do pélagos como uma pedra.

A Tua direita, Senhor revelou a Sua força;

A Tua direita, Senhor, destroçou o inimigo.

Com a plenitude da Tua majestade

Derrubaste os Teus adversários;

desencadeaste a Tua cólera.

E ela devorou-os como palha.

Ao sopro da Tua ira

Amontoara-se as águas.

⁵⁶ Êxodo (15: 1-11)

As ondas ergueram-se como uma barreira.
As vagas solidificaram-se no meio do mar.
O inimigo dizia:
Corramos, alcancemo-lo! Repartamos os despojos!
A minha alma saciar-se-á!
Desembainhemos a espada,
que a minha mão os extermine!
Mandaste o teu sopro.
O oceano engoliu-os:
Afundaram-se como o chumbo
Nas águas majestosas.
Quem entre os deuses é como Tu, Senhor?⁵⁷
[...]

A análise do *Êxodo* poderá ser promotora de uma jornada interior, período de morosa e conflituosa introspeção, e geradora de diversas e recorrentes sensações de conhecimento e desconhecimento, tanto no que diz respeito ao narrado, como no que concerne aos fundamentos ideológicos de cada um. Na realidade, o leitor, no decurso da leitura, desfruta da possibilidade de acompanhar Moisés na sua luta pela sobrevivência pessoal e coletiva; o leitor poderá participar, de perto, na fuga do **Egito**, arregaçando a sua quimérica túnica legitimamente encorajado por um exercício de suspensão voluntária da descrença, e atravessar, como outros tantos, a pé enxuto, o Mar Vermelho; o leitor terá a oportunidade de cruzar desertos e esperar que o Maná caia do céu; terá a oportunidade de espreitar Moisés e a sua conversa íntima com Deus no Monte Sinai, de acompanhá-lo na apresentação das Tábuas da Lei e de assistir à morte dos adoradores de outros deuses que não o seu e de outros símbolos. É possível, pois, presenciar a solidificação do seu povo. É possível, ainda, estar presente e sentir-se membro ativo, não só de tal comunidade, mas de tal jornada.

A história literária da *Sagrada Escritura* é árdua de aclarar por razões diversas. Se, por um lado, os livros que a compõem são o resultado do génio criativo ou reprodutivo de mais de um escriba ou contador de história(s), por outro lado assume-se que a sua constituição, enquanto parte(s) de um todo, demorou, em alguns casos, décadas, anos ou, até mesmo, séculos, tendo sido as composições em questão submetidas a diversas revisões, acrescentos e exclusões. Não é possível olvidar que antes de se transformarem em documentos escritos, estes textos eram transmitidos por via oral, sujeitos, claro está, a influências, mutações e à subjetividade inerente a cada indivíduo.

Os livros que constituem a *Bíblia*, independentemente do seu cunho poético, pedagógico, profético ou sapiencial, têm particularidades e pertinência histórica: cada documento é condicionado pela linguagem; pela época; pelo espaço, pela cultura de origem em que foi escrito; pela etnia de quem o escreveu e ainda pela boca/mão/pensamento e visão do mundo individual de cada interveniente na sua concretização manuscrita efetiva, editado conforme os tempos e o propósito. Encarando o *Êxodo* como obra literária, será que o mesmo poderá ser considerado como literatura de viagens? Esta

⁵⁷ Este salmo exodiano poetizado apresenta um louvor ao Deus do povo hebreu, a encerrar o drama da saída do Egito.

é a questão sobre a qual nos debruçaremos e a que pretendemos dar resposta. É narrada uma viagem, de facto. Existe um tempo definido e existe um espaço (ou espaços) concreto(s). Existe um *herói* solitário que avança rumo ao desconhecido, mas que não caminha só. Existem as *provações*, o *Eu* e o confronto com o *Outro* e com os *Outros*. Mas será isso suficiente? Significará a presença destes elementos que a obra em questão seja exemplo deste género literário?

Os peregrinos companheiros de Moisés encetaram, empiricamente ou metaforicamente, uma caminhada. Tenha sido esta jornada real ou puramente ficcional, certo é que o livro do *Êxodo*, elemento cativo da categoria dos livros históricos⁵⁸, apresenta ao leitor, crente ou descrente, a fuga do «Povo Eleito», o Povo Hebreu, da opressão infligida pelos faraós do Egito. O *Êxodo*, tal como os restantes quatro livros do Pentateuco, *Génese*; *Levítico*; *Números* e *Deuteronómio*, é tradicionalmente atribuído a Moisés, não porque tenha sido ele, necessariamente, a redigir os textos, mas, porque, sendo estes um conjunto intrincado, é a sua personagem principal e por ter sido ele o promotor da fundação de uma edificada comunidade livre, responsável por pelo estabelecimento das suas leis e pela união deste foragido povo de fé, por vezes abalável, a

“Javé! Javé! Deus misericordioso e clemente, vagaroso em encolerizar-se, cheio de bondade e fidelidade, que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não confunde o culpado com o inocente, e pune o crime dos pais nos filhos, e nos filhos dos seus filhos até à terceira e à quarta geração” (Êxodo, 34: 6-8).

Hoje em dia, em virtude da globalização e do cultivo de uma política internacional de dissipação de fronteiras (se não forem tidos em conta alguns movimentos nacionalistas extremistas), entende-se que a temática da migração é uma realidade efetiva, tal como o é a crise de refugiados que assola o planeta. A existência de êxodos, migrações e emigrações é inerente à própria condição humana e alicerça a sua existência; todavia, ou por esse mesmo facto, é possível considerar que a obra em análise foi pioneira na abordagem da mobilidade como tema literário. Atente-se, então, à partida, no título atribuído ao livro e que poderá ser tido como um, *a priori*, indicador de se tratar efetivamente de literatura de viagens: *Êxodo*.

De acordo com Machado, o vocábulo deriva do latim tardio *exōdu* e do grego *ξοδοσ*, composto de *ξ* "fora" e *δός* "via, caminho", e significa "saída", "passagem" (1977: 731). Assim sendo, o título expõe o tema central do texto: a fuga do Egito e consequente travessia do Mar Vermelho, em direção à idílica Terra Prometida. No seguimento do supra manifestado, as referências espaciais são uma constante do relato bíblico⁵⁹. Segundo os escritos, os israelitas trabalham na construção das cidades egípcias de *Pitom* e *Ramsés*, que consistiram em serem utilizadas como locais para armazenamento de cereais, localizadas na fronteira oriental do Delta do Nilo. Após o faraó ter assentido à partida do povo de Israel, este estabelece acampamento em *Sucot* e, dali, caminha até *Etam*, no limite do deserto, onde acampa (Ex. 13:17-20). *Sucot* apresentava-se a um dia de jornada de *Etam*, que se acredita que se estende ao longo do flanco Norte da Península do Sinai.

58 Os livros, tanto do Velho Testamento, como do Novo Testamento, agrupam-se em três categorias distintas, de acordo com o género literário que neles predomina: históricos, didáticos e proféticos.

59 cf. *Números*, capítulo 33 e *Jeremias*, capítulo 44, presentes no *Antigo Testamento*. Ambos os textos facultam maior credibilidade ao texto do *Êxodo*, por apresentarem alguns dos mesmos locais, corroborando o percurso e a existência da viagem propriamente dita, oferecendo, ainda, dados adicionais no que diz respeito à duração das deslocações entre lugares, a acontecimentos ocorridos e outros detalhes de cariz histórico. cf., também, com, por exemplo, o *Deuteronómio*, onde ocorre uma retrospectiva da batalha com os Amalequitas, após o êxodo, ou com o *Levítico*, no qual se efetuam referências à vivência do povo hebreu no Egito e peregrinação para Canaã.

O capítulo 14 do livro do Êxodo inicia-se com uma evidente diretriz de Deus. É ordenado a Moisés que o povo mude de direção para que o faraó pense que está à deriva, perdido e errante. Aceitando as disposições impostas pela entidade divina, os hebreus mudam de rota e alojam-se diante de *Pi-Hahirote*, cuja localização atual é desconhecida, entre *Migdol* e "o mar", à vista de *Baalcefôn* (Ex. 14:1-3). Supõe-se que *Migdol* seja a pronúncia egípcia do hebraico *mighdal*, que significa "torre", devendo referir-se a um posto militar ou torre de vigia na fronteira egípcia. Que uma determinada característica morfológica ou física de um espaço se transforme em topónimo é assaz comum.

Nesta circunstância, ao verificar que os hebreus escapam, o faraó aperceber-se-á, de forma mais evidente e objetiva, do vazio que a ausência dos escravos provocaria e das repercussões que isso traria para o seu reino e para a execução dos possíveis projetos, concretizados através de mão-de-obra gratuita e explorada. De orgulho ferido e com uma imagem social fragilizada, recua na sua decisão e decide persegui-los. Desta forma, de modo a escapar à perseguição e morte quase certa, ocorre o que poderá ser considerado um dos mais surpreendentes momentos da narrativa: seguindo a orientação de Deus, Moisés *"ergue[u] a [sua] vara, estende[u] a [sua] mão sobre o mar e divid[iu]-o para que os filhos de Israel p[udessem] atravessá-lo a pé enxuto"* (Ex. 14:15-16). Este acontecimento reveste-se de uma importância antagónica para cada um dos povos intervenientes, já que, como afirmaria Nunes Carreira, *"[s]e para os Egípcios o episódio do Mar das Canas foi um incidente desprezível, outro tanto não se pode afirmar em relação aos Hebreus. Para estes foi a consumação da liberdade"* (Carreira, 1985:87).

No livro, credível e incrível caminham lado a lado. Se, por um lado, temos a referência a um local determinado e histórico, por outro temos a narração ficcionada desse mesmo espaço e do que aí ocorreu. Devemos salientar, porém, que a *"narrativa cresce em amplitude barroca. Na versão mais antiga não havia passagem do mar"* (1985: 87), pelo que se depreende que o episódio em questão foi acrescentado de forma a servir aos propósitos dos escritores bíblicos.

Como podemos constatar, as indicações geográficas são constantes e meticulosas. Os livros bíblicos não podem ser lidos e entendidos, porém, de forma isolada, pelo que só fazem sentido como um todo: indivisível e complementar⁶⁰. Assim sendo, ainda fazendo parte do *Pentateuco*, o livro dos *Números* adjuca credibilidade ao relato exodiano, tal como podemos verificar no capítulo 33, intitulado *"Itinerário dos Israelitas durante a sua Viagem"*:

*"[...] São as seguintes essas paragens e partidas: partiram de Ramessés no décimo quinto dia do primeiro mês; no dia seguinte à Páscoa, os filhos de Israel saíram triunfantes [...]. Partindo de Ramessés, os filhos de Israel pararam em Sucot. Tornaram a partir de Sucot e acamparam em Etam, desviando-se para Pi-Hairot, que fica em rente a Baal-Sefon, e acamparam diante de Migdol [...]"*⁶¹ (Nm. 33: 2-7).

Embora a localização de muitos dos locais mencionados seja difícil de comprovar na atualidade, assume-se que alguns tenham existido porque estão diretamente ligados à tradição oral dos povos da região e às raízes ancestrais dos mesmos. Esta dificuldade em identificar os locais mencionados, ou em encontrar as mesmas referências toponomásticas, no presente, poderá ter, na sua origem, diversas justificações: terem sido totalmente ficcionados; terem sido consumidos devido à volatilidade do espaço circundante - engolidos pelo deserto -; terem desaparecido por motivos históricos ou terem, simplesmente, ainda, sofrido alguma alteração toponímica.

⁶⁰ O êxodo é uma continuação do relato do livro dos génesis já que torna a listar os nomes dos filhos de Jacob, conforme tirados do registo mais completo de génesis (gn. 46:8-27). Em hebraico, o êxodo é chamado de *we'él-leh shemóhth*, que significa "ora, estes são os nomes", ou, simplesmente, *shemóhth*, "nomes", segundo as suas palavras iniciais. Mais, muito do conteúdo relatado no êxodo é recuperado em outros livros bíblicos.

⁶¹ nessa enumeração figuram 40 estações, excluídos os pontos de partida e de chegada.

A rota exata do êxodo reclama ainda de total comprovação arqueológica, pelo que as vozes e as perspectivas são discordantes. Se uns acreditam sem questionar, outros há que apontam um trajeto mais plausível do que aquele que nos é apresentado no relato sagrado, e outros há, ainda, que questionam, até, a existência do êxodo bíblico. Repare-se, todavia, que analisar as provas arqueológicas deste movimento migratório não é a missão deste documento. Considerando que, através da aplicação de uma matemática bíblica, os eventos narrados no Êxodo ocorreram há cerca de 3.500 anos, existe uma quantidade surpreendente de evidências arqueológicas e outras manifestações externas que atestam a possível veracidade do registo: foram encontrados tijolos feitos com e sem palha, ao longo de diferentes espaços do trajeto enunciado; documentos e monumentos mostram que os faraós dirigiam pessoalmente os seus condutores de carro de guerra para as batalhas (tal como o faz o faraó que persegue o povo hebreu); as águas do Nilo eram utilizadas para banhos, o que poderá justificar a filha do Faraó encontrar Moisés; os nomes egípcios são usados corretamente e os títulos mencionados correspondem às inscrições egípcias; o relato da construção do tabernáculo nas planícies diante do Sinai enquadra-se nas condições locais, seja pela estrutura, seja pelos materiais utilizados, entre outros aspetos.

Atentemos, a título de exemplo, numa das últimas descobertas arqueológicas do ano de 2007, nas ruínas da cidade de Rehov. Durante algum tempo, pensou-se que a alusão a uma terra de onde manasse leite e mel, para onde Deus havia prometido levar o seu povo, seria apenas uma figuração, uma metáfora de uma terra rica em paz e harmonia, liberta do pecado e plena em abundância. Certo é que, na cidade acima mencionada foram encontradas colmeias praticamente intactas, afirmando Amihai Mazar, membro da Universidade Hebraica de Jerusalém que esta “*é uma evidência sem precedentes da existência de apicultura avançada na Terra Santa em Tempos Bíblicos*” (Associated Press, 2007). A descoberta, solidificada pela consciência de que o mel teria aplicações religiosas, medicinais e também alimentares, poderá querer dizer-nos que, afinal, a alusão a esta terra não era uma metáfora, mas sim a referência indireta a um local real.

Assim sendo, tanto nos nomes, costumes, religião, lugares, geografia, ou nos materiais, as manifestações externas aglomeradas asseveraram o relato inspirado no Êxodo. Impõe-se, então, uma nova questão. Se o êxodo, de facto, existiu, por que razão os escritos egípcios não lhe fazem qualquer tipo de referência? A explicação, como alguns estudiosos indicam, será elementar.

De acordo com José Nunes Carreira, a partida dos Hebreus

“não ficou nos anais do Egito, como a saída de Abraão não deixou rasto nos relatos mesopotâmicos. Acontecimentos deste género eram pouco significativos para as superpotências da época. Migrações sempre as houvera e era muito mais agradável exaltar nos arquivos reais grandes vitórias do que registar um fracasso, mesmo de proporções modestas” (1985:87).

A verdade é que literatura poderá não se reduzir, apenas, à sua função de deleitar. Esta consegue extravasar as suas barreiras e adotar funções a diversos níveis, até terapêuticas e introspectivas. Na realidade, “*a literatura [...] ao longo dos tempos tornou-[se] num lugar preferencial para a tradução das relações perturbadas do homem com o seu mundo*” (Seruya, 2005: 81). E, no caso do Êxodo, também servirá para traduzir as relações complexas e difusas entre Moisés e o seu Deus.

Os 40 anos de serviço de Moisés como pastor, sob a orientação do seu sogro Jetro, familiarizaram-no com as condições de vida daquela região, bem como com os locais de obtenção de água e alimento, tornando-o, assim, habilitado para liderar o êxodo. Contudo, Moisés não se apresentava preparado psicologicamente e espiritualmente para o desafio que se adivinhava, nem consciente da pertinência do mesmo.

Moisés, no confronto com um *Outro* pseudofamiliar⁶²; no choque com um Deus intimidante e simultaneamente cativante, como é perceptível pelas reações que a personagem desenvolve e pelas emoções que transparecem nos seus atos; na colisão com os seus próprios temores; no duelo com uma missão imposta e na rutura com um estilo de vida tranquilo⁶³, descobre-se e encontra-se.

Recorrentemente, ao longo da sua existência, Moisés sentiu a necessidade de se readaptar, reintegrar e recomeçar. Moisés cresceu, característica essencial de personagem modelada, e “[o] viajante sai do mundo real para entrar num espaço outro em que ele se vê forçado a enfrentar e assumir a alteridade para levar a viagem até ao fim” (Júdice, 1997: 625). Moisés deixa de ser ele um homem simples para ser a voz e a mão do seu Deus; o pastor de ovelhas renasce como o herói de um povo.

Consideramos que este embaixador do Deus Judaico-Cristão, apascentador e condutor de homens, não seria, apenas, dono de uma única missão, mas de várias: ser um mensageiro do ente divinal, num determinado tempo, num determinado espaço; ser o libertador do Povo de Israel e evoluir como homem e como crente. Pela análise dos textos, é evidente que não consistiu numa opção pessoal e insana regressar ao Egito, a fim de libertar os escravos e que não foi, tampouco, o agrado, igualmente, pelo desconhecido que o moveu. Não foi a curiosidade, nem a busca de aventura que o impeliu. Nem o ódio aos egípcios. Os motivos que o agitaram e que o impulsionaram foram outros. Por um amor incondicional, Moisés ganhou um potencial ilimitado.

Nas palavras de Zun Tsu⁶⁴

“Aquele que avança⁶⁵
Sem procurar
A fama,
Que recua
Sem afastar
Responsabilidades,
Aquele cujo único objetivo é
Proteger o seu povo
E servir o seu senhor,

62 Um *Outro* pseudofamiliar: os Hebreus e os Egípcios. Isto porque, tendo Moisés nascido hebreu, foi educado e criado como sendo um filho do Egito. Moisés foi encontrado nas margens do Rio pela filha do Faraó, tendo decidido esta poupá-lo e acolhê-lo. “Um homem da casa de Levi tomou para mulher uma filha de Levi. Essa mulher concebeu e deu à luz um filho. Vendo que era belo, ocultou-o durante três meses. Como não podia tê-lo escondido mais tempo, tomou um cesto de junco, envolveu-o em betume e pez, colocou nele o menino, e depositou-o num canal da margem do rio. A irmã do menino mantinha-se a certa distância, para saber o que lhe sucederia. Ora, a filha do Faraó desceu ao rio para se banhar, enquanto as suas damas passeavam pela margem. Avistou o cesto e mandou buscá-lo pela sua serva. Abriu-o e viu a criança: era um menino a chorar. Teve pena dele e disse: «É um filho dos hebreus». [...] Quando cresceu, entregou-o à filha do Faraó, que o adotou e lhe deu o nome de Moisés, dizendo: «Por que o tirei das águas». (Ex. 2: 1-10). Contudo, as origens hebraicas de Moisés impeliram-no a defender um escravo hebreu, suscitando um conflito de identidade.

63 Por duas vezes a rotina de vida de Moisés foi profundamente abalada. Enquanto homem livre, vivia na corte do faraó, como membro da família; contudo, ao ver um egípcio açoitando um hebreu incorre em defesa deste último, acabando por desferir um golpe fatal ao egípcio. Ao receber ordem de prisão, foge para Madian (Cf. Ex. 2: 11-15). Ali acaba por casar com Séfora, filha do sacerdote de Madian, e vive como pastor durante largos anos, até que, no Horeb, sem pré-aviso, lhe aparece um Anjo do Senhor, no meio de uma sarça-ardente e que lhe confere a missão, em nome de Deus, de libertar o povo hebreu da escravidão (Cf. Ex. 3: 1-11).

64 Sun Tzu viveu no século IV AC. General chinês, de Wu, é considerado um dos maiores estrategas militares de sempre. Como escritor, ficou conhecido pela sua obra *A Arte da Guerra*, uma das primeiras obras sobre teoria e táticas militares.

65 Manteve-se o formato original do texto.

*Este homem é
A Joia do Reino”
(Sun Tzu, 2008:66).*

Moisés foi a pedra preciosa que se poliu ao longo do caminho, investido herói, sem honra buscar, santificado, que se entregou ao serviço de outro ser humano que não ele mesmo.

O Padre António Vieira não resistiu ao ímpeto da pregação e ao chamamento do Brasil. Fernão Mendes Pinto não vacilou e partiu rumo ao desconhecido, vivenciando e vivificando o Oriente. Ulisses procede de forma a recuperar a esposa e o trono. Eneias não hesita e, avançando, funda um novo reino. Moisés distancia-se de todos estes viajantes, sem perder a essência do ímpeto da viagem, pois o seu percurso é original. Ele ouviu o desafio do seu Deus, enfrentou o poderio do Egito e partiu, liderando um povo escravizado, em direção a uma tão esperada *“terra de leite e mel”* (Ex. 3: 8).

Tal como é defendido pelo Budismo⁶⁶, *“é mais forte o homem que se vence a si próprio do que o que vence mil homens em combate”* (Nova Acrópole). A história deste hebreu, adotado pela casa real egípcia, que se transforma em pastor e que assume, posteriormente, a liderança de uma multidão, é demasiado poderosa para ser interpretada somente à luz de um único credo, ou, viver ofuscada por uma determinada ideologia ou crença. Não fosse o Budismo posterior aos acontecimentos narrados no Êxodo, esta filosofia poderia facilmente ter-se inspirado no herói em questão. A história de Moisés é a história de cada um: as dúvidas existenciais; as inquietudes, as oscilações, a resistência, a relutância, os desafios superados, os atos falhados.

Creemos que, de facto, o indivíduo manifestou capacidade superação. A ação é criativa. Sendo pensamento, palavra e ação os três níveis da criação, Moisés articulou-os e empregou-os, ao serviço de Deus, dignificando a sua existência e contribuindo para a salvação dos demais que o acompanhavam. O líder consciencializou-se de que a vida existe como instrumento da sua própria criação e que todos os seus eventos se apresentam como meras, e propícias, oportunidades para cada indivíduo decidir *Ser* e decidir *Quem verdadeiramente É*.

Efetivamente, Moisés não se terá esquecido de *Quem Era* quando se viu rodeado por aquilo que não era, mesmo sem consciência plena do que seria. O que o protagonista individual do Êxodo levou a cabo no momento da sua maior prova acabou por ser o seu maior triunfo. A experiência que criou foi um testemunho de quem era e do *Eu* em que se tinha convertido: Moisés, o herói salvador. Aponta Northrop Frye que

“Dans l’histoire du boisson ardent, une situation d’exploitation et d’injustice exist déjà, et Dieu explique à Moïse qu’il est sur le point de se faire un nom et d’entrer dans l’Histoire dans un rôle extrêmement partisan en se mettant du côté des Hebreux opprimés contre l’establishment égyptien” (Frye, 1988 :172)⁶⁷.

Assim, Deus oferece a Moisés a possibilidade de entrar nos anais da história e desempenhar um papel privilegiado. Consideramos evidente que esta deverá ter sido uma evolução pessoal dolorosa. Mas a dor também desempenha um papel importante na rotina diária do ser humano e no percurso da caminhada. José Júlio Rocha, em *O Teatro da Consciência*, afirma que *“a dor não é só um bem mas uma necessidade fundamental, já que é ela que dá sentido ao absurdo da vida: uma vez que «nada se perde», toda a enxurrada de dor que a terra produz não tem uma dimensão apenas horizontal mas é o fio condutor que liga os homens a Deus”* (Rocha, 2006: 279). Na realidade, torna-se necessário tomar contacto com a vertente menos positiva da vida, impõe-se que se saboreie a tristeza, o sofrimento e a dúvida, a fim de que se possa atribuir valor aos aspetos positivos da existência.

⁶⁶ Budismo: religião e filosofia baseadas nos ensinamentos deixados por Sidarta Gautama. Surgiu no século VI AC, no norte da Índia, atual Nepal.

⁶⁷ Optou-se por manter a versão original do texto.

A religião, e por consequência a fé, são importantes na medida em que ligam o homem ao seu aspeto divino e ao seu poder de construir, passo a passo, o seu próprio destino. Agindo de acordo com as leis cósmicas, o indivíduo que executa a viagem enfrenta os seus desafios diários de forma mais ousada e confiante. Esse sentimento de vazio que o caminhante poderia sentir só poderia ser causado pela sua própria relutância em acreditar. Ao preferir não atestar a sua alma com algo que considera dispensável [a Fé] ou difícil de alimentar e manter, afasta-se da possibilidade de atravessar ou viver a experiência de encontrar algo que o preencha; que o sacie; que o anime.

Sem fé, a Terra Prometida estaria longe, oculta no mais profundo de cada fugitivo. “O território é [...] um lugar antropológico, identitário e simultaneamente relacional e histórico” (Seruya, 2005:82), logo, indispensável. A busca de um espaço seu, e que lhes estava destinado, urgia. Acreditamos que a fuga do Egito foi, em simultâneo, viagem interior e exterior, para cada uma das personagens principais, secundárias ou figurantes. Seria pouco possível, independentemente da idade, do género, da formação, da função social ou da hierarquia, que qualquer viajante se mantivesse indiferente e não vivenciasse essa viagem como um período de crescimento, não só físico, mas também emocional e espiritual.

É necessário manter a noção da carga simbólica da viagem para os cristãos. De acordo com as investigações de Michel Feuilleit, ao interpretar os símbolos cristãos, verifica-se que a ideia de viagem e percurso surgem intimamente ligadas, pois “[n]a cultura Israelita – um povo inicialmente nómada – a noção de caminho é essencial. O caminho em direção a novas pastagens confere uma dimensão sagrada quando o Povo conhece o Êxodo para encontrar a Terra Prometida” (Feuilleit, 2005: 30).

A viagem não corresponde, apenas, a uma translação no espaço. É uma abertura ao desconhecido, um diálogo com o novo, uma oportunidade de mudar, criar, ou recriar algo. O sentido simbólico mais legítimo da viagem é, talvez, o mergulho em si mesmo, a busca incessante, e por vezes infrutífera, de uma essência humana que repousa no mais profundo de cada um. A viagem atinge e assume, assim, o significado de ciclo de formação e busca de esclarecimento. Como expoente de significação máxima, a viagem simbolizará a própria vida, em que tudo é transitório e precário.

No livro, verifica-se uma dupla apresentação de modelos de organização. Do ponto de vista formal, o relato do êxodo é disciplinado e escorreito e o leitor, com relativa facilidade, consegue seguir a sua rota e a sua sequência temporal. Por outro lado, essa rota e esse tempo, nem sempre são exatos⁶⁸. Contudo, se concordarmos com Nuno Júdice, “[d]e modo geral, o texto da viagem é mais curto do que a narrativa ficcional em que o tempo não obedece a uma sequência cronológica linear; e o seu desenvolvimento sobrepõe-se ao percurso geográfico do viajante” (1997: 621).

Podemos argumentar, assim, à semelhança do autor supracitado, que a “narrativa de viagem obedece em geral a um paradigma que decorre de uma estrutura espaciotemporal que se organiza a partir dos seus termos a quo e ad quem: TEMPO: partida – duração – chegada e ESPAÇO: aqui – percurso – além” (1997:621). Transportando este esquema para o Êxodo, é possível alcançar uma perspetiva mais explícita: Tempo da partida? Durante a vida de Moisés, descendente de José. Duração da Viagem? Quarenta anos de caminhada pelo deserto em busca da Terra Prometida e consequente chegada. Aqui? Egito. Percurso? Vales, montes, desertos, ermos e cidades do Oriente Antigo... e o mar. Além? A Terra Prometida.

Mais do que a realidade palpável e as provas empíricas de que Moisés e os seus seguidores encetaram a sua digressão, importa sim a consciencialização do valor implícito da obra no que diz respeito à representação da jornada do ser humano e ao seu cariz literário. Ao hagiógrafo não importava elaborar, somente, um registo espaciotemporal (embora o exista) do percurso da jornada e uma apresentação frívola e escassa dos acontecimentos e contratempos sofridos, nem tão pouco compor uma exposição débil da vivência do povo hebreu sob o jugo egípcio e consequente exposição de motivos para a

⁶⁸ Cf. Mapa do êxodo hebreu (Fonte: Sociedades Bíblicas Unidas) em Anexo 1.

sua libertação. Importava, sim, evidenciar a consolidação da aliança entre Javé e o seu Povo, proporcionando-lhes, através de Moisés, que os conduziu na sua viagem simbólica, o seu crescimento como nação santa e eleita.

Quando Deus decide libertar o povo judeu da escravidão do Egito, promete levá-lo para uma terra favorável e vasta. Ora, tal ideia, desejo e possibilidade de existência, podem ser ampliados e aplicados ao homem contemporâneo. A mensagem implícita da viagem de Moisés é a de que Deus quer afastar o homem da escravidão (seja ela de que género for), libertá-lo da opressão por parte de um *Outro* qualquer, ou da dependência do vício e do pecado, por exemplo, e conduzi-lo ao descanso e à paz, lembrando-o que, à semelhança de Moisés, terá de se sacrificar. No Egito, que representa o mundo conhecido de então, e o mundo mais que conhecido da atualidade, a escravidão é a realidade, daí que se torne imperativo jornadas até um outro lugar.

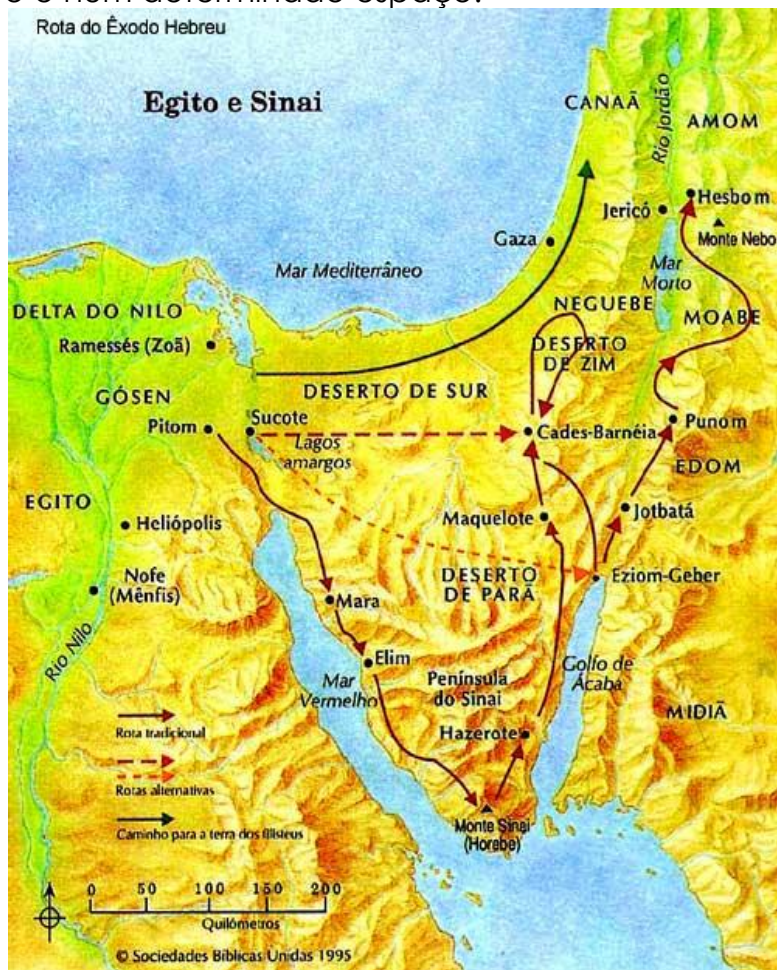
É natural que surjam dúvidas e que se levantem questões quanto à fronteira entre o registo histórico e a ficção. O leitor tende a exigir uma factualidade efetiva e comprovável, pois sente-se estimulado a partir, por conta própria, em direção a essas terras desconhecidas, ou, no mínimo, a abraçar um Mapamundo e a confirmar a sua existência. Sabemos que é tal empreendimento será difícil de concretizar, quer o faça viajando para o Médio Oriente, quer o faça em casa, perscrutando a carta topográfica à luz da lupa. Mais do que dissecar o seu conteúdo, é necessário assentir, também, o valor profético, messiânico e emblemático do Êxodo. Aquele que lê a obra deverá desenvolver o esforço de ter a consciência de que a sua linguagem é idealizada e épico-litúrgica. Invariavelmente, o leitor transporta para o texto tudo quanto é, a sua experiência, a sua cultura e o seu entendimento prévio de palavras e conceitos. Por vezes, aquilo que o leitor carrega, sem o fazer deliberadamente, desencaminha-o ou leva-o a atribuir ao texto ideias que lhe são estranhas.

Os transmissores dos livros sagrados e aqueles que os registaram, da oralidade à escrita, assumiam diferentes papéis, de crentes a historiadores. Aprenderam as histórias que lhes tinham sido contadas, e aos seus congéneres, por outros – os anciãos – de ancião para ancião, deram-lhes continuidade e projeção, até finalmente se obter um registo grafado. O Êxodo é um produto desse processo. E, portanto, mediante o exposto, um produto literário. Quanto à linguagem, ainda, é pertinente referir que, do ponto de vista estilístico, o Êxodo apresenta um conjunto de figuras de linguagem que, enriquecendo o texto, contribuem para que a mensagem a transmitir adquira uma maior expressividade, desde a adjetivação eloquente, à enumeração recorrente ou à repetição. A narrativa, pela existência de frases curtas e demais estratégias discursivas, intercalada pela permanência dos diálogos, estabelece uma relação íntima de proximidade com as narrativas de tradição oral, os contos populares, habilidades estas de comunicação intemporais que contribuem para uma mais eficaz compreensão do indivíduo e das relações que este estabelece ao longo dos tempos.

No conjunto do texto em análise, poder-se-á afirmar que a descrição será a componente que menos destaque alcança, razão explicada por Tamaru, autor que afirma que esta técnica não seria, à partida, uma prioridade e que, apenas, *“pouco a pouco, a descrição torna-se expressiva, pois passa a ser feita em busca da originalidade e da inspiração, pondo a imaginação em conflito com a imitação”*, oferecendo, nos seus trabalhos, os exemplos do que ocorre na *“segunda metade do século XIX, [em que] triunfa o método da observação e da descrição naturalista, que tem o intento de tornar científica a literatura, buscando com as descrições a verosimilhança, a credibilidade e a instrução”* (Tamaru, 1999: 180).

Justifica-se, assim, também, a ausência mais pomenorizada de dados concretos acerca da viagem física encetada. Independentemente de qualquer ideologia religiosa, poder-se-á encarar o Êxodo como uma obra-prima arcaica da Literatura de Viagens. O conflito consigo próprio e com o *Outro* é uma constante antes, durante e após o percurso percorrido, oferecendo ao leitor um relato profundo e emotivo, repleto de detalhe, de todas as façanhas, aventuras e desventuras do herói, Moisés, e do seu povo, os Hebreus, e mesmo os do *Outro*, os Egípcios. O seu conteúdo é *sui generis* e raro. Descreve,

com minúcia suficiente, a geografia, apontando, com detalhe, a toponímia, revelando costumes, credos e tradições destas culturas, num determinado tempo e num determinado espaço.



Anexo 1 (Possível) Rota do Êxodo Hebreu – Fonte: Sociedades Bíblicas Unidas.

Literatura de Viagens será, acima de tudo, um subgénero que reúne relatos que cruzam literatura com história, geografia e antropologia. Não é de essencial pertinência que a viagem do Êxodo não se tenha efetuado empiricamente na íntegra pois, tendo (re)descoberto aquelas terras em plena caminhada, estas foram apresentadas a outros povos e a todas as gerações que se sucederam desde então, tal como foram apresentadas outras maneiras de ser, de estar, de conviver e de acreditar. É comumente aceite que este subgénero literário consiste na apresentação de uma viagem, em que o confronto com regiões e populações que não são as naturais do narrador (no caso do Êxodo pressupõe-se mais do que um narrador), ou da

personagem principal, se constitui como tema central. Mais, a viagem pode dar origem a relatos e descrições mais ou menos objetivas, mas também poderá ser o pretexto para diversas reflexões e discussões acerca de noções como Bem, Mal, Fé, Crescimento Pessoal, entre outros. Assim sendo, é possível declarar que o Êxodo seja, efetivamente, membro cativo de Literatura de Viagens.

Atente-se que, no que concerne à literatura de viagem, afirma Leite que “através do olhar estrangeiro do viajante, une exploração, aventura, aprimoramento e objetividade científica, observação, impressões e representações, constituindo-se um tipo único de escrito” (Leite, 1996: 101). A viagem tem, sempre, duas dimensões essenciais: a realizada num plano físico, por lazer, por motivos profissionais ou pessoais, imposta ou opcional, e a simbólica, na sua multiplicidade de aspetos.

Cada viagem é absorvida a partir de um olhar baseado na convicção de que o povo a que se pertence, com as suas crenças, tradições e valores é um modelo a que tudo deve aludir, como fonte referencial. O *Eu* é o ponto de partida para a descoberta do *Outro* e para a descoberta da diferença cultural. Numa obra que se encaixe em Literatura de Viagens, cada componente é um convite à aceitação de outras atitudes e comportamentos, de outras vivências e realidades, para além dos preconceitos e dos estereótipos criados por cada leitor.

Bibliografia

- VV.AA, Bíblia Sagrada, 9ª Ed., Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1981.
VV.AA, A Bíblia Ilustrada. Porto: Editorial Universo, 1961.
AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de, Teoria da Literatura, 8ª Ed. Coimbra: Almedina, 1988.
CARREIRA, José Nunes, Estudos de Cultura Pré-Clássica. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
DORÉ, Gustave, A Bíblia. Publicações Europa-América. s.d.
FALCÃO, Ana Margarida; NASCIMENTO, Maria Teresa; LEAL, Maria Luísa (Org.), Literatura de Viagem: Narrativa, história, mito. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.
FEUILLET, Michel, Léxico dos Símbolos Cristãos. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2005.
FRYE, Northrop, Le Grand Code de la bible et la littérature. Paris: Éditions du Seuil, 1988.
GAARDER, Jostein, O Mundo de Sofia. Uma aventura na Filosofia. Lisboa: Presença, 1995.
JÚDICE, Nuno, “A viagem entre o real e o maravilhoso” in Literatura de Viagem: história, narrativa, mito. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.
LEITE, Ilka Boaventura, Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Texas: Editora UFMG, 1996.
MACHADO, José Pedro, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 3ª Ed, 1º vol. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, A Gaia Ciência. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, O Anticristo. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.
PEIXOTO, Pe. João da Silva, Catecismo da Igreja Católica (revista por), 2ª Ed. Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1999.
ROCHA, José Júlio Mendes, O Teatro da Consciência, Uma leitura Teológica-Moral da Obra de Raul Brandão. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2006.
SERUYA, Teresa (org.), Literatura e Migração. Lisboa: Departamento de Estudos Germanísticos, Edições Colibri, 2005.
TAMARU, Angela Harumi, “A descrição na literatura e no cinema” in Pro-posições, Vol. 10, Nº 1, 1999, 179-191.
TRESIDDER, Jack, Os símbolos e o seu significado. Singapura: Círculo de Leitores, 2000
TZU, Sun (trad. Ricardo Silva), A Arte da Guerra. Vila Nova de Famalicão: Edições Quási, 2008.

Webgrafia

- Associated Press. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,arqueologos-encontram-colmeias-de-3000-anos-em-israel,46463>. Consultado em: 03 de junho de 2018.
Disponível em: http://nova-acropole.pt/a_sidhartagautama.html. Consultado em: 03 de junho de 2018.
Disponível em: http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/historia/grandes_civilizacoes/os_hebreus/civil_hebreia. Consultado em: 03 de junho de 2018.

SÓCIO DA AICL
- ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL

**- SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL.
- MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA,
FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.
PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, NO 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018 E 30º NA MADALENA DO PICO 2018**

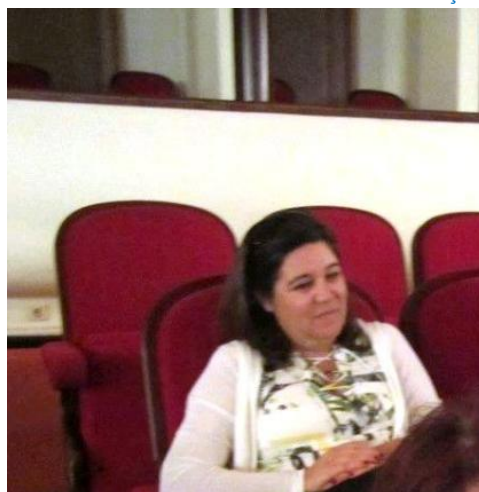
46. PERPÉTUA SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM PORTUGAL



21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO AÇORES 2014



14º BRAGANÇA 2010 15º MACAU 2011



26º LOMBA DA MAIA 2016



24º Graciosa 2015



19º maia 2013

PERPÉTUA SANTOS SILVA Perpétua Santos Silva é Doutorada em Sociologia pelo Instituto Universitários de Lisboa ISCTE-IUL, É membro do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia CIES – IUL

É Professora Adjunta Convidada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Tem realizado investigação sobre a realidade de Macau e participado em várias edições dos Colóquios da Lusofonia, nos quais tem apresentado comunicações com diferentes abordagens à realidade social e linguística da Região Administrativa Especial de Macau.



15º MACAU 2011

18º Galiza 2012

20º Seia 2013

Tema 3.2. “Implicitos sociológicos na obra literária de Henrique de Senna Fernandes” - Perpétua Santos Silva, Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Santarém, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL

A obra de Henrique de Senna Fernandes apresenta-se como uma peça histórico-sociológica, e embora se inscreva num género literário ficcional (conto e romance), oferece uma relação forte com uma representação do mundo social, com uma qualidade descritiva e, mesmo, analítica da relação entre as personagens criadas e os contextos sociais em que se inserem.

Trata-se de uma narrativa “de dentro”, uma escrita “vivida”, de um autor que conheceu os factos, as ações e os contextos por si narrados e que sobre eles refletiu. Henrique de Senna Fernandes fez crítica social sem declarar que a fazia e, acima de tudo, fê-la de uma forma implícita sem se perder em amargos juízos de valor que nalguns aspetos, porventura, a sua história de vida pessoal poderia induzir. Até porque a sua obra tem, também, muito de autobiográfico, nela plasmando algo da sua trajetória e vivências pessoais.

Nas suas próprias palavras:

“Não posso falar de um povo se não tiver a vivência... e não é a vivência de irmos uns meses ou uns dias... quero ser apreciador a sério, ser honesto comigo e com as pessoas a que me refiro”⁶⁹.

Conhecendo esta postura do autor, ao fazer uma análise sobre a sua obra, ainda que breve, encontramos um conjunto de aspetos que não tendo sido escritos com o objetivo de fazer sociologia interessam e são interessantes do ponto de vista sociológico.

⁶⁹ Declaração do escritor feita à autora em entrevista realizada em Macau a 23 de outubro de 2002.

Sem qualquer pretensão de fazer análise literária, domínio do saber ao qual não pertencemos e sobre o qual não temos competências, sem pretender subalternizar a obra literária do autor perante um domínio científico que lhe é alheio, sem, evidentemente, pretender reduzir literatura a sociologia nem sociologia a literatura, apresentaremos, no entanto, alguns implícitos sociológicos contidos na obra literária de Henrique de Senna Fernandes.

Quando conheci Henrique de Senna Fernandes não conhecia Macau, nunca lá tinha ido nem imaginava, na altura, como esta cidade iria marcar tanto a minha vida e como o autor iria partilhar comigo esse percurso. Na altura, estávamos em 1999, no âmbito da minha atividade profissional, organizava no Instituto Camões um encontro de escritores lusófonos; dos autores presentes no encontro cuja obra eu ainda não conhecia, escolhi ler Henrique de Senna Fernandes.

Conheci-o, assim, em primeiro lugar através do *“Amor e Dedinhos de Pé”*, depois conheci-o pessoalmente bem como ao resto da sua obra.

Talvez por uma questão de formação, encantou-me desde logo o seu registo etnográfico e foi espicaçada a minha curiosidade sociológica sobre uma realidade que eu não conhecia, da qual não se falava em Portugal ou pelo menos do que se falava de Macau na altura nada tinha a ver com o que lia em Henrique de Senna Fernandes.

Dir-me-ão os mais avisados que Macau mudou muito e já nessa altura, em vésperas do acontecimento histórico que pouco depois criaria a hoje Região Administrativa Especial da República Popular da China, a configuração morfológica e a textura social da cidade eram outras e que o autor nos fala de uma Macau antiga.

Sim, é certo que nos fala de uma época mais recuada, de um tempo e de um espaço de outros tempos, entretanto atravessado por profundos processos de mudança. Mas, para mim, a sua obra apresentava-se como uma peça histórico-sociológica; inscrevendo-se embora num género literário ficcional (conto e romance), oferece uma relação forte com uma representação do mundo social, com uma qualidade descritiva e, mesmo, analítica da relação entre as personagens criadas e os contextos sociais em que se inserem.

Uma narrativa “de dentro”, uma escrita “vívida”, um autor que conheceu os factos, as ações e os contextos por si narrados e que sobre eles refletiu. Henrique de Senna Fernandes fez crítica social sem declarar que a fazia e, acima de tudo, fê-la de uma forma implícita sem se perder em amargos juízos de valor que nalguns aspetos, porventura, a sua história de vida pessoal poderia induzir. Até porque a sua obra tem, também, muito de autobiográfico, nela plasmando algo da sua trajetória e vivências pessoais.

Nas suas próprias palavras:

“Não posso falar de um povo se não tiver a vivência... e não é a vivência de irmos uns meses ou uns dias... quero ser apreciador a sério, ser honesto comigo e com as pessoas a que me refiro”.¹

Conhecendo esta postura do autor, ao fazer uma análise sobre a sua obra, ainda que breve, encontramos um conjunto de aspetos que não tendo sido escritos com o objetivo de fazer sociologia interessam e são interessantes do ponto de vista sociológico.

Sem qualquer pretensão de fazer análise literária, domínio do saber ao qual eu não pertencço e sobre o qual não tenho competências, sem pretender subalternizar a obra literária do autor perante um domínio científico que lhe é alheio, sem, evidentemente, pretender reduzir literatura a sociologia nem sociologia a literatura, gostaria, no entanto, de salientar alguns implícitos sociológicos contidos na obra literária de Henrique de Senna Fernandes.

Será absolutamente desnecessário, porque demais evidente, dizer que o autor nos fala sobre Macau. Fala-nos de uma cidade transformada, em muito hoje desaparecida, e dos modos de relação que ele próprio com ela mantinha e que quando não os regista na primeira pessoa o faz pela palavra das suas personagens. Salienta a mudança na fisionomia da cidade – os casarões assobradados, a sua substituição por prédios de vários andares, um

lado quase rural de certas áreas que hoje dificilmente se conseguem sequer imaginar, fala-nos do traçado de novas ruas que se vieram sobrepor aos caminhos de outra época, dos meios de locomoção. Fala-nos, assim, de forma tão simples quanto precisa de mudança urbana.

Nas narrativas que vai construindo e reconstruindo sobre a cidade, sobressai um registo que oscila entre a crítica à descaracterização que a modernização da cidade vai apresentando e uma certa nostalgia dos “*cazarám de antigamente*”, memórias de outros tempos em que se faziam piqueniques na Taipa e em que para se lá chegar ou de lá se regressar era preciso esperar que a maré estivesse de feição para permitir a travessia – algo, hoje, inimaginável, com as três pontes de ligação entre Macau e a Taipa.

As suas memórias transportam-nos igualmente para as pescarias e os banhos na Praia Grande, mais tarde desaparecida e hoje transformada em lagos, ou ainda as lembranças da Travessa das Onze Horas, assim conhecida por ser à saída da Missa das onze na Sé que os transeuntes percorriam as também desaparecidas lojas dos mouros na Rua Central, numa altura em que todos se conheciam – relações de familiaridade e de interconhecimento que vão dar lugar a uma sensação de estranheza, hoje acentuadíssima pelo enorme impacto no quotidiano da cidade causado pelo crescente número de novos residentes e milhares de visitantes.

Não é apenas em relação ao urbanismo que Henrique de Senna Fernandes nos fala de mudança, conceito que surge regular e sistematicamente na sua obra. A acompanhar as transformações urbanas dá-nos conta também de mudança nos modos e estilos de vida. Umas ditadas por acontecimentos externos (a ascensão de Hong Kong, o durante e o pós-guerra, o 1-2-3, o 25 de abril em Portugal), outras, como é o caso de Adozindo e A-Leng em *A Trança Feiticeira*, ou de Francisco Frontaria e Victorina em *Amor e Dedinhos de Pé*, por escolhas pessoais inscritas nas decisões tomadas quanto ao desenrolar da trama em volta dos seus protagonistas mas carregadas de simbolismo e de preciosos detalhes quanto à organização da sociedade de Macau, ou melhor será talvez dizer das sociedades de Macau da época.

E falo em sociedades no plural porque é isso que percebo em Henrique de Senna Fernandes. Quando aborda e nos descreve aspetos das duas cidades – a “cristã” e a “chinesa” – oferece-nos detalhes que levam a considerar que estamos em presença de sociedades com as suas condições de existência e organização próprias, estratificação social e formas de mobilidade interna, com os seus sistemas de ensino, de saúde e mecanismos de justiça para além, evidentemente, de hábitos e costumes específicos e característicos a cada um dos dois mundos, salientando o autor as formas de religiosidade, os estilos habitacionais e gastronómicos, assim como as práticas de sociabilidade desenvolvidas.

Introduz, ainda, um outro conceito que é o de desigualdades sociais e, do meu ponto de vista, bastante explorado e evidenciado pelo autor. Desigualdade a vários níveis: desde logo, a nível espacial com separação geográfica e diferentes condições de habitação; quanto ao género, pelo diferente papel que homem e mulher desempenham em cada realidade e dentro do seu próprio espaço social; quanto aos posicionamentos nesses espaços sociais, diferenciados e diferenciadores, com profundas clivagens interétnicas, mas também intraétnicas.

No que respeita à diferenciação espacial, são inúmeros os exemplos que podemos retirar da sua obra. Vejamos alguns:

O Bazar era a retinta cidade chinesa de Macau, onde no dédalo das suas vielas, becos e calçadas, trepidava uma população ruidosa, azafamada. Entregue a mil e um afazeres, tão diferente dos bairros em que viviam predominantemente os portugueses que formavam, nos tempos que já lá vão, a cidade cristã, esta calma, sonolenta, como um burgo provinciano. Partindo da raia traçada pelos bairros do Lilau, S. Lourenço, Sto. Agostinho, Largo do Senado, Monte e Sto. António, começava a cidade chinesa que ia desaguar, em leque, no Porto Interior. (Senna Fernandes, 1997:52);

Ninguém conhecido estranharia a minha presença na Praia Grande ou no Jardim de S. Francisco. Mas faria certamente reparo, se me visse sozinho ou acompanhado de companheiros da mesma idade ou um bocado mais velhos na Rua do Gamboa ou na Rua das Lorchas ou ainda na Avenida Almeida Ribeiro. Isto já não era regressar da escola para a casa, mas sim vadiar sem rumo como qualquer menino na gandaia.

Eu sabia que era um ato de rebeldia contra uma determinação dos pais. No entanto, como cercear a curiosidade muito viva de um rapazinho de nove a onze anos que despertava para a vida, com as histórias dos colegas que levantavam a cortina dum mundo inteiramente novo que existia a partir da calçada do Gamboa para baixo até à marginal do rio? (Senna Fernandes, 1998a:75)

Ou, logo nas "Primeiras palavras" de *A Trança Feiticeira* em que nos dá conta da existência de espaços delimitados e delimitadores de agrupamentos populacionais de diferentes características:

Com o desenvolvimento da cidade do Nome de Deus, atraindo populações das aldeias circunvizinhas, em demanda duma vida de melhores oportunidades, nasceu a povoação de Cheok Chai Un que, decorridos anos, com a construção da muralha de Macau, ficou a fazer parte da cidade, mantendo-se, todavia, com as características duma aldeia chinesa, sem se deixar contaminar pela influência da «cidade cristã», paredes meias. (Senna Fernandes, 1998b: 3).

E acrescenta logo de seguida:

Ocupava-o gente ciosa do seu pequeno mundo, muito endógena, casando-se entre si, desconfiada e mesmo hostil a toda a cara estranha que por ali se demorasse, fosse ela europeia, fosse ela chinesa doutros bairros e com hábitos mais citadinos. Tinha o seu mercado e o seu templo, as suas lojecas e casas de pasto, os seus curandeiros e ervanários, as suas casamenteiras e «homens-bons» que resolviam conflitos de dinheiro, rixas de família, disputas de negócios e outras quezílias. (Senna Fernandes, 1998b:4)

Sobre as questões de género, encontramos também na obra do autor informação reveladora das diferentes concepções do papel do homem e da mulher e da forma como a segunda se encontrava subalternizada ao primeiro. Em *A Trança Feiticeira*, quando a família de Adozindo pretende mudar de casa é a vontade dos homens que predomina, contra a oposição inicial das mulheres; Lucrecia ascende socialmente por via do casamento com um homem mais velho e bem colocado na vida, e A-Leng, seguindo os costumes chineses, caminha na rua três passos atrás do seu homem, embora mais tarde este venha a colocá-la numa posição de igualdade ordenando-lhe que caminhe ao seu lado – onde passaria a ser o seu lugar.

Em *Nam Van – Contos de Macau*, A-Chan, a tancareira que se apaixona pelo marinheiro português e que, aparentemente, rompe com a tradição da mulher subjugada à moral e aos costumes do seu meio social, acaba por se resignar com o seu destino abrindo mão da sua filha na expectativa que o pai, em Portugal, lhe possa dar um futuro melhor. E em *Mong-Há*, também Alice, em "Milagre de Natal", é votada ao ostracismo por aqueles que foram os seus pares devido à figura leviana de um homem português por quem se apaixonou e por quem foi abandonada grávida, só se regenerando, ela e o seu filho, aos olhos da sociedade quando o oficial da marinha regressa e a resgata de uma existência cruel e infeliz.

As representações das clivagens sociais, as concepções sobre as diferenças que mais marcam a sociedade sugerem-nos uma sociedade chinesa menos apossada de recursos materiais e educacionais, onde predominam profissões menos prestigiantes e de inferior remuneração. Adozindo, em *A Trança feiticeira*, quando perde a sua condição de menino de família, chega mesmo a invejar os chineses:

podiam aceitar tarefas mais humildes, como cules, varredores de rua, pedreiros ou marceneiros que ninguém reparava. Mas a ele, filho-da-terra, estava vedado descer a tão humildes profissões, ainda que morresse de fome. Nem mesmo para mecânico ou electricista (Senna Fernandes, 1998b:115-116).

Também Xico Frontaria, depois de desbaratar a fortuna herdada da Titi Bitá correu a ronda dos empregos humildes – que não tinha habilitações para aspirar muito alto e acabou por ter de se ajeitar como porteiro duma instituição de caridade, lugar que só conseguiu obter fruto dos bons ofícios do Padre Serafim (Senna Fernandes 1986:59-60).

Mas as diferentes condições de existência, surgem-nos também nos seus contos. Já anteriormente mencionámos a personagem Alice, cuja situação é contraposta à da casa-grande, para onde foi trabalhar como costureira, que *marcava distinções e escolhia relações para os filhos* (Senna Fernandes, 1998a:33). Ou através da história do seu amigo Maurício:

Eu era, então, um miudinho franzino e aperaltado na melhor vestimenta. Pelo contrário, Maurício era um rapazelho pobretana, vestia-se mal e chegava à escola, transido de frio, quando os ventos siberianos sopravam da China. Mais velho do que eu, uns quatro anos, nascera filho de metropolitano tropa e de uma bimbina que, no dialeto macaense, significa uma enjeitada ou órfã abandonada e recolhida pela Casa de Beneficência das Canossianas. Apesar duma infância difícil, medrara sem visíveis rancores nem inveja. Vivendo em esferas diferentes, nada de comum existia aparentemente entre nós. Mas o certo é que ficámos amigos.

(...) Ultrapassada a barreira da Primária, eu fui para o Liceu, ele para a Escola Comercial. Deste modo deixámos de ser inseparáveis. Ele começou a ter novos amigos, procurando naturalmente os da sua idade e da sua escola. A amizade persistiu, contudo, pelos anos fora. Tínhamos de vez em quando, largos passeios, como se, em poucas horas, quiséssemos descontar todo o tempo em que girávamos cada um para o seu lado. (...) Quando lhe dizia que sonhava prosseguir os meus estudos na metrópole, ele não me invejava. Afirmava apenas que eu nascera com melhor sorte. Nunca falava da família, evitava toda a referência à casa que eu sabia de orçamento paupérrimo. Não mostrava vergonha, não. Só que apreciava mais a rua do que o lar dos pais. Não acabou o curso comercial ou coisa que o valha. Reprovou magnificamente por ali, deixou-se atrasar, enquanto eu singrava no Liceu. Uma noite, apareceu-me em casa a despedir-se. Ia para Hong Kong ser aviador, pecha que levou ao tempo muita rapaziada de Macau a emigrar para o estrangeiro. (...) Meses depois rebentou a Guerra do Pacífico, com todo o seu trágico desenrolar. Os meus sonhos de continuar a estudar viram-se momentaneamente destruídos. A guerra, cercando Macau e amachucando-a pela fome, cortava qualquer possibilidade da sua realização.

[o autor e Maurício]. (Senna Fernandes, 1997:47-50)

Mais do que narrar a sua história de uma amizade improvável, Senna Fernandes oferece-nos um conjunto de referências importantes – as diferentes condições sociais entre macaenses, as origens humildes e paupérrimas do amigo contrastando com as suas, nascido numa das chamadas famílias tradicionais de Macau, os percursos escolares que os separam remetendo-os para escolas distintas, as aspirações diferenciadas quanto ao futuro e a influência de Hong Kong na vida dos jovens macaenses que, nas mais diversas áreas de atividade, foram emigrando para a vizinha colónia britânica, para já não mencionar as consequências que a guerra viria a trazer para o enclave macaense (Silva, 2011).

Henrique de Senna Fernandes, tal como diversos outros autores, apresenta-nos narrativas muitíssimo interessantes sobre um mundo macaense marcado por importantes contrastes sociais e culturais e poderíamos multiplicar os exemplos a partir da sua obra. Julgamos terem os excertos transcritos capacidade suficiente para chamar a atenção para alguns aspetos que, quando se chega a Macau, não é fácil encontrar de imediato sobre a condição de ser macaense.

Recusando o reducionismo da homogeneidade, quer em termos culturais quer no que respeita a posições na estrutura social, o autor fala-nos das desigualdades não apenas no que respeita a grupos etnicamente constituídos, mas também no interior de cada um. Há diferentes condições de ser

chinês, há diferentes condições de ser português e há diferentes condições de ser macaense. E aqui, enquanto autor de conto e de romance, enquanto homem que escreve ficção, Henrique de Senna Fernandes consegue tornar mais claras as clivagens intragrupois do que alguns autores de outras áreas do saber cuja escrita não se espera ficcionada...

O seu centro de gravidade são, precisamente, os macaenses, entendendo-se o conceito no seu sentido tradicional e no seu significado simbólico: os “filhos da terra”, a quem Henrique de Senna Fernandes se referia frequentemente como “nossa gente” – sua, dele, com quem se identificava, reconhecia e era reconhecido como um entre pares. Ou seja, descendentes de portugueses e asiáticos, sejam estes chineses e/ou de outras diferentes origens geográficas, portadores de uma cultura matizada, mestiça, cujos marcadores mais salientes parecem inscrever-se numa matriz linguística e cultural portuguesa, cimentada por via da educação formal e das socializações familiares e grupais, com uma gastronomia rica no cruzamento de sabores, uma língua de grupo, o *patois*, hoje seriamente ameaçado, e práticas de religiosidade marcadamente católicas.

Tudo isto podemos perceber no legado de Henrique de Senna Fernandes, pois todas estas questões são muito vincadas pelo autor em todas as suas obras. Assim como são vincadas as competências linguísticas que colocam este grupo como intermediário entre a administração portuguesa e a mais vasta população chinesa local, facto que os coloca num posicionamento vantajoso na sociedade colonial da época podendo, para usar a terminologia de Max Weber, ser considerados como um “grupo de status”², ideia que partilho com José Carlos Venâncio (2008) que também assim se lhes referiu.

Mas Henrique de Senna Fernandes não faz a defesa do seu grupo a qualquer preço. Se lhe aponta as virtudes também não se coíbe de lhe mostrar as fraquezas. Se nos dá a conhecer os seus costumes e estilos de vida, também nos revela os seus conflitos. E nem sempre é simpático para os seus pares, ou até mesmo para si próprio, assinalando sem falsos pudores o preconceito e a moral provinciana própria dos círculos fechados e da época que escreveu. Defensor de uma cultura macaense, em *Nam Van – Contos de Macau*, através de *Candy* não deixa de fazer referência ao preço a pagar pelo abandono das raízes culturais ancestrais, quer como opção pessoal em estratégias de mobilidade social ascendente, quer por força das circunstâncias que empurraram tantos macaenses para outros pontos no mundo.

Uma última nota vai para a noção de diferença, ideia tão referida a respeito de Macau, sempre presente em qualquer narrativa sobre a cidade nas suas várias dimensões e que se pode encontrar nos mais variados registos: jornalístico, literário, científico, político e quotidiano. Encontramo-la, também, em Henrique de Senna Fernandes. Várias vezes se refere aos contrastes culturais entre os “dois mundos”, assinalando o peso das diferenças e a incompreensão mútua decorrente dos diferentes estilos de vida, mas, também, destacando a singularidade de uma realidade plural e multicultural, que, afinal, faz de Macau aquilo que ela foi e que ela é. Uma exploração mais exaustiva da obra de Henrique de Senna Fernandes não cabe, evidentemente, numa intervenção desta natureza, tarefa que, quem sabe, guardarei para concretizar mais tarde. Trago, pois, a esta Edição dos Colóquios da Lusofonia uma singela homenagem a um homem das letras, um escritor português de Macau que muito admiro e com quem tive o privilégio de me cruzar ao longo das deslocações que fiz a Macau no decurso dos meus projetos de investigação. Por isso mesmo, não posso deixar de dizer umas breves palavras pessoais.

Henrique de Senna Fernandes esteve sempre presente em todas as minhas idas a Macau e rapidamente passou do escritor meu conhecido a um dos meus informadores privilegiados sendo, invariavelmente, dos primeiros que eu contactava quando chegava à cidade. Ele gostava de falar. Tinha uma capacidade enorme para contar *estórias* e a História. Eu estava ali para ouvir e gostava muito de o ouvir. Foi crescendo a estima e o carinho entre nós e o meu informador privilegiado ficou meu amigo. E neste momento sinto uma saudade infinita desse amigo. Obrigada Dr. Henrique de Senna Fernandes pelas vivências que generosamente partilhou comigo. Saiba eu tirar o devido partido de tudo quanto me ensinou e possa eu, ainda que

modestamente, contribuir para a concretização de um dos seus desejos: que a obra que nos deixou possa ser divulgada e conhecida por mais e mais leitores. Talvez a amizade construída faça de mim suspeita para o afirmar, mas vale mesmo a pena conhecer a Macau que nos é revelada por Henrique de Senna Fernandes.

Notas:

¹ Declaração do autor que me foi feita em entrevista realizada em Macau a 23 de outubro de 2002.

² Os “grupos de status” distinguem-se pelos seus estilos de vida diferentes e por noções de honra e prestígio reconhecido (nível de instrução, prestígio de nascimento, de casamento, de profissão, poder político, etnicidade) não tendo necessariamente que ter correspondência com a dimensão estritamente económica, podendo o estatuto ser herdado ou adquirido.

Bibliografia

Senna Fernandes, Henrique de. *Amor e Dedinhos de Pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.

---. *Nam Van. Contos de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997.

---. *Mong-Há*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998a.

---. *A Trança Feiticeira*. Macau: Fundação Oriente, 1998b.

Silva, Perpétua Maria Santos (2011), *A Língua e a Cultura Portuguesas a Oriente: análise ao caso de Macau*. Dissertação de Doutoramento: em linha <http://hdl.handle.net/10071/5879>

Venâncio, José Carlos, “A Literatura Macaense e a obra de Henrique de Senna Fernandes. Um olhar histórico-sociológico”, in *Revista de História das Ideias, Coimbra*, vol. 29, Coimbra, pp. 691-702.

É SÓCIO DA AICL

- PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2009, 2010, MACAU 2011, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013. MOINHOS E SEIA 2014, FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016

47. PIKI PEREIRA, CANTORA TIMORENSE

Lisete Matos Gomes Pereira da Rosa, mais conhecida como **Piki Pereira**, nasceu no dia 20 de julho de 1965 na cidade de Dili, em Timor-Leste.

Iniciou o seu percurso musical com tenra idade, ganhando gosto de cantar e tocar viola aos 10 anos. Sem nenhuma formação musical, a cantora foi aprendendo e aperfeiçoando a arte por si própria. No ano seguinte, 1976, teve a sua primeira experiência musical com o grupo Five Fingers.





29º BELMONTE 2018



29º Belmonte 2018



29º Belmonte 2018



29º BELMONTE 2018



29º BELMONTE 2018



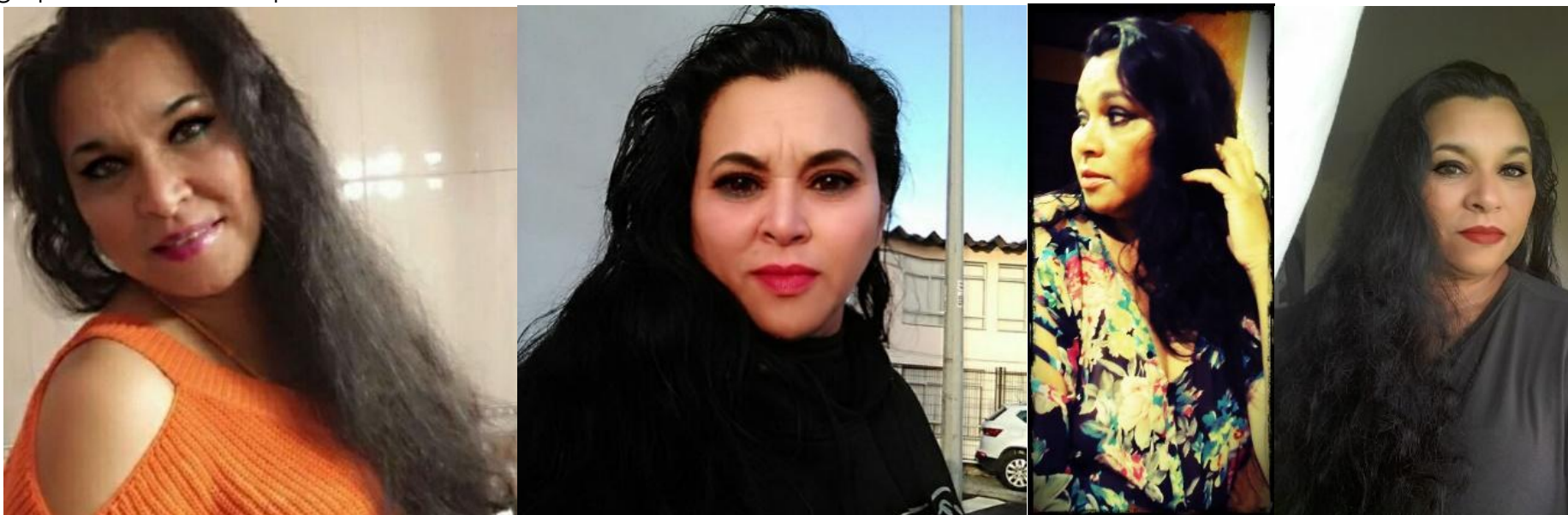
22º Seia 2014

No entanto, ainda teve tempo para se dedicar ao desporto praticando as modalidades de basquetebol, patinagem e vólei, chegando até representar a seleção de Timor nos anos vindouros, nas modalidades de futebol, basquete e também vólei.

Quatro anos após ter iniciado a sua caminhada na música, deu-se o fim da banda Five Fingers e a cantora tentou seguir a sua carreira a solo, atuando em festas, casamentos e festivais que decorriam no país.

Existindo pouquíssimas mulheres a cantar naquela época, Piki foi convidada para integrar o grupo Arco-Íris, que tinha como vocalista o famoso cantor timorense Tony Pereira, juntando-se a ele e aos restantes, mas com o título de voz feminina da banda, reforçando a ideia de que as mulheres poderiam conquistar o seu espaço no panorama musical e ajudar a expandir a cultura timorense.

A banda Arco-íris teve imenso sucesso, chegando a gravar sete álbuns (cassetes) e atuando em várias partes do país. Mais tarde, o grupo estaria completo com as presenças de Chico Gama (vocalista/viola) Dinus Guttenberg (baixo) e Anito Matos (voz), que se juntam assim a Tony Pereira, Piki Pereira e José Cameirão. Em 1982, a cantora ganhou o Festival da Canção em Timor, onde teve a oportunidade de cantar no mesmo palco que muitos cantores e grupos famosos da época.



22º SEIA 2014

Em 1987, Piki, juntamente com a sua família, abandona Timor-Leste devido à situação política e de guerra em que se encontrava o país, e imigra para Portugal, para a cidade de Lisboa, concretamente para a zona de Carcavelos onde viveu alguns anos com a sua família numa pensão. Apesar das mínimas condições em que se vivia, nada impediu que continuasse a cantar e que tentasse singrar nesta nova realidade que era representar a identidade cultural do seu país em terras lusas. Tendo a felicidade de conhecer alguns amantes da música timorense na zona onde residia, apresenta-se logo a ensaiar algumas músicas tradicionais que, mais tarde, cantou em concertos em sítios conhecidos como a Aula Magna, Teatro S. Jorge e em festivais folclóricos em redor do país. Não deixando o seu amor pelo desporto, Piki Pereira representou a equipa de voleibol feminino da Instituição Sporting Clube de Portugal até 1989, conquistando alguns troféus e alegrias com os simpatizantes do clube, naquela altura. Alguns anos mais tarde, casou-se e constituiu família abdicando da música devido à falta de tempo e trabalho. Atualmente, vive com a família em Belas e encontra-se a realizar um trabalho discográfico com a colaboração de António Soares, mais conhecido por Nick Fingers. Apesar da longa paragem devido a motivos de força maior, a cantora está de volta e espera continuar a desenvolver o seu trilha, naquilo que mais gosta de fazer. Lisboa, 6 de março 2014, Piki Pereira Rosa - Vokalista no muzika



22º Seia 2014

[PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS EM](https://www.youtube.com/watch?v=R--4TGNDXLM) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R--4TGNDXLM](https://www.youtube.com/watch?v=R--4TGNDXLM)

[CONCERTO 2015 EM TIMOR EM](https://www.youtube.com/watch?v=VS8FDDNZL4M) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VS8FDDNZL4M](https://www.youtube.com/watch?v=VS8FDDNZL4M)

[KOLELEMAI EM](https://www.youtube.com/watch?v=SJV_NNYMISQ) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SJV_NNYMISQ](https://www.youtube.com/watch?v=SJV_NNYMISQ)

[HADOMI TIMOR EM](https://www.youtube.com/watch?v=QDDOXLRUE9W&LIST=RDQDDOXLRUE9W) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QDDOXLRUE9W&LIST=RDQDDOXLRUE9W](https://www.youtube.com/watch?v=QDDOXLRUE9W&LIST=RDQDDOXLRUE9W)

[ULUK FOU FOUN EM](https://www.youtube.com/watch?v=HDXMZPGYPI4&LIST=RDQDDOXLRUE9W&INDEX=2) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HDXMZPGYPI4&LIST=RDQDDOXLRUE9W&INDEX=2](https://www.youtube.com/watch?v=HDXMZPGYPI4&LIST=RDQDDOXLRUE9W&INDEX=2)

[FILA FALI MAI EM](https://www.youtube.com/watch?v=BHNAMHFAMA0) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BHNAMHFAMA0](https://www.youtube.com/watch?v=BHNAMHFAMA0)

[O NIA LIAFUAN EM](https://www.youtube.com/watch?v=SYFKEF9RCVM) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SYFKEF9RCVM](https://www.youtube.com/watch?v=SYFKEF9RCVM)

MIX EM https://www.youtube.com/watch?v=HDXMZPGYPI4&start_radio=1&list=RDHDXMZPGYPI4

BELMONTE 2019:

1 <https://youtu.be/6DEYJQEMDS4>

2 <https://youtu.be/TPFY4Y72OR8>

3 <https://youtu.be/PSCYPKJUJH8>

4 <https://youtu.be/3QAJLRRVRNM>

5 <https://youtu.be/FZITHOKTII>

6 <https://youtu.be/ZIX2KQCLRO> PIKI PEREIRA E MINTÓ DEUS E LUÍS TAKAS CARDOSO

7. <https://youtu.be/5B7C1UQ3M0Y> PIKI PEREIRA, MITO DEUS, PEDRO PAULO CÂMARA E CAROLINA CORDEIRO

JÁ PARTICIPOU EM SEIA NO 22º COLÓQUIO 2014 E NO 29º BELMONTE 2018

48. MINTÓ DEUS, MÚSICO TIMORENSE



29º Belmonte 2019

Acompanha Piki Pereira nos recitais de música timorense.

Piki Pereira & Mintó Deus representaram Timor-Leste no Festival Intercultural Olho Vivo

OUÇA-O AQUI EM

<https://youtu.be/GVEIDRCZGUU>

<https://www.youtube.com/watch?v=R--4TGNDXLM>

<https://www.youtube.com/watch?v=ZS-K0DCIRJ4>

<https://www.youtube.com/watch?v=GVEIDRCZGUU>

JÁ PARTICIPOU NO 22º SEIA 2014 E NO 29º BELMONTE 2018

49. RAUL LEAL GAIÃO, INVESTIGADOR



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



28º VILA DO PORTO 2017



20º SEIA 2014



26º LOMBA DA MAIA 2016

RAUL LEAL GAIÃO, mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM).
Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Lecionou Filosofia e Psicologia no Ensino Secundário e Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português no Ensino Superior.



30º MADALENA DO PICO 2018



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016



22º SEIA 2014



28º VILA DO PORTO 2017

Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (Verbo, 2001), Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), Dicionário Global da Língua Portuguesa (LIDEL, 2014).

Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.

Em 2011 no 15º colóquio em MACAU iniciou o projeto dos missionários açorianos no Oriente.

TEMA 3.2. Crioulo de Macau e Falar Fronteiriço da Serra das Mesas: aproximações lexicais

O crioulo de Macau, também conhecido por patuá, papiaçã, língua maquista, papiá cristám di Macau, lingu nhonha, é uma língua resultante dos contactos efetuados pelos portugueses com diversas comunidades e culturas do Oriente, que contribuíram para as trocas linguísticas que se fixaram no patuá, de base portuguesa e integrando influências malaias, indianas, chinesas, japonesas, filipinas e mesmo africanas.

No extremo meridional das terras de Riba-Côa, as povoações raianas do concelho de Sabugal encravadas nas proximidades da Serra das Mesas (e da Serra da Malcata), desenvolveram ao longo do século XX contactos frequentes com as populações vizinhas do outro lado da fronteira política, contactos através do contrabando diário e intenso com Espanha. Estas relações originaram fortes interferências linguísticas, do espanhol nos falantes das aldeias vizinhas da Serra das Mesas. A emigração, principalmente para França, possibilitou a sobreposição de uma nova camada linguística, de influência francesa, com a presença e o regresso parcial dos emigrantes. Como a base portuguesa ou o superstrato do crioulo é um falar popular, pretendemos salientar os aspetos comuns destes dois falares, nomeadamente no domínio do léxico.

1. Crioulo de Macau/Falar fronteiriço da Serra das Mesas – contactos linguísticos

Ao substrato português, juntaram-se, no macaísta, elementos exógenos; a estrutura dominante e muitas palavras parecem provir do malaio: catupá, chilicote, dodol, no domínio da culinária; parão, estrica, como utensílios domésticos; cate, tael, como medidas; termos de vestuário feminino, bajú, por exemplo. A influência chinesa foi primitivamente bastante ténue, mas a atividade comercial e a relação com mulheres chinesas abriram as portas à penetração linguística chinesa, embora com menor peso. Adé destaca as línguas em contacto que originaram o crioulo macaísta, o português, o canarim, o malaio e até o espanhol, situação em que os casamentos tiveram um papel crucial:

“Lingu maquista sã ramendá portuguê champurado co china, co unga porçám di linguaze di ôtro raça, já sã canarim, já sã malaio co unchinho di ispanhol pingá-pingá. Ispanhol sã pó cósa di Macau perto di tera filipino; canarim co malaio pó cosa di Macau inchido di ilôtro. Português antigo têm qui tánto já casá co nho-nhónha malaio, co nho-nhónha di Goa. Si nunca sã assi, qui-foi tanto maquista-maquista já sai iscuro-iscuro?” (Ferreira, 1996: vol. II, 200).

[“A língua macaísta é como o português misturado com chinês, com uma porção de linguagem de outras raças, canarim, malaio, com uns pingos de espanhol. Espanhol é por causa de Macau ficar perto das Filipinas; canarim com malaio por causa de Macau estar cheio deles. Os portugueses antigos casaram com mulheres malaias e mulheres de Goa. Se não tivesse sido assim, como é que tantos macaístas saíram escuros?” (versão nossa)].

A região de Ribacoa e a zona onde estão situadas as aldeias sobranceiras à Serra das Mesas foram repovoadas no primeiro terço do século XIII por Afonso IX, favorecendo “a colonização por galegos das zonas semidesertas para além da serra e da Estremadura leonesa, como demonstra claramente a toponímia.” (Cuesta, 1971).

“Nos “três lugares”, como os seus habitantes os designam, conserva-se ainda um falar que L. de Vasconcellos descreveu como “português dialetal da região de Xalma”, no que foi seguido por outros filólogos, inclusivamente espanhóis; na realidade são dialetos de origem galego-portuguesa medieval, com alguns traços leoneses. Isso mesmo começou por ser revelado por L. Cintra no seu estudo sobre linguagem dos foros de Castelo Rodrigo (1959) e por

Maia (1977), que os descrevem como galego-portugueses. “Os dialetos dos “três lugares”, que no seu conjunto, são denominados “A Fala”, têm, de facto, características e designações próprias, diferentes em cada um deles – mañega (San Martin de Trevejo), lagarteiru (Eljas) e valverdeira (Valverde del Fresno) – “e têm despertado renovado interesse e motivado novos estudos, tendentes sobretudo à sua normatização e a estabelecer a sua filiação.” (Segura, 2013: 119).

Esta tese da repovoação galega tem sido também defendida por muitos filólogos galegos. Uma tese contrária vincula a história linguística desta região à de outras regiões fronteiriças com soberania espanhola que conservam falares portugueses: Olivença, grande parte da região de Alcântara, a região de Xalma (na Estremadura), Almedilha (Salamanca) e Calabar (Samora). (Maragoto, 2012a). Esta posição considera que a tese galega é uma mera hipótese especulativa sem fundamento, não se encontrando documentada, e contesta o isolamento posterior à repovoação que preservaria a fala até aos nossos tempos, não se verificando que tenha sido um território pobre e subdesenvolvido. (Maragoto, 2012b) Os contactos com a região de Xalma, em Espanha, eram diários, com o contrabando e o comércio. As mulheres iam diariamente vender leite e outros produtos, comprando produtos, como azeite, tecidos.

Iniciando-se nos anos cinquenta, a emigração engrossou nos anos sessenta do século XX, principalmente para França, seguindo-se, depois, a saída para os centros urbanos internos de pessoal já com formação. A posição fronteiriça e o contacto com outras gentes contribuíram para uma saída bastante prematura em relação ao resto do país.

2 Aproximações lexicais

“Não esqueçamos que não eram os doutores da Renascença quem formava o grosso dos nossos colonizadores, mas os rudes homens do povo cuja linguagem, como em todos os tempos, conservava muitos ressaibos de arcaísmo.” (Batalha, 1988: 7)

CRIOULO DE MACAU	FALAR FRONTEIRIÇO S. MESAS	PORTUGUÊS ATUAL
abrido	abrido	aberto
acháqui	achaque	doença; mal-estar
afugá	afogar	sufocar, asfixiar
aguá	aboar	voar
águ-chêro	água de cheiro	perfume
agudo	agudo	apurado, a; esperto, a
águ-fónti	água da fonte	água potável; água p/ beber
alumiá	alumiar	iluminar; dar luz
Ano-Bom	Ano Bom	Ano Novo
ardê	arder (com sabor picante)	provocar sensação de ardor
argolinha	argolinha(s)	brincos
árvre	arbre	árvore
aspro	aspro	áspero; indelicado
tirá assésta	tirar a sesta	dormir a sesta
astrevê	estreber-se	atrever-se; ter coragem
cabéça di atum	cabeça de atum	trapalhão,
chupeta	chupeta	tetina de biberão
más bom	mais bom	melhor

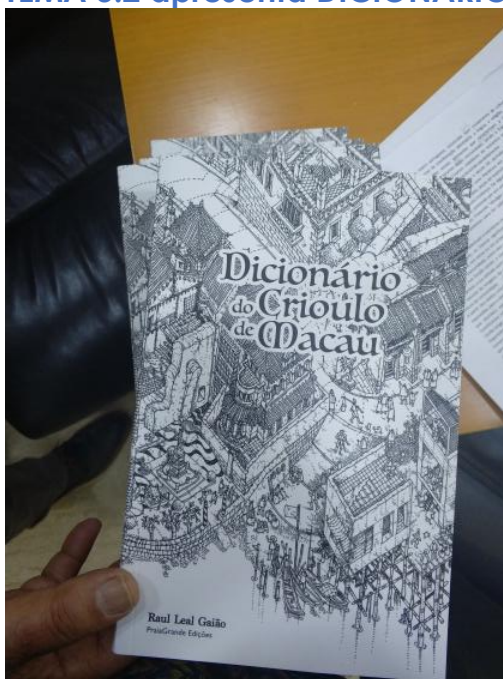
Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

botá	botar	pôr; colocar
botica mestre	botica	farmácia
cáchi-báchi	cachi bachi	de baixa condição social
caldo	caldo	sopa
cáliz	cális	cálice
comezáina	comezaina	comida abundante; iguarias
cósca	coscas	cócegas
fazénda	fazenda	tecido; pano
fresquidám	fresquidão	frescura
fundura	fundura	profundidade
goela	golas	garganta; goela(s)
grandura	grandura	grandeza; tamanho
cucéra	coceira	comichão; coceira
dá lembrança	dar lembranças	dar/apresentar cumprimentos
dále	dale	dar-lhe; dar em; bater; sovar
dismáncho	desmanche	aborto
Diosaja	(que) Deus haja	falecido
dotrina	dotrina [dó] – ir à doutrina	catequese
erguí	erguer-se	levantar-se
erguido	erguido	levantado (da cama)
hóme	home	homem
impinado	impinado	de pé
intrementos	e/intrementos	entretanto; enquanto.
machucado	amachucado	amarrotado
marêlo	marelo [ré]	amarelo
margoso	(a)margoso	amargo
más grándi	mais grande	maior
obrá	obrar	defecar;
paga	paga	ordenado; salário
porta-rua	porta da rua	porta de entrada, principal
pramor/pramôr (di)	promor (de)	por causa (de).
quartinho	quartinho	casa de banho
quêjo móli	queijo mole	queijo fresco
réza	reza (ir à reza)	oração
sandido	açandido	aceso
sarado	sarrado	fechado
sucre	açucres	açúcar
tamém	tamém	também
ti	ti	tia
trindade; tocá trindade –	trindades; tocar às trindades	tocar às ave-marias.
vánda-trás	banda de trás	zona ou parte traseira.

Bibliografia

- Batalha, Graciete Nogueira (1988). Glossário do Dialeto Macaense - Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Cintra, Lindley (1959). A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Curia, Cáceres e Usagre. Contribuições para o estudo do leonês e do galego-português do séc. XIII. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos.
- Cuesta, Pilar Vázquez e Maria Albertina Mendes da Luz. (1971). Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Edições 70.
- Ferreira, José dos Santos (1996a). Papiaçam di Macau. vol. II. Macau: Fundação Macau.
- Gaião, Raul Leal (2019). Dicionário do Crioulo de Macau. Escrita de Adé em Patuá. Macau: Praia Grande Edições Lda.
- Maia, Clarinda Azevedo (1977). Os Falares fronteiriços do Concelho do Sabugal e da Vizinha Região de Xalma e Alamedilha. Coimbra.
- Maragoto, Eduardo Sanches (2012a). "As falas das Elhas, Valverde e S. Martinho (Cáceres): origem galega ou portuguesa? (I) (apontamentos críticos à tese histórica da repovoação galega)". In MURGUÍA, Revista Galega de História, nº 25, xaneiro-xuño 2012.
- Maragoto, Eduardo Sanches (2012b). "As falas das Elhas, Valverde e s. Martinho (Cáceres): origem galega ou portuguesa? (ell) (apontamentos críticos à tese histórica da repovoação galega)". In MURGUÍA, Revista Galega de História, nº 26, xullo-decembro 2012.
- Segura, Luísa (2013). "Variedades Dialetais do Português Europeu". In Raposo et al (org.) Gramática do Português. Volume I. pp. 85-142. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TEMA 3.2 apresenta DICIONÁRIO do Crioulo de Macau



É SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018

50. RODRIGO BERNARDO E JULIANA, PARTICIPAÇÃO MUSICAL



Rodrigo Bernardo (Caria) é o mais jovem maestro português responsável pela banda filarmónica de CARIA. A **Banda Filarmónica de Caria**, concelho de Belmonte e uma Coletividade de Cultura e Recreio com grande parte da atividade dirigida para a atuação da sua Banda de Música, composta por músicos amadores e voluntários essencialmente jovens, mantendo uma atividade regular, com dedicada

participação dos seus elementos, em festas civis e religiosas da região, datas comemorativas e festas do seu concelho, incluindo deslocações ao estrangeiro, designadamente a França por ocasião do 14 de Julho (dia nacional Francês). Esta Banda de Música, foi formada há mais de um século na Vila de Caria, fala-se do ano de 1890 com o nome de Banda Filarmónica da Casa do Povo de Caria, tendo mais recentemente, sido constituída como Associação passando a designar-se como Banda Filarmónica de Caria, tendo-lhe sido atribuída a medalha de Mérito Cultural em 1/10/1994 e a Medalha de Mérito Municipal em 26/04/2013 e em 26/04/2017.

A **Banda Filarmónica de Caria** tem feito todos os esforços ao seu alcance para contribuir positivamente para o desenvolvimento cultural desta comunidade em particular e, de um modo mais global para a valorização social do nosso País, o que torna as Bandas de Música difusoras da consciência das próprias terras.

A **Banda Filarmónica de Caria**, tem vindo a projetar o nome da terra e de uma cultura própria. E importante que se eduque para o amor a terra, aos valores culturais próprios de cada localidade, porque elas exprimem o sentir do povo. O sentido de “pertença” a uma comunidade, sem cair no bairrismo doentio, e muito salutar.

A **Banda Filarmónica de Caria**, criou em 2011 o Grupo Cultural da Banda Filarmónica de Caria, com o intuito de além de promover a atividade musical, dinamizar a Vila de Caria e conseqüentemente o concelho de Belmonte estando cada vez mais empenhada em preservar as tradições que já vem de tempos longínquos e que sem duvida nenhuma que as nossas raízes são a nossa história e se deixarmos perder a nossa história deixamos de saber quem somos, de onde vimos e para onde vamos. Também não se pode falar de bem estar e qualidade de vida sem que as vertentes de lazer e recreio estejam presentes nas vidas dos nossos jovens, crianças e idosos, alias na vida de todos nós. Os momentos de convívio são fundamentais no desenvolvimento interpessoal de uma comunidade, para que se proporcione o relacionamento das várias gerações, para que os valores, costumes e tradições possam transitar de uma geração para as outras. Atualmente a **Banda Filarmónica de Caria**, conta com 40 executantes, tem como Presidente, Luís António Pinto de Almeida, como responsável Musical Rodrigo Bernardo e possui uma Escola de Música, dirigida pelo Cristóvão Borrego.

OUÇA-OS AQUI

1 [HTTPS://YOUTU.BE/D-ZHIQQWCBU](https://youtu.be/d-zhiqqwcbu)

2 [HTTPS://YOUTU.BE/GEOTOC-L82I](https://youtu.be/geotoc-l82i)

PARTICIPAM PELA PRIMEIRA VEZ

51. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA

ROLF KEMMLER,

Nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, Rolf Kemmler atualmente é professor auxiliar convidado (60%) na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), membro integrado e Secretário do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD.

É agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 9 de abril de 2014 e possui dos graus de doutor.

Desde 6 de julho de 2005 é *Doktor der Philosophie* (Dr. phil.) pela área das Ciências da Linguagem e da Literatura Universidade de Bremen (Alemanha).

Recentemente, em 9 de novembro de 2018, defendeu com máximo sucesso na Universidade de Vigo (Galiza) a sua tese de doutoramento dedicada aos inícios da aprendizagem e do ensino do alemão em Portugal.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019



27º BELMONTE 2017



25º Montalegre 2016



24º Graciosa 2015



19º MAIA 2013



17º Lagoa 2012



20º Seia 2013



25º MONTALEGRE 2016



19º Maia 2013 15º MACAU 2010



A sua formação académica básica na Eberhard-Karls-Universität Tübingen (Alemanha) terminou com o grau de *Magister Artium* (M.A.) em Filologia Românica em 1997.

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre a aprendizagem e o ensino das línguas modernas em Portugal (línguas alemã, francesa e inglesa).

Sócio Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa, pertence ainda a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, sendo sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores).

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (Lomba da Maia, São Miguel, Açores).

[Curriculum Vitæ na plataforma deGóis: http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7535862628351632](http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7535862628351632)

[Curriculum Vitæ na plataforma ORCID: http://orcid.org/0000-0002-4389-6551](http://orcid.org/0000-0002-4389-6551)

[Curriculum Vitæ na plataforma CiênciaVitae: https://www.cienciavitae.pt/pt/E316-9F0E-D494](https://www.cienciavitae.pt/pt/E316-9F0E-D494)

[Curriculum Vitæ na plataforma Lattes da CnPq \(Brasil\): http://lattes.cnpq.br/6807383961694752](http://lattes.cnpq.br/6807383961694752)



27º BELMONTE 2017



15º macau 2011



27º BELMONTE 2017



18º GALIZA 2012



25º fundão 2015

Tema 3.2. Apresentação do livro Lusofonografias, Ensaios pedagógico-literários de LUCIANO PEREIRA

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. -

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020. –

VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL.

- FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018

52. RUI BRITO DA FONSECA, ED. CROCODILO AZUL

Rui Brito da Fonseca é licenciado em História pela FLL.

Cumpriu Serviço Militar em Timor 1973-1975.

Coordenador na Missão Humanitária Portuguesa em Timor 1999/2000;

Adido para a Cooperação junto à Embaixada de Portugal em Díli 2000-2003;

Assessor para a Cultura do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Timor –Leste 2005-2006.

Tem visitado Timor-Leste com frequência, onde vem efetuando trabalhos de campo e recolhido elementos para os seus trabalhos, sendo também apoiado pela Fundação Oriente.

Efetuiu conferências e palestras na Universidade do Minho e Sociedade de Geografia de Lisboa entre outros locais, sobre a Presença de Portugal em Timor-Leste



Publicou trabalhos seus e editou de outros autores vários livros sobre Timor-Leste com a chancela “Crocodilo Azul”:

-16 postais de Timor-Leste (edição de 16.000 ex.);

2005 Monumentos portugueses em Timor-Leste / Rui Brito da Fonseca ; trad. Ana Maria Oliveira ; ca. Marta Fonseca. - [S.l.]: Edição do Autor, 2005 (Porto: Orgal Impressores. - 95 p.: il.; 24 cm. - Texto em português e em tétum

2006 -Timor 1930 - Paulo Braga;

2006 -Encontro de culturas em Timor-Leste: contribuição para o seu estudo. Francisco Xavier de Menezes, intro de Rui Brito da Fonseca, ed Crocodilo Azul

2007- Timor, uma paixão: poemas / Francisco Xavier de Menezes. - Díli: Crocodilo Azul, 2007. - 106 p. ; 21 cm

2013 - Estórias de Riba-Côa / Neftali da Costa Fonseca ; coord. Rui Brito da Fonseca ; fot. Clarinda Moreira ; il. Marta Pichel. - [S.l.]: Crocodilo Azul, 2013 ([Canelas VNG]: Litogaia). - 71, [1] p.: il.; 25 cm. - ISBN 978-989-20-4062-2

2014 - Timor: em memória de Augusto César da Costa Mousinho vice presidente da U.D.T: herói esquecido / Rui Brito da Fonseca. - [S.l.]: Crocodilo Azul, 2014. - 211, [5] p.: il.; 24 cm. - ISBN 978-989-20-4832-1

2016 Na lonjura de Timor = Iha dook rai Timor / José António Cabrita. - Díli: Crocodilo Azul, 2016. - 223, [1] p. ; 24 cm. - ISBN 978-989-20-6505-5 (foi apresentado pelo autor no 25º colóquio em Montalegre 2016 e 27º Belmonte 2017)

2017 Fernando SYLVAN, uma biografia de José Barbara Branco

Atualmente encontra-se em fase de publicação:

“Fortes e tranqueiras de origem portuguesa em Timor-Leste” e edição portuguesa de “O Homem e o meio ambiente em Timor-Leste” - Joachim Metzner



TEMA 2 Monumentos de origem portuguesa em Timor-Leste - Identidade e Resistência

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

Os monumentos construídos pelos portugueses em Timor – Leste e ali deixados desde 1975 não foram destruídos, nem pelos timorenses nem pelos invasores indonésios.

Serviram como padrões de identidade timorense e os ocupantes estrangeiros, apesar de algumas tentativas para o seu desaparecimento, preferiram deixar que a acção do tempo dissesse se encarregasse.

Não o conseguiram, contudo, pois a totalidade dessas construções foram sendo conservadas pelos naturais.

Razão para isso poderemos encontrá-la na consciencialização coletiva dos timorenses, tomando-os como símbolos de uma identidade nacional que preservaram perante a Indonésia, tornando-se fatores de resistência a uma aculturação imposta.

Após 1999, e já com o território livre de forçada ocupação, a Cooperação Portuguesa recuperou todas essas construções, tentando dar-lhes o aspeto original aquando da sua construção.

Assim, por todo o território, com a anuência das autoridades centrais e locais, foram as memórias dos feitos e das pessoas a que os monumentos se referiam de novo lembradas e, por vezes, formalmente comemoradas.

O tempo passou e o aspeto deslumbrante em que os monumentos foram deixados nos princípios de 2000, constitui atualmente, salvo poucos casos, uma desilusão para quem coordenou a sua recuperação e para todos os que lhe sejam sensíveis.

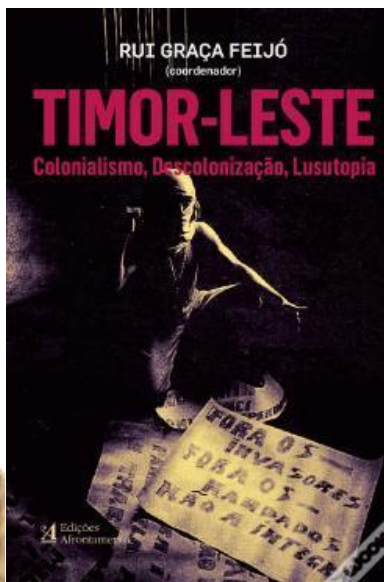
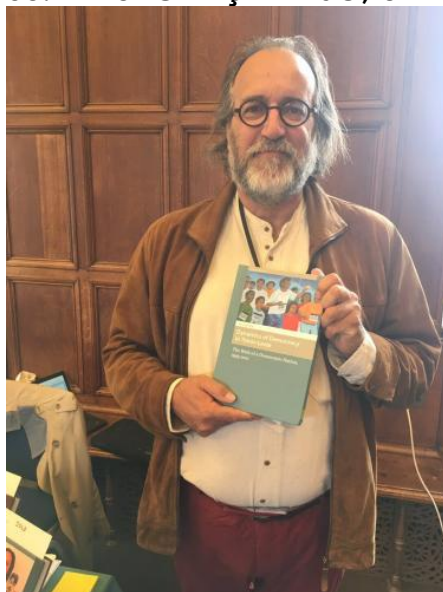
O abandono, destruição e algum vandalismo provocam um choque e inundam de tristeza quem os observa.

- Será que, conseguida a Independência, os monumentos legados pelos portugueses já não representam mais símbolos de identidade nacional e, como tal, deixaram de ter utilidade, interesse, constituindo-se apenas como ruínas que um dia inevitavelmente desaparecerão?

Algumas interrogações para o futuro papel dos monumentos que também enalteceram as ações de muitos timorenses que um dia foram compatriotas portugueses.

ESTEVE COMO PRESENCIAL NO 29º COLÓQUIO BELMONTE 2018

53. RUI GRAÇA FEIJÓ, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PRESENCIAL



Rui Graça Feijó (Braga 1954) –

Fez a escola primária em Lousada, o liceu no Porto,

licenciou-se em História em Coimbra (1978) e obteve o seu DPhil in Modern History na Universidade de Oxford (1984).

Em 2017 obteve a sua agregação em "Democracia no século XXI" na Universidade de Coimbra.

Frequentou o Curso Geral de Gestão na UP (1991) e o curso de Introdução ao e-learning na Universidade Aberta (2008)

Foi professor do ensino secundário (1977-79) e em várias Universidades: Faculdade de Economia do Porto, Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais / Faculdade de Economia e Gestão da UCP, Universidade Aberta, Universidade Nacional de Timor Leste. Lecionou sobretudo História e Ciência Política. Fora da vida académica foi empresário agrícola em Lousada (1987-2004), vereador da Câmara Municipal do Porto (1994-1998), Presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (1998-2000), e ainda Assessor da Presidência da República de Timor-Leste (2005-2006).

Os seus interesses atuais centram-se nas dimensões da construção da Democracia (com especial incidência em Timor-Leste), na análise de processos identitários (evidenciados pelo estudo das práticas de nomeação), na História da Ciência (com particular relevo para a Teoria das Cores), privilegiando sempre abordagens supradisciplinares.

Foi *Visiting Scholar* no *St. Antony's College* (1998, 2014) e no *Lincoln College* (2012), ambos na Universidade de Oxford.

Mantém relações próximas com a Universidade de Oxford, onde é Member of the Senior Common Room do Lincoln College. Foi eleito para o Board da European South Eastern Asian Studies. Reside no Porto com as duas filhas, Margarida e Mariana

Foi professor na Universidade do Porto, Universidade Católica, Universidade Aberta e Universidade Nacional de Timor-Leste. Presentemente é Investigador Integrado no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e Investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Na última década tem-se dedicado à análise política, sobretudo aos problemas da Democracia e democratização, com especial ênfase na questão dos sistemas de governo, a par de um interesse pelo processo de descolonização.

Publicou, entre outros,

2017 Introduction: exploring cohabitations in Timor-Leste Viegas, Susana Matos; Feijó, Rui Graça

2016 O lugar dos mortos. Geografias móveis e os monumentos aos Mártires em Timor-Leste Viegas, Susana de Matos; Feijó, Rui Graça

2016 Memórias contestadas: monumentos funerários em Lospalos Feijó, Rui Graça; Viegas, Susana de Matos

2016 Património edificado e construção da memória social: Reconhecimento e homenagens aos mártires em Lautém Feijó, Rui Graça; Viegas, Susana de Matos

2017 Territorialities of the fallen heroes Viegas, Susana Matos Viegas; Feijó, Rui Graça

2017 Transformations in Independent Timor-Leste. Dynamics of Social and Cultural Cohabitations Viegas, Susana Matos; Feijó, Rui Graça

2016. Dynamics of Democracy in Timor-Leste. The Birth of a democratic nation, 1999-2012 (Amsterdam University Press, 2016);

2016. Timor-Leste: Colonialismo, Descolonização, Lusutopia (Afrontamento 2016);

2017. Democracia: Linhagens e Configurações de um conceito impuro (Afrontamento 2017) e, juntamente com Susana de Matos Viegas,

2017. Transformations in Independent Timor-Leste: dynamics of social and cultural cohabitations (Routledge 2017).

2018. "'Belligerent Cohabitation' in Timor-Leste?", New Mandala - New Perspectives on Southeast Asia

2018. The President of the Republic and the management of the eurocrisis, in António Costa Pinto e Conceição Teixeira (org.), Political institutions and Democracy in Portugal: assessing the impact of the eurocrisis. Londres: Palgrave, 35-54

2018. Timor-Lest in 2017: between a diplomatic victory and the return of "belligerent democracy", Asian Survey, 58, 1, 206-212

Tem em curso um projeto de investigação apoiado pela Fundação Oriente sobre o processo de descolonização de Timor-Leste.



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

54. SÉRGIO REZENDES, HISTORIADOR, INSTº DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA CONVIDADO EMPDS. SREZENDES@HOTMAIL.COM



30º MADALENA DO PICO



30º MADALENA DO PICO



30º MADALENA DO PICO

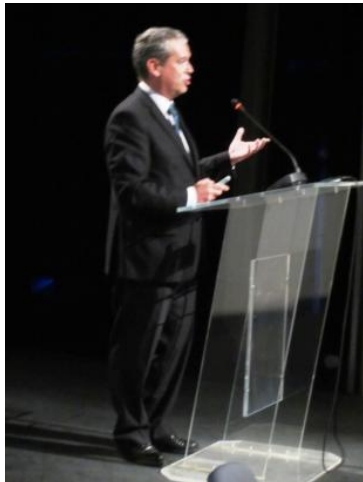
Sérgio Alberto Fontes Rezendes nasceu em 21 de abril de 1975, em Ponta Delgada, cidade onde sempre viveu e estudou.

É licenciado em História e Ciências Sociais (Via Ensino)

Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores, com a tese “A Grande Guerra nos Açores: Memória Histórica e Património Militar”.

Entre 2001 e 2010 foi subdiretor do Museu Militar dos Açores tendo passado pelo Museu Militar de Lisboa e Arquivo Histórico Militar, onde realizou arquivística.

Atualmente é professor do Colégio do Castanheiro em Ponta Delgada.



30º MADALENA DO PICO



30º MADALENA DO PICO



30º MADALENA DO PICO

É Doutor em *História Insular e Atlântica (séculos XV-XX)* pela Universidade dos Açores com o tema de dissertação “Receios, privações e miséria num ambiente de prevenção armada: ecos da II Guerra Mundial nos Açores.”

É assessor científico do Museu Militar dos Açores, colaborador da Comissão Coordenadora da Evocação do Centenário da I Guerra Mundial e do Centro República, e investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

Dos vários cursos ou ações complementares que detém, destacam-se as intervenções arqueológicas ao nível do Mesolítico e curso Intensivo de Iniciação à Arqueologia Subaquática.

Pelo despacho nº 1.311/2014, de 30 de julho de 2014 da S.R. da Educação e Cultura da RAA, foi nomeado membro da Comissão Científica e Pedagógica responsável pelas orientações curriculares e metodológicas da *Disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores* e pelo despacho nº 30/SEADN/2014 da Defesa Nacional, como vogal da Comissão de Turismo Militar dos Açores.

1q\

Áreas de Investigação

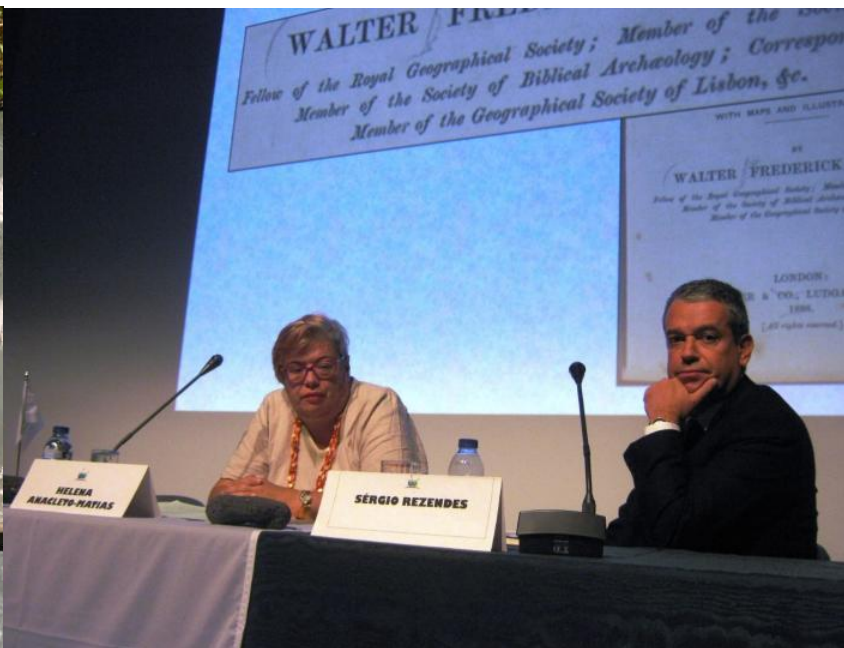
- História Militar Açoriana:

- Fortificação da Idade Moderna;
- I Guerra Mundial nos Açores;
- II Guerra Mundial nos Açores;
- A Guerra Fria nos Açores;
- Campos de prisioneiros nas ilhas.

- Património e Museologia:

- O Património Imaterial das ilhas: crenças, medos e religiosidade;
- O Património Imóvel e Religioso das ilhas: repercussões na emigração Santacatarinense (Brasil);
- O Património Imóvel e Móvel: a constituição de roteiros por freguesias e a construção de núcleos museológicos locais.

Registo [ORCID 0000-0002-8821-709X 2017/2018](https://orcid.org/0000-0002-8821-709X) - em atualização



30º Madalena do Pico

Alguma bibliografia:

- (1999). "O Depósito de Concentrados Alemães na Ilha Terceira, as memórias de uma reclusão forçada," *Insulana* vol. LVII. Ponta Delgada, ICPD: 67-143
- (2003). "O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo". *Jornal do Exército* nº 524 dezº 16-18.
- (2004). "A História de uma mudança atual: a transferência do B.I.I. nº 18 para o quartel dos Arifes em S. Miguel". *Boletim do Regimento de Guarnição* nº 2, nº 2- II Série, junº: 89-96
- (2004). "Anais da História do Regimento de Guarnição nº 2: o 2º Batalhão Independente de Infantaria nº 18, Expedicionário a Angola 1946". *Boletim do Regimento de Guarnição* nº 2 II Série, junº 97-105.
- (2004). "A Bateria de Costa de Ponta Delgada". *Jornal do Exército* nº 525 janº: 12-16
- (2004). "O Alto da Mãe de Deus em Ponta Delgada". *Atlântida* vol. XLIV. Angra do Heroísmo, IAC: 93 a 122
- (2005). "O convento de S João". *Insulana*. ICPD nº 61: 15-38
- (2006). "Ao serviço da Nação". *Motociclismo* jan.º nº 177. Motopress Lisboa
- (2007). "O património fortificado na ilha Terceira: o passado e o presente", *Conferência Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo*, 25 julº,
- (2008). "A bateria da Castanheira em Ponta Delgada: da II Guerra à atualidade". *Atlântida* vol. LIII. Angra do Heroísmo IAC: 207 a 222
- (2008). "A Grande Guerra nos Açores. Memória Histórica e Património Militar". Tese de Mestrado. Texto Policopiado. Universidade dos Açores.
- (2009). "A fortificação da idade moderna nos Açores: O caso específico das ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge", V Bienal de Turismo Rural Atlântico 15-17 outº
- (2010). "O Museu Militar dos Açores e a fortaleza quinhentista de São Brás em Ponta Delgada", VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, 1º Encontro Técnico de Gestores de Fortificações, Univ. Federal de Sta Catarina, Floripa,
- (2010). "A fortificação da idade moderna nos Açores: o caso específico das ilhas de S. Miguel, Terceira e S. Jorge", VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas, Universidade Federal de Sta Catarina, Floripa, Brasil, 31 mar a 2 abr,
- (2010). "As fortificações militares da idade moderna: as ilhas dos Açores como ponto de transição para o Brasil", palestra de Mestrado, Universidade de Univille, em Joinville, Santa Catarina, 2 abr.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- (2010). "Memórias de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina", II Congresso Internacional A voz dos Avós: Migração e Património Cultural, Fund. Pró Dignitate
- (2010). "A Grande Guerra nos Açores", Palestra na Biblioteca Municipal de Ponta Delgada 9 junº
- (2010). "O depósito de concentrados alemães na ilha Terceira 1916-1919: Memórias de uma reclusão forçada", I Jornadas Luso-alemãs, 12 novº, Universidade dos Açores.
- (2010). "A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar", Congresso A República e as ilhas: História e Memória, 17 dezº CEGF e Universidade dos Açores.
- (2010). "Em memória de um As da aviação nos Açores". Jornal do Exército nº 592, fevº, Exército Português: 20-23
- (2010). "O motociclo militar", Frontline, nº 22, maio, HV-Press, Lisboa, 42-46
- (2010). "Um hospital da II Guerra Mundial, nos Açores", Frontline nº 19, fevº, HV-Press, Lisboa, 42-46.
- (2010). "A fortificação da Idade Moderna nos Açores: o caso específico das Ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge", Insulana, ICPD
- (2011). "Ou-139 e a odisséia dos marinheiros do Augusto De Castilho: A Grande Guerra Nos Açores no âmbito das II Jornadas Luso-alemãs", palestra 11 novº, Dept.º de Línguas e Literaturas Moderna. Universidade dos Açores
- (2011). "A Grande Guerra Nos Açores: aspetos da evolução político-militar", Palestra 5 abr, Colóquio Internacional "Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto Internacional", Angra Do Heroísmo, Terceira.
- (2011). "O Farol Da Ferraria na senda do futuro: do passado ao presente", Palestra 27 novº, Comemorações dos 110 anos Marinha de Guerra Portuguesa
- (2011). "Os Açores na II Guerra Mundial: a ação da 5ª coluna e o tiroteio nas Capelas". Boletim Do Regimento De Guarnição nº 1, III Série, junº: 61-68.
- (2012). "A Arquitetura Militar Dos Açores", palestra 15 junº Turismo Cultural e Arqueologia, org. Direção Regional do Turismo, Arqueomac, Madeira
- (2012). "Os Açores nos primórdios da aviação: dos primeiros contactos às viagens de exploração alemãs, palestra 18 maio". 3ª Jornadas Luso-alemãs, Univ. dos Açores
- (2012). "O Jornal O Templo: o papel de uma mulher no tempo das nossas avós", III Congresso Internacional "A Voz dos Avós: Gerações e Migrações", Univ. dos Açores
- (2012). "Memória de uma avó: Água Retorta nos tempos de uma menina". A Voz Dos Avós. Migração, Memória e Património. Cultural. Colóquio; Fundação Pro Dignitate, Gráfica de Coimbra 2, Lisboa: 193-208
- (2012). "As fortificações militares na idade moderna, os casos de São Miguel e Santa Maria". Palestra 15 ago. Biblioteca Municipal de Vila do Porto
- (2012). "As fortificações militares na idade moderna. as ilhas dos Açores como ensaio da experiência portuguesa: o caso da Graciosa". Palestra 21 ago Centro Cultural da Graciosa.
- (2012). "German Technology in the Azores between the two World Wars", Seminário Internacional "German Science in Southern Europe" FCSH-UNL
- (2012). "Os Açores a ligar o mundo: do cabo telegráfico do séc. XIX À TSF da 1ª metade do séc. XX", Seminário Internacional "Ligar o Mundo", IHC, FPC.
- (2013). "Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional", 1º Congresso 1ª República e Republicanismo, org. CEIS 20, Universidade de Coimbra, IHC, FCSH-UNL
- (2014). "Os Açores, A 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional, seminário internacional "As relações transatlânticas entre a Europa, a América e as ilhas do Atlântico", Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea (CEAM), Vila do Porto, Açores.
- (2014). "Os Açores entre Guerras", II Encontro A Europa no Mundo, A Europa entre Guerras 1919-1939, UNL
- (2014). "A Lagoa e a I Guerra Mundial nos Açores: ecos e memória da I república nas relações transatlânticas", Jornadas De História Local, Cineteatro Lagoense, Lagoa
- (2014). "A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar", "Small power is a power? the role and resilience of small and medium powers during the Great War 1914-1918", Instituto De Defesa Nacional, Lisboa.
- (2014). "A Gripe Espanhola nos Açores: Memória e património durante a grande Guerra", 2º Congresso 1ª República E Republicanismo, Biblioteca Nacional, Lisboa
- (2014). "A grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira", Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa
- (2014). O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo, Açores, Prisoners of war in the twentieth century, actors, concepts and changes, FCSH-UNL, Lisboa
- (2014). A Tecnologia Alemã nos Açores entre as duas guerras mundiais, A angústia da influência. política, cultura e ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul 1933-1945. Frankfurt. Peter Lang Edition
- (2014). "A Grande Guerra nos Açores: aspetos da evolução político-militar" Anais do Clube Militar Naval, julº dezº, Lisboa: 521 - 567.
- (2014). A Grande Guerra Nos Açores: Memória Histórica e Património Militar, Letras Lavadas, Ponta Delgada.
- (2015). "A Fortificação da idade moderna nos Açores: o caso da ilha das Flores, das fortificações militares ao Geoturismo: Património Histórico, Cultural e Ambiental ", 9.º Encontro Cultural, Associação dos Amigos da Ilha das Flores.
- (2015). "A Grande Guerra nos Açores e a concentração de prisioneiros alemães na ilha Terceira", palestra 20 junº Museu Militar dos Açores, Ponta Delgada
- (2015). "Lieutenant Walter S. Poague, of the US Marine Corps: an American view of Azores in 1918", Seminário Turismo, Lazer E Guerra, IHC, FCSH-UNL, Lisboa
- (2015). "A I Guerra Mundial nos Açores: aspetos da evolução político-militar", palestra 4 julº Museu da Graciosa, Açores
- (2015). "A Ilha Graciosa durante a II Guerra Mundial 1939-1945", palestra 6 julº. Museu da Graciosa, Açores.
- (2015). "À Conversa...Santa Maria nas duas guerras mundiais", palestra 23 julº Biblioteca Municipal de Vila do Porto

(2015). "O bombardeamento de Ponta Delgada na Grande Guerra". *Debater a História* nº 7, Vila Nova de Gaia: 50-58.

(2015). "Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional", in *República e Republicanismo*, Lisboa, Ed. Caleidoscópio: 221-226.

(2016). "Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional", *Congresso Internacional A Guerra no Mar: combates e poder naval nos sécs. XIX e XX*, IHC, Centro Cultural de Cascais.

(2016). "Os Açores na II Guerra Mundial", *A Rádio de ontem, a rádio de hoje*, Colóquio comemorativo dos 75 anos do Emissor Regional dos Açores (RDP), SATA, BPARPD

(2016). "A Emissora Nacional e os Açores na II Guerra Mundial", *Seminário de Investigação Permanente Grupo Economia, Sociedade, Património e Inovação*, IHC

TEMA 3.9 - Os Açores do séc. XV: a Capitania-Donataria de Gonçalo Velho Cabral (tio-avô de Pedro Álvares Cabral)

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

Gonçalo Velho, primeiro capitão-do-donatário das ilhas de Santa Maria e de São Miguel, era filho de Fernão Velho, alcaide-mor do castelo de Valada, da Ordem de Cristo, e de D. Maria Álvares Cabral. Cavaleiro da casa do Infante D. Henrique, comendador do castelo de Almourol, de Beselga, das Pias e da Cardiga, realizou com sucesso uma viagem à Terra Alta em 1426 e em 1431-1432, duas de exploração aos Açores provavelmente para aferir da possibilidade de povoamento e exploração económica.

Iniciado o povoamento entre 1439 e 1443, fixou-se em Santa Maria, tornando-se o primeiro capitão das ilhas do grupo ocidental, unidas sob a mesma donataria até 1474.

Com a missão de povoar, administrar e defender a sociedade de três ordens, Gonçalo Velho Cabral foi quem dirigiu no terreno a difícil tarefa de transformar ilhas repletas de Laurissilva, em terrenos cultiváveis em regime de sesmarias, dando assim cumprimento às ordens do primeiro Senhor das ilhas, o Infante D. Henrique.

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ COMO ORADOR, NO 30º NA MADALENA DO PICO EM 2018

ESTEVE PRESENTE EM FLORIANÓPOLIS, 2010 NO CONGRESSO DO PROJETO FORTALEZAS EM SIMULTÂNEO COM O 13º COLÓQUIO

55. SUSANA MIRANDA, EMPDS



É Presidente da Soli's, Associação de Solidariedade Social do concelho de **Belmonte** e faz parte da Empresa Municipal de **Belmonte**



JÁ PARTICIPOU EM 2017 E 2018

56. TERRY COSTA, DIRETOR ARTÍSTICO MIRATECARTS, PICO, AÇORES



30º MADALENA DO PICO



30º MADALENA DO PICO 2018

30º MADALENA DO PICO

Terry Costa: é o diretor artístico da MiratecArts, fundada em 2012 com sede na ilha do Pico, Açores., associação cultural, sem fins lucrativos, Fundador da plataforma www.discoverazores.eu com mais de 450 colaboradores das 9 ilhas dos Açores.

Fundador de festivais galardoados como o Montanha Pico Festival, Cordas World Music Festival, o Azores Fringe, AnimaPIX, entre outros projetos culturais artísticos.

A MiratecArts Galeria Costa, tem mais de 24 mil metros quadrados de arte na natureza,

O Azores [Fringe](#) Festival recebeu o prémio "World Fringe Recognition Award" (2017), A AHRESP (2016) nomeou o festival como projeto nacional que mais promove uma região;

[Cordas](#) faz parte da lista dos conceituados World Music Festivals e a lista do TOP10 Best New Festival no Iberian Awards (2017);

[Montanha](#) Pico Festival é abraçado pelo Mountain Partnership, Nações Unidas;

Santo Tirso (2017) aclamou o "festival [AnimaPix](#), um dos mais conceituados do país dedicado à animação." MiratecArts recebeu o Prémio Audiência Artes & Letras (2015, nacional).

Visite os Roteiros de [Madalena Arte Pública](#) e os [Sorrisos de Pedra](#) na ilha do Pico, passando pela MiratecArts [Galeria Costa](#) e Jardim Saudade (nomeado a Azores TOP10 2018). [MiratecArts](#) - comunicando desde **2012** através de linguagem artística... 1200 artistas de 56 países apresentados; plataforma www.discoverazores.eu na rede. 6 anos a promover os Açores com arte e artistas...

TEMA 3.7. Arte, Artista & Oportunidades

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

- A vida insular de um artista destacando oportunidades criadas que abraçaram mais de 1750 talentos de 59 países em 7 anos com MiratecArts.

Do Canadá a Portugal; da Diáspora Portuguesa a internacionalizar os Açores; desde a criação da MiratecArts mais de 1750 artistas de 59 países pisaram a ilha montanha do Pico incentivando arte por todo o mundo, desenvolvendo artistas locais e promovendo os Açores com arte e artistas. www.mirateca.com



30º MADALENA DO PICO

SÓCIO AICL – PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 30º NA MADALENA DO PICO 2018, PRESENTE NO LANÇAMENTO DA BGA NAS LAJES DO PICO 2017

57. TIAGO ANACLETO-MATIAS PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS. PRESENCIAL



15º MACAU 2011



30º MADALENA DO PICO 2018





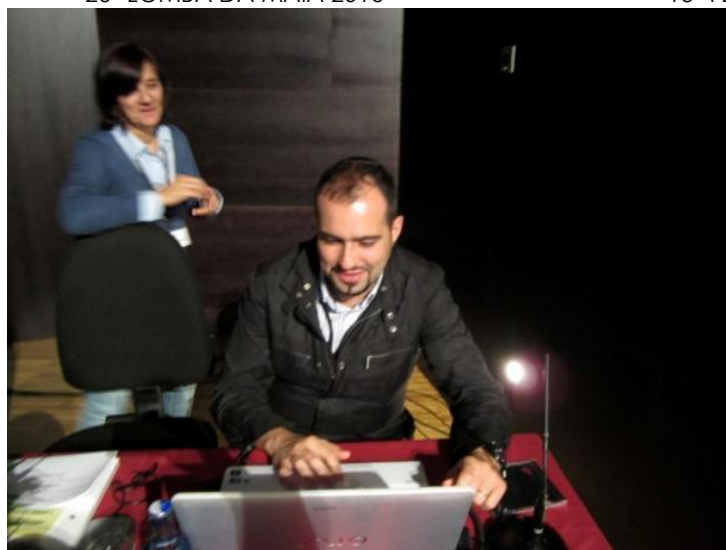
26º LOMBA DA MAIA 2016



13º FLORIPA 2010



30º MADALENA DO PICO 2018



18º GALIZA 2012



15º Macau 2011



15º Macau 2011

TIAGO ANACLETO-MATIAS é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008),
É licenciado em Tradução Especializada (2002) - É bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (Handelshøjskole Syd) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo

do Programa Erasmus. Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004). As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada. Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil. Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL
- SECRETÁRIO DA DIREÇÃO DA AICL
- FAZ PARTE DAS COMISSÕES E DO SECRETARIADO
PARTICIPOU ININTERRUPTAMENTE DESDE O 3º COLÓQUIO AO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014. REGRESSOU EM 2016 NO 25º EM MONTALEGRE E 30º MADALENA DO PICO 2018

58. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, CIERL-UMA, CEHU-UAC, PICO.



17º Lagoa 2012



28º Vila do Porto 2017



28º Vila do Porto 2017

URBANO BETTENCOURT (Manuel U. B. Machado) nasceu na Piedade, ilha do Pico, 1949.

Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:

Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.

Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.

Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, (1986-1990), a cujo quadro de professores pertenceu e onde voltou a lecionar nos anos letivos de 2014-15 e 2015-16.



27º BELMONTE 2017



17º LAGOA 2012



28º VILA DO PORTO

Aposentado do ensino desde o dia 1 de julho de 2016. No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro. Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, Português, Contrabandista. Atualmente, coordena com Carlos Alberto Machado a reedição da obra de José Martins Garcia para a editora Companhia das Ilhas.

Bibliografia

1972, Raiz De Mágoa, Poesia, Setúbal, Ed. Autor

1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.

1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.

1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaios sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o carácter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo.

Coleção Gaivota, SREC, pp. 77-87

1983, Ensaios Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Carácter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.

1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87

1984 com Costa Melo, Lúcia. Rota sibilina; pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal,

1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54

1987 Naufrágios/Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte / Signo.

1987 Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Água de verão, Ponta Delgada, Signo.

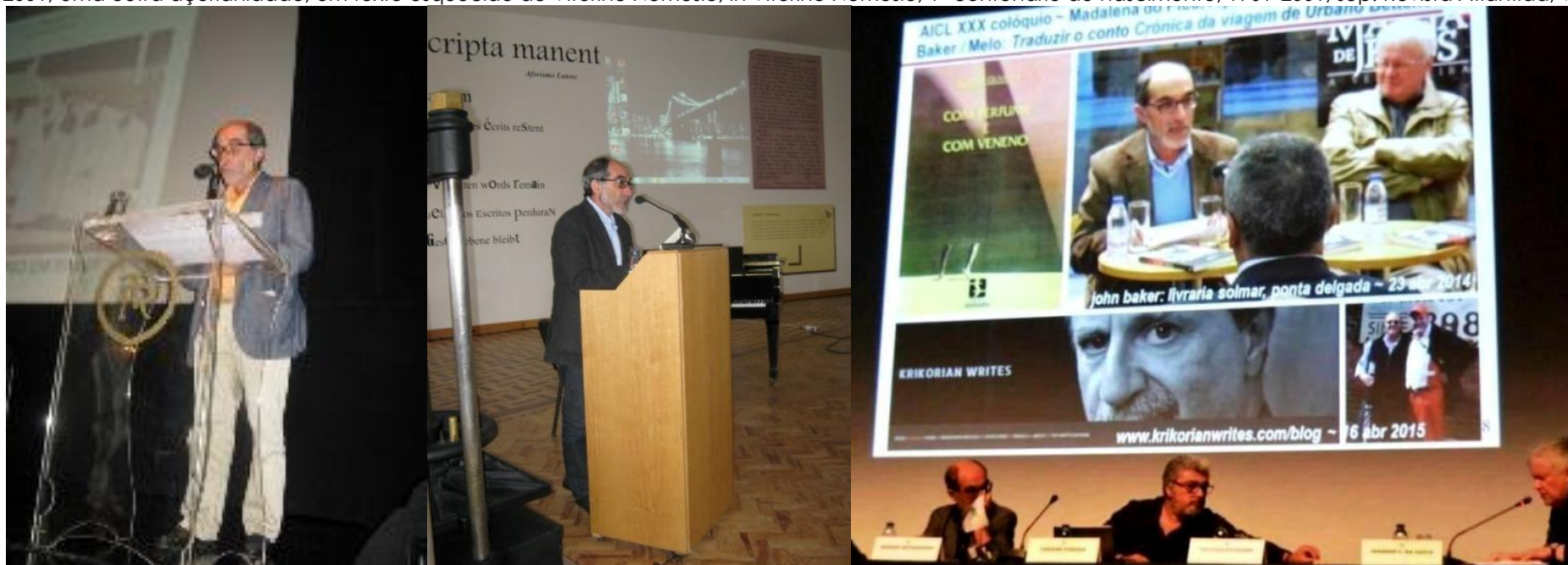
1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta

1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.

1989 O Gosto das Palavras I. 2ª ed., II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- 1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229
- 1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in FARIA, Carlos, São Jorge Ciclo da Esmeralda, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.
- 1993, "S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes", Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.
- 1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, coleção Insula.
- 1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16
- 1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16
- 1998, De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Recepção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal
- 1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31
- 1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. ° 1998, pp. 50-51
- 1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. ed., atas do colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123
- 1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.
- 2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
- 2001, Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, sep. Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura



26º LOMBA DA MAIA 2016

23º FUNDÃO 2015

30º MADALENA DO PICO 2018

2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27

2002, Pedro da Silveira - escrita e o mundo in O Faial e a periferia açoriana, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, Atas do III colóquio. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604

2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.

2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64

2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas, vol. XVII, Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.

2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, ed. Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019



30º MADALENA DO PICO 2018



26º Lomba da maia 2016



23º FUNDÃO 2015



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018

2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto

2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico

2005, In Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

2006, Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15

2006, Antero, com desenhos de Alberto Pêssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

- 2006, Frases Para Ter Na Algibeira, org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.
- 2006, Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.
- 2006, O guardador de freiras, in Margem 2, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46
- 2006, In Pontos luminosos, Açores e Madeira, antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.
- 2007, Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.
- 2007, Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem, in John Kinsella & Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies #5, Mid Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context. University of Bristol, July 2007
- 2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e Brasil, Luiz António de Assis (org. de), Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.
- 2008, com Lauro Junckes, Coord Onésimo Almeida, Caminhos do Mar
- 2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322
- 2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.
- 2008, Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras, in Jornal de Letras nº 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro Caminhos do Divino de Lélia Pereira da Silva Nunes
- 2008, Pedras Negras, Dias de Melo, in Jornal de Letras nº 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008
- 2008, Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo» in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), Mar Horizonte: Literaturas insularem lusófonas. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.
- 2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), O Ano Mágico de 2006 – Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2009
- 2009, Signo Atlântico in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)
- 2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia
- 2009, Santo Amaro Sobre O Mar, com Desenhos De Alberto Péssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,
- 2010, Que paisagem apagarás? Ponta Delgada, ed. Publiçor
- 2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2011, IN Antologia da Memória poética da Guerra Colonial, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 pp.
- 2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n.º 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)
- 2011, Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta
- 2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in Atas do 17º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores
- 2012, África frente e verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- 2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011.
<http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escribettencourt3.html>
- 2013, Outros nomes, outras guerras, Lajes do Pico, ed. Companhia das Ilhas,
- 2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in Boletim do Núcleo da Horta,
- 2014, Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia, tese de dissertação
- 2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in Atas do 23º colóquio da lusofonia, Fundação
- 2015, Ser escritor nos Açores, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundação
- 2016, Germano Almeida in Atas 26º colóquio da lusofonia Lomba da Maia 2016
- 2017, Pedro da Silveira, – as ilhas da (sua) literatura in Atas do 27º colóquio da lusofonia, Belmonte
- 2017, O Amanhã não Existe (Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia). Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2017)

TEMA 4.1 Eduíno de Jesus e o meio-século açoriano

TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

As décadas de 40 e 50 do século XX açoriano foram marcadas sobretudo pela dinâmica cultural e literária centrada no polo de Ponta Delgada, mas com intervenientes de diferentes origens e quadrantes.

Há dois aspetos gerais a destacar aqui, e a considerar também.

Por um lado, o esforço para instituir um espaço público favorável aos novos rumos estético-literários, resumidamente os consignados pelos modernismos português, brasileiro e cabo-verdiano – o que se traduziu numa intervenção jornalística e cívico-social (recitais, conferências, por exemplo) destinadas a divulgar os pressupostos de uma outra prática, trabalho tanto mais ingrato quanto se exercia num meio conservador e vigiado pelos diferentes modos da censura. Por outro lado, a diversidade da expressão literária, particularmente a representada pela obra poética de Pedro da Silveira, Carlos Wallenstein e Eduíno de Jesus. É sobre este último que incidirá a presente comunicação: num primeiro momento, pondo em destaque o seu ensaísmo e a relevância do mesmo no âmbito da historiografia literária açoriana; num segundo momento, abordando a sua poesia, as modulações expressivas que a atravessam, entre a releitura de uma tradição lírica filtrada pela leitura da modernidade, que pode, eventualmente, entroncar no simbolismo, e a limpidez discursiva, ora mais expansiva e solta, ora contida e de um aparente classicismo, *aparente* porque interiormente armadilhado – tudo isso marcado por uma naturalidade que só o é à superfície do texto, pois sabe-se como a naturalidade é um grande artifício, o produto de um intenso labor oficial, mais de *transpiração* do que de inspiração.

OUÇA-O AQUI EM

POESIA “QUADRAS DE ILHA” GRACIOSA 2015 https://www.youtube.com/watch?v=GXCD2G2-7ZU&t=13s&index=57&list=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #11 [https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-\(e-suplementos\)-de-estudos-acorianos/864/caderno-11-urbano-bettencourt-cadernos-de-estudos-acorianos.pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-(e-suplementos)-de-estudos-acorianos/864/caderno-11-urbano-bettencourt-cadernos-de-estudos-acorianos.pdf)

VER SUPLEMENTO # 11 DOS CADERNOS AÇORIANOS [https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-\(e-suplementos\)-de-estudos-acorianos/794/suplemento-11-urbano-bettencourt.pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-(e-suplementos)-de-estudos-acorianos/794/suplemento-11-urbano-bettencourt.pdf)

NOVA VÍDEO HOMENAGEM 4 – 2017 https://www.youtube.com/watch?v=EYFOQVC3PKC&t=3s&list=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=38

VÍDEO HOMENAGEM 3 2017 <https://www.lusofonias.net/acorianidade/2405-v%C3%ADdeo-homenagem-3-2017-urbano-bettencourt.html> https://www.youtube.com/watch?v=JMVX0ZAIMSQ&t=7s&list=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=57

VÍDEO HOMENAGEM 2 2015 <https://www.lusofonias.net/acorianidade/2029-homenagem-aicl2-a-urbano-bettencourt-2.html>

VÍDEO HOMENAGEM 1 2012 <https://www.lusofonias.net/acorianidade/664-urbano-bettencourt.html>

17º NA LAGOA 2012 POESIA CONCHA, EDUÍNO E URBANO https://www.youtube.com/watch?v=ABAJIRQFVOA&index=233&list=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI

SÓCIO DA AICL

É SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA-GERAL DA AICL

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL 2017-2020.

PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS PORTO FORMOSO 2014, 24º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018

59. VERA DUARTE, ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS



VERA VALENTINA BENRÓS DE MELO DUARTE LOBO DE PINA nasceu no Mindelo, 2 de outubro de 1952.

É uma jurista e escritora de Cabo Verde. Estudou Direito na Universidade Clássica de Lisboa.

De volta a Cabo Verde, foi juíza conselheira do Supremo Tribunal da Justiça e Conselheira do Presidente da República.

Em 1995, recebeu o Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa, em reconhecimento à sua luta na defesa dos direitos humanos. Integrou a Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e a Comissão Internacional de Juristas. Foi ministra da Educação e do Ensino Superior.

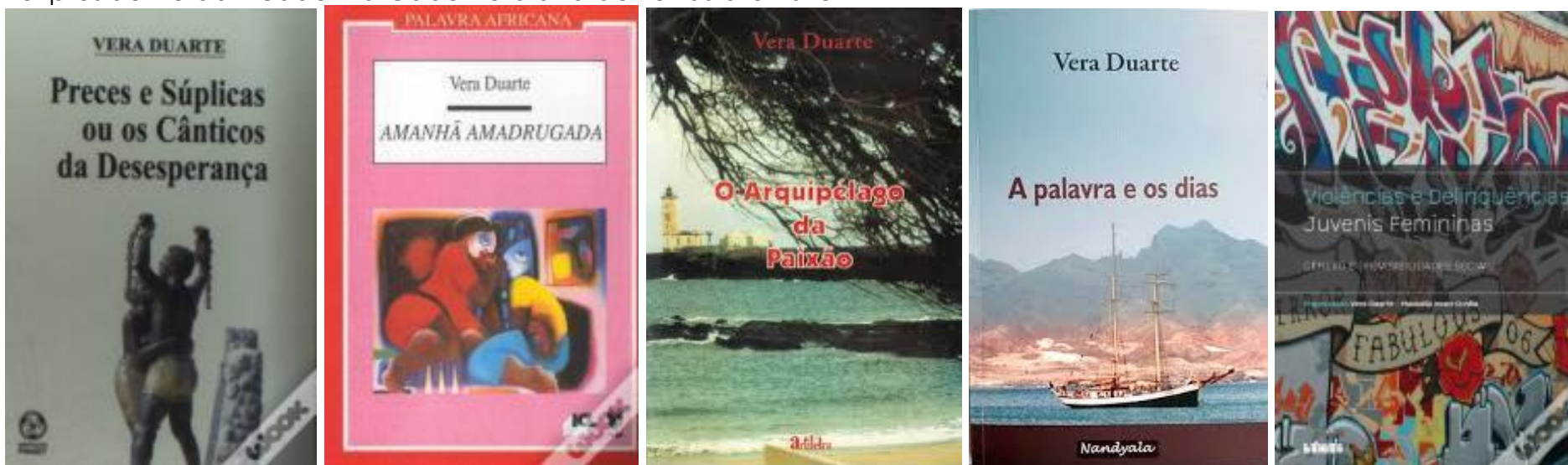
Estreou na literatura em 1993, com o livro de poemas *Amanhã Amadrugada*, 2ª ed. Praia: IBNL, 2008.

Seu primeiro romance, *A Candidata* (2003), recebeu o Prémio Sonangol de Literatura.

Sócia Correspondente Academia das Ciências de Lisboa (maio de 2017), Lisboa, Portugal.

Membro Correspondente da Academia Gloriense de Letras em novembro de 2017, Sergipe, Brasil.

Foi presidente da Academia Cabo-verdiana de Letras até 2018



Alguma bibliografia

Poesia

1993 - Amanhã amadrugada

2001 - O arquipélago da paixão, Mindelo: Edições Artiletra, Prix Tchicaya U Tam'si de poésie africaine

2006 - Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança, Instituto Piaget

2010 - Exercícios poéticos

2018- De Risos & Lágrimas, Livraria Pedro Cardoso

2018 - A Reinvenção do Mar, Rosa de Porcelana Editora

Romance

2003 - A candidata, ficção, prémio Sonangol de Literatura

2017 - A Matriarca – Uma Estória de Mestiçagens. Livraria Pedro Cardoso

Ensaio

2007 - Construindo a utopia

2014 - Violências e Delinquências Juvenis Femininas, Edições Húmus

Crónica

2013 – A palavra e os dias

em preparação

Cabo Verde um Roteiro Sentimental e Tabaqueando.com.



TEMA 3.1. A Língua Portuguesa no mundo como metáfora do Quinto Império TRABALHO FINAL NÃO-ENVIADO

Vivemos um tempo de protestos, mudanças e volatilidades e isto também se reflete nas línguas e nas literaturas. Literaturas oriundas de países periféricos ganham visibilidade assim como línguas oriundas desses mesmos países, dando origem ao conceito designado de Literatura-mundo.

O triunfo dessa literatura é apelativo à lusofonia pois muito dessa literatura dita “das margens” ou “das periferias” se escreve em português para além, obviamente, das línguas africanas nativas.

Verifica-se atualmente que, levedando no espaço geográfico da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, CPLP, vem emergindo, cada vez com maior pujança, uma grande literatura lusófona, que se vem espraiando pelos países de língua oficial portuguesa, cada uma no seu português específico, que difere de país para país, pois que também se alimenta das diversas línguas nativas que com ele coabitam, para além de ter as sonoridades coloquiais que caracterizam a idiossincrasia de cada povo.

Esta língua é o grande denominador comum de aproximação entre os nossos países, uma comunidade que se aproxima rapidamente dos 300 milhões de seres humanos espalhados pelos quatro continentes.

E a primeira região fora do mundo euro-mediterrâneo a ser atingido pelo processo de globalização foi exatamente a ilha de Santiago do Arquipélago de Cabo Verde, em 1460.

Assim, o sonho sonhado pelo Padre António Vieira no século XVII de um Portugal cheio de glórias, de um Portugal maior que Portugal, um Quinto império, viria a ser materializado por Fernando Pessoa com a formulação da tese de que o tal Quinto império seria fundamentalmente um império cultural, posto que baseado na Língua Portuguesa.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ. FOI A REPRESENTANTE DA ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS E PATRONA AICL DE 2016 A 2018

60. ZÉLIA MARTINS PEREIRA, PROFESSORA, ESTUDANTE PÓS-GRADUAÇÃO, SETÚBAL, PRESENCIAL



10º BRAGANÇA 2008



10º BRAGANÇA 2008



7º RIBEIRA GRANDE 2007



23º FUNDÃO 2015



7º RIBEIRA GRANDE 2007



23º FUNDÃO 2015



JÁ PARTICIPOU COMO ASSISTENTE PRESENCIAL NO 1º COLÓQUIO PORTO 2002, 2º BRAGANÇA 2003, 3º BRAGANÇA 2004, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 10º BRAGANÇA 2008, 23º FUNDÃO 2015

NOTA DO EDITOR: NEM TODOS OS TRABALHOS FINAIS FORAM ENVIADOS DENTRO DOS PRAZOS E NÃO CONSTAM DESTAS ATAS, NEM CONSTARÃO DO ANUÁRIO OU DA REVISTA DA AICL

BELMONTE

31º COLÓQUIO DE 12 A 15 ABRIL
LUSOFONIA 2019



ATAS 31º COLÓQUIO DA LUSOFONIA
12-15 abril 2019 Belmonte, Portugal



ISBN 978-989-8607-14-0



9 789898 607140

Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2019

ISBN 978-989-8607-14-0

Atualizado em 30/06/2021